



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

UNIVERSITEIT ANTWERPEN
FACULTEIT LETTEREN EN WIJSBEGEERTE
TOEGEPASTE TAALKUNDE/VERTALERS & TOLKEN

ADRIANO MAFRA

**O PROCESSO CRIATIVO DE D. PEDRO II NA TRADUÇÃO DO
HITOPADEÇA.**

FLORIANÓPOLIS/ ANTWERPEN
2015

O PROCESSO CRIATIVO DE D. PEDRO II NA TRADUÇÃO DO “*HITOPADEÇA*”

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mafra, Adriano

O processo criativo de D. Pedro II na tradução do
"Hitopadeça". / Adriano Mafra ; orientador, Sergio
Romanelli ; coorientadora, Noêmia Guimarães Soares. -
Florianópolis, SC, 2015.
449 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos Descritivos da
Tradução. 3. Crítica Genética. 4. Orientalismo. 5. Estudos
Culturais. I. Romanelli, Sergio. II. Soares, Noêmia
Guimarães. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

UNIVERSITEIT ANTWERPEN
FACULTEIT LETTEREN EN WIJSBEGEERTE
TOEGEPASTE TAALKUNDE/VERTALERS & TOLKEN

ADRIANO MAFRA

**O PROCESSO CRIATIVO DE D. PEDRO II NA TRADUÇÃO DO
*HITOPADEÇA.***

Tese apresentada como requisito final à obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universiteit Antwerpen.

Orientadores:

Prof. Dr. Sergio Romanelli (UFSC)

Profa. Dra. Christiane Stallaert (UAntwerpen)

Coorientadora:

Profa. Dra. Noêmia Guimarães Soares (UFSC)

FLORIANÓPOLIS/ANTWERPEN
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

UNIVERSITEIT ANTWERPEN
FACULTEIT LETTEREN EN WIJSBEGEERTE
TOEGEPASTE TAALKUNDE/VERTALERS & TOLKEN

ADRIANO MAFRA

**HET CREATIEVE PROCES VAN D. PEDRO II
IN DE VERTALING VAN *HITOPADEÇA*.**

Proefschrift voorgelegd tot het behalen van de graad van doctor in de
vertaalwetenschap aan de Universidade Federal de Santa Catarina en
Universiteit Antwerpen

Promotoren:

Prof. dr. Sergio Romanelli | Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. dr. Christiane Stallaert | Universiteit Antwerpen

Copromotor: Prof. dr. Noêmia Guimarães Soares | Universidade Federal de
Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS/ANTWERPEN
2015

ADRIANO MAFRA

**O PROCESSO CRIATIVO DE D. PEDRO II NA TRADUÇÃO DO
HITOPADEÇA.**

Tese julgada como requisito final para a obtenção do grau de
DOUTOR EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

Área de concentração: Processos de Retextualização

Teoria, Crítica e História da Tradução.

Aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e pela
Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Toegepaste Taalkunde/Vertalers &
Tolken da Universiteit Antwerpen (Bélgica).

FLORIANOPOLIS, 27 DE FEVEREIRO DE 2015.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora - PGET/UFSC

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sergio Romanelli
Orientador/Presidente - PGET/UFSC

Profa. Dra. Christiane Stallaert
Orientadora – Universiteit Antwerpen

Profa. Dra. Noêmia G. Soares
Coorientadora - UFSC

Prof. Dr. Markus J. Weininger
PGET/UFSC

Profa. Dra. Andréa Cesco
PGET/UFSC

Profa. Dra. Silvana de Gaspari
DLLE/UFSC

Prof. Dr. Mamede M. Jarouche
USP

Profa. Dra. Maria Eunice Moreira
PUC/RS

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que travaram algum tipo de contato com esta pesquisa durante os últimos quatro anos. Algumas delas tiveram uma participação mais ativa e contribuíram para que eu pudesse completar esse ciclo acadêmico.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Sergio Romanelli, pela orientação competente, pela seriedade e por todo o suporte e dedicação que dispensou a esta pesquisa. Meu muito obrigado por ter acreditado e incentivado o meu trabalho;

À Profa. Dra. Christiane Stallaert, supervisora do estágio doutoral na Universiteit Antwerpen e também orientadora da presente tese, pelas ricas sugestões e por proporcionar novos caminhos e ampliar os horizontes desta pesquisa. A ela agradeço ainda pelo empenho em buscar soluções para questões de ordem burocrática junto a Universiteit Antwerpen e pelos resumos em língua estrangeira;

À Profa. Dra. Noêmia Guimarães Soares, minha coorientadora, pelos muitos incentivos, pelas conversas e pelas inúmeras trocas acadêmicas;

Aos professores Dr. Markus J. Weininger e Dra. Karine Simoni, pela leitura atenta e sugestões à época de qualificação do trabalho;

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, especialmente os professores Dr. Sergio Romanelli e Dr. Lincoln Fernandes, por oportunizar o trabalho conjunto nas atividades de apoio pedagógico; e à Profa. Dra. Andréa Cesco, no cumprimento do estágio de docência;

Aos professores Dr. Markus J. Weininger, Dr. Mamede Mustafá Jarouche, Dra. Silvana de Gaspari, Dra. Andréa Cesco e Dra. Maria Eunice Moreira por aceitarem compor a banca examinadora;

Aos funcionários da Secretaria da PGET, Fernando, Gustavo e Cláudia, pelos serviços prestados;

À Profa. Dra. Andréia Guerini, Coordenadora da PGET, pela disponibilidade, apoio e empenho em me ajudar sempre que precisei;

À equipe do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, pelo excelente atendimento durante a missão de pesquisa e também via e-mail, além de disponibilizar o material do trabalho;

Aos meus colegas e amigos do NUPROC, que acompanham a pesquisa desde o início, pelas dicas de leitura e pelos incentivos;

Aos funcionários da Biblioteca do Departamento de Tradutores e Intérpretes da Universiteit Antwerpen, sempre dispostos a me auxiliar durante o período de estágio doutoral;

À Silvana Carvalho e ao Philippe Humblé, por proporcionar momentos de distração e pelo acolhimento na Bélgica;

À Felicia Levite, pelas muitas risadas, passeios e pela amizade;

À Giovana Bleyer, amiga de todas as horas, pela presença e por dividir comigo as dúvidas e (in)certezas da pesquisa, sobretudo durante os meses iniciais de estágio doutoral;

À Família Pereira/Stallaert, especialmente Jesús e Christiane, pela gentileza com que me receberam em Bruxelas;

Aos queridos Vanessa e Billy Hanes, que pude conhecer melhor durante o período na Bélgica e que se revelaram grandes amigos;

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais e irmãos, por todo o suporte durante esses anos de trabalho. O apoio deles foi imprescindível para que todas as etapas fossem cumpridas;

Ao Altino Jr, pela amizade de longa data e pela confiança em mim depositada durante essa jornada;

À Rosane de Souza e Raquel Yee, pela amizade, pelas conversas e por tornar mais leve essa caminhada com o apoio e a torcida de sempre;

Ao Jackson Peres, grande entusiasta do meu trabalho, se não um especialista em D. Pedro II por acompanhar a metade final e decisiva da pesquisa;

À Estela Luz e Tânia Pittarello, pelas palavras de motivação e apoio tão em boa hora e também pela amizade;

Aos colegas e amigos da EBM Edith Willecke, que acompanham a pesquisa desde quando esta não passava de uma simples ideia;

À UFSC e à Universiteit Antwerpen, pelo suporte institucional e à CAPES, pelo suporte financeiro no país e no exterior;

Aos amigos Bruna Cruz, Camila Paula Camilotti, Edison Leal, Gissele Alves, Grazi e Marcos Arraes, Helena Gorges, Mariene de Sena, Michelle e Canan Gagiola, Manuele Schrull, Munique Schrull, Nicésio Delfino, Peterson Silva, Renata Montagnoli, enfim, a todos que ajudaram e me deram forças para que eu pudesse chegar até aqui. Meus mais sinceros agradecimentos...

Adriano Mafra
Jan. 2015

Tudo em D. Pedro II terminava no Brasil. Como príncipe herdeiro, nasceu para ele. Como Imperador viveu para ele. E no exílio, era tal a nostalgia da sua terra que poucos anos de vida lhe consentiu. De modo que podemos, sem esforço, dizer que também morreu por ele.

Tristão de Athayde

Resumo:

MAFRA, Adriano. **O processo criativo de D. Pedro II na tradução do *Hitopadeśa***. 2015. 449 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina/Universiteit Antwerpen, Florianópolis/Antwerpen.

O objetivo central desta pesquisa é analisar os manuscritos autógrafos da tradução do livro do *Hitopadeśa*, realizada por Pedro d’Alcântara, último imperador brasileiro. Mais especificamente, as análises se fundamentam na metodologia da Crítica Genética com vistas a ilustrar o processo criativo do monarca durante a sua tradução. Para tanto, os movimentos de escritura do autor são evidenciados para se discutir o nascimento da obra e delimitar qual era o seu perfil de tradutor e que papel efetivamente a tradução desempenhava em sua vida e na história do Brasil. Rasuras, intervenções, acréscimos no texto e hesitações servem de fio condutor para mapear o trabalho mental empreendido durante a produção da tradução. Paralelamente a este objetivo, o presente trabalho almeja conferir, a partir da edição genética dos manuscritos, uma maior visibilidade a este material inédito, traduzido do original em sânscrito, e que revela uma faceta pouco explorada de D. Pedro II, a de intelectual preocupado em criar uma identidade nacional, fortalecer a cultura e promover o progresso da nação. Os manuscritos aqui estudados, assim como tantos outros, permaneceram esquecidos (ou ignorados!) durante um longo período nos arquivos do Museu Imperial e graças aos estudos genéticos, passaram a ganhar o estatuto de objeto científico. Dessa forma, o grande público passa a ter acesso a um trabalho que não se pode classificar como a atividade de um dileitante, mas que revela o seu gosto peculiar pelas línguas e culturas orientais, além de ser testemunho de um momento histórico representativo para o Brasil. As análises do prototexto permitiram compreender a inserção contraditória de um império sem políticas ou interesses expansionistas no fluxo do movimento orientalista europeu a partir da atividade tradutória do monarca Pedro II. A postura contra-hegemônica do imperador, cujo interesse estava em forjar uma identidade nacional com a mescla de elementos exteriores ao Velho Mundo, teve a tradução como principal ferramenta. Além disso, a Crítica Genética auxiliou também o cotejo da tradução imperial com a versão de Sebastião

Rodolpho Dalgado (1897) nos moldes de análise proposto pelos Estudos Descritivos da Tradução.

Palavras-chave: Dom Pedro II, processo de criação, tradução, *Hitopadesá*.

Samenvatting:

MAFRA, Adriano. **O processo criativo de D. Pedro II na tradução do *Hitopadeça***. 2015. 449 f. Proefschrift voorgelegd tot het behalen van de graad van doctor in de vertaalwetenschap aan de Universidade Federal de Santa Catarina en Universiteit Antwerpen, Florianópolis/Antwerpen.

De centrale doelstelling van dit onderzoek is de analyse van de vertaalmanuscripten van *Hitopadeça* van de hand van Pedro d'Alcântara, de laatste keizer van Brazilië. De analyse is gebaseerd op de methode van de Genetische Kritiek en bestudeert het creatieve proces tijdens het vertalen. Het zichtbaar maken van het schrijffproces van de auteur laat toe de tekstgenese te analyseren en het vertalersprofiel van de keizer te bepalen alsook de rol die vertaling heeft gespeeld in diens leven en in de geschiedenis van Brazilië. Doorhalingen, interventies, toevoegingen in de tekst of aarzelingen laten toe om de geestelijke creativiteit tijdens het vertaalproces in kaart te brengen. Naast deze eerste doelstelling beoogt het proefschrift een grotere zichtbaarheid te geven aan een onuitgegeven historisch manuscript, met name de vertaling uit het Sanskriet in het Portugees van *Hitopadeça*. Dit onderzoek draagt bij aan de kennis over een weinig bestudeerd facet van D. Pedro II, als een intellectueel bekommerd om het creëren van een nationale identiteit, het versterken van de Braziliaanse cultuur en het bevorderen van de vooruitgang van de natie. Het bestudeerde handschrift is samen met vele andere gedurende een lange periode vergeten (of genegeerd!) gebleven in het keizerlijke Museum van Petropolis. Door deze manuscripten te bestuderen vanuit het standpunt van de Genetische Kritiek krijgen ze het statuut van voorwerp van wetenschappelijk onderzoek en worden ze toegankelijk gemaakt voor het grote publiek. Meteen wordt ook duidelijk dat deze vertalingen niet het werk zijn van een dilettant, maar dat ze de uiting zijn van een bijzondere voorliefde van de keizer voor Oosterse talen en culturen en een belangrijke getuigenis vormen van een betekenisvol moment in de geschiedenis van Brazilië. De analyse van de prototekst laat ons toe om, aan de hand van de vertaalactiviteit van keizer Pedro II, de ambiguë plaats van Brazilië -een imperium zonder expansionistische politiek of belangen-, binnen de Europese stroming van Oriëntalisme te begrijpen. Voor de keizer, die een nationale identiteit voor Brazilië wilde creëren die niet uitsluitend gebaseerd was op verwijzingen naar de Oude Wereld, was vertaling een belangrijk instrument bij het creëren van een dergelijke contra-hegemonische

identiteit. Tot slot biedt dit proefschrift een vergelijkende studie van de vertaling van *Hitopadeśa* door keizer Pedro II en de eerdere vertaling van hetzelfde werk voorgesteld door Sebastian Rodolpho Dalgado (1897). Hiertoe werd de methode van Genetische Kritiek gecombineerd met analysetechnieken van de Descriptieve Vertaalkunde.

Trefwoorden: Dom Pedro II, Genetische Kritiek, Vertaalwetenschap, Oriëntalisme, *Hitopadeśa*.

Abstract:

MAFRA, Adriano. **O processo criativo de D. Pedro II na tradução do *Hitopadeça***. 2015. 449 p. Doctoral Dissertation in Translation Studies – Postgraduate Program in Translation Studies, The Federal University of Santa Catarina/University of Antwerp, Florianópolis/Antwerp.

The central objective of this research is to analyze the autograph translation manuscripts of *Hitopadeça* by Pedro d'Alcântara, the last emperor of Brazil. More specifically, the analysis is methodologically based on Genetic Criticism in order to illustrate the creative process during translation. By rendering visible the translator's writing process, the genesis of the translation can be studied and the emperor's translator profile defined as well as the role translation has played in his life and in the history of Brazil. Erasures, interventions, additions in the text as well as hesitations allow to map the mental work undertaken during the translation process. Beside the main objective, the doctoral thesis aims to give greater visibility to this hitherto inedited manuscript consisting of the translation from the original Sanskrit into Portuguese. The research contributes to reveal a little-explored facet of D. Pedro II as an intellectual preoccupied with creating a national identity, with strengthening Brazilian culture and promoting the nation's progress. The manuscript studied, as well as many others, remained forgotten (or ignored!) for a long period in the Imperial Museum of Petropolis. Thanks to the genetic study they are gaining the status of object of scientific research, making them accessible to the general public. It is clear by now that the translation manuscripts of Dom Pedro II reveal the emperor's peculiar taste for oriental languages and cultures. As such, they are important testimonies of a significant moment in the history of the country and that they cannot be classified as the activity of a *dilettante*. The analysis of the proto-text allows us to understand, through the translation activity of the monarch Pedro II, the contradictory participation of Brazil - an empire without expansionist politics or interests- in European Orientalism. For the emperor, who was interested in forging a national identity not exclusively based on references to the Old World, a main tool of creating such a counter-hegemonic identity was translation. In addition, in this thesis we offer a comparative study of the translation of *Hitopadeśa* by Emperor Pedro II with the earlier translation of the same work by Sebastian Rodolpho

Dalgado (1897), based on the methodology of Genetic Criticism combined with Descriptive Translation Studies.

Keywords: Dom Pedro II, Genetic Criticism, Translation, Orientalism, Hitopadeśa.

LISTA DE ABREVIÇÕES

CG:	Crítica Genética
DPII:	D. Pedro II
EDT:	Estudos Descritivos da Tradução
Ibram:	Instituto Brasileiro de Museus
IHGB:	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MinC:	Ministério da Cultura
MIMP:	Museu Imperial de Petrópolis
MM:	Max Müller
NUPROC:	Núcleo de Estudo de Processos Criativos
RJ:	Rio de Janeiro
SRD:	Sebastião Rodolpho Dalgado
TF:	Texto-fonte

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Mapa de Holmes produzido por Pagano e Vasconcellos (2003).....	35
Fig. 2: Manuscrito autógrafo da tradução do <i>Hitopadeça</i>	60
Fig. 3: Transcrição diplomática do fólio 30v.....	61
Fig. 4: Primeira etapa de transcrição diplomática dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II	66
Fig. 5: Trecho da transcrição diplomática do manuscrito tradutório de D. Pedro II.	68
Fig. 6: Excerto do livro do <i>Hitopadeśa</i> , manuscrito autógrafo de D. Pedro II. 94	
Fig. 7: Christian Friedrich Seybold.	136
Fig. 8: Manuscrito de tradução do primeiro volume do <i>Hitopadeśa</i> , de D. Pedro II e folha de ante-rostro da edição de Dalgado.....	171
Fig. 9: Excerto das <i>Mil e uma noites</i>	185
Fig. 10: Transcrição diplomática do trecho das <i>Mil e uma noites</i>	185
Fig. 11: Manuscritos – Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P03] F01	190
Fig. 12: [D02 P15] F07	191
Fig. 13: [D01 P19] F19	191
Fig. 14: [D01 P31] F25	191
Fig. 15: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P02] F26v	191
Fig. 16: [D02 P38] F44v	191
Fig. 17: Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D02 P14] F06v	192
Fig. 18: [D01 P04] F10v	192
Fig. 19: [D01 P10] F14v	193
Fig. 20: [D01 P10] F14v	193
Fig. 21: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P19] F35	193
Fig. 22: [D02 P30] F40v	193
Fig. 23: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P06] F02v	194

Fig. 24: [D02 P08] F03v	194
Fig. 25: [D02 P17] F08	194
Fig. 26: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P15] F33.....	194
Fig. 27: [D02 P31] F41	195
Fig. 28: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P04] F01v.....	195
Fig. 29: [D02 P07] F03	196
Fig. 30: [D02 P18] F08v	197
Fig. 31: [D01 P18] F18v	197
Fig. 32: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P21] F36.....	198
Fig. 33: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P11] F05.....	198
Fig. 34: [D02 P13] F06	199
Fig. 35: [D01 P14] F16v	199
Fig. 36: [D01 P24] F21v	199
Fig. 37: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P15] F07.....	200
Fig. 38: [D02 P02] F09v	200
Fig. 39: [D01 P18] F18v	200
Fig. 40: [D01 P19] F19	200
Fig. 41: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P04] F27v.....	201
Fig. 42: [D02 P08] F29v	201
Fig. 43: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P11] F05.....	201
Fig. 44: [D02 P18] F08v	201
Fig. 45: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P10] F30v.....	202
Fig. 46: [D02 P19] F35	202
Fig. 47: [D02 P09] F30	202
Fig. 48: Maço 29 Doc 1040 Cat B [D01 P02] F10v.....	203
Fig. 49: [D01 P06] F12v	203
Fig. 50: [D01 P10] F14v	203
Fig. 51: [D01 P20] F19v	203
Fig. 52: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P08] F29v.....	203
Fig. 53: [D02 P08] F29v	204
Fig. 54: [D02 P30] F40v	204
Fig. 55: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P15] F07.....	204
Fig. 56: [D02 P16] F07v	204
Fig. 57: [D01 P06] F12v	205
Fig. 58: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P05] F28.....	205
Fig. 59: [D02 P06] F28v	205
Fig. 60: [D02 P14] F32v	205
Fig. 61: [D02 P28] F39v	205
Fig. 62: [D02 P09] F30	206
Fig. 63: [D02 P36] F43v	206
Fig. 64: Maço 29 Doc. 1040 Cat B [D02 P06] F02v.....	208
Fig. 65: [D02 P13] F06	208
Fig. 66: [D02 P14] F06v	208
Fig. 67: [D02 P15] F07	209
Fig. 68: [D02 P15] F07	209

Fig. 69: [D01 P13] F16	209
Fig. 70: [D01 P16] F17v	210
Fig. 71: [D01 P21] F20	210
Fig. 72: [D01 P26] F22v	210
Fig. 73: Maço 041 – Doc. 1064 Cat B [D02 P06] F26	210
Fig. 74: [D02 P19] F35	211
Fig. 75: [D02 P30] F40v	211
Fig. 76: Maço 29 - Doc 1040 Cat B [D02 P03] F01	212
Fig. 77: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P06] F02v	212
Fig. 78: [D02 P11] F05	213
Fig. 79: [D02 P12] F05v	213
Fig. 80: [D02 P17] F08	213
Fig. 81: [D02 P01] F09	213
Fig. 82: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P05] F28	213
Fig. 83: [D02 P16] F33v	214
Fig. 84: [D02 P04] F01v	214
Fig. 85: [D02 P09] F04	214
Fig. 86: [D02 P14] F06v	214
Fig. 87: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P05] F02	215
Fig. 88: [D02 P15] F07	215
Fig. 89: [D01 P31] F25	216
Fig. 90: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P19] F35	216
Fig. 91: [D02 P23] F37	216
Fig. 92: [D02 P18] F08v	217
Fig. 93: [D01 P13] F16	218
Fig. 94: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P04] F27v	219
Fig. 95: [D02 P05] F28	220
Fig. 96: [D02 P13] F32	220
Fig. 97: [D02 P13] F32	220
Fig. 98: [D02 P04] F27v	221
Fig. 99: [D02 P14] F32v	221
Fig. 100: [D02 P21] F36	221
Fig. 101: [D02 P23] F37	221
Fig. 102: [D02 P24] F37v	222
Fig. 103: [D02 P07] F29	222
Fig. 104: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P17] F08	223
Fig. 105: [D01 P10] F14v	223
Fig. 106: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P18] F34v	223
Fig. 107: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P13] F06	223
Fig. 108: [D01 P26] F22v	224
Fig. 109: [D01 P27] F23	224
Fig. 110: [D01 P30] F24v	224
Fig. 111: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P27] F39	224
Fig. 112: [D02 P30] F40v	225
Fig. 113: [D02 P30] F40v	225

Fig. 114: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P10] F04v.....	226
Fig. 115: [D01 P03] F11	226
Fig. 116: [D02 P02] F09v	226
Fig. 117: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P29] F40.....	226
Fig. 118: [D02 P35] F43	226
Fig. 119: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P08] F03v.....	227
Fig. 120: [D02 P05] F02	228
Fig. 121: [D02 P05] F02	228
Fig. 122: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P23] F37.....	229
Fig. 123: [D02 P20] F35v	229

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Codicologia de transcrição desenvolvida pelo NUPROC.	59
Quadro 2: Comparação entre o título e subtítulos nas traduções de D. Pedro II (DPII) e Sebastião Rodolpho Dalgado (SRD).	175
Quadro 3: Quadro comparativo referente ao tratamento dado à estrutura narrativa nas traduções.	176
Quadro 4: Comparação do uso de discurso direto e emprego de verbos declarativos nas traduções	177
Quadro 5: Quadro comparativo com a tradução de topônimos nas versões de D. Pedro II e Sebastião Rodolpho Dalgado.	178
Quadro 6: Comparação referente às escolhas lexicais nas traduções	180
Quadro 7: Quadro comparativo com a tradução de nomes próprios	182
Quadro 8: Lista de siglas e abreviações nos manuscritos de tradução de D. Pedro II.	190

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de citações ao Orientalista Seybold no diário do monarca Pedro II.	147
Tabela 2: Lista das principais recorrências encontradas nos manuscritos tradutórios de D. Pedro II.	189

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	25
1 A TRADUÇÃO EM PROCESSO -----	32
1.1 O CONCEITO DE POLISSISTEMA -----	36
1.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE-----	41
1.3 O APORTE DA CRÍTICA GENÉTICA NO PROCESSO TRADUTÓRIO-----	48
1.3.1 Detalhando a abordagem genética na análise do <i>Hitopadeça</i> -----	54
1.4 MO(VI)MENTOS DE ESCRITURA: EDIÇÃO GENÉTICA DE UMA TRADUÇÃO INÉDITA NO BRASIL-----	62
2 D. PEDRO II: UMA FIGURA LIMINAR -----	71
2.1 AS TRADUÇÕES IMPERIAIS-----	86
3 O ORIENTE SOB DIFERENTES PRISMAS: EUROPA VERSUS BRASIL IMPÉRIO -----	95
3.1 UMA INVENÇÃO OCIDENTAL-----	95
3.2 ORIENTALISMO (IBERO) BRASILEIRO-----	100
3.3 ORIENTALISMO CRIOULO EM D. PEDRO II-----	119
3.4 A FIGURA DE SEYBOLD NA VIDA INTELECTUAL DO ORIENTALISTA PEDRO II-----	134
3.4.1 O tutor do imperador -----	136
3.4.2 Seybold nas biografias de D. Pedro II -----	140
3.4.3 Seybold nos diários do imperador -----	145
4 ANÁLISES -----	153
4.1 HITOPADEÇA: O LIVRO DOS BONS CONSELHOS-----	153
4.2 SEBASTIÃO RODOLPHO DALGADO TRADUTOR DO HITOPADEÇA-----	163
4.3 ANÁLISE DO PROTOTEXTO-----	168
4.3.1 Análise descritiva das traduções -----	168

4.3.2	Informações preliminares -----	169
4.3.3	Macroestrutura-----	173
4.3.4	Microestrutura -----	179
4.2.5	Análise sistêmica-----	183
4.4	<i>A MATERIALIDADE PRESENTE NO HITOPADEÇA</i> -----	184
4.4.1	Análise genética dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II-----	186
5	EDIÇÃO GENÉTICA DO <i>HITOPADEÇA</i> POR D. PEDRO II -----	233
	CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	413
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: -----	421
	BIBLIOGRAFIA -----	441

INTRODUÇÃO

As ocupações de D. Pedro II, imperador do Brasil no período de 1840 até 1889, não se limitavam somente à política. Amante das artes, das ciências e das letras, D. Pedro II relacionou-se com Gonçalves Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Carlos Gomes, entre outros expoentes ligados às artes brasileiras em geral. Ainda muito jovem, exerceu diplomacia ao corresponder-se com o ministro britânico H. F. Fox, atestando o seu conhecimento em inglês e revelando a sua inclinação para o estudo de línguas. De acordo com as pesquisas historiográficas (LYRA, 1977; BESOUCHET, 1993; SCHWARCZ, 1998; CARVALHO, 2007), aos doze anos o imperador já vertia textos do inglês para o português, além de falar e escrever em francês. Os registros também apontam o conhecimento de hebraico, grego, árabe, latim, italiano, espanhol, alemão, sânscrito, tupi, etc.

Tal conhecimento não se restringia somente à fala: D. Pedro II traduziu diversos textos de vários idiomas, além de anotar em seu diário pessoal as comparações que costumeiramente realizava de traduções da mesma obra, principalmente aquelas realizadas em outras línguas. O monarca traduziu poetas que admirava: Victor Hugo, Leconte de Lisle, John Greenleaf Whittier, Alessandro Manzoni, Henry Wadsworth Longfellow, etc. Além disso, verteu para o português cantos de obras como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri; as *Mil e uma noites* diretamente do árabe; trechos do épico *La Araucana*, que narra a batalha entre os araucanos e os colonizadores espanhóis no Chile; e o Livro do *Hitopadeśa*, traduzido diretamente do sânscrito.

Nota-se, porém, uma grande lacuna na historiografia brasileira justamente no que concerne a esse lado intelectual de Pedro d'Alcântara, cuja imagem de governante sempre se sobrepôs àquela do indivíduo que, desde menino, já demonstrava grande dedicação para os estudos dos mais variados assuntos. A presente proposta de tese almeja também contribuir com a divulgação dessa faceta do último imperador do Brasil, somando-se às recentes pesquisas¹ que enfatizam o lado intelectual de D. Pedro II.

¹ Cito aqui as pesquisas em desenvolvimento do Núcleo de Estudo de Processos Criativos (NUPROC) que se ocupam de traduções de D. Pedro II, dos mais variados idiomas. Disponível no site <www.nuproc.cce.ufsc.br>. Parte das pesquisas foi publicada em SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Rosane de; ROMANELLI, Sergio (Orgs.). **Dom Pedro II: um tradutor Imperial**. 1ª ed. Tubarão: Copiart, 2013.

O apoio do imperador à ciência, às letras e às artes, à educação e à técnica, foi um exemplo importante num país cuja população era 80% analfabeta. “O pouco que se fez no Brasil do século XIX nesses campos deve muito a ele” (CARVALHO, 2007, p. 233). Serviu igualmente para projetar no exterior a imagem de um chefe de Estado culto e mecenas, em contraste com a dos generais e caudilhos toscos que ocupavam o cenário político latino americano, conforme avalia Carvalho (2007).

Em um país com um elevado índice de analfabetismo e que ainda sentia os ecos das revoltas separatistas, a intensa atividade intelectual exercida pelo governante não poderia deixar de chamar a atenção e virar alvo de críticas. Muitas delas, divulgadas nos jornais² da época, reforçavam a imagem de um imperador que, dedicado integralmente aos livros e às viagens internacionais, mantinha-se alheio às mazelas do país. Surgia, então, nas caricaturas daquele período a figura do “Pedro Banana”, resultado da suposta indiferença com que o monarca encarava os negócios do Estado, ou ainda da atitude oscilante que começava a assumir em público. As caricaturas também acentuavam o prognatismo herdado dos Habsburgo que as barbas louras tentavam disfarçar, eis um outro Pedro despontando nos periódicos, o “Pedro Cajú”. As muitas críticas eram repelidas com mesma resignação de quem recebeu a incumbência de governar o país sem nunca ter ambicionado tal missão: “Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador” (ALCÂNTARA, 1999, p. 183).

O quase meio século que compreende o segundo reinado brasileiro foi caracterizado pela liberdade de informação e pela tolerância. Durante o seu reinado, D. Pedro II

[...] presidiu à solução dos problemas que, quando ele subiu ao trono, ameaçavam a própria existência do país. À beira da fragmentação em 1840, o Brasil em 89 exibiu poucos sinais de fratura. O tráfico fora extinto, e a escravidão fora abolida. (CARVALHO, 2007, p. 224)

² Importante ressaltar a liberdade de imprensa do período. Os jornais satíricos, geralmente com circulação semanal, aproveitavam essa liberdade e não poupavam críticas ao monarca. Entre eles, destacavam-se *A semana ilustrada*, *O Mosquito*, *O Mequetrefe*, *O Fígaro* e a *Revista Ilustrada*. A responsabilidade pelas caricaturas do imperador ficava a cargo de Angelo Agostini, Luigi Borgomaneiro e Rafael Bordalo Pinheiro.

A alcunha de *Magnânino*, atribuída ao monarca pelo fato de ele ter anistiado os envolvidos nas rebeliões contra o império corroboram com tal afirmação. Durante esses anos de monarquia, o país viveu certo período de estabilidade e desenvolvimento (CÂMARA, 2005). Alguns campos do conhecimento – geográfico, sociológico, histórico, antropológico – tiveram grande impulso durante o governo imperial, em especial pelo interesse de D. Pedro por essas áreas. Visionário, o imperador buscava importar para a jovem pátria as inovações tecnológicas que despontavam no exterior. Durante a sua viagem para os Estados Unidos (1876), por exemplo, deparou-se com a invenção de Graham Bell apresentada ao público na Exposição Universal em comemoração ao centenário da independência dos Estados Unidos. Não contendo o seu fascínio com o então recém-criado telefone, teria demonstrado a Graham Bell o interesse em adquiri-lo tão logo fosse comercializado (GUIMARÃES, 1961). Em suas viagens, visitava escolas, museus, academias militares, fábricas, sinagogas, igrejas, delegacias de polícia, instituições governamentais e bibliotecas. As rápidas paradas serviam para satisfazer a sua curiosidade sobre o funcionamento e organização dos estabelecimentos, com a intenção de trazer tudo o que pudesse contribuir para o progresso do império.

Outra forma encontrada por D. Pedro II de estar a par do que ocorria no exterior era por meio de cartas. Escrever cartas era para D. Pedro II a “forma ideal de relacionamento com outros seres humanos, um meio pelo qual ele podia estabelecer a natureza e o grau de intimidade desejada” (BARMAN, 2010, p. 164). Do mesmo modo, as correspondências eram uma maneira de se aproximar dos mais ilustres intelectuais contemporâneos seus. O epistolário durante os anos de governo revelava-se uma atividade intensa e seus correspondentes eram, em suma, cientistas e representantes da literatura e das artes dos Estados Unidos e de países da Europa. Com os seus interlocutores, o monarca travava conversas sobre os mais variados assuntos e as suas cartas assumiam vários tons, apresentando ora a formalidade exigida de um chefe de Estado, ora a admiração e o respeito que cultivava pelas personalidades da época. Em outras ainda, especialmente aquelas endereçadas à Condessa de Barral,³ a intimidade e afetividade encheram as muitas páginas que ilustram uma relação duradoura entre os dois. “Nada o cativava mais ou o seduzia tanto”, segundo Lyra (1977b, p. 138) “quanto esse comércio com os homens de letras, com os artistas,

³ Luísa Margarida Borges de Barros, Condessa de Pedra Branca, mais conhecida pelo título nobiliário do marido francês: Condessa de Barral.

com os cientistas, com todos quantos se ocupavam das coisas do espírito, Brasileiros ou Estrangeiros”. Para o historiador José Murilo de Carvalho (2007), essas correspondências reforçam a ideia de que poucos chefes de Estado do seu tempo tinham uma cultura tão sólida. É enorme a quantidade de cartas com políticos, sábios, artistas, literatos, amigos, e amigas:

Entre os políticos, salientam-se o barão de Cotejipe, João Alfredo, Rio Branco; entre os cientistas, Pasteur, Louis Agassiz, Henri Gorceix; entre os literatos, Manzoni, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho; entre os amigos, o historiador Varnhagen e o conde de Gobineau; entre as amigas, a condessa de Barral e a cantora Ristori. Mesmo quando lia, fazia-o sempre com um lápis à mão, marcando, anotando, comentando. (CARVALHO, 2007, p. 228)

As cartas de D. Pedro II fazem parte de uma coletânea de documentos que pertenciam à Família Real e encontram-se arquivadas, em sua maioria, no Museu Imperial de Petrópolis (MIMP/RJ). O acervo conta ainda com diários pessoais, rascunhos de ofícios e discursos de diferentes épocas. Além do valor histórico incalculável, tais documentos passaram a ser objeto de estudo em pesquisas não só historiográficas, mas também literárias e tradutológicas, já que é possível reconstruir os percursos de criação do escritor/tradutor a partir de vestígios por ele deixados durante o seu processo de escritura/tradução (rasuras, acréscimos, substituições, correções, hesitações, etc.). Neste contexto, buscando bases metodológicas nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) e na Crítica Genética (CG), procura-se, nesta tese, delimitar o processo criativo de D. Pedro II enquanto tradutor com base nos manuscritos de tradução do livro do *Hitopadeśa*, obra de grande relevância e representatividade no polissistema literário indiano.

Etimologicamente, o termo *Hitopadeśa* provém da junção de dois radicais: *Hita* (útil, proveitoso) e *Upadeśa* (instrução, conselho). Escrito entre os anos 800 e 950 d. C., o *Hitopadeśa*, um dos livros mais conhecidos na Índia depois da *Bhagavad Gita*, reúne uma coletânea de fábulas e contos populares escritos em prosa e verso com forte apelo moral. São histórias curtas em que os animais e o homem convivem na mais perfeita igualdade e o enredo vai desde assuntos cotidianos até o fantástico mais inverossímil. As histórias presentes no *Hitopadeśa*

foram escritas de maneira muito didática e destinavam-se principalmente aos jovens, dando-lhes a formação ética e a filosofia de vida necessária para que se tornassem adultos responsáveis.

As fábulas no livro do *Hitopadeśa* apresentam-se como narrativas de encaixe, ou seja, as histórias se entrecruzam e os enredos se fundem, originando assim outras histórias sempre com fundo moral e pedagógico:

Os contos estão entrelaçados: a primeira história não acabou, e uma personagem começa a narrar outra, na qual por sua vez, outras se acham encravadas. Acotovelam-se nesse estranho labirinto, as figuras mais singulares: a mulher que deu à luz uma cobra; o pássaro de duas cabeças que perece por causa de uma briga entre elas, o chacal azul que renegou seus irmãos de raça, as serpentes indiscretas que, numa desavença, imprudentemente revelam cada uma o segredo da outra, em presença de uma mulher [...]. (HOLANDA; RONÁI, 1978, p. 57)

O livro apresenta muitas fábulas em comum com outra coleção bastante difundida na Índia, o *Pañcatantra* (Os cinco livros). Ambas pertencem ao grande caudal da literatura hindu, compiladas originalmente em sânscrito e traduzidas para o persa e árabe, servindo de modelo para as narrativas que fizeram o encanto dos ocidentais europeus durante a Idade Média e o Renascimento. Séculos mais tarde, com a descoberta do sânscrito, o *Hitopadeśa* cairia no gosto dos orientalistas europeus e receberia também a atenção do imperador D. Pedro II, que traduziu parcialmente a obra durante suas aulas de sânscrito.

As análises desta pesquisa concentram-se, portanto, nos manuscritos tradutórios do livro do *Hitopadeśa*,⁴ conservados no MIMP. Esses manuscritos, traduzidos do sânscrito, foram transcritos conforme os princípios da CG para se estudar o processo tradutório do monarca e tentar estabelecer seu perfil de tradutor e também para oferecer ao público brasileiro um texto inédito que revela um interesse

⁴ Neste momento, adotei a grafia proposta por D. Pedro II para me referir à obra. Além da tradução do imperador, há outra em língua portuguesa realizada pelo Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, publicada em Lisboa em 1897, intitulada *Hitopadexa ou instrução útil*.

peculiar do imperador não somente pela tradução, mas sobretudo, pelo orientalismo e pelas culturas, línguas e religiões do oriente.

Além de se propor a reconstituir parte do percurso mental ocorrido durante o processo de tradução da referida obra, a presente pesquisa visa também realizar a edição genética do texto em questão, haja vista tratar-se de um material inédito e com apenas uma tradução em língua portuguesa, publicada em Portugal seis anos após a morte de D. Pedro II. As transcrições compõem o capítulo final desta pesquisa. Ademais, a proposta de tese também poderá dialogar com outras pesquisas realizadas pelo *Núcleo de Estudos de Processo Criativo* (NUPROC) no sentido de avaliar se as escolhas ou o padrão comportamental do tradutor/imperador durante o processo de tradução, em outras línguas, se apresentam convergentes e, se forem divergentes, em quais aspectos se distanciam.

O dossiê genético está composto por três cadernos com 88 páginas de manuscritos autógrafos de D. Pedro II (45 fólios), além de cartas e notas gerais sobre tradução registradas em seu diário pessoal. Já o prototexto, recorte e organização do dossiê por parte do pesquisador, consiste da transcrição das páginas manuscritas da tradução imperial e de anotações relativas à tradução do *Hitopadeça*.

O objetivo central do estudo genético de reconstituir os percursos mentais do imperador durante a sua tradução se desdobra em outro também muito importante: trazer à baila os vários registros das atividades intelectuais exercidas pelo monarca que até então estavam esquecidos nos arquivos históricos espalhados pelo país. Com a CG, passam então de meros “rascunhos” para o patamar de objeto científico, revelando muito mais do que se poderia supor em anotações aparentemente caóticas. Além disso, o trabalho de transcrição dos manuscritos efetuado pelo geneticista não só facilitará a consulta e o acesso aos materiais em questão, como também colaborará com a sua conservação, já que muitos estão desgastados pela ação do tempo e a manipulação muitas vezes indevida por parte de pesquisadores. A escolha pelos EDT e pela CG justifica-se, portanto, pelo simples fato de ambos contemplarem em sua essência o processo em detrimento do produto final. A CG possibilita verificar, por meio de elementos que possivelmente desaparecem nas obras ditas “finais”, isto é, aquelas entregues ao público, o processo de criação do tradutor.

A presente tese estrutura-se em cinco capítulos. O primeiro contempla aspectos relacionados à teoria e metodologia adotadas na pesquisa. Procura-se evidenciar os princípios, contribuições e teóricos

do modelo conhecido como EDT. Parte-se da noção de Polissistema desenvolvida por Even-Zohar que passou a receber a atenção de Toury a partir da década de 1980. O capítulo ainda aborda o modelo de análise descritiva desenvolvido por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) e traz considerações acerca do suporte metodológico da CG. Os princípios e técnicas da referida metodologia possibilitaram não só analisar o processo tradutório de D. Pedro II, mas também realizar e tornar pública a edição genética dos manuscritos do imperador. O processo que culminou na edição do material está descrito na seção que encerra o primeiro capítulo.

O segundo capítulo, intitulado *D. Pedro II: uma figura liminar*, trata de fatos relevantes da vida intelectual do monarca Pedro II e encerra com uma subdivisão sobre os principais trabalhos de tradução operados por ele. Já o terceiro capítulo, denominado *O Oriente sob diferentes prismas: Europa versus Brasil Império*, busca uma espécie de complementação à polêmica obra de Edward W. Said (2010) ao discorrer sobre o *Orientalismo* de matriz ibérica que teria sido transferido para o Brasil à época das grandes navegações. Em terras brasileiras, esse mesmo Orientalismo incorporaria outras influências orientais durante séculos, sendo gradativamente superado por tendências ocidentais a partir do século XIX. O capítulo apresenta também D. Pedro II e seu *Orientalismo crioulo*, mescla dos resquícios da herança colonial portuguesa com a corrente intelectual europeia, perceptível sobretudo durante suas viagens ao exterior e incursões pelo Oriente. A última seção do capítulo dedica algumas páginas ao último professor de línguas orientais de D. Pedro II, o alemão Christian Friedrich Seybold. A importância de Seybold na vida intelectual do imperador, especialmente no período do exílio da família imperial, pode ser conferida nas inúmeras menções ao tutor no diário pessoal de D. Pedro II. Aqui devo abrir um parêntese e ressaltar a importância do período de estágio doutoral realizado na *Universiteit Antwerpen* para a ampliação deste capítulo da pesquisa. As novas leituras e o contato com os estudos de Stallaert (2013; 2012; 1998) possibilitaram novas interpretações sobre o orientalismo no Brasil e em D. Pedro II, além de reportar dados significativos e inéditos no país sobre Seybold, o tutor do monarca. Tudo isso, sem dúvida, atribuiu aporte à pesquisa genética, haja vista ser o objeto de análise deste trabalho uma tradução de um texto representante da cultura oriental. Entender o Brasil do oitocentos no contexto do movimento orientalista europeu revelou a posição política assumida pelo tradutor Pedro II e a tradução do texto, de acordo com o

que a vertente genética de análise permitiu entrever, parece ter tido objetivos que ultrapassam o mero exercício linguístico, como discutirei no capítulo posterior.

O penúltimo capítulo está dedicado às análises de tradução. Apresenta primeiramente algumas informações relevantes sobre o livro do *Hitopadeśa* e oferece ao leitor um brevíssimo perfil biográfico do tradutor Sebastião Rodolpho Dalgado, religioso indiano que também se dedicou à tradução do fabulário hindu em fins do século XIX. A tradução de Dalgado foi comparada com o trabalho de D. Pedro II seguindo o método de análise descritiva desenvolvido por Lambert e van Gorp (1985). A etapa subsequente contempla a análise genética dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II, objetivando por um lado elucidar sua postura enquanto tradutor; e por outro, mapear o seu percurso mental durante o processo de tradução. As principais recorrências encontradas nos manuscritos do imperador foram devidamente classificadas em tipologias e estão detalhadamente descritas nesta etapa do trabalho.

Finalmente, o capítulo cinco apresenta a edição genética do livro do *Hitopadeśa*, trabalho inédito de tradução do imperador D. Pedro II conservado no arquivo histórico do MIMP. A transcrição diplomática dos manuscritos do monarca conferiram ao trabalho de edição, em grande medida, as mesmas características presentes no documento original. Vale lembrar que o objetivo da publicação nesse formato não está centrado na publicação de uma obra textual, mas sim na edição do que se encontra aquém dela, ou seja, o labor do escritor que normalmente é descartado no tradicional processo editorial de publicação.

1 A TRADUÇÃO EM PROCESSO

A origem de um paradigma de análise descritiva e sistêmica de traduções é algo relativamente novo. Surge principalmente de duas necessidades básicas: tornar a tradução uma área autônoma, independente dos estudos linguísticos e literários; e desvencilhar as análises de tradução da então vigente abordagem prescritivista, cujo objeto de estudo – a tradução – permanecia atrelado ao texto original em uma relação de dependência e subordinação. Ainda de acordo com o modelo de análise prescritivo, todo e qualquer projeto de tradução deveria se enquadrar em regras universais de composição, e o produto final estava fadado a manter-se sempre em posição inferior ao texto de partida. As traduções eram consideradas, portanto, apenas um subproduto do texto original, enquanto este, sacralizado durante séculos, mantinha seu status de melhor, de obra verdadeiramente aceita e “pura”. Esse destronamento do texto original – como preferem os funcionalistas alemães – começa a ganhar corpo a partir das pesquisas dos Formalistas Russos, ideia também compartilhada pelos estruturalistas no ocidente, os quais redimensionaram os alcances da linguagem poética e da literatura e, por extensão, da própria tradução. Dessa forma, surgem os Estudos Descritivos da Tradução (EDT) com a preocupação de não só descrever as traduções, mas também de explicitar os seus produtos, funções em uma dada cultura e processos tradutórios, além de se ocupar da recepção da tradução na cultura de chegada. Libertando-se dos modelos vigentes nas décadas anteriores, os EDT se propõem a descrever o que são, de fato, as traduções e não apenas prescrever como elas deveriam ser. Mais do que simplesmente explicar como traduzir bem, o paradigma descritivo passa a investigar como as pessoas traduzem, independentemente da qualidade de suas produções (PYM, 2010).

Um passo determinante para a instauração da nova abordagem foi dado por James Holmes, em 1972. Foi em *The name and the nature of Translation Studies*⁵ que Holmes cunhou o termo “Estudos da Tradução”, definindo o propósito e a estrutura da então incipiente disciplina, atribuindo-lhe autonomia e concebendo a tradução como um

⁵ *The name and nature of Translation*: palestra proferida em um congresso de Linguística Aplicada, em Estocolmo (1972). Publicado somente em 1988, este trabalho é hoje considerado pela comunidade acadêmica como texto fundacional desta área de conhecimento (HOLMES, 1988).

ato de comunicação capaz de reinterpretar textos em outra língua, definido pelo contexto sociocultural e por uma dada finalidade. Em seu conhecido mapeamento deste campo disciplinar, Holmes (1988) identifica os EDT como um componente fundamental dos Estudos da Tradução. O ramo descritivo, proposto por Holmes, engloba linhas de pesquisa voltadas ao produto, à função e ao processo. Ao focar o produto, descrevem-se as traduções existentes, podendo ser de peças isoladas ou comparadas, de um período específico, de uma língua ou de determinado tipo textual e/ou discursivo. Os estudos descritivos voltados à função não se limitam a descrever as traduções por si só, mas observam as suas funções no contexto sócio-cultural que as produziu. As pesquisas investigam a escolha dos textos traduzidos em um local e período específico, bem como a possível influência exercida naquele contexto. Já os estudos descritivos relacionados ao processo procuram elucidar o que acontece na mente do tradutor durante a produção de um novo texto a partir de um já pré-existente, escrito originalmente em outro idioma.

O mapeamento da disciplina produzido por Holmes, ainda que uma referência, já apresenta certo grau de anacronismo, carecendo de revisões. Por isso, sugiro como complemento ao modelo que os estudos descritivos focados no processo incorporem também investigações acerca da gênese da tradução, ou seja, da descrição de como ocorre o processo de criação do tradutor durante o seu trabalho. Em uma atualização do referido modelo de Holmes, teríamos então os estudos de gênese como uma subdivisão dos estudos de processo. A título de ilustração, apresento o esquema produzido por Pagano e Vasconcellos (2003) com a minha proposta de complementação:



Fig. 1: Mapa de Holmes produzido por Pagano e Vasconcellos (2003), editado para fins desta pesquisa.

Para estudar o processo de criação do tradutor Pedro II a partir dos seus manuscritos, resolvi retomar a parceria lançada por Romanelli (2013) entre os EDT e a CG. Romanelli (2013) justifica a inovadora aproximação teórico-metodológica afirmando que tanto os EDT quanto a CG possuem o mesmo paradigma, ou seja, uma metodologia bastante similar e “princípios teóricos que funcionam em perfeita sintonia” (2013, p. 58). Ambos se valem de métodos investigativos de caráter indutivo.

Apesar da ideia ainda corrente no discurso tanto de leigos quanto de alguns especialistas da área de que a tradução é uma mera reprodução do original e que carece de autonomia em relação ao texto de partida, devemos considerar que a própria noção de tradução, nesta proposta, passa inevitavelmente por um redimensionamento. É de grande relevância frisar que a tarefa de traduzir não inclui somente o texto de partida e o de chegada, “mas sim toda uma rede complexa de inter-relações entre seus textos e os outros textos do polissistema em que se encontram” (ROMANELLI, 2013, p. 49). Assim, entendendo o ato tradutório como um processo de criação e, por conseguinte, um processo comunicativo em que o tradutor faz as suas escolhas entre uma gama de alternativas, a CG mostra-se útil por trazer à tona o que de fato ocorre durante a prática tradutória. No caso da tradução imperial, vale lembrar

que se trata de um processo de criação inacabado que não passou por fases de edição visando uma futura publicação e será confrontada, na análise descritiva, com uma obra editada e publicada no mesmo período. Se o interesse dos EDT está em analisar como são produzidas as traduções; e se os manuscritos tradutórios de D. Pedro II imprimem exatamente *como* se deu o nascimento da obra, me parece que a diferença de estatuto – manuscrito e obra editada – não inviabilizaria as comparações entre os dois corpora a partir dos pressupostos teóricos dos EDT. Além disso, ao selecionar o conjunto de documentos que evidenciam os sistemas que fundamentam e apontam para a gênese da obra, a CG, somada aos EDT voltados ao processo, possibilitou também entender o papel dessa criação no polissistema cultural e literário do Brasil oitocentista.

1.1 O CONCEITO DE POLISSISTEMA

Um dos pilares fundamentais da abordagem descritivista se encontra na Teoria dos Polissistemas (*Polysystem Theory*), desenvolvida em meados da década de 1970 pelo pesquisador israelense Itamar Even-Zohar. O escopo desse novo paradigma era o de formar uma base teórica que pudesse inicialmente definir as características da história da literatura israelense e das traduções literárias realizadas naquele contexto cultural, as quais foram empreendidas especialmente para fortalecer a nascente literatura de Israel. Sob a ótica da teoria em questão, cada cultura é vista como uma rede de relações mais amplas, cujo centro seria constituído por outras formações que se inter-relacionam numa espécie de cadeia dinâmica, simbiótica e em constante evolução. Ampliando o modelo de “sistema” desenvolvido pelos Formalistas Russos, Even-Zohar (1990) desenvolve a sua noção de polissistema como um conglomerado heterogêneo, porém e de certo modo, hierarquizado. Em grandes linhas, Even-Zohar considera cada cultura como um sistema amplo, composto internamente por várias camadas – daí a expressão polissistema – que se relacionam com outros sistemas paralelos. O polissistema de uma cultura engloba, por exemplo, o sistema literário que acolhe, por sua vez, a literatura traduzida. Segundo Gentzler (2009), Even-Zohar teria adotado o conceito de Tynjanov de um sistema literário hierárquico e incorporado os dados coletados de suas investigações sobre como as traduções funcionam em cada sociedade. Neste modelo, cada subsistema interage com os outros para a realização de um processo dinâmico de evolução de todo o

conjunto. Pressupõe-se, a partir daí, a visão dos polissistemas como um elemento em constante tensão, que alterna a posição de cerne de um dos sistemas que o compõem e acarreta em uma evolução no núcleo do sistema inteiro. Esta relação de poder entre as entidades que constituem os sistemas desenvolve-se a partir das noções de centro e periferia. Neste viés, o centro contemplaria elementos que concentram maior poder e representatividade no âmbito de determinada configuração, enquanto a periferia abrigaria elementos menos prestigiados ou dominantes. Atualmente, esse sistema dicotômico entre centro e periferia tem sido muito questionado e, talvez, até mesmo superado, mas é pertinente aludi-los nesse momento por compor uma parte importante da pesquisa de Zohar. Para Gentzler (2001, p. 149), o termo polissistema é uma “noção global”, abordando todos os sistemas literários, tanto os maiores quanto os menores que possam existir em determinada cultura.

Dentre os muitos estratos que constituem uma determinada cultura, podemos encontrar o polissistema literário, formado por diversos sistemas e que dialoga, por sua vez, com outros sistemas semióticos do grande polissistema cultural. O seu núcleo abriga seus respectivos repertórios canônicos, instituídos por uma minoria que detém o poder em um sistema específico e representam modelos a serem seguidos. Por isso, os cânones normalmente são associados ao prestígio, status e qualidade. No caso do polissistema literário, a tensão entre centro e periferia está pautada na disputa entre os diversos gêneros literários pela conquista da posição central (BEN-ARI, 2013). Isso porque as obras não-canônicas também podem exercer grande importância dentro desse polissistema, já que a evolução literária é resultante não somente de um objetivo específico, mas também fruto da inevitável “competição” gerada pelo estado de heterogeneidade do polissistema (EVEN-ZOHAR, 1990). Para Mona Baker (1998), ao fixar a literatura num contexto sociocultural maior, ela passa a ser vista não como uma simples antologia de textos, mas sim como um conjunto de fatores que governam a produção, divulgação e recepção desses textos. Além disso, o próprio polissistema literário não se reduz somente aos textos canônicos, já que os gêneros de menor prestígio, geralmente excluídos nos estudos literários tradicionais, também pretendem ocupar o centro do sistema. Aliás, a própria noção de cânone passa, na teoria de Even-Zohar, de algo rígido e imutável a uma estrutura dinâmica, aberta a sofrer transformações pela incorporação de elementos estrangeiros (CARBONELL Y CORTÉS, 1997). Esse estímulo que as obras periféricas ou consideradas de pouca representatividade conferem às

canônicas no páreo pelo lugar central constitui um dos principais fatores de desenvolvimento do polissistema e ajuda a compreender melhor, por exemplo, os mecanismos que definem aquelas que devem ocupar o centro do sistema. Assim, variedades linguísticas e literárias que desfrutam de menos poder em uma cultura – como a literatura de massa, infantil ou traduzida – passam a despertar interesse enquanto objeto de estudo.

As pesquisas de Even-Zohar (1990) também dedicam atenção ao papel que uma obra traduzida pode desempenhar em determinado polissistema literário. Sobre este fato, Gentzler (2001) alerta que nem todos os polissistemas são os mesmos e só por meio da análise da relação entre obra traduzida e original que Even-Zohar pôde atingir uma compreensão da natureza dos polissistemas. As pesquisas de Even-Zohar comprovaram que a classificação das traduções em modelos anteriores, compreendidas como pertencentes a sistemas secundários, poderia apresentar problemas. Para o autor, as obras traduzidas não devem ser analisadas de maneira isolada, mas sim vistas em conjunto e de modo integrado. A relação entre obras traduzidas, ainda de acordo com o pesquisador israelense, não pode ser categorizada simplesmente como primária ou secundária, mas sim como variável, o que dependeria da circunstância específica em voga no sistema literário. Objetiva-se, portanto, reconhecer as semelhanças que possam existir nos textos traduzidos em um dado polissistema.

Normalmente ocupando as posições periféricas, Even-Zohar aponta três situações em que a literatura traduzida pode garantir a posição central:

- 1- quando a literatura nacional é relativamente jovem, ou seja, ainda não se cristalizou em seu polissistema e busca na tradução critérios e referências;
- 2- quando a literatura original é considerada periférica e é sobrepujada pela tradição literária de um país maior;
- 3- quando a literatura se vale de padrões que não possuem mais elementos inovadores e, em um momento de evolução do polissistema, novos padrões são incorporados via tradução.

A tradução, no primeiro caso, pode suprir a necessidade de uma literatura jovem ao usar sua nova língua para tantas e variadas formas de escrita quantas forem possíveis. Como uma literatura nascente não pode criar todas as formas e gêneros, os textos traduzidos são utilizados como

referência mais importante e influente por um tempo determinado. Além disso, Even-Zohar (1990) acredita que o mesmo princípio aplica-se à segunda situação, em que uma literatura fraca, geralmente produzida em uma nação menor, não é capaz de produzir todas as formas de escrita que um sistema mais consolidado é capaz de criar. A incapacidade de produzir inovação, no caso dessas nações, fortalece a tradução como forma de propagação de novas ideias. A prática tradutória aparece, portanto, como a forma de escrita mais “imitada” por escritores em língua nativa. Já o terceiro caso pôde ser observado na crise enfrentada na literatura americana da década de 1960. Os modelos literários consagrados na nação norte-americana já não estimulavam mais as novas gerações de escritores, que passaram a buscar na tradução novas ideias e formas para introduzir no seu sistema literário. Se a literatura traduzida não se enquadrar em nenhuma das três posições supracitadas, Baker (1998) acredita que ela poderá ainda contribuir para a reafirmação de modelos tradicionais ou até mesmo para a manutenção de modelos antigos.

Duas das traduções do *Hitopadeśa* aqui estudadas, apesar de terem sido realizadas em língua portuguesa no mesmo período, pertencem a polissistemas culturais distintos. A primeira delas, produzida no Brasil pelo segundo imperador do país, se enquadra na primeira situação em que a literatura traduzida pode assumir a posição central de um polissistema. No Brasil oitocentista, a literatura estava se consolidando e contou com o empenho do imperador Pedro II, grande incentivador das letras naquele período. O projeto literário romântico da época almejava atingir um objetivo maior: a construção da identidade nacional. É de vital importância destacar o cosmopolitismo de D. Pedro II, que estudava e traduzia de quase todos os idiomas românicos e anglossaxões, as línguas clássicas e de algumas línguas orientais como o árabe, o hebraico e o sânscrito. Inserido no contexto romântico do Brasil, interessava-se também pelas culturas e línguas indígenas. Dessa forma, além da preocupação do monarca em fortalecer a literatura e a identidade do país, a prática de tradução era uma de suas principais ocupações, como abordarei detalhadamente mais adiante. Todavia, importante sublinhar que o sistema cultural e literário se desenvolvia à medida que a recente nação brasileira conquistava sua autonomia e legitimidade enquanto estado nacional, mantendo a sua condição de país dependente dos principais polos difusores de cultura da época – ou “dominado”, como sugere Casanova (2002). Eram então os grandes centros europeus que estabeleciam o cânone literário, assim como o que

deveria se considerar “boa” literatura. Tome-se o exemplo do *Hitopadesa*: apesar da longa tradição em seu país de origem, a obra parte de um sistema literário (o da Índia) considerado pouco representativo ou periférico (do ponto de vista do Ocidente letrado e hegemônico) para compor o rol de textos clássicos – ou que devem ser “importados” – nos sistemas literários de prestígio europeus (Inglaterra, França, Alemanha). A forte ligação do monarca com os principais nomes da literatura europeia, seu interesse em criar bases culturais para o país que governava e seu fascínio pelo estudo das línguas orientais podem ter sido suficientemente decisivos na escolha do texto a traduzir. A segunda tradução do *Hitopadesa*, publicada em Lisboa em 1897, é de autoria de Sebastião Rodolpho Dalgado, religioso indiano com grande interesse em divulgar as obras de sua pátria em território português. Portugal, neste caso, já apresentava uma literatura consolidada há séculos e a tradução talvez pudesse indicar novos elementos a serem incorporados na tradição literária daquele país, especialmente no que se refere à moda oriental vivida na Europa durante o século XIX.

Parece pertinente reafirmar que além de manter os padrões já consolidados, a literatura traduzida pode também abrir caminho para a introdução de novos elementos dentro de um polissistema cultural. A tradução, entendida aqui como um processo de reescritura (HERMANS, 1985; LEFEVERE, 1992), pode ser ao mesmo tempo inovadora/subversiva ou repressiva/conservadora. Inovadora, ao passo que pode introduzir novos elementos no sistema literário valendo-se do poder modelador de uma cultura sobre a outra; repressiva, porque se presta a manipular as obras para que se adaptem à ideologia ou ao estilo literário pré-estabelecido. Do ponto de vista do receptor, diria Hermans (1985), toda tradução exerce certo grau de manipulação do texto-fonte, obedecendo a um objetivo específico. Assim, todos os aspectos relevantes da atividade de tradução, situada em seu contexto histórico, devem ser cuidadosamente observados: autor, texto, leitor ideal e normas literárias do sistema de partida devem ser transferidos/moldados para o sistema receptor (GENTZLER, 2001).

Sem sombra de dúvidas, um dos pontos-chave da teoria polissistêmica de Even-Zohar refere-se à mudança de paradigma com relação à literatura traduzida. De acordo com esta abordagem, as apreciações valorativas ocasionadas por análises prescritivas não fazem mais sentido, o que gera implicações importantes que se repercutem no campo dos Estudos da Tradução. As traduções passarão a existir e assim serão definidas a partir do polo receptor que as incorpora, e não mais

com referência unívoca ao texto original que o próprio sistema receptor poderia ter ignorado desde o princípio (AIXELÁ, 2000). O espaço destinado à prática da tradução em um sistema específico é definido de acordo com a recepção da literatura traduzida em dada cultura de chegada. De tal modo, a tradução não é um fenômeno facilmente definível em suas características e finalidades, mas uma prática que envolve a relação com o sistema cultural no qual pretende se inserir (EVEN-ZOHAR, 1990).

Romanelli (2009) discorre sobre três desdobramentos importantes para a área da Tradução provenientes desta teoria: o primeiro deles, para o autor, é a tendência em observar a tradução como um aspecto específico de um fenômeno mais geral de trocas intersistêmicas; o segundo recai sobre a concepção do texto traduzido, que passa a ser considerado como pertencente ao polissistema com suas características e particularidades preservadas, deixando assim de ser analisado de maneira isolada; por fim, Romanelli pontua os procedimentos tradutórios, considerando o texto de chegada não só como reflexo de escolhas linguísticas, mas também de seleções culturais e de gênero. Sob este prisma teórico, seria possível buscar explicar os fenômenos tradutórios em contexto mais geral, considerando-se as transferências intersistêmicas.

1.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

A partir da década de 1980, os conceitos introduzidos pela Teoria dos Polissistemas começam a se consolidar graças à atenção de vários estudiosos. Dentre eles, Gideon Toury (1985) aposta em uma abordagem que enfatiza a prevalência do texto traduzido, um modelo capaz de descrever a tradução a partir do seu polo receptor e não mais através do texto original. Estabelece-se, na visão do autor, a tradução como criadora de um novo jogo de linguagem na cultura alvo, o que pode definir novos métodos, conceitos, ideias e comportamentos. Foi, aliás, a partir de Toury, no livro *Descriptive Translation Studies and beyond* (1995), que o paradigma dos EDT se consolidou de fato. Os primeiros delineamentos nesta perspectiva, porém, iniciaram nas décadas anteriores com os pesquisadores Jiří Levý, Anton Popovic e František Miko, os quais buscavam refutar a noção idealista de equivalências em tradução e partir em defesa daquele que se propõe a traduzir. Na mesma corrente, estudiosos da Bélgica e dos Países Baixos

começavam a focar especialmente na realidade das traduções, seus produtos e definir a partir daí o ponto de partida de suas pesquisas. Suspendendo momentaneamente as tentativas de delimitar uma teoria na área de tradução, esses pesquisadores centraram a atenção no intuito de aprender essencialmente sobre os modos, funções e os procedimentos envolvidos no ato de traduzir, estabelecendo assim um novo paradigma – menos prescritivo – para se estudar tradução (GENTZLER, 2001).

A década de 1990, marco importante para os Estudos da Tradução como disciplina autônoma, testemunhou também o florescimento de afiliações teóricas e parcerias aparentemente inusitadas entre a tradução e outros campos do saber. A vertente filosófica aplicada à tradução, por exemplo, ampliou o discurso disciplinar com conceitos de processo ou deslocamento hermenêutico,⁶ com a retomada das teorias de linguagem de Walter Benjamin, especialmente a concepção de “língua-pura” instaurada em *A tarefa do tradutor* (2008), além da dimensão desconstrutivista apregoada por Jacques Derrida. Novos horizontes surgiram também no âmbito da cultura, fomentando assim a emergente necessidade de fortalecer a noção de tradução como transferência não só linguística, mas também cultural. Tal mudança de perspectiva, denominada *Cultural Turn*, foi beneficiada pelos aportes metodológicos dos Estudos Culturais com o intuito de estudar os fenômenos da atividade tradutória situados nos discursos políticos, ideológicos, pós-coloniais, de gênero, etc. A tradução, entendida como um ato social, cultural e político, tem seu lugar nas relações globais (ou locais) de poder e dominação. Para Faiq (2010), os novos rumos no âmbito dos Estudos da Tradução foram alavancados pelos trabalhos sobre Orientalismo, pós-colonialismo e estudos culturais, os quais questionavam as estratégias envolvidas na prática de tradução e representação do outro.

A atividade tradutória envolve, indissociável e concomitantemente, dois componentes fundamentais: cultura e língua. Isso porque a tradução, ao trazer os dois elementos conjuntamente, revela-se, necessariamente, um processo multi-facetado e multi-problemático em todas as esferas de suas manifestações, ramificações e realizações plurais. De acordo com Claramonte (2000), desde a década de 1980, a tradução tem deixado de ser uma atividade que buscava a equivalência absoluta para converter-se em um ato de comunicação

⁶ George Steiner, em *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução* (2005) dedica atenção especial aos processos de interpretação inerentes à tradução a partir de quatro percursos: confiança, convicção, incorporação/apropriação e compensação/restituição.

intercultural. Essa metamorfose, segundo a autora, trouxe consigo novos caminhos à tradução, anteriormente limitada às trocas meramente linguísticas. É graças a essa nova perspectiva que a prática tradutória pode ser considerada hoje como um campo interdisciplinar. Ao tradutor cabe então levar em conta questões ideológicas, sociais, políticas, filosóficas, entre outras, para fazer bem o seu labor. Assim, ao encarar a tradução como um domínio característico de um fenômeno mais geral de trocas intersistêmicas, é possível analisá-la dentro de um contexto maior, sem deixar de reconhecer, contudo, suas particularidades. Evita-se, com isso, limitar as discussões a uma noção subjetiva do que possa vir a ser equivalência entre textos fonte e alvo, além de focar as pesquisas no texto traduzido por considerá-lo um elemento autêntico integrante do polissistema alvo. Frente às teorias tradicionais de tradução, a análise do funcionamento do polissistema e a tradução circunscrita nesse contexto demandam extensos conhecimentos dos códigos culturais que permitirão a apreciação da obra original e o seu processo de tradução (CARBONELL Y CORTÉS, 1997). Essa abordagem voltada ao polo receptor (*target oriented*) foi empreendida, sobretudo, por Gideon Toury (1995), que aposta em uma perspectiva que enfatiza a prevalência do texto traduzido, um modelo capaz de descrever a tradução a partir da cultura de chegada e não mais a partir do texto original. Para ele, as teorias de tradução deveriam focar o desenvolvimento de um modelo que fornecesse contribuições para a explicação dos processos que conduzem à versão final, afastando assim qualquer forma de juízo de valor com base tão somente no produto acabado.

Em 1980, Toury publica o livro *In search of a theory of translation*, obra em que define os princípios, conceitos e objetivos dos EDT. Adotando o conceito de polissistema, Toury (1980) isola e define algumas normas que podem influenciar o trabalho do tradutor, aplicando-os a uma metodologia para melhor compreensão da teoria da tradução (GENTZLER, 2001). De acordo com Toury, nenhuma ciência empírica pode se considerar completa e desfrutar de certa autonomia se não tiver um ramo descritivo apropriado. Para Toury, o texto traduzido é o resultado de uma série de estratégias textuais que podem estar intimamente relacionadas às tradições literárias – ou não – de uma dada cultura, além de manter forte elo com questões de ordem diacrônica ou sincrônica. Tais estratégias relacionam-se, ainda, com convenções específicas da cultura de chegada, as quais permitem a recepção da obra naquele contexto, desde o acesso inicial do tradutor ao original até a

leitura do texto já traduzido e publicado. Tal procedimento seria regido em razão daquilo que Toury (1995) denomina *Translation Norms*. Assim, a necessidade de tradução seria determinada pela cultura de chegada e a sua produção serviria para ocupar ou preencher algum vazio nesse sistema. O conceito de normas é um elemento integrante da noção particular de cultura partilhada pelos estudiosos que analisam a tradução sob a perspectiva da reescritura ou “manipulação literária” (HERMANS, 1985; LEFEVERE, 1992). A tradução se insere em um sistema complexo formado por muitos subsistemas, partindo sempre de um contexto ideológico em um determinado momento histórico. A reescrita torna-se manipulação e é realizada a serviço do poder. Em seu aspecto positivo, pode contribuir para o desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade, além de introduzir novos conceitos, gêneros, recursos, etc. (LEFEVERE, 1992). Logo, a tradução deixa de ser uma atividade secundária ou inferior, galgando o status de ferramenta primária em que as grandes instituições sociais – sistemas de ensino, editoras, governos – se baseiam para manipular ideologicamente uma sociedade, reivindicando assim uma espécie de cultura “ideal” ou pretendida a partir da tradução (TYMOCZKO; GENTZLER, 2002).

Ainda no que se refere a normas, são aquelas vigentes em cada cultura que determinam o processo de tradução do texto e podem ainda, segundo Romanelli (2013), estabelecer alguns padrões comportamentais desde que haja certa regularidade em algumas situações. Para Toury (1995), o conceito de norma mantém estreitas relações com o indivíduo/tradutor. Suas experiências de vida passam a ser decisivas e influenciam diretamente em seu trabalho. As regularidades verificadas no âmbito de determinada situação sócio-cultural não surgem aleatoriamente e servem como critérios para avaliar marcas comportamentais no texto. Por isso, o tradutor precisa definir para si uma postura a ser adotada ante aos procedimentos de tradução, fazer escolhas e tomar as decisões necessárias. Por desempenhar um papel social, o tradutor precisa exercer sua função tendo em vista as regras estabelecidas pela comunidade que receberá o novo texto. Assim, o interesse da cultura de chegada determina o trabalho daquele que pretende traduzir. As análises da tradução do monarca, por exemplo, sugerem uma postura tradutória que privilegiou grandemente o texto de partida. Ao retomar os manuscritos de D. Pedro II sob o olhar genético, torna-se possível perceber os movimentos de tomadas de decisões que cada rasura encerra, além dos principais critérios estabelecidos pelo

monarca durante o seu trabalho, conforme reportado no penúltimo capítulo deste trabalho.

Se traduzir passa a ser uma atividade mediada por normas históricas e culturais, a seleção dos textos, as escolhas interpretativas, a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções passam a ser, então, fortemente influenciadas pelo contexto sociocultural em que foram escritos. O tradutor, no processo de escrita, “manipula” o texto fonte, moldando-o aos valores e interesses da sociedade em que está inserido, mesmo que esses valores, por vezes, não lhe sejam percebidos conscientemente. Nas traduções de D. Pedro II, notadamente aquelas realizadas a partir de línguas orientais, como é o caso do *Hitopadeça*, a chamada “manipulação” do texto servirá para trazer subjacentemente um plano político de construção de uma imagem contra-hegemônica para o império do Brasil, assunto este que será explorado mais adiante. Lefevere (1992) destaca a função dos agentes de continuidade cultural, do contexto alvo para a mudança de textos e elaboração de imagens de autores e culturas estrangeiras, além de entender a tradução como peça fundamental na criação de cânones literários. Em outras palavras, o autor explicita não só o alcance das estruturas de poder no processo de tradução, mas também a correspondente interdependência e influência entre os produtos e suas culturas receptoras. Por fim, vale dizer que os EDT não se preocupam somente com a posição que a tradução ocupa na cultura de chegada. Na concepção de Toury (1985), não há como suprimir o texto e a cultura de partida, tampouco o processo de produção da tradução. No entanto, assinala que a hierarquia apropriada considera o sistema-alvo em primeiro lugar, já que é em função desse sistema que a tradução passa a existir. Para Gentzler (2001), uma das contribuições de Toury está na integração entre texto original e texto traduzido, ambos pertencentes a cadeia semiótica de um sistema mais amplo, o cultural.

As influências das teorias de Even-Zohar e Toury fomentaram diversas pesquisas desde então. Os centros mais importantes dos estudos descritivos e sistêmicos desenvolveram-se, sobretudo, na Bélgica, Israel e Holanda, como já afirmado anteriormente. O diálogo entre os modelos teóricos de análise da literatura traduzida e estudos de caso, em uma visão sistêmico-funcional, foi delineado por José Lambert e Hendrik van Gorp em *On Describing Translations* (1985). Na referida obra, os autores propõem um esquema bastante sintético e objetivo para comparar os sistemas literários do texto fonte e alvo a partir da descrição e do levantamento das relações existentes entre eles. Partindo de uma perspectiva funcional e sistêmica, o esquema hipotético de Lambert e

van Gorp visa superar as carências provenientes de análises prescritivas. As contribuições dos pesquisadores servem para evitar as possíveis generalizações e a abstração comumente associadas às teorias desenvolvidas por Even-Zohar e Toury.

O fundamento da referida metodologia consiste em revelar as várias normas que atuam no processo tradutório inserido no polissistema de uma determinada cultura, desde a seleção de determinado texto para ser traduzido até os aspectos formais utilizados pelo tradutor. O esquema aborda questões de ordem histórica, o processo tradutório em si, a recepção da tradução e até mesmo aspectos de ordem sociológica, tal como a distribuição e a crítica de tradução. O objetivo de Lambert e van Gorp parece ser o de conduzir o pesquisador de modo que este não se baseie somente em intuições, mas possa evitar julgamentos e convicções capazes de situar aspectos e relações a serem observados no âmbito de um esquema geral de equivalências. De acordo com Lambert e van Gorp (1985), cada sistema possui suas prioridades específicas e cabe ao pesquisador pontuá-las antes de se lançar às suas análises.

O esquema de análise proposto pelos pesquisadores divide-se em quatro níveis e será utilizado nessa pesquisa na comparação entre as traduções de D. Pedro II e Sebastião Rodolpho Dalgado. O primeiro deles destina-se ao recolhimento de **informações preliminares** – ou paratextuais – sobre a tradução: diagramação da capa, informações na contracapa, título, indicação ou não de gênero literário, nome do autor e do tradutor, meta-textos (prefácio, posfácio, ensaios, críticas, notas) e a presença (ou não) de estratégias gerais empregadas durante a tradução. O segundo está centrado na **macroestrutura** e busca analisar, na tradução, a divisão do texto (capítulos, seções, atos, cenas), relações entre os tipos de narração, títulos de capítulos, estruturas narrativas (prólogo, clímax, epílogo, didascálias), estruturas poéticas e comentários do autor. Romanelli (2009), citando Lambert (1985), afirma que todos os excertos escolhidos deverão ser analisados do ponto de vista de regras textuais específicas. Deve-se observar, por exemplo, se o tradutor traduziu palavras, metáforas, sequências narrativas, parágrafos, etc. Os dados colhidos nesta etapa de análise podem auxiliar a levantar hipóteses para aferir se uma tradução é mais “aceitável” ou se pode ser considerada “adequada”, utilizando aqui os conceitos de Toury. Para o autor (1980), as traduções “aceitáveis” estão mais de acordo com as normas linguísticas e a cultura de chegada. Já as traduções ditas “adequadas” aproximam-se mais do texto e da cultura de partida. Os polos adequação/aceitabilidade formam um continuum desde que a

tradução esteja, ou totalmente aceitável, ou totalmente adequada (MUNDAY, 2001).

Posteriormente, as análises recaem sobre a **microestrutura**. Nesta etapa, são observados os deslocamentos nos níveis fônico, gráfico, microssintático, estilístico, locutório e as relações léxico-semânticas. Desta forma, são analisados o processo de seleção vocabular, as estruturas gramaticais dominantes e as estruturas literárias formais, modalizações, o registro de língua, etc. O levantamento de dados na fase microestrutural conduzirá a uma nova comparação com as estratégias macroestruturais e a uma hipótese da concepção geral de tradução que perpassa o texto. Por fim, verificam-se as divergências entre micro e macroestrutura e entre texto e teoria (normas e padrões), relações intertextuais (com outras traduções ou ainda com outros escritos criativos); relações intersistêmicas (estruturas de gênero, códigos estilísticos, etc.). Com base nas observações e nas relações entre os textos analisados, o pesquisador deve confrontar os dados da macro e microestrutura com vistas a verificar se as hipóteses levantadas na esfera macroestrutural confirmam-se na etapa microestrutural, o que certamente também levará a formulações de hipóteses que serão confirmadas no nível macro. Lambert e van Gorp (1985) acreditam que é impossível resumir todas as relações envolvidas no complexo ato tradutório, mas sugerem que o modelo de análise sistêmico pode evitar pré-julgamentos e comentários superficiais ou meramente intuitivos.

Importante ressaltar que os EDT, apesar de ocuparem-se das normas que governam o ato tradutório – delineadas a partir de recursos textuais da própria tradução ou de elementos extratextuais (ensaios, depoimentos, prólogo, prefácio) –, ainda têm como seu objeto de estudo a obra acabada. Para suprir essa carência dos estudos tradutórios, Romanelli (2013) aposta na utilização dos estudos genéticos como fundamentação metodológica, já que a prática tradutória não é definida apenas pelas trocas entre língua-fonte e alvo, mas principalmente por uma complexa rede de relações dinâmicas entre sistemas e forças de naturezas diversas que controlam, de certa forma, o processo criativo e refletem diretamente no produto final e podem ser observadas a partir dos documentos de processo e não da obra editada. A tradução envolve, indubitavelmente, a escolha de uma opção entre uma série de alternativas que se apresentam, além do conhecimento por parte do tradutor que cada escolha poderá afetar as decisões subsequentes (HERMANS, 1999). Assim, as pesquisas genéticas permitem que o pesquisador participe do “laboratório” do tradutor e compreenda, de

certa forma, o passo-a-passo do surgimento da obra, sua construção, as hesitações e as escolhas que convergem para o produto dito final.

1.3 O APORTE DA CRÍTICA GENÉTICA NO PROCESSO TRADUTÓRIO

O surgimento dos estudos genéticos se dá na França, em 1968, a partir de um grupo de pesquisadores germanistas responsáveis por organizar, explorar e editar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, adquiridos pela Biblioteca Nacional francesa. O grupo criado no *Centre Nationale de la Recherche Scientifique* (CNRS) e liderado por Louis Hay se depara com problemas metodológicos ao lidar com aqueles manuscritos, necessitando de uma sistematização do seu método de trabalho, buscando torná-lo o mais científico possível. Para Pino e Zular (2007), esses pesquisadores germanistas logo percebem que tinham em mãos um material privilegiado para um momento de crise literária. A originalidade da pesquisa, então, se tornaria indiscutível, já que a CG permitiu “dar uso a um material de arquivo que tinha sido menosprezado como objeto de conhecimento durante o estruturalismo” (2007, p. 12). Biasi (2010, pp. 9-10) acredita que a ideia de “redescobrir os manuscritos foi percebida por alguns jovens estruturalistas como a promessa de um contato real com a substância literária: observar a estrutura plena e viva de uma escritura em estado nascente” e “a formação progressiva da obra”. Nas palavras de Claudia Amigo Pino (2004, pp. 72-3), a “crítica genética não se centrará no estudo dos manuscritos como textos, mas como portadores de uma dinâmica, de uma produtividade: o processo de criação”.

Nasce então a CG como abordagem que se ocupa do estudo dos manuscritos modernos, tentando recuperar e delinear o processo de criação da escritura literária. Para Marie-Hélène Paret Passos (2011, p. 23), “o manuscrito representa o “devir-texto”, isto é, a gênese do texto publicado”. Assim, a CG procura elucidar “os signos dessa elaboração, dessa gênese, para tentar entender o mecanismo de criação no intuito de estabelecer processos e sistemas escriturais, caracterizando um autor” (PASSOS, 2011, p. 23). Almuth Grésillon (1991) cita três momentos decisivos para a instauração da nova orientação metodológica: o primeiro, denominado de germânico-ascético, inicia-se em 1968 e vai até 1975, culminando no momento associativo-expansivo, quando começa a se estabelecer o diálogo entre esse grupo de pesquisadores e outros grupos que se interessavam pelo estudo de manuscritos. A

criação do *Institut des Textes et Manuscrits Modernes* (ITEM), dedicado exclusivamente ao estudo dos manuscritos literários, consolida a transição de um projeto específico para uma problemática geral: os grupos de pesquisa compartilhavam os mesmos impasses, necessitando a elaboração de um plano comum. Por fim, há o momento justificativo-reflexivo, iniciado em 1985 e ainda vigente, em que os pesquisadores se lançam à exploração dos manuscritos, além da reflexão dos princípios fundamentais da disciplina.

No Brasil, a CG foi introduzida pelo professor Philippe Willemart, considerado por Pino e Zular (2007) o primeiro pesquisador brasileiro a travar contato com essa metodologia. Willemart foi organizador do *I Colóquio de Crítica Textual: O Manuscrito Moderno e as Edições*, ocorrido nas dependências da Universidade de São Paulo em 1985, época em que os EDT afloram pelo mundo. Esse colóquio abre novas perspectivas de trabalho para os inúmeros pesquisadores que já haviam se defrontado com manuscritos, porém sem rumo metodológico para seguir. No mesmo encontro, foi fundada a *Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário*, responsável pela criação da Revista *Manuscrita*, periódico editado desde 1990. Neste período, a CG passa por um momento de expansão de fronteiras, abrindo espaço para uma ação transdisciplinar com uma única finalidade: desvendar os percursos de criação da obra de arte em geral, revelar os bastidores que culminam no produto final entregue ao público. Para Willemart (2007, p. 10), a CG engloba todos os campos do saber nos quais a criação está em jogo:

o texto, o quadro, a melodia etc. conhecidos pelo público podem realçar processos de criação, mas o estudo do que vem antes, o prototexto, os esboços, os croquis, as versões sucessivas delineiam o caminho seguido.

Para Hay (1985), um estudo sistemático da produção literária relaciona-se com três condições essenciais: a primeira, de ordem prática, se estabelece a partir do contato com os manuscritos; objetiva captar a imensa riqueza que eles podem apresentar. No entanto, alerta o autor, que os manuscritos literários modernos só começaram a ser guardados/conservados a partir do primeiro terço do século XIX. A segunda é que os manuscritos tenham condições de serem estudados, ou seja, precisam estar em bom estado de conservação para que se possam identificar os percursos de escritura. A terceira condição para os estudos

da gênese se refere ao seu contexto teórico. Até a década de 1960, a obra literária foi tratada como objeto científico, cuja estrutura e funções estão acessíveis apenas a uma investigação racional, levando-se em conta apenas o objeto acabado. É a partir de teóricos como Roland Barthes, que se passa a entender a análise das estruturas na esfera de um devir do texto, simultaneamente individual e social. Abre-se, portanto, um caminho para uma aproximação entre a crítica literária e a teoria crítica.

Almuth Grésillon (2007) defende a ideia de que um campo de pesquisa ou um conceito, em fase de constituição, está frequentemente marcado por metáforas. No caso da CG, a autora aponta pelo menos duas: a metáfora *organicista* e a *construtivista*. A primeira está intimamente ligada à ideia de gênese: “à imagem de Deus e da criação do mundo, o escritor, por sua vez, coloca em cena uma *gênese*: o *nascimento* do texto” (2007, p. 21, grifos da autora). A segunda metáfora opõe-se à primeira “como o artificial opõe-se ao natural, o cálculo à pulsão, o constrangimento ao desejo” (2007, p. 22). Historicamente, tal metáfora nasceu da reação contra a imagem do poeta inspirado ou contra a poesia como uma dádiva dos deuses. De fato, o interesse pelo modo como as obras de arte são produzidas não é algo recente. Muitos escritores já no século XIX registraram em seus ensaios as fases da produção, a infinita cadeia de agregação de ideias e a reconstituição dos paradigmas visitados durante o processo criador. O exemplo mais clássico dessa segunda metáfora encontra-se no mais ilustre e desafortunado autor norte-americano, o poeta Edgar Allan Poe (1809 – 1849). Poe revelou toda a sua veia de arquiteto da palavra ao imprimir características singulares de seu *modus operandi*, notadamente aquele utilizado para a criação do poema *The Raven* (1845). Foi no ensaio intitulado *The Philosophy of Composition* (1846) que Poe desmitificou o processo de escrita a partir de “intuições” ou de “mero golpe de sorte” do escritor, atribuindo ao poema, de modo expresso e explícito, imenso rigor matemático que perpassa a obra em sua totalidade, evidenciado especialmente na simetria das estrofes e na musicalidade registrada nas repetitivas aliterações (MAFRA, 2010). Aproveitando a popularidade de sua obra, Poe valeu-se do fascínio que o ato criador exerce sobre os receptores para explorar e tornar público o seu momento de criação, abrir as portas dos bastidores, da oficina e explicitar o mecanismo interno de sua produção. Seu texto ainda hoje suscita discussões entre os estudiosos de poesia em geral.

Para Cecília Salles (2000), a CG aparece com o desejo de compreender melhor o processo de criação artística a partir dos registros

deixados pelo artista nos meandros de sua produção. As pesquisas dedicam-se ao acompanhamento teórico-crítico do processo da gênese das obras de arte, porém essa metodologia não é capaz de revelar todo o processo de criação, apenas uma parcela. No entanto, uma análise minuciosa da materialidade desse processo nos permite conhecê-lo melhor. Não se pretende encontrar fórmulas explicativas para este fenômeno de grande complexidade, mas procura-se uma aproximação, por diferentes ângulos, deste processo responsável pela geração de uma obra de arte. Valendo-me das palavras de Romanelli (2013, p. 57, grifos do autor), é importante reconhecer que o estudo dos manuscritos “pode revelar [...] esse percurso evolutivo da mente criadora do artista a partir, quem sabe, do primeiro sintoma do despertar artístico, da primeira imagem geradora, até o produto assim chamado *final*”.

Desse modo, é possível deduzir que a CG parte do princípio de que o texto definitivo de uma obra literária é resultante de uma cadeia de elaboração progressiva, de transformações ocorridas durante um período produtivo, em que o autor se lança em pesquisas de documentos, na redação do texto e em inúmeras correções e campanhas de revisão (BIASI, 2010). Os estudos genéticos, portanto, atêm-se a essa dimensão temporal do texto em formação, acreditando que a obra final, mesmo assegurada por uma eventual perfeição, não é capaz de demonstrar todos os elementos de sua gênese. Para a CG, a própria noção de obra inclui todas as etapas de criação e não somente a presumida versão final e editada. No entanto, para se transformar em um objeto de estudo, a gênese da obra precisa oferecer marcas de sua produção. Nada acrescentaria aos estudos de gênese, conforme apontam Pino e Zular (2007), cópias limpas de poemas feitas por vários autores no final do século XIX, por exemplo. Se as versões manuscritas não apresentarem algum registro de trabalho de criação, como uma rasura, um traço ou até mesmo um desenho, e se não forem diferentes da versão entregue ao público, não podem servir como documento de processo de criação. Em busca desses vestígios, o geneticista se propõe a traçar um mapa dos caminhos percorridos pelo autor no decorrer de seu trabalho de criação, buscando clarificar que tipo de critérios definiram as opções com as quais o escritor se deparou ao longo de sua criação, desde a simples eliminação de uma vírgula até a substituição de palavras ou expressões.

Grésillon (2007) discorre sobre alguns dos objetivos da CG. Para a autora, o desígnio dessa disciplina seria elucidar a gênese de um texto ou mesmo atualizar os rascunhos de um fragmento inacabado. A tarefa do pesquisador consiste em deixar ver, tornar acessível, disponível e,

principalmente, legível os documentos autógrafos que não passavam, inicialmente, de meras peças de arquivo histórico, mas que “ao mesmo tempo contribuíram para a elaboração de um texto e servem de testemunhas materiais de uma dinâmica criadora” (2007, p. 29). Em outras palavras, é o pesquisador quem reúne, classifica, organiza, decifra, transcreve e edita os manuscritos. Do trabalho fixo e isolado, frequentemente distante da mão que escreve, ainda de acordo com Grésillon (2007), o geneticista remonta às operações sistemáticas da escritura, identificadas pelos fenômenos percebidos e, a partir dessas redes de operações, ele forma hipóteses sobre as atividades mentais subjacentes. O suposto “processo” de que se ocupa a análise genética seria, sobretudo, um processo de leitura, não do autor em questão, mas do próprio geneticista. “É na leitura desses documentos que um processo será construído”, conforme Pino e Zular (2007, p. 27). Importante ressaltar, porém, a pertinente observação de Passos (2011) sobre a abordagem genética. De acordo com a autora, “por mais completo que seja um dossiê, por mais rasurado que seja um manuscrito, o essencial escapa-nos. Nunca penetraremos no pensamento do escritor, ele estará *ad vitam eternam* na terceira margem” (2011, p. 25, grifos da autora).

Na perspectiva do trabalho genético, o manuscrito parte dos arquivos dos museus, deixando de ser apenas objeto de colecionador para se tornar um material de pesquisa científica (BIASI, 1997). No caso dos manuscritos-autógrafos de tradução de D. Pedro II, a CG foi capaz de desvelar também essas peças-chave que revelam a faceta de intelectual do monarca a que a historiografia brasileira apenas alude, muitas vezes de forma depreciativa. Além disso, esses documentos são testemunhos do movimento empreendido por D. Pedro II para consolidar a literatura e a identidade nacional também com a prática da tradução e que provavelmente permaneceriam esquecidos por muitos anos nos arquivos históricos não fosse o tratamento da abordagem genética.

Enquanto o geneticista busca compreender a criação em processo, os artistas mostram interesse em conhecer e compreender os estudos desenvolvidos nessas pesquisas, preservando seus rascunhos, visando contribuir para estudos futuros em CG. Da mesma forma, assinala Passos (2011, p. 35), “não se pode ignorar o recente entusiasmo do público para os escritos de gênese, cujas frenéticas e ávidas publicações editoriais dificilmente distanciam-se de um fenômeno de moda ou de especulação”. Se de fato existe um inegável prazer do texto acabado decorrente da leitura linear, pondera a autora, de que forma o público

leria um prototexto, um rascunho ou até mesmo uma edição genética? Ter acesso a esses bastidores de criação derrubaria, para o não criador, a barreira misteriosa que o separa do território exclusivo das “musas”. Conclui a pesquisadora mais adiante: “assim, é provável que o prazer do prototexto não se situe no campo da leitura, do ato de ler. Parece-me que ele se constitui no ato de possuir, ver, olhar, admirar, observar, contemplar e desvendar” (PASSOS, 2011, p. 35).

Para Biasi (1997), ao lado do texto, e antes dele, pode haver um conjunto mais ou menos desenvolvido de “documentos de redação”, produzidos, reunidos e preservados pelo autor. Tais documentos, por convenção, passaram a se denominar manuscritos da obra, podendo variar em quantidade e em tipo, de acordo com a época, o autor e a obra. Entretanto, a CG, com seu caráter transdisciplinar, contempla outras manifestações artísticas além da literatura: cinema, arquitetura, teatro, música, entre outras. Por isso, Salles (2000) acredita que o termo *documentos de processo*⁷ seja capaz de abarcar, em sua totalidade, a diversidade das linguagens estéticas. Independentemente da nomenclatura, os registros são de suma importância para a compreensão da gênese da obra, desde papéis escritos a próprio punho, à máquina de escrever ou encontrados em provas impressas, com alterações por parte do próprio autor.

Passos (2011, p. 15) considera a criação do discurso representada pelo “fazer”, pelo “escrever” da tradução em processo, não como uma mera técnica linguística de transferência de uma língua para outra, mas sim “uma escritura, ou uma (re)escritura, oriunda do espaço recôndito do pensamento em criação”. Aliada aos EDT, que consideram a tradução como um texto autônomo pertencente a um contexto sócio-histórico-cultural específico, ou a um determinado “polissistema”, a CG pode se lançar na desafiadora tarefa de mapear o processo mental do tradutor com base nos seus rascunhos e manuscritos. A abordagem metodológica que utilizo na presente pesquisa pode mostrar, então, o pensamento em evolução do tradutor Pedro II durante sua atividade tradutória, trabalho esse consciente e que deixa os rastros que a CG busca elucidar.

De acordo com Hay (1985), há quatro suportes materiais distintos com os quais o pesquisador pode se deparar: (1) marcas de impulsos

⁷ Para Salles (2000), todos os documentos (esboços, ensaios, partituras, manuscritos literários, etc.), independentemente de sua materialidade, contêm sempre a ideia de registro. Os documentos de processo, desse modo, são todos os registros materiais do processo criador.

iniciais, de memória bastante distante, ou ainda, de memória de sua própria gênese (presente em anotações, diários, cartas); (2) operações preliminares que podem se concretizar em várias formas (roteiros, planejamento, mapas); (3) instrumentos de trabalho redacional (esboços, primeiros escritos, rascunhos); (4) instrumentos de publicação sob a forma de originais (manuscritos, datilografia, provas de impressão). Todos esses suportes têm um mesmo valor para explicação do processo, uma vez que são criados com o mesmo intuito pelo autor.

O objeto de estudo da CG é, portanto, um objeto móvel, um produto em criação que evidencia o caminho trilhado pelo artista para chegar ao produto final, contrário às pesquisas que focalizam apenas a obra acabada. Para revelar esse caminho, o geneticista buscou um suporte metodológico para o estudo dos manuscritos, de modo a constituir um melhor entendimento desse percurso. Os segredos guardados em rasuras, margens repletas de escrituras, imagens, rabiscos, anotações aparentemente caóticas podem remontar ao ato criativo do autor, revelar o homem dividido em autor-*scriptor*⁸ e autor-leitor que a cada nova leitura refaz o seu texto, como bem pontua Willemart (1993). E essa releitura desenvolve o senso crítico do autor, proporcionando um afastamento de seu produto e possibilitando um olhar de fora da sua própria obra. Além disso, os registros não necessariamente são feitos no código linguístico em que a obra será veiculada, o que pode configurar uma tradução intersemiótica.

1.3.1 Detalhando a abordagem genética na análise do *Hitopadeça*

Diante de todo o aparato documental que o geneticista dispõe, o primeiro passo é delimitar o seu prototexto, tendo em vista, também, a base teórica escolhida. O prototexto, conceito de Jean Bellemin-Noël (1993),⁹ não remete a nada de preexistente, ou seja, passa a ter validade somente a partir do tratamento crítico dispensado pelo pesquisador. Este

⁸ De acordo com Pino e Zular (2007, p. 20), “os geneticistas usam normalmente a palavra *scriptor* para designar o “autor” dos manuscritos que, de fato, ainda não pode ser considerado autor, já que ainda não assinou uma obra”.

⁹ Bellemin-Noël (1993) denominou prototexto como um conjunto de documentos que não possuíam uma classificação específica. Para Biasi (2010), para compreender os documentos e mostrar o encadeamento das operações que fizeram com que a redação evoluísse até a sua forma considerada final, é preciso ter inventariado, classificado, datado e decifrado todas as peças do dossiê genético. A noção de prototexto designa, então, o resultado desse trabalho de elucidação, a transformação de um conjunto empírico de documentos em um dossiê de peças ordenadas e significativas.

deve levar em conta todos os recortes do momento de criação: desde a primeira ideia, anotações, rascunhos até culminar no livro pronto, quando for o caso. Trata-se, portanto, de “uma entidade que não existe fora do gesto científico que o constitui” (BIASI, 2010, p. 42) e que pode ser composto tanto por peças autógrafas quanto por não autógrafas. Neste momento, é importante uma metodologia de trabalho comum a outras pesquisas que envolvam manuscritos. Nesta fase de organização documental, o pesquisador já está envolto com os propósitos de seu estudo, podendo fazer os recortes necessários para privilegiar o que se pretende investigar. Salles (2000) sugere as seguintes operações iniciais para a pesquisa em CG. Para a autora, o primeiro passo destina-se à organização do dossiê integral dos documentos disponíveis da obra pesquisada, reunindo e autenticando todo o material. Em seguida, o geneticista deve organizar o dossiê dos documentos com vistas a uma finalidade. Após esta etapa, cabe ao pesquisador especificar, datar e classificar cada fólio. Por fim, deve-se decifrar e transcrever o dossiê estudado.

Ao estabelecer um prototexto, o especialista em CG opta por um ponto de vista crítico determinado. De acordo com Hay (1985), a constituição em prototexto de um grafismo simultaneamente fixo e profuso implica em uma nova leitura. Essa leitura deve abarcar o conjunto de significações semânticas e semióticas contidas numa página de escritura objetivando revelar o seu sistema. Com isso, toda a transcrição é moldada particularmente com vistas à realidade do seu objeto de estudo: o geneticista recorrerá a um código de transcrição que permita reproduzir os mais diversos tipos de ocorrência, da supressão à substituição e acréscimos de palavras.

Nesta pesquisa, o dossiê genético está composto por:

- a) três¹⁰ cadernos da tradução do *Hitopadeça*, totalizando 88 páginas de manuscritos digitalizados (45 fólios), cujos originais se encontram arquivados no MIMP;
- b) cópia digital do diário pessoal de D. Pedro II, material organizado e editado por Begonha Bediaga (1999) e

¹⁰ À época de qualificação deste projeto de pesquisa (fev. 2013), tive acesso a apenas um dos cadernos de manuscritos disponível em cópia digital. A recente aquisição (out. 2013) permitiu incluir a primeira parte da tradução (dois cadernos, 49 páginas) no dossiê genético desta tese. Agradeço à professora Noêmia Guimarães Soares por ter feito as cópias do material citado.

gentilmente cedido pela equipe do MIMP para esta pesquisa.

O uso do suporte metodológico da CG para com os manuscritos de D. Pedro, em particular a sua transcrição, possibilitou também a análise descritiva com a versão portuguesa de Sebastião Rodolpho Dalgado (1897). Já o cotejo das versões, considerando os EDT, descortinou a importância dessas traduções dentro de cada polissistema receptor. Ademais, tal paradigma teórico em diálogo com a análise e interpretação da materialidade presente nos manuscritos autógrafos do imperador, atribuiu à análise genética o suporte científico de uma teoria que se ocupa da prática tradutória, ainda que as teorias descritivas normalmente se ocupem em analisar obras editadas e não manuscritos inacabados.

Finda a fase de seleção de material, o geneticista necessita situar os manuscritos do dossiê da obra no eixo evolucionário com vistas a interpretar o conjunto do processo. Essa seleção e ordenação de documentos pertinentes ao estudo de gênese da obra – o prototexto – circunscrevem uma das três operações básicas de pesquisa genética descritas por Biasi (2010): estabelecimento do dossiê, classificação dos rascunhos e deciframento.

Os manuscritos de tradução de D. Pedro II, armazenados no Arquivo Histórico do MIMP, estão catalogados e numerados em maços e, por comporem cadernos, seguem uma paginação em ordem crescente e sequencial. De acordo com a classificação do MIMP, os manuscritos do primeiro livro do *Hitopadeça* pertencem ao Maço 29, Documento 1040, Catálogo B. Recebem ainda o código D01 e D02, que corresponde ao número dos cadernos. O caderno D01 contém 31 páginas de tradução feitas a próprio punho pelo imperador; enquanto o caderno D02 totaliza 18 páginas de manuscritos do *Hitopadeça*. Ambos os cadernos estão arquivados no MIMP junto aos estudos de hebraico do monarca. Já os manuscritos do segundo livro do *Hitopadeça* estão catalogados como Maço 041, Documento 1064, Catálogo B e a indicação D02 referente ao número do caderno. A partir daí, as páginas são numeradas de 01 a 39 (P 01, P 02, etc.). Este caderno está guardado junto aos estudos de árabe de D. Pedro II.

Biasi (2010) discorre sobre a importância da catalogação de materiais por parte dos arquivos onde se encontram, ponderando, porém, que nem sempre a numeração corresponde à paginação atribuída pelo autor. Para ele, essa classificação, “puramente convencional, mas

indispensável à identificação científica das peças, pode não ter nenhuma relação com a paginação autógrafa do autor”. Isso porque, segundo Biasi (2010, p. 69), “o que foi a frente da folha para o escritor pode muito bem ter sido paginada pela biblioteca como verso”. De fato, o registro dos cadernos da primeira parte da tradução de D. Pedro não obedecem a ordem cronológica de escritura, já que o material indicado como D01, que logicamente deveria ser o primeiro, contém a sequência da tradução que foi iniciada em D02. Além disso, as páginas 1 e 2 do segundo caderno, atribuídas durante a catalogação do MIMP são, na verdade, frente e verso da última folha do caderno. Como o material já está desgastado e não possui mais capa, a última folha foi deslocada para a frente do bloco, daí a sua numeração como páginas 1 e 2. Nesta folha, o monarca abandonou por um momento a primeira seção da obra para se dedicar ao último capítulo do livro. No segundo caderno, ele retoma a primeira parte do *Hitopadeça*. As traduções constantes no maço 29 foram produzidas ainda no Brasil.

D. Pedro II não atribuiu aos seus manuscritos uma paginação própria, talvez pelo fato de os documentos não terem sido escritos em folhas soltas, mas sim em cadernos seguindo a linearidade de suas páginas. Para fins dessa pesquisa, optei por manter a catalogação proposta pelo Arquivo Histórico do MIMP, em que cada folha aqui corresponde ao que em pesquisa genética se denomina fólio.¹¹ A numeração de maço e documento também foi mantida, no entanto, acrescentei apenas o número do fólio, que vai de F01 a F45, obedecendo à cronologia da tradução. Dessa forma, a quarta seção do livro, que pela sequência das histórias seria a última a aparecer, aqui interromperá a primeira parte da tradução e indicará o final do caderno D02 e a passagem para o D01. O primeiro manuscrito receberá a indicação completa: Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D02 P03] F01, em que os números entre colchetes correspondem, respectivamente, ao número do caderno e da página, seguidos do número de cada fólio. Os demais receberão apenas a numeração final até iniciar o próximo caderno com sua catalogação completa: [D02 P04] F01v, [D02 P05] F02, [D02 P06] F02v, etc. A letra v indica o verso do fólio.

Após a (re) classificação dos documentos, passei à fase de deciframento e transcrição do material selecionado, já que a

¹¹ Para Biasi (2010), a folha designa o objeto material (uma folha de papel), enquanto o fólio corresponde ao conjunto arquivístico, constituído de duas páginas que apresentam (ou não!) marcas de escritura ou grafismos.

classificação genética não pode ser feita com sucesso sem uma análise integral dos documentos. O deciframento é a etapa do trabalho genético que permite comparar, detalhadamente, os diferentes estados de escritura de um mesmo trecho da obra. São, portanto, classificação e deciframento duas operações indissociáveis que devem ser realizadas na integralidade do material manuscrito e constituem, para Biasi (2010), a essência da investigação da genética textual. Neste momento, ainda citando o pesquisador francês, há uma sensação de aventura intelectual devido aos achados às vezes comoventes durante a investigação do material. Porém, a dificuldade do trabalho genético já desencorajou muitos estudiosos por ser considerada uma tarefa exaustiva, uma espécie de “caça ao tesouro” que pode se interromper ainda nos primeiros passos da pesquisa devido à burocracia de algumas instituições que conservam o material.

Para que ocorra o deciframento dos manuscritos, é necessário que haja a transcrição dos fólios preservando ao máximo as características autógrafas dos rascunhos, sobretudo no que se refere às rasuras e acréscimos presentes no documento. Essas intervenções, normalmente inseridas nas entrelinhas e nas margens das páginas, devem ser incorporadas fielmente nas transcrições o tanto quanto for possível pelo pesquisador. Desta forma, escolhi operar a transcrição diplomática¹² dos manuscritos do *Hitopadeça*, já que esta modalidade de transcrição, por ser pouco codificada, tenta se aproximar ao máximo das particularidades do documento, se preocupa com a paginação autógrafa dos fólios, além de ser de fácil leitura. Biasi (2010) acredita que para transcreever manuscritos de redação, é imprescindível salientar as marcas próprias do documento autógrafo, restituindo uma imagem tão fiel quanto possível das rasuras e acréscimos e suas posições no suporte material (entrelinhas e marginália). Considerando as palavras do autor, decidi utilizar a transcrição diplomática por ser esta modalidade a que mais se preocupa em se manter mais próxima do documento autógrafo, uma espécie de “fotografia” dos manuscritos, restituindo as marcas de reescritura e respeitando a paginação e topografia autógrafa do autor. Para tanto,

¹² Além da transcrição diplomática, há a transcrição linearizada codificada, a semidiplomática codificada e a diacrônica linearizada. A **linearizada codificada** apresenta código simplificado, é fácil de ler e econômica em espaço, porém não respeita a paginação autógrafa. A transcrição **semidiplomática codificada** prioriza restituir a paginação autógrafa, no entanto, apresenta uma codicologia complexa, dificultando assim a leitura. Por fim, a transcrição **diacrônica linearizada** não apresenta códigos, não reproduz a paginação, tampouco os fenômenos genéticos presentes nos fólios. Apresenta “recortes” das etapas sucessivas da escritura e se ocupa das análises microgenéticas (BIASI, 2010).

dispensa a codicologia utilizada em outras modalidades de transcrição, como por exemplo, as barras transversais (/) utilizadas para marcar as substituições imediatas, os sinais de maior/menor (< >) para isolar os acréscimos entrelinhas ou as aspas (“ ”), que delimitavam os segmentos presentes nas marginaíias. A transcrição diplomática do material possibilitou também a produção da edição genética da tradução do *Hitopadeça*, material este disponível no capítulo cinco. Para concluir esta etapa do trabalho, os pesquisadores do NUPROC desenvolveram o seguinte quadro para padronizar as transcrições dos rascunhos estudados:

#	Versão
exemplo	Palavra riscada (legível)
exemplo	Palavra riscada
exemplo	Palavra rasurada (ilegível)
Negrito	Palavra ou parte de palavra borrada

Quadro 1: Codicologia de transcrição desenvolvida pelo NUPROC.

A seguir, exemplo de transcrição utilizada nesta pesquisa:

O leão ao ~~schakal~~ schakal ~~na~~ vizinhança chegou mesmo tendo lar-
gado mata o elephante (dvipa = bis - bibens; será porque be-
be servindo-se da tromba e da boca?)

Toda em dificuldade entrada mesmo dezeja gente de natureza
conveniente fructo (resultado)

E outro: vê de dous servidõres a differença

De cauda (lāngūla; langul - in = cauda - tus; o ma-
No chão caco) agitação em baixo ^{aos} pés assentar
(cahindo) e da boca do interior a mostra
cão de pão pelo doador faz, o elephante (gadja; de
gadj = ~~vira~~ berrar)

~~S~~ touro (pun) gava = cow
kuh; macho-de-
vaccas) porem
centos come

E outro

Severamente olha e de lisonjas por
Que (a qual) vive-se momento mesmo estendida pelos homens de scien-
cia de valõr de gloria não que não quebrada (a. privat e bhadj; por
phradj = brechen; break; frango)

Esta de nome vida aqui (neste mundo) chamão os sabios:
Gralha mesmo vive por longo (~~tchira~~ tchira) e a offerenda come

E outro

De não bom de bom de meditação de indifferente intelligencia
Da lei (ouvir) de preceitos muitos de privado do ventre o sus-
tento só **dezejo** do tendo -o hommem -gado e gado qual differença
Karadaka diz nós ambos agora não primeiros ministros! as-
sim tambem de nós ambos porque esta meditação? Damanaka
respondeu: em que tempo um ministro primero ministerio ~~o~~ não
primeiro ministerio ganha; porque

Não um de si mesmo pela propria natura

Torna alto ~~o~~ estimado o miseravel:

No mundo ^a autoridade ou do desprezo

Fig. 3: Transcrição diplomática realizada por mim do fólio apresentado acima.

1.4 MO(VI)MENTOS DE ESCRITURA: EDIÇÃO GENÉTICA DE UMA TRADUÇÃO INÉDITA NO BRASIL

Segundo Biasi (2010, p. 91), a edição de manuscritos, “na sua forma mais especificamente genética”, consiste em publicar as camadas de escritura que correspondem à fase redacional do prototexto, observando para isso sua ordem cronológica. São priorizados neste trabalho os roteiros, esboços, planos, passagens a limpo, croquis, rascunhos, enfim, todos os indícios de um processo de produção. O objetivo da edição genética não está centrado na publicação de uma obra textual, mas consiste na edição do que se encontra aquém dela, justamente o labor do escritor, “um certo estado inacabado ou ainda virtual” da escritura (BIASI, 2010, p. 91) que é descartado no processo editorial de publicação. Para Grésillon (2007), esta vertente de trabalho genético se trata de uma edição que apresenta, de maneira exaustiva e em ordem cronológica de sua aparição, os rastros de uma gênese. No entanto, Lima (1998) pondera que o primeiro problema encontrado pelo geneticista pode residir exatamente nesse princípio, já que nem sempre todos os testemunhos da história de um texto foram preservados pelo autor. No caso de D. Pedro II, por exemplo, o pesquisador que intenta reconstituir a gênese de sua intensa atividade tradutória pode se deparar com alguns obstáculos, especialmente se considerarmos o difícil acesso a alguns acervos onde o material encontra-se arquivado. Além disso, muitos documentos mencionados no diário do monarca podem ter se extraviado durante a transição do governo naquele período, o que pode limitar ou deixar lacunas que o geneticista não será capaz de preencher.

Um projeto editorial dessa natureza, na visão de Biasi (2010), culmina em outras duas grandes dificuldades, revelando, de um lado, um problema de dimensão e de outro, um problema lógico. O primeiro refere-se às disparidades entre a quantidade de rascunhos e a extensão efetiva do texto considerado final. Uma página do produto “acabado” pode conter vestígios de sua produção em dez fólios de rascunhos, aumentando consideravelmente o trabalho de edição do material. Com isso, calcula o pesquisador francês (2010), a edição genética dos documentos redacionais poderá ser ampliada de 10 a 30 vezes mais do que a obra em si. Já o problema lógico, não menos complexo, está em estabelecer a cronologia de produção dos manuscritos. Isso porque a sequencialidade do texto nunca está totalmente definida antes da edição impressa. No decorrer da composição, a escritura não para de se valer dos “recursos da reversibilidade para adaptar o já escrito às necessidades

que fazem aparecer o presente da escritura” (BIASI, 2010, p. 92). Com a possível retomada do texto em momentos diferentes do processo de redação, o autor atualiza a sequência de sua composição, renovando constantemente a ordem cronológica de organização de seus manuscritos. O interesse da edição genética em salientar justamente esses fenômenos de escritura encontra aí um desafio: em qual ordem se devem publicar tais documentos? Para respeitar a coerência das intervenções genéticas, Biasi (2010) acredita que as diferentes camadas de escritura devam ser encaixadas umas nas outras e, por mais paradoxal que pareça, somente as tecnologias digitais têm resolvido os problemas impostos pela proliferação e complexidade lógica dos registros em papel.

À CG coube a tarefa de dar legitimidade “ao projeto de editar e interpretar os manuscritos literários visando elucidar, de dentro do trabalho do escritor, o processo de escritura e a gênese das obras” (BIASI, 2010, p. 93), sem que se atribua ao texto dito final um *status* privilegiado. O mesmo autor afirma que a edição genética, em sua vertente científica, está calcada em duas grandes orientações. De um lado, temos as edições denominadas *horizontais*, cujo interesse recai sobre uma fase específica da gênese e que por isso objetivam tornar público somente os documentos pertencentes a esse dado momento. De outro, as edições *verticais* que visam perpassar integralmente a espessura do dossiê genético ou, como diria Biasi (2010, p. 104), “reconstruir o processo de escritura de ponta a ponta do itinerário genético”. Em face das dimensões inerentes ao *corpus* de manuscritos de trabalho, em geral de cinco a 10 vezes maior que o texto definitivo, o projeto de publicar as edições verticais foi levado adiante nos casos de obras curtas, como contos, novelas e poemas, mas que fossem possuidoras de um material genético bastante desenvolvido. Em seus desdobramentos, a edição vertical, considerada por Grésillon (2007) a edição genética por excelência, pressupõe que a classificação genética do conjunto do dossiê seja expressa por inteiro sob forma de tabelas genéticas, atribuindo a posição relativa de cada fólio e das muitas camadas de escritura.

A edição genética que apresento no capítulo final do presente trabalho pode ser categorizada como *horizontal*. Tal modalidade de edição se ocupa dos rascunhos da obra não como portadores de um encadeamento ou de um processo de escritura, mas como uma *versão*, isto é, uma estruturação redacional em que o autor trabalha em um manuscrito único. A tradução do imperador, como já afirmado, nunca

foi publicada. Segundo Biasi (2010, p. 98), as edições horizontais de uma obra inédita podem produzir três tipos de projeto editorial que variam de acordo com o grau de adiantamento redacional do manuscrito. Um deles é o “estado de rascunho”, que não constitui um manuscrito acabado, tampouco inteiramente homogêneo, “mas que formam um conjunto significativo, redigido e ordenado” (BIASI, 2010, p. 99). Os manuscritos de tradução do *Hitopadeça*, *corpus* desta pesquisa, apresentam uma única campanha de escritura, o que impossibilita a verticalidade das várias peças de um dossiê de gênese que possam indicar momentos distintos das fases de escritura. Não há outras versões desse trabalho, tampouco a obra foi publicada, diferentemente dos manuscritos de tradução da *Divina Comédia*,¹⁴ por exemplo, que compõem 03 versões anteriores ao manuscrito definitivo, publicado em 1889. Anômalo, o conjunto de manuscritos da tradução do fabulário hindu traz todas as intervenções no próprio corpo do texto, ou seja, a composição, por ser quase sempre em jorro, apresenta campanhas de revisão/correção imediata e interpolações que perpassam todos os fólios. Poderia dizer, então, que as “camadas” de escritura que seriam provenientes de versões sucessivas do mesmo trabalho – alterações, inserções, cancelamentos e correções gerais de uma versão a outra – dividem a topografia de um mesmo fólio, o que facilitou, de certa forma, a constituição do dossiê genético, a organização do prototexto e, principalmente, a edição genética do material em questão, bem como a sua posterior interpretação e análise. Neste caso, apresento uma edição genética não no seu sentido clássico, mas também anômala como os manuscritos de tradução que ela representa. Os pesquisadores em CG bem sabem que ler um manuscrito, mesmo transcrito, é bem diferente da leitura de um romance, por exemplo. A edição genética, reflete Grésillon (2007, p. 250), precisa ser um documento que “facilite a decifração e que [...] sirva de matéria primeira para investigações e interpretações”. Por isso, as cópias digitais dos manuscritos acompanharão a transcrição de cada fólio correspondente.

A edição dos manuscritos tradutórios do monarca foi realizada seguindo algumas etapas. Após organizar o dossiê de pesquisa e definir o prototexto, recorri ao processador de texto *Microsoft Word* para transcrever o material. Como já mencionado, optei pela transcrição

¹⁴ Sobre a tradução da *Divina Comédia*, ver DAROS, Romeu Porto. **O imperador tradutor de Dante**: o processo criativo na tradução de Dom Pedro II do episódio de “Paolo e Francesca” da *Divina Comédia*. 2012. 235 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.

diplomática do prototexto em questão. Dessa forma, cada fólio foi digitado em fonte *Courier New*, tamanho 12 e espaçamento entrelinhas simples. A fonte escolhida se assemelha aos caracteres das antigas máquinas de escrever e apresenta, além das letras e símbolos exibidos no teclado, um subconjunto de caracteres especiais que permitiram reconstituir também as palavras grafadas em outros idiomas presentes em muitos fólhos, especialmente em grego, hebraico e em árabe. Importante mencionar que nem todas as fontes disponíveis no processador de texto contam com esse complemento. Além disso, o fato de a *Courier* ser do tipo *monospace*, contrapondo-se aos modelos de fontes proporcionais por apresentar os seus caracteres a mesma largura, garantiu uma melhor legibilidade nos trechos em que há interpolações entre as linhas ou inscrições nas margens do papel, geralmente escritas em “arco” e comprimidas para se ajustar ao tamanho da folha.

Durante a digitação do material, deparei-me com algumas palavras de difícil leitura. Para evitar possíveis equívocos de interpretação ou ainda a inserção de símbolos que marcariam a leitura duvidosa de algum termo, recorri às traduções de Max Müller (1884) e Sebastião Dalgado (1897) como material de apoio. A consulta nessas duas obras, especialmente na edição portuguesa de Dalgado, resolveu as hesitações ou ainda, em casos isolados, possibilitou fazer minhas escolhas por aproximação, considerando o sentido do texto. Este recurso foi de grande valia, sobretudo nas passagens em que a letra do tradutor se mostrava cada vez mais irregular e por isso de difícil compreensão. Devo ressaltar que na fase inicial de digitação a ferramenta de verificação ortográfica do processador de texto precisou ser desabilitada para evitar a atualização automática da grafia e da acentuação de algumas palavras.

Ainda no *Microsoft Word*, utilizei as linhas do conjunto “formas” para reproduzir as marcas de rasura, indicar a complementação, inserção ou substituição de palavras e restituir outros elementos presentes em cada fólio, como demonstrado no exemplo a seguir:

E outro: vè de dous servidòres a differença
 De cauda (lângüla; langul -ia= cauda -tus; o ma_ aos
 No chão caco) agitação em baixo pés assentar
 (cahindo)e da boca do interior a mostra
 (deitando-se)
 cão de pão pelo doadòr faz, o elephante (gadja; de
 gadj= virar)
~~Defer~~
~~to~~ touro (pun- gava -cow
 kuh ; macho-de-
 vaccas) porem
 Severamente olha e de lisonjas por centos come
 E outro

Fig. 4: Primeira etapa de transcrição diplomática dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II: Maço 041 [D02 P10] F30v.

Após a digitação de todas as páginas, o arquivo foi salvo em formato *Portable Document Format*. Dessa forma, a extensão <.pdf> preservou as configurações que poderiam se perder durante a importação dos dados pelo *software* de edição de imagens. Aqui utilizei o *Inkscape*, programa que possibilitou reproduzir os movimentos de escritura do monarca em sua totalidade, especialmente as alterações provenientes das campanhas de correção, as palavras encaixadas nas margens da folha e as sentenças escritas tanto em sentido ascendente quando descendente em relação à pauta do caderno. O contato com esse editor de imagens se deu após buscas na internet por um programa que possibilitasse reconstruir a escrita em arco tão presente nos manuscritos do monarca, algo que o *Microsoft Word* não possibilitava empreender. Os tutoriais disponibilizados em vídeo por outros usuários da rede deram a familiaridade que precisava para começar a explorar as ferramentas e os recursos do programa. O “editor de nós”, segundo botão da caixa de ferramentas no lado esquerdo da tela, foi utilizado para que o texto pudesse ser desagrupado letra a letra. Isso porque o *Inkscape* reconhece o arquivo como sendo um único grupo, precisando, portanto, ser desmembrado. Ao clicar em “editor de nós”, outras opções são oferecidas logo abaixo do menu principal. A penúltima delas, da esquerda para a direita, converte os objetos selecionados em caminho, ou seja, prepara o texto para o posterior fracionamento em unidades menores. Com isso, a edição se concentrou apenas na seção do texto ou da palavra que necessitava tratamento. No menu principal “Objeto”, a opção “desagrupar” deve ser selecionada repetidas vezes até que as letras estejam devidamente separadas. A partir daí, poderia dizer que

cabe ao geneticista definir as prioridades ou o seu método de trabalho. Eu, por exemplo, trabalhava com a cópia digital do manuscrito aberta, alternando as telas do visualizador de imagens para o *Inkscape* com o comando <alt> + <tab>. O trabalho era efetuado linha a linha, e as modificações eram realizadas quando necessário. Talvez outros pesquisadores venham a preferir ter a cópia do manuscrito impressa para proceder a edição.

O “seletor de objetos”, primeiro botão da caixa de ferramentas, permitia selecionar, redimensionar e girar as partes do texto a ser editada. Aliás, um primeiro redimensionamento foi feito para enquadrar o texto na página do *Inkscape* antes mesmo de fragmentá-lo em partes menores. O terceiro botão da caixa de ferramentas, chamado “ajustador”, auxiliou também na reprodução das frases em sentido descentente em relação às linhas do papel. O recurso de “zoom” garantiu a precisão nas várias passagens do texto com muitos detalhes a serem reproduzidos. Terminada a edição do fólio, o texto era selecionado (menu “Editar” e “Selecionar tudo”) e agrupado novamente através do menu “Objeto” e “Agrupar”. Em seguida, as camadas eram duplicadas no menu “Camada”, seleção “Duplicar” e salvos pela última vez.

Por ser a minha a primeira proposta de transcrição diplomática realizada no NUPROC, e considerando a diversidade e heterogeneidade dos manuscritos, acredito ainda que outros recursos do programa deverão ser explorados a fim de facilitar o trabalho do pesquisador e tornar a edição o mais próxima possível de seus pares em papel. A etapa de edição, por ser realizada fólio a fólio, é um processo que demanda bastante tempo, atenção e também paciência por parte do geneticista. Diria ainda que, em muitos fólhos, o procedimento foi praticamente realizado palavra por palavra, dada a irregularidade da letra do tradutor. A dificuldade maior, portanto, talvez esteja justamente no quesito tempo, sobretudo se o volume do material a ser editado seja consideravelmente grande. São, de fato, muitas horas de trabalho para que a materialidade de um único fólio possa ser reconstituída. Vale dizer ainda que o programa apresenta certa instabilidade, precisando ser o arquivo salvo constantemente para se evitar a perda do trabalho realizado até então. Apesar disso, o *Inkscape* não só tornou possível a proposta de transcrição diplomática do prototexto estudado, mas garantiu também uma maior legibilidade do conteúdo dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II. Com efeito, a complexidade inerente ao objeto de estudo dada a sua materialidade, ao ser representada a partir dos muitos códigos e símbolos provenientes de outras modalidades de

transcrição, poderia tornar a leitura e interpretação um tanto quanto caótica. Além disso, não teríamos esse “panorama” das especificidades do *corpus* ao ter contato apenas com transcrições em que há muitos códigos para representar a materialidade desenvolvida nas páginas do papel.

Abaixo, apresento o mesmo excerto de tradução já devidamente editado:

E outro: vè de dous servidòres a differença
 de cauda (lāngūla; langul -ia= cauda -tus; o ma_
 aos
 No chão caco) agitação em baixo, pés assentar
 (cahindo) e da boca do interior a mostra
 (deitando-se)
 cão de pão pelo doador faz, o elephante (gadj; de
 gadj=)
 berrar
 touro (pun; gava, cow
 kuh; macho-de-
 vaccas) porem
 Severamente olha e de lisonjas por centos come

E outro

Fig. 5: Trecho da transcrição diplomática do manuscrito tradutório de D. Pedro II.

Concluída a primeira etapa de edição dos manuscritos, passei a fase de revisão do material para a posterior análise. Esta etapa, que contou com a colaboração do Professor Sergio Romanelli, foi importante para corrigir problemas de digitação que haviam passado despercebidos. Também neste momento, ainda com o auxílio do referido professor, repassei e pude corrigir imprecisões na interpretação dos caracteres de palavras em grego, além de revisar termos e expressões em latim e alemão. Para garantir a escrita correta e até mesmo identificar ou confirmar os outros idiomas¹⁵ que o monarca mencionava em várias passagens, buscamos apoio em dicionários *on line*. Da mesma forma, dicionários técnicos e enciclopédias disponíveis na internet deram suporte para mapear e entender as relações intertextuais presentes na obra, estas nem sempre relacionadas de maneira tão evidente com a parte que o monarca traduzia no momento em que propunha a digressão. No capítulo quatro abordo estas questões de maneira mais sistemática.

¹⁵ No capítulo quatro, dedicado à análise genética, apresento as principais recorrências em línguas estrangeiras presentes na tradução imperial.

Após expor as teorias e metodologia que dão norte à pesquisa, passo ao segundo capítulo, cujo enfoque está na formação e na vida intelectual do segundo e último imperador do Brasil.

2 D. PEDRO II: UMA FIGURA LIMINAR

Para Victor Turner (1974, p. 116), o conceito antropológico de *liminaridade* enquadra-se naquilo que Arnold van Gennep (1960) denominou “fase liminar” dos *rites de passage*. Ritos de passagem, nesta concepção, acompanham toda a “mudança de lugar, estado, posição social, de idade”. O sujeito ritual, ou transitante, é necessariamente ambíguo, uma vez que se permite furtar ou escapar de uma “rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural” (TURNER, 1974, p. 117). Os atributos de um ser ambíguo expressam-se por uma única variedade de símbolos, naquelas muitas sociedades que ritualizam as mudanças nos âmbitos social e cultural. Entendo que tal conceito pode ser aplicado ao imperador D. Pedro II. A alcunha de “Imperador cidadão” que intitula uma de suas biografias¹⁶ é apenas uma dentre as várias “ambiguidades” que caracterizam o monarca. Isso porque a imagem que representava perante o Brasil, a de governante, não era a mesma imagem que fazia questão de veicular no exterior. O manto majestático e a coroa, símbolos máximos das grandes monarquias europeias, eram prontamente substituídos, durante suas viagens, pela casaca, cartola e maleta, elementos incompatíveis com a expectativa de seus súditos, mas que eram condizentes com a caracterização do indivíduo comum e letrado moderno que intentava reproduzir.

O “liminar” Pedro II, último imperador do Brasil, nasceu na Quinta da Boa Vista (RJ) no dia 02 de dezembro de 1825 e esteve à frente do poder de 23 de julho de 1840 a 15 de novembro de 1889. Primeiro monarca genuinamente brasileiro, Pedro d’Alcântara foi equiparado, segundo Schwarcz (1998), ao Menino Jesus na tradição portuguesa, revisto como Imperador do Divino na ladainha brasileira, percebido como um novo D. Sebastião pelos fiéis convictos das previsões de Vieira. “Filho de Bragança, Habsburgo e parente direto dos Bourbon, d. Pedro era reconhecido como um pequeno deus europeu, cercado por mestiços” (SCHWARCZ, 1998, p. 21). E ainda tinha a vantagem sobre o pai, segundo o próprio relatar em carta, o fato de ser brasileiro e talvez por isso “todos os brasileiros gostam dele” (apud LOPEZ; MOTA, 2008, p. 471). Filho de D. Pedro I, responsável pela emancipação política do país ante ao Império do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1822), o crioulo Pedro II ascendeu ao trono

¹⁶ O Imperador cidadão e a construção do Brasil, de Roderick J. Barman (2010).

com pouco mais de cinco anos de idade em um manejo político em que seu pai fora pressionado, dada a crescente falta de popularidade daquele monarca, a abdicar o trono em favor de seu herdeiro. Foi aclamado imperador pelo povo no Campo de Santana, em 07 de abril de 1831, data em que seu progenitor deixava o país rumo a Portugal para lutar pelo trono usurpado pelo próprio irmão (LYRA, 1977a). A educação do pequeno imperador, já órfão de mãe com pouco mais de um ano de idade, foi confiada à aia Mariana Carlota – a Dadama – e ao tutor José Bonifácio de Andrada e Silva; e as rédeas do jovem império, à Regência Trina Provisória.

O período regencial que se seguiu à abdicação de D. Pedro I, segundo Heitor Lyra (1977a, p. 21), “foi o mais agitado da nossa História”. Da aclamação de Pedro d’Alcântara em praça pública à sagração e coroação transcorreram-se nove anos “de convulsões políticas, de motins e de revoluções armadas. Lutas pelo Poder e contra o Poder. Choques de ideias e ideais, que encobriam, por vezes, meras ambições individualistas” (LYRA, 1977a, p. 21). Mais uma vez, uma manobra política o colocava no poder: a antecipação da maioridade.¹⁷ Confiava-se no princípio que ele, o jovem D. Pedro II, encarnava o símbolo da unidade nacional e da Monarquia representativa. Personificava também a paz e a garantia da segurança de uma nacionalidade que o governo regencial já não podia sustentar.

Durante o período que precedeu a sua coroação, a criança foi submetida a uma rigorosa rotina com exaustivas horas de estudo entrecortadas com poucos momentos de distração. Tal rotina, imposta, sobretudo, pelo militar reformado Marquês de Itanhaém, o tutor que substituiu José Bonifácio em 1834 e atuou até a maioridade do príncipe, parecia ter um objetivo bem definido: preparar o futuro imperador para diferenciar-se do intempestivo pai, livrando-o do ódio e das paixões, tornando-o racional, equilibrado, sensato e previsível, longe das paixões políticas e de interesses meramente privados.

A rigorosidade com que administrava seus horários acompanhou o monarca por toda a vida, fato perceptível principalmente em seu diário pessoal. Outro hábito adquirido na infância teve fundamental importância na formação e na vida do imperador: a busca incessante

¹⁷ De acordo com a Constituição, D. Pedro só poderia assumir o trono ao completar 18 anos. Por recear que o poder continuasse nas mãos dos Conservadores por mais tempo, os Liberais, liderados por Montezuma, iniciaram o movimento pedindo a maioridade de D. Pedro II, apresentando um projeto na Câmara dos Deputados. O projeto foi derrotado por dois votos de diferença. Os Liberais recorreram ao povo, conseguindo antecipar a maioridade de D. Pedro, então com 14 anos. A sagração e coroação do imperador ocorreu em 18 de julho de 1840.

pelo conhecimento e a paixão pelos livros. Talvez o fato de o monarca dedicar tantas horas do dia aos estudos justifica-se por um pedido paterno, reforçado sempre nas cartas que recebeu até a morte dele em 1834; ou teria herdado de sua mãe, a imperatriz Leopoldina de Habsburgo, reconhecida por sua polidez e cultura, o gosto pelos livros, pela ciência e a sua grande vocação para os estudos:

A mãe, que quase não conheceu, pois morreu quando ele tinha pouco mais de doze meses, lhe aportou talvez a paixão pelas ciências, uma das características de sua vida. Mulher superior a seu tempo, Dona Leopoldina trouxe para o Brasil missões científicas e prestigiou a vinda de sábios como Emanuel Pohl e Von Martius, que pode ser considerado o primeiro a revelar, de forma científica, o Brasil à Europa. (BESOUCHET, 1993, p. 41)

Aliás, os biógrafos são unânimes em descrever o entusiasmo do imperador para com os livros e os estudos em geral. D. Pedro II foi desde criança “um apaixonado pelos livros, dos quais só a custo consentia a separar-se” (LYRA, 1977a, p. 50). Eram os volumes impressos uma grande ou “quase única paixão” de D. Pedro (RAEDERS, 1944, p. 11) que ele cultivou por toda a vida. Para Carvalho (2007, pp. 226-7), “o imperador queria que sua imagem pública fosse a de um amigo dos livros. Seus educadores valorizavam esse lado da personalidade dele, e já o faziam retratar como leitor e estudioso”. Roderick J. Barman (2010, p. 89), no entanto, acredita que o fascínio que o universo intelectual exercia sobre o jovem monarca não era exclusivamente altruísta. Livros e estudos, na análise do autor, foram uma espécie de válvula de escape durante a infância e também na fase adulta, já que “por meio deles ele podia apartar-se da realidade externa que considerava ameaçadora ou insatisfatória”. Ainda sobre a relação com os livros, Sergio Buarque de Holanda (2003, pp. 163-4, grifos do autor) oferece um depoimento de Ramiz Galvão que deixa entrever esse grande interesse do monarca. O monarca, declara Galvão,

[...] dizia gostar dos livros com satisfação dos cinco sentidos, isto é: *visual*, pela impressão exterior ou aspecto do livro;

tátil, ao manusear-lhe a maciez ou aspereza das páginas;
auditivo, pelo brando crepitar ao folheá-lo;
olfativo, pelo cheiro pronunciado de seu papel impresso ou fino couro da encadernação;
gustativo, isto é, o sabor intelectual do livro, ou mesmo físico, ao umedecer-lhe ligeiramente as pontas das folhas para virá-las.

O fato é que o imperador era um indivíduo movido pela curiosidade e pelo saber, o conhecimento era uma espécie de força motriz. Os relatórios da Câmara dos Deputados, órgão que fiscalizava o trabalho dos mestres do monarca, apontavam já no ano de 1834 que ele já falava e escrevia em francês, lia e traduzia em inglês (LYRA, 1977a; RAEDERS, 1944). Em 1838, de acordo com Carvalho (2007), os documentos entregues aos deputados anunciavam que nunca era preciso chamá-lo para o estudo, talvez fosse mais indicado algumas vezes pedir-lhe que se abstinhasse de tão prolongada aplicação. Em 1839, os registros assinalam ainda que o aluno compunha e traduzia latim sem erros, abandonando as suas poucas horas de diversão pelos livros. Na mesma época, Araújo Viana, professor de literatura, afirma que D. Pedro traduziu Virgílio, começava a estudar gramática comparada, além de demonstrar boa agilidade e firmeza na esgrima. No estudo de línguas, salienta Lyra (1977a), a educação era mais severa e o aluno sempre demonstrou grande propensão para esses estudos.

As lições diárias, um misto de iluminismo, humanismo e moralismo, incluíam desenho, história universal e das artes, literatura antiga, ciências práticas, aritmética, religião, escrita, caligrafia, geografia, línguas clássicas (grego, latim), modernas (francês, inglês, alemão), entre outras disciplinas. Nomes como Félix Emílio de Taunay, Marquês de Sapucaí, Luis Aleixo Boulanger, Renato Pedro Boiret, Nathaniel Lucas figuravam entre os responsáveis pela educação do jovem imperador. Na visão de Lyra (1977a, p. 46), a educação que davam ao jovem imperador

[...] não tinha nada de especial. Não era nem melhor nem pior do que aquela que recebiam, na época, os filhos das famílias abastadas brasileiras. O único reparo que se podia fazer seria se essa espécie de educação, ou melhor dizendo, de instrução, era a que melhor convinha a uma criança destinada a assumir, mais cedo ou mais

tarde, o governo de um país como o Brasil, com uma série de problemas políticos, econômicos e sociais que, por sua complexidade, desafiavam o melhor e o mais capaz dos estadistas.

Aluno dedicado como era, aprendeu muito mais que as lições presentes nos livros e manuais. Freitas (2003) acredita que o monarca tenha aprendido com frei Pedro de Santa Mariana, um de seus preceptores, o hábito de ouvir com disposição, de esperar com paciência, de pouco falar e muito questionar, de querer e vencer com obstinação. Para Barman (2010, p. 86), a sede de conhecimento científico que frei Pedro teria despertado em seu aluno foi “extremamente oportuna, dada a crença amplamente aceita de que um governante personificava a cultura de uma nação e deveria ser um exemplo de civilização, um modelo de conduta para seus súditos”. A influência moral e intelectual do carmelita sobre o jovem príncipe é ressaltada também por Lyra (1977a), já que nenhum dos homens que então o rodeavam puderam exercer tamanha influência em sua formação. Félix Emílio de Taunay também foi peça fundamental na formação intelectual do menino Pedro, seja nas aulas de desenho ou nas lições de história universal e das artes, língua francesa, literatura antiga e grego, fato comprovado em carta endereçada à Condessa de Barral, mencionada por Carvalho (2007), em que o imperador chama-o de verdadeiro mestre, reconhecendo suas possíveis falhas enquanto pupilo. Os mestres responsáveis pela formação moral e intelectual do futuro imperador – Itanhaém, em especial – vislumbravam na educação formal de D. Pedro II o surgimento de um soberano justo, humano, sábio e honesto, dedicado integralmente a suas obrigações de governante e distante dos vícios e vicissitudes de caráter do pai.

A década de 1840 revelava-se bastante conturbada para o jovem Pedro. Assumiu o poder nesse período, começando a governar ainda menino, sem saber ao certo como deveria proceder. “Nem o seu temperamento, nem a educação incompleta que recebera, nem as ambições, que eram modestas e limitadas”, assegura Lyra (1977a, p. 75), “impeliam-no para a posse completa e imediata de uma coroa que mais lhe pesava do que lhe aliviava os ombros”. Lilia Moritz Schwarcz (1998, p. 125) analisa a situação da monarquia brasileira e a expectativa criada em torno da figura do jovem imperador. Para a autora,

passadas as revoltas das Regências o país era entendido como um oásis em meio à confusa

situação latino-americana, e um monarca de linhagem e estilo europeus parecia garantir a paz e, por extensão, a civilização.

Aos 18 anos, no entanto, já procurava e arquitetava as suas próprias jogadas e decisões políticas, para espanto dos políticos que o julgavam influenciável por sua inexperiência e timidez. A “suposta marionete”, como afirma Schwarcz (1998, p. 126), “se revelaria um estadista cada vez mais popular e sobretudo uma espécie de mecenas das artes, em virtude da ambição de dar autonomia cultural ao país”. Com o passar do tempo, descreve Barman (2010, p. 166), D. Pedro II “desenvolveu habilidades notáveis no trato tanto de pessoas quanto de negócios. Dedicou-se ao estudo das artes e ciências e estabeleceu uma reputação na Europa como amigo do saber e um intelectual autodidata”. No mesmo período, acontece o seu casamento com Teresa Cristina, a princesa das Duas Sicílias, a quem o imperador só conhecia por meio de um retrato.

A partir dos 20 anos, o jovem monarca começa a conhecer seu país. Frequenta e fiscaliza concursos públicos, discute com eruditos, formando e afunilando a sua roda de amigos intelectuais. Pedro II constrói o seu poder pessoal, reforçando a sua imagem de intelectual:

Estranha figura de rei, os olhos tristes, sisudo com os estrangeiros, pouco comunicativo com os políticos, agarrado aos livros, capaz de passar horas esquecido dentro de um laboratório improvisado, rodeado de intelectuais, incapaz de comandar um regimento, mas preparado para manter uma conversação em latim. (FREITAS, 2003, p. 90)

Como era de se esperar, a facilidade com que o imperador versava sobre os mais variados assuntos não passava despercebido pelos seus interlocutores. Aliás, todos os seus contemporâneos são unânimes em testemunhar o desejo do imperador de aprender, o seu apego aos livros e a dedicação aos estudos (LYRA, 1977a). Um célebre explorador, tenente Strain, admirou-se certa vez com a sua curiosidade pelos fenômenos da natureza. Em visita ao Rio de Janeiro, o escritor português Antônio Feliciano de Castilho também registrou a sua admiração por D. Pedro ao contar à esposa, por meio de uma carta, a boa impressão que teve do monarca. Para ele, o imperador do Brasil era realmente um literato e, talvez, um sábio (FREITAS, 2003). Adelaide

Ristori, artista italiana que se apresentou algumas vezes na corte de Pedro II, impressionou-se com “o profundo conhecimento do imperador, versado na literatura de todas as línguas” (apud CALMON, 1975b, p. 826).

O imperador gabava-se de ter sido um dos primeiros a conhecer a teoria da evolução proposta por Darwin. Foi também um dos grandes incentivadores da fotografia, sendo, provavelmente, o primeiro brasileiro a fazer daguerreótipos (MAUAD, 2010). Dedicava-se à astronomia e à egiptologia, igualmente à medicina, engenharia, ao hebraico e à tradução. O monarca era também, nas palavras de José Murilo de Carvalho (2007, p. 226), “um leitor voraz e onívoro. Lia muito e de tudo, livros, jornais, revistas, relatórios. Lia diariamente, em casa, nos trens, nos navios, nos hotéis”. Lia inclusive “em ocasiões em que nenhuma outra pessoa ocorreria fazê-lo, como quando a deportação no paço da cidade”. De acordo com Lyra (1977b, p. 77), “quando não atendia a cerimônias oficiais ou não o prendiam os despachos com os Ministros, quase todo o seu tempo disponível era dado à leitura de livros e revistas”. Em sua biblioteca particular, em São Cristóvão, era muito comum encontrá-lo “recostado numa poltrona ou debruçado sobre uma mesa, um livro aberto [...] e um lápis à mão, com o qual ia anotando os trechos que mais o interessavam” (LYRA, 1977b, p. 77). O mesmo hábito de fazer observações nos livros que lia é apontado por Carvalho (2007, p. 228): “mesmo quando lia, fazia-o sempre com um lápis na mão, marcando, anotando, comentando”. Nos livros, poderia discutir um assunto que a natureza do cargo normalmente o impedia de fazê-lo em público: debater política. De acordo com Carvalho (2007, p. 228), “compensava [ess]a restrição discutindo em notas rabiscadas nos livros que lia”. Na concepção de Sergio Buarque de Holanda (2003, p. 163), D. Pedro II foi, ao seu tempo, um protótipo da nossa intelectualidade oficial: “levou a devoção aos livros a ponto de se dizer dele, com alguma injustiça, que a praticou mais assiduamente do que serviu aos negócios do Estado”.

Para Pedro Calmon (1975a, p. 465), D. Pedro ocupava-se dos assuntos “mais elementares aos mais estranhos; com preferência pelas línguas raras, que lhe conversaram, sucessivamente, os secretários germânicos, Lippold, Koch, Henning, Seybold [...]”. Traduzia desde textos clássicos – de Horácio a Tertuliano, passando por Dante – até obras de contemporâneos seus, dada a sua grande inclinação ao estudo de línguas. Além do latim, o imperador conhecia e falava bem francês, inglês, italiano, espanhol e alemão. Estudou grego, árabe, tupi-guarani,

hebraico, sânscrito e provençal. Segundo Lyra (1977b, p. 103), uma das predileções do monarca era o estudo de línguas: “neste particular passava, com justa nomeada, pelo maior poliglota do país e, possivelmente, dos maiores de seu tempo”. Carvalho (2007) comenta que memória prodigiosa de D. Pedro II era, nesse e em outros campos, de enorme valia. A paixão pelas línguas manifestava-se nos momentos mais inusitados, como no episódio do encontro com um tenente inimigo em plena frente de combate durante a Guerra do Paraguai. No episódio, narrado por Carvalho (2007, p. 114), D. Pedro “confraterniza com um oficial inimigo e discute com ele um de seus temas prediletos de estudo, a língua guarani”. Raeders (1944, p. 83) também sublinha esse gosto do monarca, em especial, a inclinação ao estudo das línguas orientais. O soberano, segundo o referido autor, “dedicava seus lazes ao estudo do hebreu e do sânscrito, tendo traduzido para o português as profecias de Isaias”. O estudo de sânscrito, para Carvalho (2007, p. 229), era “algo exótico. Mas ele manteve até o fim da vida”. Motivado pela vontade de estar em meio aos grandes nomes da literatura daquele período, o monarca traduziu os poetas que mais admirava, presenteando-os muitas vezes com o seu trabalho. Recebeu de Henry Wadsworth Longfellow, notável escritor norteamericano e com quem manteve longa correspondência, menções a sua muito fiel e bem-sucedida tradução de *The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily* (1864). Além disso, em carta destinada ao monarca, Longfellow acreditava que as rimas duplas foram capazes de dar uma nova graça à narrativa,¹⁸ fato imperceptível em outras versões de sua obra (MAFRA; SCHRULL, 2012). John Greenleaf Whittier também foi agraciado com uma tradução imperial e não poupou elogios a D. Pedro II pela tradução do poema *The cry of a lost soul*. Para Carvalho (2007, p. 160), Whittier era um excelente poeta e fervoroso abolicionista que simpatizou com D. Pedro tão logo teve conhecimento da postura antiescravagista do monarca. O tímido poeta americano, em correspondência remetida ao imperador, alega ter se sentido surpreso e imensamente grato por receber pelas mãos do amigo James Cooler Fletcher a tradução de sua obra. Sobre o estudo de línguas e a prática de tradução, o monarca revela:

Traduzo a livro aberto o Latim e o Inglês, os quais posso falar sem maior dificuldade; o Grego, finalmente o Alemão, que posso falar, porém mal,

¹⁸ *The translation is very faithful and very successful. The double rhymes give a new grace to the narrative* – Maço 135 – Doc 6607 [D01 P01]/[D01 P02] – MIMP/Ibraim/MinC.

como também falo o Francês desde minha infância; e desde jovem o Italiano e o Espanhol. Não me refiro a outras línguas porque só me tenho ocupado delas propriamente em relação à Filologia, ainda que as tenha traduzido eu mesmo. (apud LYRA, 1977b, p. 103)

Imbuído pelas culturas orientais, mergulhou também nas traduções de *As Mil e uma noites*¹⁹ diretamente do árabe e do livro do *Hitopadeśa*, revelando o seu conhecimento em sânscrito, obras que nunca foram editadas e nem publicadas. Outra tradução também inédita, parcialmente vertida do espanhol por D. Pedro II, é o épico *La Araucana*, de Alonso de Ercilla y Zuñiga, texto que narra a batalha dos araucanos contra os colonizadores do sul do Chile. Das traduções de D. Pedro II já publicadas, citamos o livro *Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II* (1889), compilação de mais de uma dúzia de traduções e poemas esparsos atribuídos ao imperador. Neste livro, figuram traduções de obras de Victor Hugo, Leconte de Lisle, John Whittier, Alessandro Manzoni, Dante Alighieri, Henry Wadsworth Longfellow, dentre outros. Outra obra traduzida e editada sob a supervisão de D. Pedro II, publicada em Paris em 1891 é o livro *Poésies Hébraïco-Provençales du Rituel Israélite – Comtandin*. De acordo com Albino da Costa, citado por Múcio Teixeira, D. Pedro II conseguiu manter, na sua tradução das poesias, o “mesmo rythmo e técnica da lyrica luso-provençal do século XIII” (TEIXEIRA, 1917, p. 212).

Se, segundo Romanelli (2011) o interesse do imperador em transitar entre os intelectuais europeus e norte americanos era uma constante, entrando assim em uma seleta sociedade que Pascale Casanova (2002) chama de “República Mundial das Letras”, no Brasil o monarca investia forte na promoção e consolidação de uma literatura nacional, com fins de fundar “a história do Brasil tomando como modelo uma história de vultos e grandes personalidades sempre exaltados tal qual heróis nacionais” (SCHWARCZ, 1998, p. 127).

O projeto que se desenvolvia nos encontros dominicais nas salas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) elegeu a figura do indígena como expoente máximo desse projeto de nacionalização. Enquanto a Europa vivia as contradições e conflitos próprios da

¹⁹ Sobre as *Mil e uma noites*, ver SOUZA, Rosane de. **Gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de D. Pedro II**, dissertação de mestrado defendida neste programa de pós-graduação (2010). Em pesquisa de doutorado, Souza pretende elaborar a edição genética dos manuscritos da tradução de D. Pedro II.

Revolução Industrial, da divisão de classes e da burguesia em ascensão, o Brasil, recém-liberto do puro colonialismo, ainda matinha as amarras do poder agrário – latifúndio, o escravismo e a economia de exportação – e se desenvolvia na rota da monarquia conservadora. A formação da inteligência brasileira, segundo Bosi (1994), se deu com os filhos de famílias abastadas do campo, que recebiam instrução jurídica e raras vezes médica em São Paulo, Recife e Rio ou com os filhos de comerciantes e profissionais liberais luso-brasileiros. Esta era a realidade da alta classe média de um país que carecia do binômio urbano indústria/operário durante quase todo o século XIX.

O romantismo era a voz e a vez dos descontentes e expressava o sentimento de insatisfação perante as novas configurações de classe social: a nobreza, que cedia abruptamente o seu lugar à pequena burguesia que, no entanto, ainda não tinha alcançado o seu apogeu. São as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que balizam todo o movimento na Europa. Para Bosi (1994, p. 92), “se formaram em nossos homens de letras configurações mentais paralelas às respostas que a inteligência europeia dava a seus conflitos ideológicos”. Com o caráter seletivo do acesso à educação no império, eram os padrões europeus que refletiam na corte do Brasil e nas capitais provincianas. Como seus ídolos da Europa, os escritores brasileiros passam a exibir também profundos traços de defesa e evasão, que os conduz a posições regressivas, tanto no plano de sua relação com o mundo (refúgio no passado, criação do protótipo do bom selvagem e traços de exotismo); quanto no das relações com o próprio eu (abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio e os excessos da imaginação e dos sentidos). O *eu* romântico, objetivamente impossibilitado de solucionar os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recria uma Idade Média gótica e embruxada; no espaço, refugia-se para ermas paragens ou para o Oriente exótico e distante. Os românticos foram buscar nos países estranhos, nas regiões esquecidas e na Idade Média, segundo Cândido (1975, p. 23), “pretextos para desferir o vôo da imaginação. Era o êxito do irregular e do diferente, sobre a uniformidade que o Classicismo pretendia eternizar”.

No Brasil, o movimento então começava a se constituir, visando uma reformulação da nascente literatura nacional ao abandonar os modelos clássicos e apostar na descrição da natureza, dos costumes e das cores locais. Para Iglésias et al. (2004, p. 343),

[...] o traço mais saliente do período que medeia entre ela [a Independência] e o Romantismo é o

aparecimento e desenvolvimento do desejo de manifestar na literatura a originalidade do jovem país e a sua diferença em relação aos cânones legados pela pátria-mãe.

Ia, aos poucos, associando-se a um projeto de cunho nacionalista que realçava o índio, o habitante primitivo e mais autêntico do país, como figura central. A importância e a influência do indianismo, segundo Iglésias et al. (2004, p. 347), “foram historicamente inestimáveis, como instrumento de aquisição da consciência nacional num povo que acabava de chegar à vida independente”. Assim, o romance de Alencar e o épico indianista de Gonçalves Dias, por exemplo, assumem a aspiração de fundar em um passado mítico e distante a nobreza recente da nação brasileira. O grupo de escritores românticos firmou-se graças ao interesse do jovem imperador Pedro II de solidificar a cultura nacional. Schwarcz (1998) afirma que é somente com a entrada de D. Pedro no IHGB seu mecenato que o romantismo brasileiro, delineado desde a década de 1820, se transforma em projeto oficial, em verdadeiro nacionalismo. A autora aponta o engajamento do imperador em levar a cabo essa nacionalização:

D. Pedro II abria os salões literários no Palácio de São Cristóvão, dirigia as reuniões do Instituto Histórico, ia à ópera, acompanhava exames no Colégio Pedro II e inaugurava as exposições anuais da Academia de Belas-Artes. Aí estavam as colunas de sua construção. A imagem eram os trópicos e o indígena idealizado. (SCHWARCZ, 1998, p. 154)

O IHGB se tornaria o “quartel general” dos literatos do movimento romântico a partir da década de 1840 e o imperador ajudou o quanto pôde as pesquisas que se desenvolviam naquela instituição. Lá conviviam Gonçalves Magalhães, autor da *Confederação dos Tamoios* (1856); Manuel de Araújo Porto Alegre, reconhecido mais por sua atuação na Academia de Belas-Artes do que pela sua produção literária; Joaquim Norberto de Sousa e Silva, autor de *A História da Conjuração Mineira* (1873); Joaquim Manuel de Macedo, escritor que alcançou amplas perspectivas na carreira de romancista graças ao sucesso da obra *A Moreninha* (1844); Gonçalves Dias, autor do poema épico *Os Tymbiras* (1857); formando um grupo seleto de intelectuais orquestrados pelo imperador. O caráter oficial e respeitável do instituto auxiliou,

segundo Schwarcz (1998), na aceitação do grupo e do projeto de renovação literária, sobretudo em razão da presença constante de D. Pedro naquele estabelecimento. Inclusive, foi debaixo da proteção direta do soberano que o movimento ganhava visibilidade, pretendendo promover a autonomização de uma literatura nacional talhada nos moldes do romantismo e do indianismo. Este último, entroncando numa tradição literária proveniente do século XVIII, “correspondendo a uma certa linha de prosápia genealógica, configurado pelas influências estrangeiras do exotismo literário”, foi “uma espécie de grande sinal de identificação para todos os brasileiros, que projetaram na raça indígena o seu passado, a sua mestiçagem” (IGLÉSIAS et al., 2004, p. 347). Muitos dos literatos envolvidos nesta tarefa tiveram seus trabalhos patrocinados por D. Pedro II. Raeders (1944, p. 12) afirma que o imperador “não só encorajou um movimento literário que pretendia dar a literatura brasileira a sua independência – O Ipiranga das letras – mas ainda ajudou os escritores com o seu próprio dinheiro”. O romantismo brasileiro encontraria, na figura do monarca, um protetor e um sustentáculo. Carvalho (2007, p. 229) afirma que não se pode duvidar do “genuíno interesse do imperador pelo cultivo e promoção da cultura”, fato demonstrado “*ad nauseam* durante toda a vida”. O imperador “distribuía bolsas de estudo e auxílios para experimentos, fazia doações a instituições educacionais e científicas”. Domingos José Gonçalves de Magalhães, incumbido de escrever o que deveria ser o maior épico nacional baseado na figura dos heróis indígenas, *A Confederação dos Tamoios*, tivera essa obra encomendada, financiada e, por motivos óbvios, dedicada ao imperador. O monarca, de acordo com Bosi (1994), agraciou e fez de Magalhães o instrumento de sua política cultural, tendo-o como mestre da nova poesia. E ele, Magalhães, sentia-se no dever de ministrar todos os gêneros e assuntos de que a nova literatura precisava para adquirir uma roupagem nacional e romântica. Ao retomar o modelo do “bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau, Magalhães inverte a posição cristalizada “colonizador/colonizado”, atribuindo ao indígena, historicamente visto como bárbaro ante aos olhos dos portugueses, o caráter de um povo corajoso, guerreiro e puro. Nessa nova configuração, os colonizadores aparecem como os verdadeiros selvagens e aventureiros, já que a liberdade da nação Tamoio fica comprometida a partir do contato e da crueldade dos portugueses. Para Lídia Besouchet (1993), o indianismo atingiu o seu ápice, talvez como uma compensação psicológica de uma elite marcada pelo estigma da

escravidão e que se comprazia, dessa maneira, em exaltar a liberdade e o amor pelos povos oprimidos:

O indianismo parecia ser uma transfiguração dos pecados cometidos pelos antepassados não longínquos do Imperador e que nele encontravam seu maior estímulo. Como representante máximo dessa mesma elite. Os estudos que ele realizou sobre os indígenas e os idiomas tupi, guarani, puri e aimará, entre outros, iriam conduzi-lo necessariamente à comparação com outros povos oprimidos – os africanos. (BESOUCHET, 1993, p. 108)

Magalhães acreditava ser possível a constituição de um mito nacional de fundação, conferindo ao indígena fundamental importância nesse processo. É esse índio servil e idealizado, misto de pureza e bondade, modelo de honra a ser seguido que passa a ilustrar os textos das obras desse período. No caso de *A Confederação dos Tamoios*, a popularidade da obra, considerada de baixa qualidade literária, esteve atrelada diretamente ao seu vínculo institucional. O indígena da *Confederação*, de acordo com José de Alencar em crítica veiculada no *Jornal do Commercio*, poderia figurar em um romance árabe, chinês ou quicá europeu. Araújo Porto Alegre foi o primeiro a se manifestar a favor do poeta, ocultando-se no pseudônimo “Um amigo do poeta”. A crítica desagradou também ao imperador, que a rebateu na imprensa local identificando-se como “O outro amigo do poeta”. Foram seis artigos que na opinião de Cândido, citado por Carvalho (2007, p. 231), “honravam seu amor às letras e estavam à altura da boa crítica brasileira do tempo”. A posição declarada de D. Pedro II deu origem à primeira das muitas rusgas entre ele e José de Alencar. Dizia o monarca, em carta destinada ao conselheiro Saraiva: “não queria que o Ig [José de Alencar] se empavonasse mais descobrindo um único adversário”. Mais adiante, o monarca alerta sobre a participação pouco efetiva de Alencar no movimento: “quanto a ele, ou se entra no grupo, ou se está fora [...]” (apud SCHWARCZ, 1998, p. 134). Além da querela literária, D. Pedro e José de Alencar tinham desentendimentos constantes na política. Isso porque Alencar, eleito deputado e posteriormente ministro da Justiça, se opunha sobremaneira à política do império. Em 1869, o escritor havia sido o candidato mais votado para ocupar uma vaga no Senado. O imperador, no entanto, vetou o nome de Alencar para ocupar tal vaga,

revidando assim as críticas do literato à obra de Magalhães. Apesar das desavenças que se arrolavam entre os dois, Alencar também despontava entre os indianistas, embora sua inserção naquele grupo fosse bastante contraditória. Escrita por Alencar, a história de *Iracema*, a virgem dos lábios de mel, enquadrava-se na estética proposta pelos indianistas não só pelos temas e paisagens intocadas presentes na narrativa, mas também por trazer na inversão das letras do título a palavra “América”, enfatizando e valorizando assim o território onde se desenrolava a história, o “império americano”. Um dos recursos de Alencar ao produzir suas obras foi recorrer aos estudos de línguas indígenas realizados pelos jesuítas. Para ele, o estudo dessas línguas era o caminho para a almejada nacionalização da literatura. Em alguns momentos, porém, a importância dada ao caráter etnográfico por Alencar em suas obras se sobrepõe à própria narrativa.

Para Mary del Priore e Renato Venancio (2010), a capital do império via surgir uma nova moda cultural oitocentista: a busca por vestígios de antigas civilizações que teriam existido no interior do Brasil antes da chegada dos portugueses. Como era de se esperar, o próprio imperador financiava as pesquisas de renomados intelectuais com o intuito de encontrar vestígios arqueológicos que corroborassem com essas suspeitas. Cidades lendárias perdidas há séculos em meio à floresta, construções monumentais como as pirâmides do Egito, crônicas de viajantes que davam indícios de inscrições rupestres de civilizações remotas alimentavam a imaginação e motivavam aqueles pesquisadores. Paralelamente aos estudos arqueológicos empreendidos no império, desenvolveu-se também uma linguística fantástica, na qual Francisco Adolfo Varnhagen procurou comprovar, por meio de comparações de vocábulos indígenas com os de antigas civilizações, a origem euroasiática dos índios tupi-guaranis. As traduções de D. Pedro, especialmente as de línguas orientais, são um indicativo de que o monarca também se aventurava nesse campo mesmo que de maneira incipiente. Enquanto Varnhagen (1979, p. 46) correlacionava, por exemplo, a língua tupi e o egípcio antigo, “não só nas formas gramaticais, como especialmente em um grande número de palavras (às vezes até idênticas)”, Pedro II buscava a mesma aproximação do guarani com línguas do leste asiático. Acreditava-se, na época, que os índios do Brasil eram “povos decaídos”, ou seja, descendiam de altas civilizações mediterrâneas que haviam regredido ao estado de selvageria. Aos diretores do IHGB, o próprio imperador pediu que respondessem o mais rápido possível quais eram os vestígios que pudessem comprovar a

existência de uma civilização anterior aos portugueses, participando assim ativamente das discussões. Ainda citando Priore e Venancio (2010), as buscas arqueológicas da época iam ao encontro de outra questão fundamental do período: a da identidade nacional brasileira, assunto este que encontrou na literatura um terreno fértil.

Assim como o movimento romântico europeu, o romantismo no Brasil não foi apenas um projeto estético, mas sim um movimento de cunho cultural e, sobretudo, político, profundamente ligado ao nacionalismo. Segundo Bosi (1994, p. 95),

[...] a nação afigura-se ao patriota do século XIX como uma ideia-força que tudo vivifica. Floresce a História, ressurreição do passado e retorno às origens (Michelet, Gioberti). Acendra-se o culto à língua nativa e ao folclore (Schlegel, Garrett, Manzoni), novas bandeiras para os povos que aspiram à autonomia, como a Grécia, a Itália, a Bélgica, a Polônia, a Hungria, a Irlanda. Para algumas nações nórdicas e eslavas e, naturalmente, para todas as nações da América, que ignoraram o Renascimento, será este o momento de grande afirmação cultural.

Os temas, conforme Schwarcz (1998), eram nacionais, mas a cultura, em vez de ser popular, era cada vez mais palaciana e voltava-se para uma estetização das cores e natureza locais. As obras do período, da literatura às artes plásticas, traziam esse cenário idílico em que a perfeição da natureza vinha ao encontro do caráter santificado e pretensamente estável da monarquia. Se não havia na nação castelos medievais ou templos antigos, a exuberância da natureza preenchia essa lacuna. O império dos trópicos, retratado entre palmeiras e abacaxis, buscava valorizar as “cores” do lugar mesclando-as com elementos estrangeiros. E a figura altiva de seu imperador corroborava com o movimento:

[...] era um homem de seu tempo, um romântico. Ser romântico era mais do que ter uma estética e uma filosofia. Era um modo de pensar, sentir, enamorar-se, combater, viajar. Era, também, um modo de morrer, assim como de extinguir-se politicamente. (PRIORE, 2006, p. 228)

2.1 AS TRADUÇÕES IMPERIAIS

O romantismo brasileiro pode ser considerado uma ramificação tardia do movimento romântico europeu. Assim como na Europa, a valorização do passado e dos temas nacionais também ganhou visibilidade no Brasil, tornando-se o movimento ao mesmo tempo nacional e universal devido à grande influência de fatores externos mesclados com as tendências locais. Na Europa, a retomada das tradições nacionais e o culto da história como temas recorrentes do romantismo permitiram a este movimento ser considerado o “despertar das nacionalidades”. No Brasil, o romantismo aparecia como o caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois

[...] fornecia concepções que permitiam afirmar a universalidade mas também o particularismo, e portanto a identidade, em contraste com a metrópole, mais associada nesse contexto à tradição clássica. O gênero vinha ao encontro, dessa maneira, do desejo de manifestar na literatura uma especificidade do jovem país, em oposição aos cânones legados pela mãe-pátria, sem deixar de lado a feição oficial e palaciana do movimento. (SCHWARCZ, 1998, p. 128)

Segundo Borba (2006, p. 70), o período romântico no Brasil viria a se caracterizar, fundamentalmente, por uma rebeldia em relação a Portugal. No mesmo caminho, Neves (2009) assinala que o Brasil independente começou a produzir, desde cedo, textos que procuraram explicar e justificar sua separação da metrópole. Em algum momento posterior a esse processo de emancipação política, o pólo da inteligência brasileira substituirá a “pátria-mãe” pela “cidade luz”, Paris. O objetivo ainda estava em romper as amarras do legado colonial lusitano, pois “não era mais possível pensar e escrever dentro do universo estanque de uma linguagem ainda setecentista, ainda colonial” (BOSI, 1994, p. 96). Vale lembrar, como ressaltam Romanelli e Stallaert (2014, no prelo), que o vínculo transatlântico do poder europeu colonial/imperial seria substituído prontamente pelo poder letrado/cultural à medida que as nações americanas tornavam-se independentes. E o imperador/mecenas Pedro II, vislumbrando o mesmo legado cultural para a sua pátria, não media esforços para acessar essa república de literatos e intelectuais europeus e o buscava fazer não com o título de imperador, mas na pele

do cidadão comum Pedro d'Alcântara. Na análise de Sodré (2004, p. 126), a imagem de “artista consumado” era construída no contato com aqueles que, sem saber, “não fizeram mais que avultar os traços que [o monarca] desejava por em evidência”.

A prática de tradução durante este período também foi alavancada. As traduções literárias a partir de várias línguas europeias para o alemão, por exemplo, tiveram um papel importante na consolidação da nação germânica. Além disso, muitos estudiosos começavam a discutir as teorias por detrás da tradução, dentre eles Friedrich Schleiermacher e Wilhelm von Humboldt.

No Brasil, a prática de tradução ocupou grande parte das horas dedicadas aos estudos do monarca. De acordo com Calmon (1975a, p. 477, grifos do autor),

de mão *diurna e noturna*, como o velho Horácio, de quem, no exílio, ainda falava a Carducci, traduziu salmos e cânticos; latinos e gregos; clássicos, românticos, simbolistas. Duas obsessões: as línguas raras e a versão fiel.

Como já citado, desde muito jovem, seus professores registravam seu grande interesse pelas línguas e suas experiências com a tradução. Certa vez, em um encontro com o Barão Planitz, professor de alemão do Colégio Pedro II, o monarca teria pedido a tradução de algumas palavras consideradas intraduzíveis do alemão para o português. A sabatina, citada por Heitor Lyra (1977a), causou certo embaraço para o Barão, já que ele não sabia como sanar satisfatoriamente as dúvidas do seu interlocutor.

Aparentemente, o imperador não ansiava fama literária, tampouco visava publicar suas obras. É o que deixa transparecer na seguinte passagem, citada por Mossé (1889) e por Carvalho (2007), com ligeiras modificações:

Escrevo versos, uma vez ou outra, apenas como exercício intelectual, e somente quando não tenho mais o que fazer. Mas não se lhes pode dar o nome de poesia. Mostro essas produções a alguns íntimos, mas de forma alguma desejaria vê-las publicadas. (apud CARVALHO, 2007, p. 232)

Escrever sonetos, de acordo com Calmon (1975a, p. 476), era “mania inocente” do imperador. O seu forte, para o biógrafo, sempre foi

a tradução: “D. Pedro II traduziu de tudo!”. Era a tradução uma atividade que, a meu ver, servia primeiramente como ponte para um objetivo específico: exercitar seus conhecimentos linguísticos e literários, treinar o aprendizado de línguas, bem como a sua fluência nos mais variados idiomas. Os anos de pesquisa e análises dos manuscritos de tradução do imperador empreendidos por mim e pelos demais membros do NUPROC nos faz refletir sobre o caráter cultural, político e ideológico deliberado por algumas de suas escolhas. Basta analisar os textos selecionados da *Divina Comédia*, por exemplo. De acordo com Romeu Porto Daros (2012), não se pode afirmar com precisão o que pode ter motivado D. Pedro II a selecionar os cantos V e XXXIII do “Inferno”. O primeiro texto narra a história de amor de Francesca de Rimini, enquanto o segundo se ocupa da terrível morte do Conde Ugolino e seus filhos. Ambos são histórias da *Divina Comédia* com larga difusão, tidas como as mais admiradas pelos leitores e pesquisadores da obra de Dante Alighieri. No entanto, a escolha por textos daquele escritor italiano já poderia se revelar em um interesse ideológico por parte do monarca, já que a obra em questão fazia críticas precisas ao comportamento social, político e, sobretudo, religioso da época. Do italiano, D. Pedro II também traduziu *Il Cinque Maggio*, ode política escrita em homenagem ao imperador francês Napoleão Bonaparte, de autoria de Alessandro Manzoni, com quem se correspondia frequentemente e mantinha calorosa discussão sobre a tradução da obra. De acordo com Schmidt e Romanelli (2013), a qualidade do trabalho do imperador atribuída pelos intelectuais da época é confirmada em uma carta escrita pelo organizador de uma edição publicada na Europa com 27 traduções da poesia de Manzoni. O organizador afirma ser a tradução de D. Pedro, “na opinião de todos”, “uma das mais excelentes, e que enriquece a própria coletânea” (MESCHIA, 1883, fólío 01 apud SCHMIDT; ROMANELLI, 2013, p. 209).

Do espanhol, o imperador traduziu trechos do poema épico *La Araucana*,²⁰ cuja autoria é atribuída a Alonso de Ercilla y Zúñiga. A história trata da Guerra de Arauco, conflito armado entre os colonizadores espanhóis do Reino do Chile e os indígenas mapuches, também conhecidos como Araucanos. Esse evento durou cerca de

²⁰ A tradução imperial *A Araucania*, inédita, faz parte do trabalho desenvolvido pela pesquisadora Ana Maria Barrera Conrad Sackl intitulado *Dom Pedro II tradutor: excertos de La Araucana*. In: SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Rosane de; ROMANELLI, Sergio (Orgs). **Dom Pedro II: um tradutor imperial**. Tubarão: Copiart, 2013, pp. 185-202.

trezentos anos com períodos espaçados de trégua entre os adversários e custou a maior quantidade de vidas espanholas em terras do Novo Mundo. Segundo Calmon (1975a, p. 535), a sua “Araucania” mandou distribuir “por ocasião das festas aos marinheiros chilenos”. Além de trechos da obra supracitada, o imperador também traduziu o poema oriental *Granada*, de autoria de José Zorrilla y Moral, escritor romântico espanhol. Registrava D. Pedro em seu diário que esta tradução já estava quase finalizada quando ele foi obrigado a abandonar o país. Acrescentava ainda que a primeira parte de seu trabalho já estava copiada; e a segunda ainda estava em processo transcrição. Trechos dessa tradução foram enviados para apreciação do seu autor, José Zorrilla. Os manuscritos autógrafos desse trabalho foram localizados em uma recente missão de pesquisa realizada pelos membros do NUPROC no MIMP.

Outra obra traduzida por D. Pedro II revela o seu interesse peculiar pelas questões do Oriente. Em sua versão de *As Mil e uma noites*, primeira tradução em língua portuguesa realizada diretamente do livro em árabe, o imperador priorizou escolhas pouco convencionais para época, período em que os demais tradutores, em suma, optaram por um “apagamento” das marcas consideradas obscenas inerentes à cultura árabe. Além disso, de acordo com Rosane de Souza (2010), o tradutor preservou em sua tradução as características da ambientação árabe, outro ponto comumente domesticado nas traduções do mesmo período. A descrição dos ambientes das *Noites*, de acordo com a autora, é marcada por manter as características originais desses lugares (palácios, jardins, etc) que eram abastados e possuíam as especificidades da cultura árabo-islâmica. No entanto, alguns tradutores do século XVIII e XIX buscaram aproximar a descrição desses ambientes às representações típicas do Ocidente, aumentando a cor local e criando assim mundos maravilhosos.

Outro ponto que se deve levar em conta é que as traduções do monarca circulavam na corte e eram lidas por amigos que frequentavam o paço imperial. De acordo com Wyler (2003, p. 83), nunca se traduziu tanto quanto no decorrer do século XIX, “seja pelo prazer de traduzir ou de partilhar traduções com amigos ou até mesmo com o público”. A versão do monarca, neste sentido, não fugiu à regra, pois era lida também em tertúlias no paço da cidade e no IHGB. Dito isso, as *Noites* traduzidas por Pedro II poderiam provocar algum mal estar devido às escolhas já mencionadas, uma vez que damas da corte tiveram acesso ao texto. A tradução de D. Pedro, portanto, ia em sentido contrário aos

preceitos morais de sua época. De acordo com anotações em seu diário, a tradução de *As mil e uma noites* estava sob apreciação da Sra. Mota Maia:

Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...]. (ALCÂNTARA, 1999, p. 1044)

Recorrendo ao seu diário pessoal, encontramos ainda diversas entradas sobre esta contínua atividade. Em algumas passagens, ele comenta as costumeiras comparações que fazia entre as traduções. Note-se, ainda, que não se tratava de um exercício sistemático, com horas e locais fixos para a atividade:

15 de junho de 1876: [...] fui à casa de John T. Sargent ver Whittier cuja fisionomia, embora algum tanto severa, muito me agradou. Falei-lhe de Barbara Freach e do hino do Centennial e ele agradeceu-me a tradução de *The cry of a Lost Soul*. Pouco discorreu sobre literatura. (1999, p. 485)

13 de julho de 1887: 5 ½. [...] Antes do jantar traduzi a Odisséia com o Seibold comparando-a à tradução alemã. (1999, p. 648)

11 de janeiro de 1888: 6h 25' Acabo de jantar com vontade. Antes traduzi sânscrito com o Seibold, reconhecendo que apesar da interrupção desse estudo não esqueci o que aprendi. (1999, p. 727)

26 de janeiro de 1890: [...] Agora escrevi a Liégeard pedindo-lhe o soneto que lhe mandei com tradução francesa interlinear, à morte da minha Santa. Vou deitar-me, e ler um pouco até dormir. (1999, p. 846)

29 de julho de 1890: [...] Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller [...]. (1999, p. 974)

2 de janeiro de 1891: 6h 20' Odisséia. O príncipe de Montenegro estava dormindo e não pude obter a tradução de Leconte Delisle que lhe emprestei. Espero a Isabel para jantar. Chegou (1999, p. 1063)

12 de julho [sic] [novembro] de 1891: acabo a lição de hebraico e só me falta traduzir um capítulo de Isafas, para principiar a traduzir os livros históricos e assim completar toda a versão da Bíblia. (1999, p. 1259)

Durante a década de 1860, época em que monitorava os estudos das filhas, Pedro II já analisava as traduções realizadas pelas princesas. Segundo Calmon (1975a, p. 570), as observações do monarca que salpicavam os cadernos de latim da princesa Isabel oscilavam entre a indulgência e a irritação nas mais “competentes notas a lápis”:

Não está má. Com mais atenção traduzirá sem erro. Mostra que vai compreendendo a índole da língua latina. Não marco lição para diante sem que me apresente tradução capaz do que risquei. Traduz à pressa. Muitíssima falta de atenção por toda parte...

Das traduções realizadas pelo imperador que foram publicadas, somam-se apenas três. São elas:

- a) *Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II* (Typographia do “Correio Imperial”, 1889);²¹

²¹ O livro, uma homenagem dos netos D. Pedro e D. Luiz, filhos da princesa Isabel, conta com grande parte das traduções de poesias realizadas por D. Pedro II. Dividido em duas seções, a edição traz na primeira parte os sonetos cuja autoria é atribuída ao monarca, seguido das traduções empreendidas por ele, geralmente ladeadas pelo texto original:

- “Episódio do *Conde Ugolino*” – *Divina Comédia*, de Dante Alighieri;
- “Episódio de *Francisca de Rimini*” – *Divina Comédia*, de Dante Alighieri;
- “*Cinco de Maio*” – de Alessandro Manzoni;
- “*A Canção dos Latinos*” – Leonida Olivari (provençal) traduzida do Italiano;
- *Aloys Blondel* – François Coppée;
- “*Soneto*” – Félix Anvers;
- Poema “*A Passiflora*” – Condessa de Chambrum;

b) *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin* (Avignon, 1891);²²

c) *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo (original de *Eschylo* – Imprensa Nacional, 1907).²³

No que se refere ao livro do *Hitopadeśa*, coletânea de contos e apólogos da literatura indiana com forte apelo moralizante, há algumas passagens no diário em que o monarca menciona utilizar esse texto

-
- “Soneto” – D. Mon;
 - “Soneto a Coquelin” – autoria de Jean Richepin;
 - “Soneto” – Sully Prudhomme;
 - “Soneto” – Sully Prudhomme;
 - “O Magistrado” – Sr. Rigaud;
 - “A Terra Nata” – Sr. Rigaud;
 - “Soneto” – general Carnot;
 - “O Beija-Flor” – Leconte de L’Isle;
 - “La Mignarda” – Rigaud;
 - “O Adeus” – (Jornal da Ilustração, 1887);
 - “Soneto” – Helena Vacaresco;
 - “Cantiga de Nadaud” – Gustave de Nadaud;
 - “O Besouro” – Gustave de Nadaud;
 - “Versos” de Gustavo Nadaud;
 - “A borboleta e a flor” – Victor Hugo;
 - “Estancias” – Alfredo Theulot – 1888;
 - “O Choro d’uma alma Perdida” – de John Greenleaf Whitier;
 - “Poema a Chapelle e Bachaumont”;
 - “O Canto do Siciliano: El-Rei Roberto da Sicilia” – Henry Wadsworth Longfellow;
 - “Versos” de Ernesto Heller – “A morte do poeta Dranmor”;
 - “Aos Mortos de Sahati” – Luiz Nobrega;
 - “Miserere” – Salmo L – canto religioso;
 - “Oh Salutaris hóstia” – canto religioso;
 - “Panis Angelicus” – canto religioso;
 - “Ave, verum” – canto religioso;
 - “Pange língua” – canto religioso;
 - “Vexilla Regis” – canto religioso;
 - “Stabat mater” – canto religioso.

²² Há, nesta obra, uma introdução de 06 páginas de autoria do próprio monarca. Nela, D. Pedro II discorre sobre os “cânticos ingênuos”, compostos segundo ele para festas familiares e que recordam os cânticos da tradição cristã. Sobre a tradução propriamente dita dos *piout*, ele afirma que a versificação desse gênero de poesia é extremamente irregular e de difícil definição e que foi por intermédio do Rabino Benjamin Mossé que teve vontade de conhecer e, como amador antigo do “félibrige”, traduzir o ritual “contandim”.

²³ A tradução do imperador, feita em prosa, foi devidamente versificada pelo Barão de Paranapiacaba, a quem D. Pedro II teria entregado os manuscritos “manifestando o desejo de que [...] trasladasse para verso a sua prosa”, segundo o próprio Barão em carta publicada no *Jornal do Commercio* (1907, p. ix).

como forma de aprendizado do sânscrito. A referida obra, cuja origem é estimada como sendo anterior ao nascimento de Buda (séc. V a. C.), foi utilizada pelos sacerdotes da então recém-criada religião para veicular os preceitos budistas em território indiano e chinês. Com o passar dos séculos, os contos e fábulas presentes no *Hitopadeśa*, despidos de qualquer conteúdo ou intencionalidade religiosa, ganharam o mundo a partir da prática da tradução em versões chinesas, persas, árabes, gregas e latinas. Em sua tradução para a língua portuguesa, tinha o imperador como tutor em seus estudos de sânscrito o orientalista alemão Dr. Christian Friedrich Seybold e já se sabe que essa figura desempenhou um papel importante na realização das traduções de línguas orientais realizadas pelo monarca. Possivelmente, a versão de D. Pedro II foi traduzida a partir do devanágari (sistematização da língua sânscrita na modalidade escrita). As traduções do *Hitopadeśa* durante o século XIX, em suma, eram publicadas com o texto em devanágari, seguido da transliteração (transcrição fonética no alfabeto latino) e da tradução. Nesta pesquisa, parto do pressuposto de que D. Pedro II traduzira diretamente do sânscrito, tendo como base duas edições do *Hitopadeśa* para o inglês, como detalharei mais adiante na análise descritiva.

Abaixo, excerto de um cartão enviado à Princesa Isabel em 1890. Nele, D. Pedro II se vale de passagens em vários idiomas (hebraico, árabe, sânscrito, grego, italiano, português, espanhol, francês, russo, alemão e guarani) com mensagens sobre a importância do conhecimento na formação intelectual do homem. O imperador utiliza fragmentos do texto original, sua transliteração (no caso das línguas orientais) e a tradução para o francês. Do texto em sânscrito, D. Pedro II utiliza um trecho do livro do *Hitopadeśa*, obra que traduzia naquele período. Como é possível verificar, há o texto original em devanágari, sua transliteração e a tradução em francês, já que o monarca encontrava-se exilado na França desde 1889:

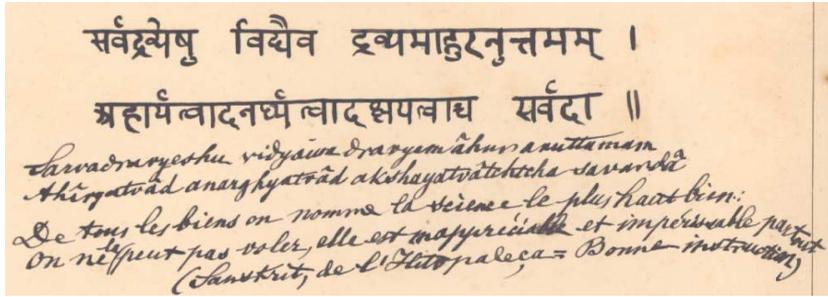


Fig. 6: Excerto do livro do *Hitopadesa*, manuscrito autógrafo de D. Pedro II – Maço 40 – Doc. 1062 Cat B P2 [D18 P01] – MIMP/Ibram/MinC.

3 O ORIENTE SOB DIFERENTES PRISMAS: EUROPA *VERSUS* BRASIL IMPÉRIO

3.1 UMA INVENÇÃO OCIDENTAL

Em 1978, o professor de Literatura Comparada da Universidade de Colúmbia, Edward W. Said, apresentava ao mundo acadêmico a sua obra mais conhecida e talvez a mais polêmica: *Orientalism*. O subtítulo acrescido à época do lançamento da edição brasileira parece contemplar em sua totalidade o núcleo das discussões do pesquisador palestino: *o Oriente como invenção do Ocidente*. E é assim que Said desenvolve a sua tese, demonstrando que o Oriente “era praticamente uma invenção europeia” e que fora “desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias” (2010, p. 27). De acordo com Said, a subsistência e o desenvolvimento de uma dada cultura – neste caso a ocidental/europeia – estimulam a elaboração de um diferente e necessariamente competitivo “outro” ou “alter-ego”. Dessa forma, como parte do processo de construção e fortalecimento de sua própria imagem, a Europa criou o Oriente, uma projeção distorcida de um “outro” como uma contra-imagem em todos os aspectos possíveis. O discurso criado pela Europa sobre o Oriente, ao se afastar da realidade efetiva, respondia aos anseios coloniais ou imperialistas e deveria justificar, sobretudo, suas miras e conquistas dos territórios e povos considerados inferiores e, por isso, legitimamente subjugados. Esta substituição de uma realidade objetiva por uma imagem subjetiva do Oriente, servil aos propósitos de dominação, constitui a chamada “representação” denunciada na obra de Said (CARBONELL Y CORTÉS, 1997). Assim, a relação entre Ocidente e Oriente é balizada pelo poder, domínio, hegemonia e opressão do primeiro em relação ao segundo. Não correspondem, portanto, Ocidente e Oriente a nenhuma realidade estável que possa existir de fato, mas são apenas produtos de uma construção europeia. O Oriente foi, de acordo com Said (2010, p. 28, grifos do autor) “o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas *colônias* européias, fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do *Outro*”. Dessa forma, conclui o autor: “o Oriente é uma *parte integrante* da cultura material européia”.

Edward W. Said descreve o Orientalismo como um discurso, na acepção foucaultiana do termo. Segundo Michel Foucault (1996), a

prática discursiva resulta da interação entre conhecimento e poder, os quais se unem uns aos outros em uma cadeia interminável. Conhecimento, para Foucault, é poder e também a forma de se conquistar o poder. Said argumenta que, sem analisar o Orientalismo como discurso, torna-se impossível entender a disciplina sistemática pela qual a cultura europeia foi capaz de administrar e até mesmo produzir o Oriente – política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente – no período pós-iluminismo. O discurso colonial, adstrato hegemônico vinculado à metrópole, compõe-se por formas de conhecimento, representação e estratégias de poder, transfigurando a realidade em representação. Tal discurso justifica e perpetua aquilo que Michel Foucault chama de relação assimétrica de poder (dominante *versus* dominado) e alega a necessidade de sua presença, fundamentado nos construtos ideológicos de que alguns povos e territórios necessitam e imploram por dominação (CARBONELL Y CORTÉS, 1997).

Said concentra a sua atenção na experiência imperial de países como a França, Inglaterra e Estados Unidos, atribuindo pouca ou nenhuma relevância para a intervenção alemã no Oriente, cujo interesse destoava das campanhas imperiais de invasão e domínio de territórios. E aí está a brecha que alimentou as principais críticas a sua obra: o desprezo ao Orientalismo germânico e a redução de seu Oriente à porção territorial localizada a leste e sul do mar mediterrâneo, o chamado Oriente Médio. Robert Irwin (2007), por exemplo, acredita que as fragilidades da obra do pesquisador palestino residem no fato de ele ter atribuído ao Orientalismo um sentido restritivo, feito generalizações e acusações sobre os estudiosos ocidentais da cultura oriental, além de fundamentar sua tese em distorções históricas. Irwin (2007) abusa de ironia ao propor uma redefinição do termo orientalista, apresentado por Said como alguém que “ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente” (SAID, 2010, p. 28). O autor acrescenta a palavra “Médio”, indicando que as análises de Said limitam-se àqueles domínios, ou seja, ao Oriente Médio e excluem, inclusive, territórios do próprio mundo árabe, como partes do norte da África e oeste do Egito. Bernard Lewis (1982), citado no livro de Said como sendo um dos melhores exemplos de como utilizar a rubrica do conhecimento com intuito de inferiorizar todo o povo árabe e seguidores do Islã, também considerou a delimitação de Said arbitrária, afirmando ainda que a insistência de Said em descrever ingleses, franceses e americanos e a excessiva remissão ao Oriente Médio excluiu outras regiões importantes do leste, como o Extremo Oriente. Segundo Felipa Lowndes Vicente (2009), embora Edward W.

Said se concentrasse apenas no mundo árabe, a literatura subsequente deslocou a geografia dos conceitos de Orientalismo para a Índia. O mérito de Said, na visão da autora, está na construção de um saber sobre o “outro” em um sentido politizado e que continua sendo pertinente enquanto instrumento de observação. A contribuição da obra foi determinante para contestar a historiografia acrítica e congratulatória que dominava os estudos europeus sobre outras culturas, notadamente aqueles realizados em contextos coloniais. O mais importante a se apreender do Orientalismo de Said, na concepção de Name (2008), é considerar o seu entendimento de que ao representar o Oriente, obrigatoriamente o Ocidente está representando a si mesmo, e com isso necessariamente se misturando, se (con)fundindo com o Outro. Ao dizer o que o Oriente é e, sobretudo, o que não é, o que o oriental faz ou deveria fazer, pode e não pode fazer, os olhos, vozes e juízos eurocêntricos também constroem e espalham uma fortíssima representação do próprio Ocidente, que por sinal não existe sem essa representação do Outro. Já Mackenzie (1995) acredita que a obra do pesquisador palestino seja surpreendentemente eclética, tanto em termos teóricos quanto filosóficos, bem como no uso da mistura de fontes literárias e referências não-canônicas. Said teria remodelado o conceito de discurso, na visão de Mackenzie, aplicando-o à noção de hegemonia cultural do italiano Antonio Gramsci, em que o controle da elite é mantido sobre as massas. Assim, ainda de acordo com Mackenzie (1995), Said transferiu os princípios hegemônicos de representação racial e controle para um contexto puramente imperial. Poucos livros, relata o autor, conseguiram ao mesmo tempo estimular tanta controvérsia ou influenciar tantos estudos, nas mais variadas áreas, sendo quase impossível analisar a relação entre Oriente e Ocidente sem a teoria de Said.

Em apresentação à edição espanhola de *Orientalism*, Juan Goytisolo (1990) afirma que o livro de Said, desde a sua primeira publicação, produziu o efeito cataclísmico em um âmbito seletivo, “um tanto fechado e auto-suficiente, dos orientistas anglo-saxões e franceses” (1990, p. 9).²⁴ Para o autor espanhol, Said se vale de premissas vagas e incertas, fundamentando sua tese em uma quantidade de documentos que tem adquirido, com o passar dos anos, um “indiscutível – porém discutível – valor científico” (1990, p. 10).²⁵ Além

²⁴ “*um tanto cerrado y autossuficiente, de los orientistas anglosajones y franceses*”. As traduções são de minha autoria.

²⁵ “*indiscutido – pero discutible – valor científico*”.

disso, em face de suas próprias coordenadas culturais, Said teria privilegiado os estudos e textos anglo-franceses que fabricaram um Oriente conforme suas conveniências, evitando assim abordar a contribuição alemã no Orientalismo. Quando a faz, tal abordagem ocorre de modo marginal. Breckenridge e Van der Veer, citados por McGetchin (2009), também assinalam que a indologia alemã foi largamente ignorada por Said porque a Alemanha não era um país colonizador na Ásia. Justamente por não ter inclinação para o “turismo exótico”, acredita Oliveira (2011; 2012), a Alemanha objetivava compreender o Oriente ao invés de invadi-lo, razão esta que faria Said considerar tal objeto desinteressante para sua análise. Além da indologia alemã e seu enfoque filosófico tão bem defendido por Raymond Schwab (1950) e renegado por Said, Goytisolo (1990) acrescenta que a experiência secular ibérica com o Oriente, esta sim, está completamente ausente na obra daquele pesquisador. No entanto, reconhece o autor, o texto de Said se mantém copiosamente vivo e atual, um ponto de referência inevitável para quem pretende adquirir um conhecimento mais equilibrado e correto de assuntos polêmicos como os conflitos que assolam o Oriente Médio, o significado do Islã e a proteção humana, social e cultural de uma civilização tão próxima aos ibéricos e ao mesmo tempo tão ignorada: a civilização árabe. Passados 12 anos da primeira edição espanhola de *Orientalismo*, Edward W. Said continuaria rebatendo todas as críticas disparadas à sua tese, fundamentadas ou não. Entretanto, reconsidera uma que para ele teria mais sentido: a extremamente complexa relação entre a Espanha e o Islã, que não se caracteriza por uma relação imperial. Said (2002), citado por Enkvist (2010), acredita que a Espanha constitui uma notável exceção no contexto do modelo geral europeu, cujas linhas são descritas em *Orientalismo*. No mesmo prefácio, Said ainda afirma que não se pode simplesmente ignorar ou minimizar o relacionamento longo e por vezes turbulento entre a ideologia da Espanha católica e o passado judeu-muçulmano por tanto tempo reprimido, embora ele arrisque a dizer que, mesmo em tal controvérsia, possa ter existido uma relação de complementaridade e até intimidade que raramente se repetiu fora da península ibérica. Se a experiência e a tradição indicam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas quando tais traços encontram uma possibilidade de se moldar aos seus quadros de vida, arrisco em dizer que parte desse mesmo Orientalismo peculiarmente ibérico citado por Said seria transferido para as colônias latino-americanas durante a época dos descobrimentos e, no caso

específico do Brasil, depurado por séculos com outras “experiências orientalistas”, como veremos adiante. Tal Orientalismo seria paulatinamente suprimido por tendências ocidentais/europeias no decorrer do século XIX.

A partir dessa época, o Orientalismo que se desenvolveria no império americano, especialmente através da prática da tradução – e aqui me refiro exclusivamente à atividade tradutória de D. Pedro II –, apresenta modulações que se distanciam do perfil do movimento orientalista dos grandes impérios europeus. Embora também comandasse um império, o monarca Pedro II não tinha ambições coloniais no Oriente. D. Pedro governava um império sem pretensões imperialistas, ou seja, caracterizado pela ausência de políticas expansionistas e conquistadoras, o que tornava o país muito diferente dos grandes impérios do Velho Mundo. Mais uma vez, o Orientalismo no Brasil não poderia ser comparado com o modelo *sui generis* defendido por Edward W. Said em sua obra homônima. Não obstante, a obra clássica de Said, por ser considerada como o marco fundacional das teorias pós-coloniais, abordagem teórica utilizada na investigação de relações de poder e suas representações em áreas outrora de litúgio colonial em várias partes do mundo, parece também insuficiente para enquadrar a realidade da América Latina. Falar em Orientalismo na América Latina implica avaliar, de acordo com Zekmi (2008), se o território em questão realmente se constituiu em uma área pós-colonial. Isso porque a independência das nações latino-americanas muito se diferenciou do processo de independência da Índia e de regiões da África, cujo poder foi retomado pelos/restituído aos ditos nativos após a retirada dos impérios europeus. Dessas áreas de conflitos e de disputa de poder é que partem as principais ideias que norteiam as teorias pós-coloniais. O processo de independência latino-americano foi levado a cabo, na América espanhola, pela elite representada pelos *criollos*, descendentes de espanhóis nascidos na América. O objetivo principal estava em romper com a metrópole monopolista, que lhes dificultava as transações mercantis, sobretudo com a Inglaterra. Além disso, os *criollos* eram desprovidos de amplos direitos políticos nas grandes instituições do mundo colonial espanhol simplesmente por serem filhos da terra e não espanhóis natos. Já na América portuguesa, devo afirmar que o movimento pela independência tenha sido, dentro da realidade ibero-americana, bastante peculiar. Não é de meu interesse esmiuçar aqui os conflitos políticos e ideológicos que culminaram na independência do país. O fato é que o Brasil receberá sua autonomia

política não das mãos de um crioulo, mas de um europeu, o príncipe regente português D. Pedro I. A independência do Brasil, nas palavras de Priore e Venancio (2010, p. 164), pode ser “definida como um movimento bastante elitista, quase uma disputa entre aristocratas portugueses”. Divergindo das recém-criadas repúblicas hispânicas, o sistema de governo monárquico da antiga metrópole se perpetua na ex-colônia americana e o primeiro imperador, mesmo após travar uma disputa bem sucedida contra o reino de seu pai e ascender ao poder, continua sendo o herdeiro direto na linha de sucessão do trono português. A disputa pela coroa portuguesa o fará abdicar o título de imperador do Brasil em favor de seu filho, o futuro imperador D. Pedro II, primeiro crioulo a governar o país. Em face ao exposto, nas linhas que seguem, busco uma espécie de complementação da proposta de Said, discorrendo sobre esse Orientalismo peculiar que se desenvolveu no país, da presença ibérica até o reinado do orientalista Pedro II.

3.2 ORIENTALISMO (IBERO) BRASILEIRO

Em *Etnogénesis y etnicidad en España: Una aproximación histórico-antropológica al casticismo*, Christiane Stallaert (1998) discute justamente a complexa problemática da formação étnica da península ibérica – e a participação de cristãos, judeus e muçulmanos neste processo –, dos idos da época anterior a *Reconquista* aos dias mais recentes. Para a autora, que se debruça especialmente no caso da Espanha, se a consciência étnica de uma nação surge do confronto com outros povos, é o mouro, tido como o antiespanhol por essência, o outro que catalisa essa consciência espanhola. O cerne da discussão da antropóloga belga se desenvolve no conceito de *casticismo*, termo que nos séculos XVI e XVII designava os indivíduos de linhagem etnicamente pura, limpa, o que “equivalia na Espanha da época uma linhagem não contaminada por sangue mouro ou judeu” (1998, p. 22).²⁶ No caso da península ibérica, a identidade étnica do indivíduo se definia a partir do nascimento no seio de um determinado segmento religioso: a pureza étnica era, portanto, também religiosa. Sob a perspectiva da casta dominante, a velho-cristã, ser um cristão de estirpe pura estava condicionado ao fato de não possuir vínculos biológicos com membros dos grupos minoritários, neste caso, os muçulmanos e judeus. A partir do evento histórico conhecido como *Reconquista*, episódio que

²⁶ “Um linhaje limpio equivalia en la España de la época a un linhaje no contaminado de sangre judía o mora”.

culminou com a reincorporação da parte sul da península ao então nascente império de Castela, os (re) conquistadores precisaram recorrer, dada as condições demográficas da região pós-conflito, aos demais grupos étnico-religiosos para assegurar o desenvolvimento econômico e populacional dos novos domínios. Nascia assim o sistema social espanhol caracterizado pela convivência entre cristãos, mouros e judeus, uma cópia do modelo de sociedade vigente em Al-Andaluz dos tempos árabes, mas com uma diferença no controle do poder: a hegemonia agora era cristã. Do ponto de vista antropológico, dirá Stallaert (2013), a península ibérica pós Reconquista pode ser rotulada como uma sociedade “multicultural”. No entanto, o modelo de convivência entre as castas, regulado por princípios próprios que evitavam ferir as regras de coexistência entre grupos, sucumbiria em fins do século XV dada à conversão massiva de judeus ao Cristianismo. Desde então, somente os cristãos eram aceitos na península e por isso se iniciou uma forte política assimiladora frente às minorias conversas – os novos cristãos – e a expulsão dos indivíduos que não se renderam a doutrina cristã. Com a prática da conversão, a sociedade espanhola acompanhou o crescimento da casta cristã com a inserção de membros que não eram nem etnicamente cristãos, nem exibiam traços comportamentais que os enquadrassem na nova religião. Como meras “cópias” do original, os convertidos eram apontados e julgados por se comportar como versões imperfeitas – traduções – do mais genuíno estilo de vida velho-cristão (STALLAERT, 2013). A partir de 1492, o ideal de sociedade velho-cristã cruzaria o Atlântico e aportaria nos novos domínios americanos. Vale dizer que a experiência orientalista ibérica não suplantou o interesse pelo mítico Oriente. Foi, aliás, o imaginário europeu sobre essa lendária região do globo a mola propulsora para a descoberta da “quarta parte” do mundo, batizada de América, conforme observa Stallaert (2012a). Segundo Lima (2001, p. 11), os iberos, “tomando o caminho do Ocidente, para atingir as regiões maravilhosas do levante, [...] se acharam de uma vez em face de um mundo que se chamou de novo, mas do qual já se suspeitava a existência”. Nesse mesmo período em que se lançavam aos mares, Portugal e Espanha, “territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica[va] com outros mundos”, passavam decididamente no coro europeu. Isso porque ambas as nações constituem, historicamente, uma zona fronteira, de transição, menos impregnada “desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário” (HOLANDA, 2003, p. 31). A sociedade que se formou na península ibérica, essa “região indecisa” entre a Europa e a África, como

classifica Holanda (2003), se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das suas congêneres europeias.

No mesmo ano de 1492, enquanto no Velho Mundo o projeto imperial de construir uma Espanha limpa de sangue impuro de judeus, muçulmanos ou conversos começava a se delinear, Cristóvão Colombo desembarcava do outro lado do Atlântico. Colombo, ao planejar alcançar o Oriente por vias ocidentais, se tornaria o primeiro europeu a topar com o Novo Mundo. Desde então, a realidade efetiva do Novo Mundo passava a ser substituída por outra imaginária, a oriental. Anos mais tarde, especificamente em 22 de abril de 1500, era a vez das naus comandadas pelo português Pedro Álvares Cabral ancorarem em terras americanas.

Com as campanhas ultramarinas, os íberos criavam os fundamentos do primeiro bloco econômico mundial, o primeiro “sistema-mundo” da economia capitalista do império ocidental no eixo Europa, África e América (STALLAERT, 2012a) e interromperam, assim, “o desenvolvimento autônomo das grandes civilizações americanas” (RIBEIRO, 2001, p. 65). Mas como explicar que uma área marginal, que não era a mais avançada economicamente, tampouco a mais populosa, se capacitasse para realizar a expansão oceânica da Europa Ocidental? Ribeiro (2007, p. 53) elenca, entre os motivos principais, o fato de terem os iberos se tornado herdeiros da tecnologia islâmica, na época mais alta que a europeia, especialmente nos setores decisivos para a navegação oceânica. Além disso, o fato de os iberos terem estado empenhados por oito séculos em uma luta de emancipação contra a dominação sarracena, “que exigiu mobilizar todas as energias morais de seus povos e mantê-las acesas por esse vastíssimo período de tempo”, em que os limites se expandiam ou recuavam conforme se intensificava a pressão islâmica ou cristã. Conclui Ribeiro (2007, p. 53) que “essas duas circunstâncias é que fariam dos iberos da reconquista os promotores da conquista”. Na mesma direção, Holanda (2003, p. 99) afirma que os castelhanos prosseguiram no continente recém-descoberto a luta secular contra os infieis. Assim, ao terminar a batalha contra o mouro, a casta cristã encontraria na conquista do Novo Mundo um novo campo para exercer sua força, influência e poderio militar, aperfeiçoados durante os anos de Reconquista:

[...] a coincidência de ter chegado Colombo à América justamente no ano em que caía, na península, o último baluarte sarraceno parece providencialmente calculada para indicar que não

deveria existir descontinuidade entre um esforço e outro. Na colonização americana reproduziram eles naturalmente, e apenas apurados pela experiência, os mesmos processos já empregados na colonização de suas terras da metrópole, depois de expulsos os discípulos de Mafoma (2003, p. 99).

A partir de então, o vasto espaço nacional dos trópicos passará a conviver com uma cultura europeia de matriz hispânica (ou ibérica) e católica, e cuja composição étnica também será consideravelmente a mesma, principalmente de origem portuguesa (FREYRE, 1963). Para muitos cronistas, devido à oposição Ocidente/Oriente desenvolvida durante os anos de Reconquista, o indígena americano passa a corresponder ao oriental. Isso porque os iberos acreditavam que as novas terras descobertas formavam parte da Ásia, criando no Novo Mundo uma realidade em consonância com as coordenadas imaginárias determinadas pela Europa. De acordo com Espinoza (2009), os iberos tinham um verdadeiro afã por fazer enquadrar as terras descobertas em uma série de conhecimentos, lendas e mitos extraídos de leituras realizadas antes do descobrimento. Sem dúvidas, *As viagens*, de Marco Polo teria sido a fonte mais imediata e detalhada de informações das terras remotas da Ásia Oriental. Depois de Colombo, ainda de acordo com Espinoza (2009), muitos outros cronistas e escritores, amparados nos escritos do próprio Colombo, continuariam a “inventar” ou “reinventar” a nova realidade americana. Assim aconteceu também com a frota de Cabral, anos mais tarde.

Nos primeiros contatos com os *índios*, nome genérico que denotava esse equívoco inicial do Europeu ante a população ameríndia, a distinção étnica baseada no fator religioso como se fazia na península ibérica não foi aplicável. A cor da pele passou a assumir a função de marcador étnico, introduzindo assim uma nova ordem antropológica (STALLAERT, 1998). A célebre passagem da carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão responsável por reportar à Coroa Portuguesa a então grande descoberta, evidencia a cor da pele do nativo da região: “a feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos” (apud RONCARI, 2002, p. 31). Mesmo com a substituição imediata da religião enquanto definidor étnico por características somáticas reveladas pelo tom da pele, os portugueses não descuidaram de angariar novos membros para a casta cristã. No mesmo

documento, Caminha identifica na suposta inocência dos índios americanos um trunfo para promover a conversão ao cristianismo:

a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. (apud RONCARI, 2002, p. 39)

Segundo Luiz Roncari (2002), como as duas nações ibéricas passaram ilesas pelas reformas protestantes que sacudiram a Europa, foi nelas que se concentrou a reação católica. Desse modo, o mesmo empenho doutrinador e a mesma vigilância contra heresias de fundo protestante se estenderiam para os seus mundos coloniais tanto no Oriente quanto no Ocidente, daí a especulação de Caminha quanto à possibilidade de evangelização. Além disso, a metrópole tinha o aval de Roma para que prosseguissem sobre os índios, segundo Ribeiro (2001, p. 71), “a guerra dos mouros, na guerra e na conversão dos novos infiéis recém-descobertos”.

A herança oriental recebida pelos séculos de convivência entre as castas na península ibérica se faz notar textualmente na minuciosa descrição que Pero Vaz de Caminha fez dos dias em que passaram os portugueses em companhia dos ameríndios. Com a introdução do português, uma das línguas vernáculas ibéricas, se introduz igualmente conceitos e vocábulos de origem oriental. Segundo Caminha, um “mancebo degredado” de nome Afonso Lopes, homem “vivo e destro”, teria sido escolhido pelo capitão da frota para sondar “um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada” (apud RONCARI, 2002, p. 31). Lopes tomou dois “daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa *almadia*” (2002, p. 31, grifos meus). De origem árabe, a palavra *almadia* se refere a uma “embarcação comprida e estreita, em uso na Ásia e na África” (FERREIRA, 2002, p. 71) e serviu para denominar as canoas ocupadas pelos índios. Outros arabismos incorporados ao léxico português são mencionados na carta de Caminha, possibilitando reafirmar que o contato do oriente com o mundo ibérico havia imprimido suas marcas e seria exportado para as novas colônias, inicialmente, por meio da língua. O “outro” se tornava parte integrante daqueles que, por tantos séculos, insistiram em negá-los. A título de ilustração, algumas palavras citadas pelo escrivão: *aljaveira*, *alcativa* e *albarrada*.

De acordo com Macedo (2008, p. 5), o mouro veio na memória dos europeus para o Novo Mundo. Possivelmente, os pais dos conquistadores da América participaram das “derradeiras escaramuças” daquela luta secular e os primeiros portugueses instalados no Brasil compartilhavam a mesma atmosfera mental fortemente impregnada no imaginário hispânico. Assim, não é de se estranhar que a figura emblemática do mouro, o “outro” responsável pela consciência étnica da península ibérica, tenha sido retomada no encontro com os índios, que passam a ser também, naquele momento, caracterizados à moda oriental. Em 1º de maio, após encontrarem um bom local para fixar uma cruz, a tripulação ouviu a missa do “padre Frei Henrique” na companhia de 50 ou 60 índios. Acabada a missa, o capitão levou consigo até a nau dois nativos, um dos quais fez “aos outros aquela mostrança para o altar e para o Céu” e deu-lhes o mesmo capitão “uma camisa *mourisca* e ao outro uma camisa destoutras” (apud RONCARI, 2002, p. 39, grifos meus). O termo “camisa mourisca” aparece em um dicionário histórico português²⁷ como uma espécie de veste alva sacerdotal exclusiva da cultura árabe e que, à época da publicação do referido dicionário, ainda “usão os Mouros de camisas mui largas, e compridas” (1799, p. 19). A persistência mítica do mouro no imaginário coletivo ibérico se estendeu pelos dois primeiros séculos de colonização da América portuguesa. Macedo (2008, p. 8) narra um episódio ocorrido no nordeste do país em que a presença dos seguidores de Maomé ainda é aludida. Segundo o autor, “a eles, com Santiago” era o grito de guerra que conduzia a luta pela Reconquista ibérica e Santiago de Compostela, a quem os portugueses rendiam culto, foi o principal ícone da luta contra os mouros. Com o mesmo grito de guerra, o Capitão Francisco de Frias “conduziu seus guerreiros contra os indígenas por ocasião da conquista do Maranhão, no princípio do século XVII” (2008, p. 6).

Outro ponto interessante a se destacar refere-se ao ato comunicativo estabelecido desde os primeiros contatos entre lusos e ameríndios. Pero Vaz de Caminha atribui inicialmente a causa da incompreensão da língua do indígena ao barulho provocado pelas quebradas da onda do mar na costa. Com o passar do tempo, a língua ameríndia se confirmava em “algaravia”, já que era falada por “gente que ninguém entende” (apud RONCARI, 2002, p. 38). De acordo com Stallaert (2012b), uma linguagem que não se pode entender ficou associada com a língua árabe, a língua do outro por excelência, em

²⁷ *Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usárão, e que hoje redularmente se ignorão* (1799).

contraponto com as línguas ibéricas, associadas ao cristianismo. Falar “cristiano”, na tradição espanhola, se traduz em falar espanhol e quem não fala “cristiano”, portanto, fala algaravia, uma língua incompreensível. A comunicação efetiva com os índios foi se estabelecendo por meio de sinais e gestos, e a interpretação imediata estava de acordo com os anseios e a conveniência dos portugueses. Não sendo do interesse do colonizador, mesmo os gestos assumiam o sentido de algaravia. O excerto a seguir, em que Caminha descreve a visita de alguns ameríndios à nau portuguesa, parece bastante revelador dessa lógica lusitana operada durante a comunicação com os nativos. Segundo o relator, um dos indígenas viu

[...] umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. (apud RONCARI, 2002, p. 32)

Para Stallaert (1998), esperava-se realizar na América o que na península ibérica já se considerava praticamente impossível, ou seja, garantir a pureza dos novos domínios exigindo provas de limpeza de sangue dos candidatos que desejassem emigrar para o continente. A limpeza de sangue se configurava, na opinião de Roncari (2002), em uma das leis sociais mais excludentes da época. Qualquer indivíduo que descendesse, mesmo em seu passado distante, de judeu ou mouro, era considerado de sangue impuro. Ter sangue limpo correndo nas veias significava ainda, de acordo com Stallaert (1998), não ter sido julgado ou condenado pela Inquisição por heresia, apostasia ou blasfêmia. A autora destaca que o processo de colonização do Novo Mundo no final do século XV esteve intimamente ligado com a experiência de “convivência” do espanhol medieval, cujo princípio básico foi o agrupamento social em torno de castas “que serviu de princípio organizador das colônias americanas” (1998, p. 61).²⁸ Ainda sobre os estatutos de limpeza de sangue, Ronaldo Vainfas (1997, p. 239) afirma

²⁸ “Es precisamente esta organización étnica, basada en grupos de descendencia, la que sirvió de principio organizador de las colonias americanas”.

que os cristãos-novos ou judeus convertidos ao catolicismo foram o principal alvo da ação inquisitorial portuguesa por mais de dois séculos e também os mais estigmatizados juridicamente pela busca obsessiva pela pureza sanguínea que se alastrava em Portugal. O autor reforça que o mesmo modelo de sociedade que valorizava o fidalgo velho-cristão e alvitava o cristão-novo foi transplantado para o Brasil. Assim, em possessões americanas, nos primeiros anos que sucederam a conquista, o colonizador ibérico diferenciava os cristãos (colonizador branco), os nativos (indígenas) e os escravos (negros). O cruzamento entre as três categorias básicas criava novos subgrupos, que por sua vez, entrecruzados, produziam um número infundável de outros grupos étnicos, o que acabou por minar o sistema de sociedade movido pelo rigoroso controle e organização étnica (STALLAERT, 1998).

Na América portuguesa, porém, o intercuro de raças prevaleceu desde os primeiros momentos da ação colonizadora lusitana. De acordo com Sergio Buarque de Holanda (2003), diferentemente dos espanhóis, seus vizinhos imediatos e irmãos, os portugueses se caracterizavam por uma espécie de “plasticidade social”. Trata-se, na visão do autor, da “ausência completa, ou praticamente completa, entre eles, de qualquer orgulho de raça”. Essa modalidade do caráter exclusivamente português, discorre Holanda (2003, p. 53),

os aproxima das outras nações de estirpe latina e, mais do que delas, dos muçulmanos da África, explica-se muito pelo fato de serem os portugueses, em parte, e já ao tempo do descobrimento do Brasil, um povo de mestiços.

Prado Júnior (2004) também acredita que a mestiçagem, signo sob o qual se desenvolveu a etnia brasileira, é resultante da excepcional capacidade do português em se cruzar com outras raças. Segundo ele (2004, p. 107), “é a uma tal aptidão que o Brasil deveu a sua unidade, a sua própria existência com os característicos que são os seus”. A tal aptidão, continua o autor, se deve principalmente ao trato imemorial que as populações ocupantes do território peninsular tiveram com raças “de compleição mais escura”. A invasão árabe “senhoreando” o território lusitano durante séculos, o alcance colonial do século XV que prolongou o contato dos portugueses com os mouros e os estabeleceu com as populações negras da África, “tudo isto veio naturalmente favorecer a plasticidade do português em presença de raças exóticas” (2004, p. 108).

Darcy Ribeiro (2001), ao analisar a formação do povo brasileiro, considera que o verdadeiro produto da empreitada colonial portuguesa em terras do Brasil não foram os tesouros “afanosamente buscados e achados” e o que tanta riqueza possibilitou erguer no Velho Mundo, tampouco as mercadorias produzidas e enviadas à metrópole. “Seu produto real foi um povo-nação, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplica prodigiosamente como uma morena humanidade em flor, à espera do seu destino” (2001, p. 68). Assim, a “mestiçagem que representou, certamente, notável elemento de fixação ao meio tropical não constituiu, na América portuguesa, fenômeno esporádico, mas, ao contrário, processo normal” (HOLANDA, 2003, p. 66). Esse “universo cruzado”, fruto do diálogo da herança ibérica com a cultura africana e indígena, culminará em uma configuração diversa e distante “dos modelos comedidos, ascéticos e racionalistas” dos europeus do oitocentos em passagem pela corte de Pedro II (SCHWARCZ, 1998, p. 250). A pressão estrangeira será crucial para uma campanha de ocidentalização do país no decorrer de todo o século XIX.

Outro autor que centrou suas pesquisas em torno da mestiçagem como valor altamente positivo na constituição da sociedade brasileira foi o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Para o sociólogo, o fato de o colonizador português ter estado sempre entre dois mundos díspares – Europa e a África – e trazer em sua constituição a herança semita, funcionou como um elemento imprescindível para a formação de uma civilização nos trópicos:

Hereditariamente predisposto à vida nos trópicos por um longo *habitat* tropical, o elemento semita, móvel e adaptável como nenhum outro, terá dado ao colonizador português do Brasil algumas das suas principais condições físicas e psíquicas de êxito e de resistência. (2003, pp. 69-70)

Essa “bicontinentalidade” experimentada por Portugal, o dualismo de cultura e de raça, “a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica fatalista encontrando-se no português” (2003, p. 69) é o que permite um “bambo equilíbrio de antagonismos” e culmina em um comportamento mais flexível, “uma frágil e frouxa flexibilidade, às vezes perturbada por dolorosas hesitações” (FREYRE, 2003, p. 67). Seguindo métodos que parecem ter adquirido com os mouros, os portugueses conseguiram êxito maior do que qualquer outro povo

européu na assimilação de populações tropicais a instituições sociais e culturais de Portugal ou da Europa cristã e latina (FREYRE, 1963). A civilização tropical descrita por Freyre foi construída sobre os pilares da *mobilidade*, *miscibilidade* e *aclimatabilidade*, características inatas identificadas no colonizador que garantiram o triunfo da empreitada lusitana no Brasil:

A escassez de capital-homem, supriram-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado. (FREYRE, 2003, p. 70)

No que concerne à aclimatabilidade, Freyre (2003) afirma que Portugal, nas condições físicas de solo e de temperatura, “é antes África do que Europa”. Dessa maneira, estaria o português mais apto ao contato bem-sucedido com os trópicos “por todas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura” (2003, p. 74). A falta de indivíduos brancos para a tarefa colonizadora foi suprida na união com a mulher de cor: “pelo intercuro com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical” (2003, p. 74). Não tinham os portugueses escrúpulos de raça, apenas preconceitos de fundo religioso.

Se a experiência oriental da península ibérica trouxe benefícios à metrópole, viabilizando a aclimatabilidade portuguesa citada por Freyre (2003), a mesma que assegurou a instauração de uma civilização nos trópicos, a colônia, ao invés de ser transformada em Novo Ocidente com a chegada dos europeus, passa a entrar cada vez mais em contato com construtos culturais do Oriente. Segundo Portugal (2011), o fato de a península ibérica ter sido conquistada pelos árabes outrora fez com que sua influência fosse notada, em maior ou menor grau, em todos os países colonizados pela Espanha e Portugal. Gilberto Freyre (2011, p. 38) advoga que o mesmo Oriente “chegou a dar considerável substância, e não apenas alguns dos seus brilhos mais vistosos de cor, à cultura que

aqui se formou e à paisagem que aqui se compôs”, mas também “concorreu para avivar as formas senhoris e servis dessa convivência entre nós”. Os modos hierárquicos de viver em família e em sociedade, de trajar e de transportar-se à moda oriental não poderiam deixar de influenciar, também, as formas de pensar na colônia. E tamanha influência do Oriente sobre o Brasil se arrastaria pelos séculos que antecedem a chegada da família Real na então nova sede do reino português. Até a instalação da corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, o primado europeu de cultura no Brasil fora, em sua quase totalidade, ibérico. A supremacia cultural ibérica, no Brasil, no entanto, não foi exclusivamente europeia. Mas foi, em grande medida, impregnada de influências mouras, árabes, israelitas e maometanas. Muitos valores materiais extraídos dessas culturas pelos portugueses foram transmitidos ao Brasil. Freyre (2003, p. 299) cita, por exemplo, “a arte do azulejo que tanto relevo tomou em nossas igrejas, conventos, residências, banheiros, bicas e chafarizes; a telha mourisca; a janela quadriculada ou em xadrez; a gelosia; o abalcoado; as paredes grossas”. O autor menciona a surpresa de Richard Burton, que em passagem pelo país em pleno século XIX, tinha se deparado com várias reminiscências mouras no hábito dos cidadãos brasileiros. O país recebeu, então, influências do Oriente diluídas às do Ocidente. Fruto da herança cultural da metrópole, de “sobrevivências sólidas do Oriente não de todo dissolvidas nas predominâncias do Ocidente sobre Portugal ou sobre a Ibéria”, conforme indica Freyre (2011, p. 39). Aliás, as próprias noções de Oriente e Ocidente, se observadas do ponto de vista das Américas, não constituem realidades radicalmente antagônicas, como têm sido difundidas na tradição ocidental. Para Chacon (2011, p. 11), Ocidente e Oriente são, na verdade, “realidades tão complexas que suas definições se tornam cambiantes, às vezes contraditórias”. Ambos os conceitos se mesclam na categorização paradoxal da América Latina como pertencente ao mundo ocidental, constituindo assim o que Maria Esther Maciel, em entrevista com o poeta Haroldo de Campos (2002), chama de *ocidentalidade oblíqua*. Stallaert (2012a) considera que a mesma obliquidade ocidental incide, obrigatoriamente, em uma obliquidade também oriental. A pesquisadora sinaliza a descoberta de Colombo para ilustrar sua assertiva. Desde então, justifica Stallaert (2012a, p. 21),

Ocidente ficou situado ao Oriente da América e o Oriente, ao Ocidente do continente [...]. Por outro lado, no momento de ser ‘ocidentalizada’ pelo contato com os europeus, a América já era

oriental sem saber já que tinha sido povoada por asiáticos.²⁹

Na mesma perspectiva, Name (2008) menciona o processo de ocidentalização contraditório das Américas. Para ele, nem sempre a ocidentalização se atém ao Ocidente da cartografia oficial, mas sim a um conjunto de “Ocidentes múltiplos e amorfos, nem sempre cartografáveis, e que variam de acordo com o contexto geo-histórico”. Dessa forma, conclui o autor,

a América Latina e os Latinos, localizados geograficamente no Ocidente, em muitas representações hegemônicas são tratados de forma tão exótica que acabam por serem situados à margem, num Oriente (conceitual e cultural) distante. (NAME, 2008, p. 37)

Somado ao já mencionado orientalismo ontológico secular ibérico transferido para a colônia, o Brasil receberia ainda a influência de elementos provenientes de outras culturas orientais durante o período em que esteve sob dominação portuguesa. Isso se deve ao fato de a antiga colônia estar em um ponto estratégico de parada para os navios que vinham abarrotados de mercadorias do Oriente, possibilitando assim tanto o comércio legal, com os navios de bandeira portuguesa; quanto o irregular, com as embarcações de outros países. A política de segregação e de monopólio seguida por Portugal com relação à colônia americana dava vazão cada vez maior ao comércio clandestino. Esse comércio irregular de brasileiros com o Oriente mostrava-se sedutor; os produtos orientais eram altamente desejados pela população colonial, esta marcada pela “influência do Oriente desde os dias mais remotos de sua formação portuguesa” (FREYRE, 2011, p. 53), reavivada pelo constante fluxo de funcionários, militares, e religiosos portugueses vindos do Oriente e também da frequente importação de escravos impregnados da mesma influência. A lista de produtos de origem oriental era relativamente grande e em nenhuma área das Américas os elementos orientais haviam se adaptado tão bem quanto na América portuguesa:

²⁹ “Desde entonces, Occidente se quedó situado al Oriente de América y Oriente al Occidente del continente [...]. Por otra parte, en el momento de ser ‘occidentalizada’ por el contacto con los europeos, América ya era oriental sin saberlo ya que había sido poblada por asiáticos” – Tradução nossa.

[...] o palanquim, a esteira, a quitanda, o chafariz, o fogo de vista, a telha côncava, o banguê, a rótula ou gelosia de madeira, o xale e o turbante de mulher, a casa caiada de branco ou pintada de cor viva e em forma de pagode, as pontas de beiral de telhado arrebitadas em cornos de lua, o azulejo, o coqueiro e a mangueira da Índia, a elefantíase dos árabes, o cuscuz, o alfeolo, o alfenim, o arroz-doce com canela, o cravo das Molucas, a canela de Ceilão, a pimenta de Cochim, o chá da China, a cânfora de Bornéu, a moscadeira de Bandu, a fazenda e a louça da China e da Índia, os perfumes do Oriente, haviam se aclimatado com o mesmo à vontade [...] no Brasil. (FREYRE, 2011, p. 38)

Mesclados com valores indígenas, europeus e de procedências várias, os produtos do Oriente se fundiram com o mesmo conjunto simbiótico de natureza e cultura que chegou a se formar no país e que perdurou até o século XIX. O Brasil, oficialmente colonizado por europeus, era próximo do Oriente de tal modo que, sob vários aspectos de sua organização e de sua paisagem, poderia ser considerado uma “área indecisa entre Oriente e o Ocidente” (FREYRE, 2011, p. 45) assim como Portugal também o é, um território antes oriental do que ocidental. Com isso, as partes mais orientalizadas da colônia, transformada em reino e posteriormente em império, demorariam a testemunhar a “vitória da carruagem inglesa sobre o palanquim, da fazenda inglesa ou francesa sobre o pano da Ásia, da porcelana europeia sobre a oriental, do verniz sobre a pintura de móveis” (FREYRE, 2011, p. 58). A identificação com o Oriente não se reduzia apenas à cultura, à estrutura organizacional familiar e à paisagem. De acordo com Freyre (2011), Brasil e Oriente eram também, economicamente, muito próximos, a ponto de se ter constituído o comércio entre os dois em uma das bases mais sólidas do sistema agrário e patriarcal brasileiro. E de muita quinquilharia asiática e africana se abastecia a América portuguesa no Oriente. Na avaliação do autor, era um negócio que se desenvolvia às margens do comércio de escravos e que dependia não só do tráfico negreiro, mas também da estabilidade do sistema agrário, patriarcal e escravocrata brasileiro para se manter de pé.

Com a chegada do século XIX e a transferência da sede da corte para o Rio de Janeiro, o desejo de ocidentalização do reino se tornava mais latente. O apelo aos moradores era no sentido de que deveriam, a

qualquer custo, concorrer para um apagamento dos testemunhos da condição de conquista e de colônia de outrora, perceptível visualmente no aspecto das construções da cidade. Mary Del Priore e Renato Venancio (2010), analisando os primeiros anos da presença da casa dos Bragança no Brasil, revelam as características orientais transferidas de Portugal para a colônia e ainda tão marcadas na estrutura e organização urbanística da nova capital do reino. A cidade do Rio de Janeiro, de acordo com os pesquisadores, “era cortada por ruas estreitíssimas, lembrando a mouraria lisboeta, e as vivendas não tinham vislumbre de arquitetura decorativa” (2010, p. 153). Um ano após a sua chegada, D. João VI, em um gesto sutil de alguém descontente com o seu entorno, ordenou a imediata substituição dos antigos muxarabiês árabes e as gelosias de madeira por janelas de vidraça. Via decreto municipal, o príncipe regente justificava a medida: “além de serem incômodas, prejudiciais à saúde pública, interceptando a livre circulação do ar” (apud PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 156), esteticamente tornavam feia a capital do reino. Segundo Holanda (2003), a construção peninsular, severa e sombria, voltada para dentro, ficaria menos circumspecta sob o novo clima. Sua aspereza seria desfeita com o acréscimo de uma varanda externa, “um acesso para o mundo de fora”. A nova disposição da casa, importada da Ásia oriental, substituiria de vez o tradicional pátio mourisco e formava “o padrão primitivo e ainda hoje válido para as habitações europeias nos trópicos” (2003, p. 47). Importante sublinhar que a supervivência dessas características orientais não foi à toa. Pois não se venceria os trópicos sem de algum modo

[...] ensombrá-lo à moda dos árabes ou dos orientais. Sem ruas estreitas. Sem xales, panos da Costa, guarda-sóis orientalmente vastos para caminhadas sob sol dos dias mais quentes. Sem a sombra de grandes árvores asiáticas ou africanas [...]. Sem varanda ou copiar, à moda indiana, ou os bangalôs da Índia, nas habitações rústicas. Sem cortinas, sem rótulas ou sem gelosias nas casas e sobrados da cidade. (FREYRE, 2011, pp. 44-5)

No entanto, era chegada a hora de promover no Brasil uma ferrenha campanha de “desassombramento” que perpassaria as mais variadas esferas, atingindo inclusive os hábitos e costumes da sociedade. Nos sobrados do Rio e nas carruagens, o “desassombramento” seria possível com a substituição das cortinas e gelosias pelo vidro inglês e a

grade de ferro; nas vilas mais antigas, com a troca dos becos orientalmente estreitos pelas largas e amplas avenidas ocidentalmente projetadas e iluminadas; nas igrejas, com o abandono de capas, mantos, xales e mantilhas espessos à maneira oriental em face dos finos e transparentes véus franceses que tanto valorizavam as linhas do rosto e o colo das senhoras; no rosto dos homens, com o corte dos excessos de barba que aludia aos “mouros”, “turcos” e “nazarenos”. Os valores adotados, imitados ou assimilados do Oriente já representavam uma “profunda e, às vezes, saudável adaptação do homem ao trópico, que aquele “desassombramento” rompeu ou interrompeu quase de repente” (FREYRE, 2011, p. 43).

De fato, o sentimento que movia a busca pela ocidentalização do país era o anseio de superação total do Oriente pelo Ocidente na vida dos brasileiros, de tornar o país em área ocidental ou sub-europeia de cultura, o que acabou ocorrendo gradualmente. A motivação inicial para isso foi a transferência da corte portuguesa para o Brasil, como já afirmado. Essa mesma corte, dominada por ingleses, emprestava à Europa um novo brilho em terras tropicais, modelo de civilização que todos os brasileiros deveriam aspirar e onde deveriam se inspirar. A completa vitória do Ocidente sobre o Oriente teria sido, porém, menos fácil e mais lenta em certos meios ou com relação a certos modos de vida.

A partir do século XIX, a produção industrial em larga escala dos mercados europeus caíria no gosto dos brasileiros e suplantaria de vez o Oriente artesão. Os produtos fabricados na Inglaterra, Hamburgo e França chegavam ao país com preços inferiores aos do Oriente. Eram imitações ocidentais de marfim, de tartaruga, de casimira, de seda e de cambraia, ou seja, de artigos que quando produzidos manualmente em terras orientais, só haviam sido adquiridos pela elite local devido aos altos custos. O mercado europeu obteve um efeito nitidamente democratizante, apesar da baixa qualidade ou da falta de autenticidade do que fabricava. A partir de então, alguns produtos como pentes, leques e perfumes, até pouco tempo restritos a fidalguia ou ao indivíduo em ascensão social, alcançaram um número maior de pessoas. Começam, então, os primeiros arroubos consumistas, como demonstra Alencastro (2010) a partir da leitura de um anúncio de jornal de 1851: “Aluga-se um lindo piano inglês, por não se precisar dele”. O mesmo autor indaga a necessidade de se adquirir um produto daquele porte e conclui:

Porque dava status, porque era moda, a moda, anunciando os 25 anos, a maioridade efetiva de d.

Pedro II, o fim da africanização do país e da vexaminosa pirataria brasileira, o prenúncio de outros tempos e dos novos europeus que iriam imigrar para ocidentalizar de vez o país. (ALENCASTRO, 2010, p. 47)

No mesmo período, o brasileiro do litoral ou dos principais centros conviveu com um sentimento de vigília constante do olhar estrangeiro. Freyre (2011) narra, a esse respeito, que a primeira medida de D. João VI, quando de sua chegada à Bahia, teria sido mandar iluminar toda a cidade para “inglês ver” (2011, p. 34). E o Brasil deveria ascender, aos olhos dos estrangeiros europeus, não só ingleses como também franceses, à condição de nação ou de reino civilizado, nem que para isso tivesse que se afastar do legado de sua pátria-mãe. O príncipe regente e os seus assessores agiram menos em prol de uma política castiçamente portuguesa ou ibérica com relação ao Brasil do que de uma política imperialmente inglesa, de absorção e dominação de povos e culturas circunscritos fora dos domínios europeus, mas que possibilitariam a expansão do comércio das suas mercadorias. Eram os olhos do Ocidente que balizavam o comportamento dos brasileiros: “mais que os de Deus, nos preocupavam no meado do século XIX— na verdade desde a abertura dos portos: “os olhos dos estrangeiros”. Os olhos do inglês. Os olhos do francês. Os olhos do europeu” (FREYRE, 2000, p. 423). O mesmo Ocidente tinha seus interesses no novo reino tropical. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz (2008), mesmo antes de o Brasil se tornar independente, a França já flertava com a nova sede do governo português com aspirações coloniais. No início do oitocentos, período em que as relações diplomáticas e comerciais entre ambos eram retomadas, o Brasil passou a receber imigrantes franceses, dentre eles alguns artistas, impelidos pela curiosidade e exotismo largamente difundidos nos relatos de viajantes e, é claro, pela proximidade com a corte portuguesa aqui instalada e as vantagens que isso poderia acarretar. Num projeto ousado, como em uma via de mão dupla, a França surgia como modelo de civilidade e o Brasil, como a terra edênica, um eldorado possível para um país devastado pela guerra e que ainda se apegava na realeza como um símbolo de estabilidade. Provavelmente, imaginavam encontrar uma terra tropical, coberta de matas, com papagaios, serpentes e macacos, povoada por índios, negros e mestiços. Mas acreditavam, também, que a fortuna residia por lá e que a cultura precisava ser semeada. Assim prescrevia a literatura de viagem tão em voga na França: os mesmos lugares-comuns e identificações, o

uso demasiadamente elogioso de palavras sempre evocadas quando se referia ao Brasil. Suas riquezas não teriam paralelo, as belezas naturais seriam duradouras, seu clima, o mais aprazível, seu mar, delicioso. Schwarcz (2008, p. 58) acredita que, mesmo o Oriente fabuloso, aquele que durante tanto tempo fez a Europa sonhar, parecia incomparável com essa América redescoberta pelos franceses. Havia uma evidente associação de ideias e a transferência era das mais instantâneas: “duas maravilhas, dois exotismos – o oriental e o americano – se confundiam”. Para os franceses do início do século XIX, a sede do reino parecia ser o Oriente das Índias ocidentais.

Já os ingleses passaram a comandar o país menos pelas mãos de representantes do governo britânico e de caixeiros-viajantes do que teria sido por portugueses e brasileiros ditos progressistas, afinados com a cultura britânica e os principais interessados na “desorientalização” do Brasil. Se a Inglaterra dividia com a França o status de Ocidente perfeitamente civilizado, nada mais certo que os produtos advindos de lá promovessem o desaparecimento de características tão orientais na arquitetura doméstica. Motivos de política econômica dão evidências, segundo Freyre (2011), de que a pressão inglesa teria determinado, por exemplo, a substituição de rótulas e gelosias mouriscas por janelas envidraçadas e varandas de ferro de fabrico inglês nos sobrados das principais cidades brasileiras. Se tais progressistas eram também fabricantes de artigos de casa, de vestuário, de alimentação, etc., como os industriais ingleses e franceses da primeira metade do século XIX, o interesse na completa ocidentalização dos modos de vida dos brasileiros era para que daqui desaparecesse toda e qualquer tradição de artigos orientais ainda remanescentes, assim como o gosto pelo seu uso ou consumo. O domínio inglês sobre a corte brasileira foi decisivo para a ocidentalização da colônia, já que impôs à América portuguesa um padrão de vida e uma gama de atitudes morais que não seriam aqui, ao menos não espontaneamente, adotadas pela população do país. Prenúncios do triunfo da Europa ocidental e burguesa, da qual o Brasil, “despregando-se do Portugal meio mourisco, passou a ser colônia não só econômica como, sob vários aspectos, cultural” (FREYRE, 2000, p. 415). Assim, ao se voltar para a Europa, a sociedade brasileira do século XIX rompia os laços culturais com o Oriente, tornando-o remoto, vago e distante. Nesse distanciamento, os valores orientais anteriormente comuns no país recém-independente passaram a ser quase tão raros – peças de museu, arcaísmos e curiosidades, na visão de Freyre (2011) – como nos países do continente americano com características ocidentais

mais acentuadas. O país, enquanto Estado-nação, se espelhava no original europeu, especialmente na França. Era de lá que provinha a cultura oficial do império e também o projeto e o manual para o futuro do país. O Brasil era um país latino-americano “destinado a ser a França da América do Sul” (BARMAN, 2010, p. 239) não havendo, portanto, mais lugar para a herança oriental.

Paradoxalmente, o movimento de europeização do Brasil e o conseqüente apagamento de características orientais fazia o país alcançar, agora por via europeia, o mesmo Oriente distante que buscava esquecer. Isso porque o Ocidente vinha liderando campanhas tanto intelectual quanto de cunho imperialista no Oriente desde o século XVIII, e partir de então, uma série de pesquisas eruditas fervilhavam nos meios intelectuais da Europa. Sob o impulso dos estudos comparativos, especialmente no domínio filológico e lexicográfico, descobriram-se as antigas línguas da Ásia, dando origem a um ramo do Orientalismo denominado *Indologia*. A lexicografia do século XIX apresentava um interesse cada vez mais crescente pela língua sagrada da Índia, para a qual os linguistas direcionavam todos os seus esforços em sua busca da raiz comum entre as línguas. Dessa forma, os indícios da ascendência hindu das línguas europeias tornava o sânscrito a *menina dos olhos* dos estudos filológicos e os primeiros dicionários de sânscrito começavam a aparecer já naquele período (DELISLE; WOODSWORTH, 2012).

Do outro lado do Atlântico chegavam os ecos desse movimento e o imperador do Brasil não esteve alheio a essa campanha de vulto na Europa. Seguindo a tendência europeia do século XIX, D. Pedro II se interessaria também pelo Oriente e pela língua clássica indiana, traduzindo do sânscrito as fábulas do *Hitopadesa*. O oriente lhe chegava não só pelas referências literárias de nomes como Victor Hugo, de quem recebeu o epíteto de “neto de Marco Aurélio”, ou por suas viagens ao Egito e Oriente Médio, como também nas próprias concepções de filosofia da história presentes nos meios intelectuais pelo século XIX e que ele acompanhava de longe, de seu império americano. Mesmo vislumbrando uma identidade para o seu império conforme a matriz europeia, D. Pedro II não desprezava o que o país tinha de mais genuíno: os mitos nativos, as línguas e a população autóctone do Brasil. Tanto é que foi buscar dar brilho à figura do indígena não apenas incentivando a literatura e o movimento indianista no Brasil, mas também se lançando, ele mesmo, ao estudo das línguas ameríndias. Para ele, a língua guarani, catalogada ainda hoje como pertencente ao grupo

das línguas orientais pelo *Institut National des langues et civilisations orientales* (INALCO),³⁰ possuía vínculos com as línguas asiáticas. A tradução do *Hitopadeśa*, entre outros trabalhos, servia de base para comprovar suas suspeitas. Com isso, a nação brasileira, apesar da forte pressão assimilista dos modelos europeus, buscaria também fora do Velho Mundo elementos para a sua constituição identitária. D. Pedro II encontraria tais dados, novamente, na porção oriental do globo. Neste ponto, aproximo a postura do imperador com a de Blas Infante Pérez de Vargas, o pai fundador do andaluzismo espanhol.³¹ De acordo com Stallaert (2012b, p. 274), enquanto a Castela europeia e “germanizada” era sinônimo de exclusão e exclusivismo étnico-religioso, a Andaluzia se convertia em símbolo de inclusão étnica e de ecumenismo. Dessa maneira, ao revalorizar o hibridismo étnico e a heterodoxia religiosa, Infante busca criar uma autoimagem positiva da Andaluzia e, por conseguinte, recuperar a autoestima do povo andaluz, historicamente marginalizado e oprimido por uma espécie de colonialismo interno. A audaciosa proposta contra-hegemônica levada a cabo por Infante, considerado subversivo por sua declarada militância contra o sistema casticista espanhol, desafia de dentro o centro do poder, contrariando as identidades essencialistas, os conceitos religiosos fundamentalistas e os purismos linguísticos. A originalidade étnica brasileira, de certa forma, culminava também no fator mestiço, já que o império de D. Pedro II, à

³⁰ A informação pode ser conferida no *site* do instituto: < <http://www.inalco.fr/formations/langues-civilisations>> Acesso em 28 jun. 2014.

³¹ A crise do nacionalismo espanhol em fins do século XIX abre espaço para a formação de novas propostas político-ideológicas de cunho regionalista, as quais se delineavam em torno de identidades periféricas para reivindicar o seu ideal nacionalista. Os diferentes povos do Estado espanhol começam a traçar fronteiras étnicas, estas sobrepostas em limites geográficos oficiais, para demarcar a própria casta e separa-la do resto dos espanhóis. Segundo Stallaert (1998), os etnicismos periféricos foram buscar naquilo que tem sido a coluna vertebral da etnicidade espanhola, ou seja, na essência casticista, os pilares de seus projetos nacionalistas. Para o etnicismo andaluz restou uma escolha mais difícil. Ao postular uma posição velho-cristã, convertendo-se assim em Novíssima Castela, a região estaria despojada de toda opção etnicista. Dessa forma, o projeto regionalista idealizado por Blas Infante seguirá uma tendência contrária. Apoiar-se justamente no estigma que paira sobre o povo andaluz, considerado o mais africano de toda a península e etnicamente mestiço por descendência direta do mouro converso – e por isso, de sangue maculado. A singularidade do grupo estaria na herança étnica do mouro converso, heterodoxo e de sangue misturado pulsando nas veias, e não no parentesco com os cristãos velhos que (re)conquistaram o país. No ensaio *Ideal Andaluz*, lançado em 1915, Blas Infante explorou a miscigenação do sul da península ibérica, considerando a população da área pré 1492 como o resultado da mescla de todos os continentes. Dessa forma, subvertendo o ideal casticista e as teorias raciais vigentes, Infante clamava a revalorização da mescla de raças ou de sangue e combatia a superioridade das chamadas “raças puras”. Seria a mistura de sangue, para Infante, além de um fator de enriquecimento cultural, um critério de originalidade étnica.

época, era conhecido internacionalmente por sua população “diversificada ao extremo”, composta por “descendentes de portugueses, ameríndios e africanos, com predominância dos últimos” (BARMAN, 2010, p. 16). Vale dizer que a corte de Pedro II, em fase de constituição, buscou no elemento mestiço uma de suas bases fundacionais. O ritual da realeza, analisa Schwarcz (1998, p. 140), “seguia à risca esse estilo mestiço e tropical, por meio da ininterrupta mistura de elementos do lugar e estrangeiros”. Afinal de contas, D. Pedro II “compactuou com uma cultura que, ao mesmo tempo que se europeizou com sua presença, tornou-se mestiça, negra e indígena no convívio, por certo desigual, de tantas culturas” (SCHWARCZ, 1998, p. 13). Na dinâmica interna entre estas culturas vingaram a reelaboração e a criação de novas imagens e rituais que seriam condizentes com a realidade da monarquia americana.

Mais do que isso, a conduta de D. Pedro II pode ser considerada contra-hegemônica por ele, na apropriação dos modelos europeus, ou seja, aproveitando o fluxo e a aprovação do movimento orientalista da Europa, reivindicar elementos extra-europeus na constituição identitária do Brasil, garantindo a originalidade do império americano com a mescla de elementos nativos e advindos do leste asiático. Ao contrário da narrativa única criada pelo colonialismo e pelo imperialismo europeus, defendem Romanelli e Stallaert (2014, no prelo), o imperador era consciente da importância de narrativas plurais respeitadas com a heterogeneidade e pluralidade do seu país.

3.3 ORIENTALISMO CRIOULO EM D. PEDRO II

De acordo com Vicente (2009), aquele que se dedica a estudar o Oriente – o orientalista – é de difícil definição. Pode ser, segundo a autora, tanto um especialista em línguas, como em história, arqueologia ou antropologia. Ao dedicar-se ao que não é ocidental, é a geografia e não a temática de estudos que define o orientalista: “as fronteiras do seu Oriente também são fluidas e instáveis, abarcando uma grande parte do mundo que apenas tem como denominador comum não ser ocidental, e estar a Oriente ou a sul da Europa” (2009, p. 46). Já Gustave Flaubert (2002), em seu *Dictionnaire des idées reçues*, publicado inicialmente em 1880, resume de maneira bem humorada o significado do termo, revelando a já citada banalização que o assunto adquirira no oitocentos: *orientalista* é um homem que viajou muito.³²

³² *Orientaliste: Homme qui a beaucoup voyagé.*

D. Pedro II se encaixa perfeitamente nessa categorização de Flaubert. Afinal de contas, o monarca itinerante, munido de sua casaca preta e cartola, pôs os pés na estrada logo que teve oportunidade para isso. Com as viagens, era chegada a hora de conhecer e vivenciar o prazer descrito nas páginas dos livros. De acordo com Carvalho (2007, p. 146), “foram as viagens ao exterior, sobretudo à Europa, que fascinaram o imperador”. Assim como seus autores favoritos, o monarca também ia “perseguir o esplendor de templos e necrópoles, a bizarria de costumes, o deslumbramento das luzes, a metamorfose dos seus tropicais, a vertigem de outras mulheres” (PRIORE, 2006, p. 65). Os compromissos de governante, nessas horas, ficavam em segundo plano, já que “vez por outra, o imperador concordava com alguma recepção oficial” (CARVALHO, 2007, p. 149).

D. Pedro II foi o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar o Oriente Médio. Tal evento ocorreu no final do século XIX em decorrência de duas viagens do monarca para o exterior, mais precisamente nos anos de 1871 e 1876. Apreciador da cultura árabe e hebraica, na primeira viagem D. Pedro visitou o Egito e, em 1876, após percorrer 30 dos 50 estados americanos, esteve no Líbano, Palestina e Síria, na companhia da Imperatriz D. Teresa Cristina e de uma comitiva de aproximadamente 200 pessoas. Outro governante brasileiro só visitaria a região após 134 anos da passagem do monarca pelo Oriente Médio.³³³ O imperador demonstrava desde a juventude grande predileção pelo Oriente, alimentando uma verdadeira curiosidade sobre tudo o que fosse referente àquela região do globo. Despendia algumas horas do dia estudando árabe, sânscrito, hebraico, siríaco e outras línguas consideradas “orientais”, lia obras de grandes estudiosos sobre o Oriente – como as do francês Ernest Renan –, discutia o assunto em cartas destinadas ao Conde de Gobineau, ao arqueólogo e filólogo francês Olivier de Rougé, aos egiptólogos Auguste Mariette e Henrich Brousch, ao próprio Renan e também ao frei Leivin de Hamme, responsável por guiar a corte brasileira em terras do Oriente. De acordo com Raeders (1944), era de interesse do imperador todas as ciências, além da história dos povos antigos. Travava com cada interlocutor uma discussão sobre os principais assuntos que lhe convinham: com Ernest Renan, dissertava sobre as antiguidades hebraicas; com Mariette e Maspéro, discorria principalmente sobre antiguidades egípcias; e com Gobineau, sobre língua, história e civilização gregas. Pedro Calmon

³³³³ Luís Inácio Lula da Silva, então Presidente da República (2010).

(1975b, p. 828) afirma que foi a Condessa de Barral quem apresentou Gobineau ao imperador. Seria ele, “com o orientalismo, a mania genealógica, a divagação estética, sobretudo a experiência asiática” o espírito mais “indicado para entreter proveitosamente D. Pedro II. Haviam de compreender-se, nem que fosse em sânscrito”.

Muito antes de pisar pela primeira vez na Terra Santa, o jovem Pedro d’Alcântara já registrava o anseio em aprender a língua hebraica, o idioma da Bíblia. A motivação inicial, muito provavelmente, justificava-se pela veneração às escrituras sagradas e a vontade de conhecê-la no original:

Amo a Bíblia, leio-a todos os dias, e quanto mais leio, mais a amo. Há pessoas que não gostam da Bíblia. Não compreendo tais pessoas; mas eu as amo. Amo sua simplicidade e amo suas retuações e repelições da verdade. (apud LOEWENSTAMM, 2002, p. 19)

Ainda sobre a admiração pelas escrituras, D. Pedro II, citado por Calmon (1975a, p. 455), certa vez teria declarado:

[...] encanta-me a leitura da Bíblia. Nela não vemos apenas o pacto fundamental da nossa religião, senão que também [...] os mais admiráveis modelos do estilo, na elegância, na grandeza, nas imagens, na altiloquência, na inspiração verdadeiramente divina. Os profetas são os primeiros poetas do mundo.

Ao debruçar-se sobre a história de seus antepassados, reis de Portugal, o monarca não pôde deixar de envergonhar-se pelo tratamento dispensado aos judeus durante a Inquisição. Talvez esse fato, como uma espécie de retratação, o tenha também inclinado para a surpreendente paixão pelas coisas de Israel, seu povo e, principalmente, o seu idioma (HARAMATI, 2008). Iniciou os estudos em sua residência de verão em Petrópolis, em 1861, sob a tutela de Leonhard Akerbloom, então cônsul da Suécia no Rio de Janeiro e professor de línguas orientais no Colégio de Carlos Matson. De acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro (2013), como cristão e homem de cultura que era, D. Pedro II interessou-se não só pela história do povo judeu, mas também pela literatura judaica e pelos estudos da língua hebraica, podendo ser considerado como um dos precursores dos estudos judaicos no Brasil. O empenho e a dedicação ao

novo aprendizado garantiram ao imperador consideráveis conhecimentos da língua hebraica, possibilitando a tradução de passagens bíblicas dos livros de *Ruth*, *Isaías*, *Cântico dos Cânticos*, *Salmos*, *Jeremias* e *Gênesis* para o latim. Mais tarde, teve como mestre os orientistas Dr. Filipe Ferdinand Koch, ministro protestante de Hanover, e o alemão Karl Henning. Para Shlomo Haramati (2008), pesquisador vinculado a *The Hebrew University of Jerusalem*, o interesse do monarca pela língua do povo de Israel perdurou por toda a vida, intensificando-se após ser deposto pelos republicanos em 1889. A razão de D. Pedro dedicar-se a língua hebraica nos últimos anos de vida resultava de ser esse o idioma pertencente a um povo que vivia na diáspora, experiência semelhante que ele partilhou naquele momento da vida, solitário e longe de sua pátria.

Carvalho (2007, p. 229) afirma que D. Pedro sempre mostrou simpatia pelos judeus e tinha verdadeiro prazer em “visitar sinagogas, para escândalo da princesa Isabel e de seus hóspedes reais na Europa. O prazer maior, sem dúvida, era surpreender os rabinos, discutindo com eles problemas de interpretação da Bíblia”. De fato, foi justamente no reinado de D. Pedro II que o círculo dos judeus ampliou-se ainda mais na corte brasileira. Sendo reconhecido como “o homem das Ciências e das Artes no Brasil Imperial” (CARNEIRO, 2013, pp. 81-2), o monarca esteve sempre rodeado por artistas e grandes intelectuais judeus provenientes da Europa, alguns radicados no Brasil, outros apenas de passagem pela capital do império. Para Carneiro (2013), muitos judeus estiveram próximos a D. Pedro II exercendo cargos de confiança, atuando como procuradores, dentistas, engenheiros, modistas, conselheiros, professores e inventores. No prefácio de *Poésias Hebraico-provençales du ritual israélite, contadin* (1891), o próprio D. Pedro aponta o interesse e estudo do hebraico como forma de conhecer melhor a história e cultura dos hebreus, principalmente a poesia e os profetas, bem como as origens do cristianismo. Os estudos, segundo ele, “remontam-se elles aos annos de paz que precederam a Guerra do Paraguay em 1865” (1891, p. 109).

Reiven Faingold (2013) acredita que os anos que antecederam a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) formam um ponto de referência para melhor enquadrar o histórico dos estudos hebraicos de D. Pedro II. Nessa época, o imperador conheceu um personagem que foi também o seu indicador no que concerne ao aprendizado da língua hebraica: o português Francisco Rodrigues dos Sanctos Saraiva, filho de um rabino sírio. Saraiva foi teólogo e autor de um poema em hebraico, que

relembra a vitória do Brasil contra o Paraguai. O imperador estimava os amplos conhecimentos do padre português, recebendo-o em seu gabinete particular no palácio com a mais respeitosa cordialidade, como se ambos fossem de fato velhos amigos. O padre Saraiva nunca foi um dos mestres de hebraico contratados pelo imperador, mas era visto pelo monarca como uma forte referência daquele idioma. Faingold (2013, p. 28), citando o historiador Paulo Valadares (2001), menciona que, em um desses encontros, D. Pedro II teria abandonado qualquer formalidade ao solicitar a apreciação do Padre Saraiva sobre os seus estudos no palácio: “agora, o Senhor é o Padre Saraiva, e eu, Pedro d’Alcântara. Nada de formalidades... Vamos a conversar, e diga-me com franqueza o que pensa de meus estudos do hebraico”.

A década de 1870, marcada pelo fim da Guerra do Paraguai e pela primeira viagem do monarca ao exterior, pode ser considerada como um divisor de águas, uma época de transição em que o *ethos* burguês começa a suplantar o *ethos* aristocrático, intensificando a ruptura com a sociedade da corte. As viagens do imperador, tão marcantes em sua história de vida, estão claramente ligadas à construção de si mesmo enquanto sujeito histórico, aquele que vivencia as tensões e conflitos que perpassam a sociedade e que, entre projetos coletivos e individuais, acaba se redefinindo enquanto sujeito múltiplo, concomitantemente com as transformações da estrutura social em sua passagem à modernidade (FRAGUAS; MARTINS, 2011). O monarca, nas palavras de Mary Del Priore (2006, p. 65),

[...] sentia a urgência de se desterritorizar, de ultrapassar fronteiras. Esta era a urgência íntima que tinha a ver com a descoberta de si mesmo. Que atuava como um remédio para o sentimento de melancolia que já o dominava aos 46 anos.

De acordo com Faingold (2010), o diário de viagem à Terra Santa, como documento de época, não apresenta somente o perfil de governante, mas revela as inúmeras faces do monarca. Convivem nele, segundo o autor, inúmeros Pedros: “o arqueólogo, o orientalista, o educador, o misericordioso, o tradutor bíblico, o devoto peregrino, e assim por diante” (2010, p. 20). Dentre tantas faces, destaco a de Pedro *orientalista*, no intuito de compreender sua prática e inserção no movimento. Da mesma forma, os *orientalismos* que se desprendem da figura liminar de Pedro II, durante suas viagens, também são múltiplos. Pontuo duas tendências que são mais evidentes durante suas viagens e

que se fundem para formar o “Orientalismo Crioulo”³⁴ em D. Pedro II, a saber: o Orientalismo *ontológico* e o *intelectual*. Para explicar a definição que pleiteio aqui, utilizo um registro do próprio D. Pedro II bastante indicativo de como se originam esses dois aspectos complementares. Durante a segunda passagem pelo Egito, em visita as ruínas de Karnak, D. Pedro II anota em sua caderneta: “Do alto desse pilono adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, *o Brasil e a França*, esta, pátria de minha *inteligência* e aquele pátria de meu *coração*” (ALCÂNTARA, 1999, p. 556 – grifos meus). É certo que D. Pedro II esteve sempre oscilando entre as duas nações. O maior desejo, à época do exílio na França, por exemplo, era poder ser readmitido na pátria de seu coração, o que na realidade nunca mais ocorreria. Caso fosse consentido o seu retorno ao Brasil, a ausência de compromissos de governo daria a liberdade de voltar à Europa quando bem quisesse, como no sonho que tivera em 30 de janeiro de 1891: “Sonhei com o meu Rio a que me deixavam ir e eu logo fui embora como de viagem. Que felicidade! Lá iria passar o inverno daqui em Petrópolis, voltando na primavera que é na Europa lindíssima” (ALCÂNTARA, 1999, p. 1078). As duas nações, Brasil e França, ilustram as modulações que culminam nesse “Orientalismo crioulo” praticado pelo monarca. O primeiro representaria o Orientalismo *ontológico* percebido em D. Pedro II, substrato do Orientalismo ibérico trazido pelos portugueses, fruto do convívio histórico lusitano com povos de estirpe oriental e cristalizado nos costumes, na arquitetura colonial e na própria língua do império tropical. Afinal de contas, o monarca Pedro II tem suas raízes em Portugal e até o seu reinado, como já mencionado acima, o país mantinha fortes vínculos com essas reminiscências ibéricas. A França, por seu turno, representaria o Orientalismo de cunho *intelectual* que o imperador almejava alcançar e que praticava, principalmente, a partir da vertente germânica. Isso porque a França, durante todo o reinado de D. Pedro II, continuou sendo considerada um expoente de civilização e cultura, ditando tendências nas ciências humanas e nas artes em geral para outros países. No campo da literatura, por exemplo, entendida em termos de mapas mundiais, Paris constitui o seu “marco zero” (CASANOVA, 2002), ou seja, o centro do poder letrado e cultural. Desse centro se desdobravam as outras literaturas, de acordo com a ordem de importância e todas se voltavam, com certo fascínio, para

³⁴ Meus agradecimentos à Professora Christiane Stallaert pelas sugestões e pela definição do termo.

aquele núcleo. E o Orientalismo lá se consolidou como uma fonte inesgotável de erudição que perpassou todo o século XIX, época em que o estudo do sânscrito e a prática de tradução tornaram o livro do *Hitopadeśa* popular nos meios intelectuais não só franceses, mas da Europa em geral. Se no século XIV eram os franceses helenistas, como bem quisera Victor Hugo, no decorrer do século XIX tornavam-se orientalistas. Assim, um orientalista era, naquele momento, um grande erudito, um entusiasta talentoso ou ambos (SAID, 2010).

O Orientalismo intelectual praticado por D. Pedro II pode ser aproximado, devido a influências de seus tutores alemães, especialmente de Christian Friedrich Seybold, da corrente orientalista defendida por Raymond Schwab (1984) e Robert Irwin (2007). Ambos os autores interpretam o movimento orientalista europeu a partir de uma visão humanista, atribuindo a essa corrente um caráter intelectual em detrimento dos fatores políticos que pudessem estar em jogo. Segundo Schwab (1984), os entusiastas alemães tinham percebido que emanava da Índia uma espécie de “revelação universal”, um ponto de atração que os fez abraçar os mitos e mistérios dos antigos povos arianos. Na literatura, o romantismo germânico, liderado pelos irmãos Friedrich e August Wilhelm von Schlegel, nutria um verdadeiro entusiasmo por tudo o que fosse estrangeiro, estranho e distante e era particularmente atraído pela Índia. De lá esperavam os alemães receber nada menos que as informações sobre a história do mundo primitivo, o qual a história ainda não tinha sido capaz de revelar ao homem (WINTERNITZ, 2003). Essa faceta do Orientalismo empreendida pelo monarca não se tratava apenas de um recurso estético difundido pelo movimento romântico. Seus estudos de sânscrito também não podem ser reduzidos a um simples *hobby* destinado a impressionar sábios europeus, como supõe Carvalho (2007). Mais uma vez, acredito se tratar de um modelo alternativo traçado por D. Pedro II para forjar uma identidade nacional para o seu próprio império, culturalmente autônoma e literariamente original, desta vez sem vínculos estritamente ligados à tradição europeia. Em outras palavras, os meios ou ferramentas eram fielmente ligados à Europa. O objetivo, no entanto, era dar um novo significado, isto é, moldar os elementos aos ideais da nação que emergia nos trópicos. A tradução do sânscrito esteve associada a essa finalidade, uma vez que o estudo sistemático da língua hindu era a chave para as suspeitas acerca da origem da língua nativa do país, que poderia estar também no Oriente. Provavelmente, o monarca buscava seu respaldo científico nos estudos do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen,

para quem os indígenas teriam vindo da Ásia Menor: “derrotados na guerra de Tróia, fugindo das crueldades que se cometiam então contra os derrotados”, os ameríndios “teriam navegado o Mediterrâneo, permanecido no Egito por algum tempo e, finalmente, teriam enfrentado o oceano e chegado ao Brasil” (REIS, 2003, p. 37).

Durante as viagens do monarca, sejam elas pelo Brasil, Estados Unidos, Europa ou pelo Oriente Médio, nota-se a fusão dessas duas tendências orientalistas, expressas detalhadamente em seus registros diários. O Orientalismo ontológico se faz presente, de início, em suas campanhas pelo Brasil. Ainda em território nacional, D. Pedro reconhece elementos orientais visíveis na arquitetura do país, seguramente testemunhos da antiga condição de colônia portuguesa. Certa vez, de passagem pela Bahia no final da década de 1850, o imperador anotava em seu diário pessoal que tinha visitado, entre seus inúmeros compromissos de governo, um quartel policial. Na minuciosa descrição do funcionamento do lugar, ele revela que o edifício estava localizado “na Mouraria” (ALCÂNTARA, 1999, p. 14). As mourarias eram os antigos redutos ocupados pelos mouros que, na península ibérica, estavam terminantemente proibidos de habitar junto à comunidade cristã.

Em 1871, ano de sua primeira viagem ao exterior, D. Pedro II chega ao Egito. Acompanhado de Auguste Mariette, um dos mais renomados egiptólogos do período, D. Pedro visita o Museu de Antiguidades de Bulak. Impressionou-lhe o “grau de perfeição da escultura entre os Egípcios, 4.000 anos antes de J. C.” (1999, p. 394). A postura de autoridade intelectual nos moldes europeus desponta ao analisar a capital egípcia. As ruas da cidade do Cairo, para ele, “são verdadeiros formigueiros, e que fedor!”. O contato com o Ocidente, na visão de D. Pedro II, tornaria a cidade mais ordenada: “Não falo da parte da cidade que se tem europeizado” (1999, p. 395). Em 04 de novembro de 1871, acompanhado do Visconde do Bom Retiro e do guia egiptólogo Dr. Brugsch, o monarca explorava a Pirâmide de Ghizé. Mais uma vez, o imperador busca parâmetros ocidentais para classificar as divindades egípcias. No alto da pirâmide, acomoda-se em uma pedra “do tempo de Chufu”, que afirma ser o correspondente do “Cheops dos gregos” (1999, p. 395). Ao explorar o interior do local, especialmente na câmara onde se encontra o sarcófago de Chufu, D. Pedro compara o comportamento dos árabes com uma tribo indígena do Brasil. Segundo ele, “os árabes dançaram lembrando-me pelos movimentos e toada do canto a dança dos botocudos do Rio Doce” (1999, p. 395). Além disso, o

monarca não pôde conter a satisfação ao encontrar, nos jardins dos “palácios de Ghizet e de Gheziret”, um “tatu e o coati [sic]”, além de afirmar ter “comido excelentes bananas!” (1999, p. 396), experiências que certamente reportaram lembranças de seu império. Os arroubos românticos dão o tom da descrição da vista que se tem do alto da pirâmide:

A vista do cimo é admirável. As tamareiras arremessando-se das ilhas que a inundação ainda forma; as acácias alastrando até quase ao Cairo, de onde se elevam a cúpula da mesquita de Mohamed-Ali e o Mokattam através de uma poeira luminosa, mas tudo domina pela majestade secular do monumento, que aliás um homem pisava... (ALCÂNTARA, 1999, p. 395)

De acordo com Câmara (2005), o fato de o progresso científico e tecnológico do Brasil do século XIX estar muito aquém das nações de *avant-garde*, o país estava imbuído por traços culturais – como a religiosidade cristã e a herança colonial europeia – que o identificava primeiramente com a tradição histórica e cultural das nações ditas ocidentais. A autora afirma que esse fato seja decisivo para que Pedro II se posicione como uma autoridade intelectual frente às questões do Oriente. Porém, a herança colonial portuguesa não fomentaria essa postura, uma vez que seu legado ao país tenha sido quase que exclusivamente oriental, como demonstrado na seção anterior. As influências para tal comportamento seriam provenientes dos contatos travados com orientalismos de outras procedências, especialmente com obras produzidas nos grandes polos difusores do movimento. Silvestre de Sacy e Champollion, por exemplo, figuravam entre suas leituras prediletas. Contudo, apesar de se identificar com o caráter intelectual do Ocidente em relação à compreensão da história das culturas orientais, D. Pedro demonstrava, por vezes, um sentimento conflituoso em relação ao Oriente. Talvez fosse, nesse momento, o seu Orientalismo ontológico falando mais alto, como quando revelou incompreensão sobre os edifícios novos serem projetados sem imitar a arquitetura árabe que julgava ser “tão elegante”. Eram os edifícios recentes, na sua avaliação, “senão feias casas à europeia” (1999, p. 399).

Em 1876, ano de sua viagem aos Estados Unidos, o monarca dedicou seus dias visitando escolas, museus, academias militares, fábricas, sinagogas, igrejas, delegacias de polícia, instituições

governamentais e bibliotecas; fazendo uma verdadeira corrida aos quatro cantos do continente americano. Carvalho (2007) acrescenta ainda, nessa maratona, a visita a lugares históricos e, principalmente, a personalidades do mundo cultural. Antes mesmo de pisar em território estrangeiro, a rigorosa rotina de estudos do monarca causava espanto no correspondente americano do *New York Herald*, o repórter James O' Kelly. A inflexível agenda de estudos de D. Pedro a bordo do vapor *Hevelius* incluía aulas de sânscrito “com a regularidade de um relógio”, sempre às 11 horas da manhã (GUIMARÃES, 1961, p. 60).

Durante suas andanças pela jovem república estadunidense, o imperador se defronta com a fachada de um prédio cujas características lhe são familiares. Era um grande edifício nas proximidades de Valcouraine, sul do país, segundo ele “todo no exterior do gosto de Alhambra que chamam a Casa-Mourisca” (1999, p. 456). Em 14 de novembro de 1876, a comitiva imperial enfim aportava na Terra Santa e ficaria por lá pelos próximos 24 dias. Nos primeiros dias de peregrinação, D. Pedro II visitou a casa onde morava Richard Burton e sua esposa, apresentando a construção como um “sobrado com uma porta de ornatos mouriscos” (1999, p. 518). No mesmo dia, o imperador aproveitou para tomar um banho turco, tal qual fizera em Beirute. Segundo ele, “é muito agradável, porém faltam os esguichos e emborcações deliciosos de água fria do estabelecimento do Dr. Pallath de Londres” (1999, p. 518). Retoques de técnicas ocidentais complementaríamos o costume à oriental, tornando-o relativamente melhor. O mesmo modelo decorativo da residência da família Burton foi também percebida, anos mais tarde, na França. Em 11 de dezembro de 1887, em visita ao casal “Mr. Trip et Skrypitzihé”, na “Vila Alexandra”, D. Pedro II comenta que a casa de seus anfitriões era toda “no gosto mourisco” (1999, p. 707).

O Orientalismo *intelectual* recorrente nas viagens esteve associado aos estudos em geral e à prática tradutória. Durante as suas incursões pelo Oriente, D. Pedro mostrou-se um tradutor contumaz. Acompanhado de seu mestre de hebraico, Karl Henning, o imperador sempre encontrava intervalos para dedicar-se à atividade de tradução. Os registros em seu diário apontam horários imprevisíveis e lugares históricos escolhidos por ele para realizar as traduções. A primeira tradução dos *Atos dos Apóstolos*, por exemplo, teve início depois do almoço às margens do arroio Dhirani, sendo retomada logo após uma animada festa noturna (FAINGOLD, 1999; 2008). D. Pedro II gostava de examinar cautelosamente todos os lugares mencionados na Bíblia,

lamentando as vezes que não dispunha do texto hebraico para traduzir certas passagens. Percorrendo as aldeias de Naïm e Endor, o imperador relembra a passagem bíblica da juíza Débora, profetisa que reuniu 10.000 homens naquela região para derrotar Síssera, líder do exército de Jabim, rei de Canaã (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 562). Registra ele em 22 de novembro de 1876: “Quanto senti não ter à mão a Bíblia para ler o canto de Deborah!”. Dois dias depois, a tradução do *Canto de Débora* estava concluída, reconhecendo o imperador ter esquecido bastante o hebraico (ALCÂNTARA, 1999, pp. 524-5). Faingold (1999, p. 27) assinala que em todo o lugar D. Pedro II revelava seus conhecimentos bíblicos e, “às vezes, ensaiava digressões filológicas baseadas na onomástica bíblica”. Em terras do Oriente, D. Pedro trilhou o mesmo caminho percorrido por muitos peregrinos cristãos do século XIX, fazendo questão de visitar e conhecer melhor os lugares ligados a outros credos e personalidades judaicas e muçulmanas. A arqueologia e as línguas “mortas”, como era então o hebraico, figuravam entre os estudos preferidos pelo imperador e a viagem “serviu de oportunidade para exercitá-los, seja na companhia de seu professor Karl Henning ou dos guias egíptólogos” (GOLDFELD, 2006, p. 20).

Meses antes, nos arredores de New Orleans, um judeu dirigiu ao imperador uma saudação por escrito em hebraico, a qual foi lida sem embaraços, causando encantamento no rapaz. Em 27 de maio do mesmo ano, também em New Orleans, ele havia comparecido à “bela sinagoga” *Temple of Sinai*, avaliando positivamente a apresentação do coro durante a cerimônia. Na costa leste do país, na cidade de San Francisco, Pedro II pôde ler a Torá com bastante facilidade na sinagoga *Emanu-El*, revelando-se um grande conhecedor do idioma do pentateuco judaico (CARNEIRO, 2013). Em agosto do mesmo ano, antes de seguir para o Oriente Médio, D. Pedro II foi recebido na Universidade de São Petersburgo por ocasião do *III Congresso de Orientalistas* daquela instituição. Lá foi recepcionado pelo emérito orientalista Elie Nicolaevitch Berezine que o conduziu pelas salas vazias, bibliotecas, laboratórios, museus de história natural, zoologia, mineralogia, botânica, geologia, química e física. Com redobrada atenção, observava tudo, ouvindo pacientemente as explicações de seus anfitriões, revelando aos professores russos que o conduziam um profundo conhecimento das ciências. Aliás, D. Pedro era, segundo Priore (2006, p. 73), um homem que sabia de tudo, “uma enciclopédia: Adam Smith, arquitetura gótica, hieróglifos, papel-moeda, Amazonas... era um jorrar sem fim de ciência, de erudição”. Em suas visitas, o imperador encontrou-se com o químico

Dimitri Ivanovitch Mendeleiev, criador da primeira versão da tabela periódica e com o linguista Vasiliev, mostrando-se um filólogo erudito ao explicar longamente sobre as línguas chinesas.

No mesmo dia, D. Pedro levou 4 horas percorrendo a Biblioteca Imperial. Apaixonado por livros, o imperador surpreendia a todos com seus conhecimentos. A facilidade com que lia os títulos das obras em russo, mesmo aqueles grafados em caracteres antigos, chamava a atenção dos docentes que o acompanhavam. Lia com a mesma perfeição os textos em latim, alemão, árabe, samaritano e hebraico pertencentes à divisão de manuscritos antigos da biblioteca. O desprendimento com que versava sobre importantes questões obrigava, muitas vezes, os especialistas que o acompanhavam a desistir das explicações, pois o monarca já estava bem sintonizado com os assuntos ministrados (FAINGOLD, 2008). Ainda na Biblioteca Imperial, D. Pedro teve contato com as principais obras dos ilustres nomes da literatura, história, ciências e belas artes da Rússia Czarista, finalizando a sua visita com uma exaustiva análise da coleção de Bíblias impressas em vários idiomas. A passagem do imperador pela Universidade de São Petersburgo foi motivo de destaque na imprensa russa. De acordo com Faingold (2008), em uma crônica publicada nos dias de sua visita, D. Pedro é tido como notável poliglota, linguista e filólogo. Sob este prisma, ele conquistou um lugar de destaque entre os sábios orientistas de São Petersburgo, sendo eleito membro de honra pelos docentes daquela instituição.

Da Rússia para a Terra Santa, a comitiva imperial dispenderia de exatos 24 dias para explorar os locais. O longo percurso, feito a cavalo pelos homens e em liteira pelas damas, carecia do conforto e das mordomias dos palácios do Rio de Janeiro e Petrópolis. A peregrinação teve início em Beirute, passando por Damasco, Nazaré e Jerusalém. Em Baalbeck, antiga cidade fenícia, o imperador ficou encantado com a imponente arquitetura dos monumentos do local (FAINGOLD, 2008;1999). Como de costume, acordou cedo e percorreu as ruínas da cidade, comprando algumas moedas e registrando o seu nome na parede dos fundos de um pequeno templo. Em Damasco, esteve na mesquita Djami'a el Amavi, documentando suas impressões do lugar. Visitou o túmulo do “célebre Saladino”, cujo jazigo encontra-se no pátio da referida mesquita e a casa de Judas, na época convertida em um local de oração muçulmana. Andou pelo caminho de pedras “de época anterior à dos romanos” e pôde ver “o lugar por onde S. Pedro fugiu e o resto da antiga calçada na direção de Jerusalém onde dizem que S. Paulo se

converteu” (ALCÂNTARA, 1999, p. 516). Ainda em Damasco, o imperador encontrou-se com o emir Abd-El-Kader, líder político que auxiliou os cristãos perseguidos durante o conflito do Líbano, em 1860. Logo no início da conversa, D. Pedro II fez questão de anunciar ao anfitrião que o motivo da visita era por conta desse serviço dispensado aos cristãos, o que muito o admirava. Conversaram sobre vários assuntos, tendo o emir demonstrado curiosidades sobre o Brasil. Nada escapava aos olhos do monarca, que registrou com minúcias as características físicas e os trajes de seu interlocutor:

[...] é baixo, pouco cheio de corpo, testa arredondada, nariz ligeiramente aquilino, olhos pequenos porém vivo às vezes [...]. Parece ter a cabeça raspada sob o turbante. Traja simplesmente e tinha chinelos de marroquim amarelo. (ALCÂNTARA, 1999, p. 516)

No momento da despedida, Pedro II recebeu de presente um exemplar do livro escrito por Kader, uma obra em árabe de caráter filosófico sobre a Síria. Ainda em Damasco, almoçou com o Xeique Madjuel-el-Mazrab e sua esposa, Elizabeth Jane Digby, mais conhecida pelos escândalos amorosos e pelo sobrenome do ex-marido: o Conde Ellenborough. A visita ao casal, recomendada por Kader, se justificava pelo anseio em conhecer as aquarelas com “as vistas” da antiga província romana de Palmira, trabalho de pintura a óleo de Lady Ellenborough, considerado belíssimo pelo monarca.

Partindo da Síria, a caravana imperial percorreu algumas aldeias e vilarejos, chegando a Jericó nos últimos dias do mês de novembro. Assim como nos outros locais em que esteve, o monarca visitou sítios históricos e sagrados, anotando tudo com rigor e riqueza de detalhes. Ao contemplar as montanhas de Moab, recorda-se saudoso da época em que traduziu o livro de *Ruth*, o “idílico hebraico” (ALCÂNTARA, 1999, p. 531). Em Betânia, visitou o túmulo de Lázaro e o lugar que as escrituras sagradas apontam como o local de encontro entre Marta e Jesus Cristo no momento em que ela anunciava a morte do irmão. Esteve ainda na “Fonte de Eliseu”, que segundo consta, possuía água capaz de impedir o desenvolvimento dos frutos daquela região, além de conter propriedades abortivas. A água tornara-se potável e fecundante pelo profeta Eliseu, discípulo de Elias, como forma de recompensa ao povo de Jericó pela gentileza em hospedá-lo no povoado. O imperador percorreu também o local das antigas cidades de Sodoma, Gomorra e Adomah e fez croquis

do Mar Morto e do leito do Rio Jordão, lembrando-se que foi naquelas águas que João Batista teria batizado Jesus Cristo.

A comitiva, acompanhada desde Jerusalém por 06 beduínos, atravessou a aldeia de Jericó, incitando os peregrinos a gritar “muitos *hurrahs*” assim que avistavam a figura do monarca. Seguindo viagem, o imperador do Brasil visitou o Monastério de Saint Sabbas, localizado nas montanhas de Moab, passando antes pelo túmulo do profeta Moisés. O difícil acesso pelas ribanceiras secas do rio Cedron, aliado ao fato de o regulamento do monastério não permitir a entrada de mulheres, fez com que a comitiva se separasse temporariamente. Em Saint Sabbas, D. Pedro II foi recebido por 60 frades ao som de repiques e lá pôde examinar todos os cantos do lugar. Ao deparar-se com alguns manuscritos dos evangelhos em uma pequena sala e a dificuldade de acesso a outras coleções, não deixou de registrar sua indignação ante ao descaso com materiais tão valiosos, talvez “pela vergonha que eles tenham de não haverem aproveitado por ignorância as riquezas literárias que possuem” (ALCÂNTARA, 1999, p. 534). De Saint Sabbas rumo a Jerusalém, o imperador passou por alguns vilarejos até hospedar-se em uma casa austríaca “de bela aparência com capela”, mostrando-se, porém, insatisfeito com os 82 degraus que precisava atravessar para chegar à rua. Recebeu notícias do Rio de Janeiro, inclusive da morte de José Sequeira, amigo de mais de 30 anos. Na Capela do Calvário, no Santo Sepulcro, o imperador rezou pelo amigo falecido. Em seguida, trilhou a Via Dolorosa, anotando em seu diário o que cada marco do caminho representava nos últimos momentos de vida de Jesus. De acordo com Calmon (1975b, p. 1124), D. Pedro

[...] fazia o percurso da Paixão consultando o cronômetro, ligando a unção às reminiscências d’arte (lembrava quadros dos museus de Filadélfia, Antuérpia, Paris), ajoelhando-se pelas pedras que a penitência dos séculos lentamente polira.

Visitou também a Igreja da Flagelação, o túmulo da Virgem Maria no Monte das Oliveiras e o jazigo de alguns santos cristãos. A experiência na Terra Santa acentuou ainda mais os sentimentos religiosos do monarca, fato perceptível nas páginas de seu diário da época e na motivação em estudar, traduzir e comparar textos sagrados. Ao completar 51 anos, ele se confessou e comungou no Santo Sepulcro de Jerusalém (BARMAN, 2010), pedindo “perdão de todas as ofensas

feitas sobretudo as pessoas que mais estimo” (ALCÂNTARA, 1999, p. 538).

Em 06 de dezembro de 1876, a comitiva imperial chegava a Jaffa, na Palestina, onde o navio *Áquila Imperial* já os aguardava. Chegava ao fim a peregrinação pela chamada Grande Síria. Da Palestina, a caravana imperial seguiu para o Egito, que o imperador tivera o prazer de conhecer em 1871. Dessa vez, navegou pelo Nilo e visitou as ruínas de Karnak, antigo local de culto aos deuses de Tebas. Foi em Karnak que o monarca adorou a Deus voltando-se para as suas “duas pátrias”, na célebre passagem registrada em sua caderneta. A segunda vez nas terras do Nilo pode ser considerada, segundo Câmara (2005, p. 89), uma verdadeira “expedição” de reconhecimento. A viagem pelo Alto Egito foi iniciada no dia 11 de dezembro de 1876. A longa estadia permitiu que o imperador pudesse participar das

reuniões do *Instituit d’Egypte*, fotografar e ser fotografado, conferir informações publicadas sobre o Egito – completando algumas superficiais ou mesmo corrigindo outras imprecisas e errôneas –, e debater com os mais importantes egiptólogos da história. (CÂMARA, 2005, p. 89)

Para Filipa Lowndes Vicente (2009), o orientalismo visual foi também um dos modos de apropriação da diferença na construção da imagem de si próprio. Durante toda a segunda metade do século XIX e início do século XX, relata a autora, proliferaram fotografias de europeus vestidos de orientais em bailes de máscaras ou em estúdio dos fotógrafos, os quais forneciam os trajes, adereços e cenários necessários à transformação. Mais importante do que a identificação geográfica correspondente à “fantasia”, ou à veracidade etnográfica do resultado, era a evocação de um Oriente que todos deveriam reconhecer como tal, mesmo que ninguém soubesse exatamente onde era. O monarca Pedro II também seguiu essa tendência, aproveitando para posar junto à comitiva imperial defronte as pirâmides do Egito:

Fotografaram-me com Mr. Mariette e alguns árabes sobre a muralha do templo e Você julgará bem da cena pela fotografia. Outra se fez de um grupo maior aos pés do Esfinge e também é sua, pedindo-lhe que repare para o modo por que se acha o grupo composto. (1999, p. 396)

Além disso, em correspondência ao orientalista italiano De Gubernatis, D. Pedro II teria pedido que ele não se esquecesse de enviar uma das fotografias de sua cerimônia de investidura bramânica “onde se fez fotografar de brâmane ao lado de Bhagvanlal e Gerson da Cunha” (apud VICENTE, 2009, p. 17). Lamentou, no entanto, não ter nada muito significativo nessa área para retribuir a gentileza, pois o estudo de sânscrito no país não passava de uma curiosidade de alguns poucos filólogos. Ele, talvez, fosse o maior entusiasta nessa empresa.

O interesse por tais assuntos acompanhou o monarca durante o seu exílio imposto pela proclamação da República. Esse vivo interesse por tudo que pudesse remeter àquela região era nutrido com o estudo de línguas, compra de livros e fotografias, além da intensa correspondência com especialistas e estudiosos que se dedicavam a pesquisar sobre o Oriente. As traduções de obras orientais tornaram-se uma constante nesse período de dois anos de expatriação, findo com a morte de D. Pedro. Liberto dos compromissos de governante, o imperador dividia-se entre a tradução das *Mil e uma noites* diretamente do árabe e do livro do *Hitopadeśa*, obra vertida do sânscrito para o vernáculo. Além disso, o hebraico ocupou grande parte de seus dias vividos na França. Para Lyra (1977c, p. 163), a leitura e os estudos eram, ainda, os seus melhores divertimentos: “era raro não ser visto com um livro ou uma revista na mão, mesmo quando estava de carro, em seus passeios pelos arredores de Paris ou pelas belas estradas da Côte d’Azur”. Em Cannes tomava lições de línguas semíticas, ocupando-se também da impressão do livro *Poésies Hebraïco-Provençales Du Rituel Israélite – Comtandin*, único livro que traz o seu nome e cuja edição o próprio imperador supervisionou. Dessa vez, o monarca contava com a supervisão do alemão Christian Friedrich Seybold, seu quarto e último mestre orientalista. Esse professor de línguas semíticas e orientais morou no Rio de Janeiro e foi membro do IHGB, acompanhando a família imperial até a morte do imperador. Trata-se de uma figura importante para a constituição do Orientalista Pedro II.

3.4 A FIGURA DE SEYBOLD NA VIDA INTELECTUAL DO ORIENTALISTA PEDRO II

D. Pedro II “morreu como estudante, pois na noite que precedeu à agonia, pediu ao doutor Seybold, seu professor de línguas mortas, que lhe lesse algumas páginas em sânscrito e notícias de jornais”. Esta citação de Lídia Besouchet (1993, p. 23), bastante reveladora no que se

refere à importância de Christian Friedrich Seybold (1859 – 1921) na vida de D. Pedro II, parece pertinente para marcar o início das discussões. O ano era 1891, no modesto Hotel Bedford, em Paris. No leito de morte do monarca deitado estava, dentre familiares e os poucos súditos fiéis, Christian Seybold, seu último mestre de línguas semíticas e orientais. A ele coube a tarefa de escrever o epitáfio para a urna mortuária de Pedro II, e o fez evidenciando, entre outras características, a memória prodigiosa de seu aplicado pupilo (CARVALHO, 2007; LYRA, 1977c).

O contato entre Seybold e o imperador, porém, remonta ao ano de 1886. Nesta época, D. Pedro estava à procura de alguém que substituísse Karl Henning, seu anterior mestre de hebraico que decidira retornar para a Europa. Desde então, ele passou a assistir os estudos de Pedro II, se dividindo entre a tarefa de ensinar línguas, sobretudo o sânscrito, árabe, grego e hebraico, de discutir leituras e traduções, além de supervisionar os demais estudos filológicos do monarca. Os cinco anos subsequentes serão de muito trabalho em conjunto, intensificado no período de exílio da família imperial imposto pela queda da monarquia no Brasil. Os diários de D. Pedro II comprovam tal afirmação, como veremos detalhadamente mais adiante.

Traçando um paralelo com as pesquisas realizadas no NUPROC³⁵ sobre o perfil intelectual do imperador, busco aqui focar o professor alemão que viria a se tornar um expoente do Orientalismo alemão no início do século XX, período posterior à época em que assessorou o monarca em seus estudos. De fato, o reconhecimento de Seybold como autoridade na área dos estudos orientais e o impacto de sua carreira acadêmica nas primeiras décadas do século XX podem ser conferidos pelo espaço destinado a sua produção em bibliotecas fora da Alemanha, como a *Library of Congress*, dos Estados Unidos; e a *Bibliothèque St. Étienne de Jérusalem*. Ambas mantêm as principais obras do orientalista alemão disponíveis em seu acervo. A importância da produção acadêmica de Seybold se reafirma também por outras vias, uma vez que o trabalho do professor continua se constituindo como base de consulta para pesquisas publicadas nos últimos anos. Além disso, o autor contabiliza 16 artigos publicados na primeira edição da *Encyclopaedia of Islam*, uma das obras de referência para os estudiosos do mundo

³⁵ Retomando a citação de Besouchet (1993) que abre este artigo, acrescento em tempo que se trata justamente do *Hitopadesa* que D. Pedro II teria pedido que seu mestre orientalista lesse em seus últimos momentos de vida, visto que ele se dedicava à tradução da coletânea hindu naquele período.

islâmico, editada entre os anos de 1913 e 1936 por M. Th. Houstsma, T. W. Arnold, R. Basset e R. Hartmann.³⁶

Vale a pena mencionar que as informações que ora apresento devem ser tomadas como uma contribuição e não como um estudo definitivo sobre a vida de Seybold. Pretendo apenas dar visibilidade para este agente com vistas a possibilitar, a partir de novas investigações, uma revisão historiográfica sobre o real papel que o orientalista desempenhou no percurso intelectual do monarca Pedro II durante o período em que trabalharam juntos.

3.4.1 O tutor do imperador



Fig. 7: Christian Friedrich Seybold.³⁷

Em *Kleine Mitteilungen und Anzeigen*, publicado na 12^a edição da revista *Der Islam* (1922), Richard Hartmann oferece ao leitor alemão uma pequena biografia de Christian Friedrich Seybold, falecido no ano anterior à publicação. Contemporâneo e colega de Seybold na Universidade de Tübingen, Hartmann procura listar as principais obras

³⁶ O leitor interessado encontrará na *site* WorldCat.org um mapeamento das principais bibliotecas que disponibilizam as obras de Christian Seybold. Além disso, saliento que o *site* GoogleScholar.com reporta as principais obras contemporâneas que citam os trabalhos do orientalista alemão.

³⁷ Imagem editada para fins deste trabalho. Disponível em <http://www.leo-bw.de/web/guest/detail/-/Detail/details/PERSON/wlbbib_personen/117475157/person> [Copyright: Tobias-Bild Universitätsbibliothek Tübingen].

daquele orientalista, evidenciando o seu particular método de trabalho e o dinamismo revelado nas diversas áreas em que atuou. Por ter sido produzido por alguém que conheceu e acompanhou a carreira profissional de Seybold, e publicado no ano seguinte a morte do professor alemão, o texto reporta dados consistentes que possibilitam reconstruir parte do perfil biográfico de Seybold. As linhas que seguem se baseiam, sobretudo, na produção de Hartmann. Como complemento, utilizo ainda as publicações de Dibe (1922), Nallino (1923) e Van Ess (1980).

Christian Friedrich Seybold – ou Fritz Seybold, como preferem alguns biógrafos de D. Pedro II – nasceu em Waiblingen, no sul da Alemanha, em 06 de janeiro de 1859. Como muitos jovens de sua época, Seybold frequentou seminários evangélicos até ingressar na universidade. Em 1883, com apenas 24 anos, o jovem alemão recebia o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Tübingen (NALLINO, 1923) logo após licenciar-se em Teologia. Discípulo de Albert Socin, professor responsável pela revitalização dos estudos sobre o Oriente Médio naquela instituição, Seybold estudou também filologia com ênfase em línguas indo-europeias e semíticas. No mesmo período, Christian Seybold travou contato com o movimento orientalista da França e visitou pela primeira vez a região da Andaluzia, na Espanha. As primeiras impressões do lugar, segundo Hartmann (1922), marcaram profundamente a vida daquele orientalista, uma vez que ele manteve um vívido interesse pela Espanha dos tempos árabes ao longo de sua carreira acadêmica. O ensaio *Ibn al-Anbārī's Asrār al-'Arabiya*, publicado em Leiden em 1886, teria motivado indiretamente a expedição. O resultado da viagem foi o trabalho de cunho filológico *Die arabische Sprache in den romanischen Ländern*, publicado na edição de Gustav Gröber, intitulada *Grundriß der romanischen Philologie* (1888). De 1883 a 1886, o recém-doutor atuou como professor assistente em Heilbronn e Maulbronn, na Alemanha, e se ocupava nas horas vagas da edição das obras supracitadas.

O ano de 1886, no entanto, trouxe a oportunidade que Hartmann (1922) considera a responsável pela maior guinada na vida profissional de Seybold. A partir dessa data, ele pôde dedicar-se mais efetivamente à pesquisa e explorar um novo objeto de estudo que renderia publicações futuras, neste caso, a língua guarani. Naquele ano, o nome do orientalista alemão foi apontado tanto por especialistas de árabe quanto de sânscrito como candidato habilitado a auxiliar os estudos científicos de D. Pedro II, a quem ensinaria línguas semíticas e orientais,

especialmente o árabe, o hebraico e o sânscrito. Em 1887, já no cargo de auxiliar de estudos literários do imperador, Seybold embarcaria para a Europa em companhia do monarca doente, que cruzava o Atlântico em busca de tratamento de saúde. Segundo Hartmann (1922), as viagens que surgiram a partir do contato com o D. Pedro II, no Velho e no Novo Mundo, proporcionaram ao Seybold não somente uma extensão de seu próprio conhecimento de mundo e das pessoas com quem passou a conviver. Trouxeram igualmente a possibilidade de familiarização com mais lugares de cultura árabe. Foi também a chance de travar contato com orientalistas da maioria dos países visitados pela comitiva imperial, em especial dos países de línguas românicas. As áreas de interesse de Seybold, as línguas e literaturas árabe, hebraica, siríaca e persa eram também foco de estudo do governante.

Durante sua estada no Brasil, Seybold se lançou nas pesquisas sobre línguas indígenas, o que culminou no trabalho de reedição de a *Brevis Linguae Guarani Grammatica Hispanice* “Breve noticia de la lengua Guarani” (1890), a *Arte de la lengua Guarani* (1892) e *Lexicon Hispano-Guaranicum* “Vocabulario de la lengua Guarani” (1893), obras de grande envergadura do missionário peruano Antonio Ruiz de Montoya, revisadas e ampliadas pelo Padre Paulo Restivo. As três edições, raríssimas, contavam com apenas umas poucas cópias quando receberam a atenção de Seybold. Foram produzidas sob os auspícios de D. Pedro II e dedicadas ao último monarca do Brasil. Para Hartmann (1922), esses trabalhos revelam a versatilidade de Seybold, que encontrou no fascínio que tinha o imperador pelas línguas ameríndias a inspiração para se debruçar no seu estudo sistemático, trazendo a público as obras mais antigas já escritas sobre a língua guarani. Após a morte de D. Pedro II, em dezembro de 1891, Christian Seybold assumiu a cadeira de línguas semíticas da Universidade de Tübingen, permanecendo no quadro daquela instituição de ensino como professor por quase 20 anos. Iniciou a docência em 1893, mesmo ano em que trazia a público a obra *Relaciones sobre Pedro Teixeira*, no evento *Festgruss an Rudolf von Roth*.

Segundo Werkmeister (1982), Seybold foi o responsável por catalogar os manuscritos árabes da Biblioteca da Universidade, que desde 1521 já possuía um núcleo consolidado de Estudos Orientais vinculado à Faculdade de Teologia. Outro contemporâneo de Seybold, o italiano Carlo Alfonso Nallino (1923), também assinala a versatilidade do orientalista alemão e comenta o seu rigoroso método de trabalho para com os manuscritos de Tübingen, campanha que se converteu em muitas

publicações importantes no âmbito dos estudos orientais. Para Nallino (1923), Seybold se distinguiu sobretudo como editor de textos árabes, tendo publicado o *Glossarium latino-arabicum* (1900), cujo texto, extraído de um manuscrito encontrado em Leiden, apresenta informações preciosas sobre as origens das línguas românicas. Nos anos subsequentes, Seybold publicou *Geschichte Von Sul Und Schumul: Unbekannte Erzählung Aus Tausend Und Einer Nacht* (1902), único manuscrito das *Mil e uma noites* que apresenta a história de amor dos primos Súl e Shumúl. De acordo com Kay (1903), a peculiaridade desse conto está no seu forte sabor cristão, apresentando o narrador profundo conhecimento dos hábitos dos monges cristãos e eremitas da Síria. A obra foi dedicada à memória de D. Pedro II, cujo empenho em traduzir para o português os contos das *Mil e uma noites* diretamente do texto árabe foi devidamente salientado na edição. Segundo Jarouche (2011, p. 84), a dedicatória de Seybold demonstra “não só seu apreço sincero pela figura do então falecido imperador, como também a inesgotável curiosidade intelectual desse último”. No mesmo ano, Seybold publicou também *Die Drusenschrift: Kitāb Alnoqāt Waldawāir* “*Das Buch der Punkte und Kreise*” e um ensaio no *Boletín de la Real Academia de la Historia*, intitulado *La España Musulmana. Notas geográficas*. Nesta brevíssima nota, Seybold questiona alguns problemas de tradução do texto árabe do geógrafo Ibn Jaldún (1332 - 1406), o que traria implicações para se definir com precisão a topografia da região andaluza. Propunha ele na mesma época publicar o texto árabe na íntegra, acrescido de tradução e comentários (SEYBOLD, 1892). A cartografia islâmica medieval foi, portanto, outra área de interesse de Seybold. De acordo com Juan Piqueras Haba (2009), a maior parte dos estudos publicados na Espanha sobre o território andaluz se baseava exclusivamente em textos manuscritos, desconsiderando os aspectos geográficos e sem fazer referências aos mapas já existentes devido à dificuldade em acessá-los. Era um trabalho realizado quase sempre por filólogos e historiadores. Eram poucos, naquela época, os privilegiados que recebiam autorização para pesquisar nos grandes arquivos europeus e o orientalista alemão poderia se considerar um dentre eles. Haba (2009) afirma ainda que Seybold teve em mãos cópia de um manuscrito raro produzido por Ibn Idrīsī (1099 – 1166), um misto de texto intercalado com cartografia da Espanha árabe, e tinha a intenção de publicar todo o manuscrito, mas faleceu antes de concluir seu intento.

Em 1904, Seybold editou a *Historia patriarcharum Alexandrinorum*, um dos trabalhos históricos de maior vulto da Igreja

Ortodoxa Copta, compilado inicialmente pelo bispo Severus Ibn al Mukaffa em fins do século X. O segundo volume da edição foi publicado em 1910. Para Nallino (1923), a grande erudição e excelente método filológico de Seybold podem ser conferidos não só nos inúmeros artigos divulgados em revistas alemãs, mas também em um número igualmente extraordinário de edições publicadas em periódicos acadêmicos, especializados ou não em estudos orientais. A lista de grandes publicações do pesquisador alemão se encerra com *Fleischers Briefe an Hassler aus den Jahren 1823 bis 1870* (1914), obra que na opinião de Hartmann (1922) deixa entrever a principal faceta da personalidade científica de Seybold, apresentando-o como um exímio filólogo. Aliás, as tarefas de cunho filológico ocuparam grande parcela da vida de Seybold. Sua força, diria Hartmann (1922), era a penosa filologia da precisão, o que lhe possibilitou publicar diferentes modalidades de texto. A perícia de Seybold, entretanto, não se reduziu à esfera meramente linguística, uma vez que ele soube transitar entre a filologia, lexicografia, história da literatura e, especialmente, geografia e história da Espanha árabe. Por conta de tal versatilidade seu nome está marcado na história do Orientalismo germânico (HARTMANN, 1922). A carreira de Seybold e seu ímpeto para o trabalho aos poucos foram sendo abreviados pelos primeiros sintomas da aterosclerose (NALLINO, 1923). Assim, Christian Friedrich Seybold, após longos sofrimentos causados pela doença, se afasta definitivamente do trabalho na Universidade de Tübingen, vindo a falecer pouco tempo depois, em 27 de janeiro de 1921, aos 62 anos de idade.

3.4.2 Seybold nas biografias de D. Pedro II

Nesta seção, apresento o resultado de uma pesquisa preliminar realizada a partir de um *corpus* representativo composto por oito biografias do monarca Pedro II. Priorizo um recorte temporal que possibilitou inserir uma biografia de fins de século XIX, portanto mais próxima aos eventos da vida do imperador, as principais biografias publicadas durante o século XX; e também a inclusão de trabalhos mais recentes. O interesse, nesse momento, consiste em verificar como os estudiosos da vida do monarca abordavam a participação de Seybold como seu tutor. As obras consultadas foram as seguintes: 1) *D. Pedro II: ser ou não ser*, de José Murilo de Carvalho (2007); (2) *O imperador cidadão e a construção do Brasil*, de Roderick J. Barman, lançado originalmente nos Estados Unidos (1999) e publicado no Brasil em

2010; (3) *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, de autoria de Lília Moritz Schwarcz (1998), (4) *D. Pedro II e o século XIX*, da pesquisadora Lídia Besouchet (1993); (5) *História de Dom Pedro II: Fastígio, 1870-1880*; e (6) *História de Dom Pedro II: Declínio, 1880-1891*, ambos da coletânea escrita por Heitor Lyra (1977); (7) *História de Dom Pedro II. Tomo II: cultura e política, paz e guerra: 1853-1870*, de Pedro Calmon (1975a); e (8) *Dom Pedro II: imperador do Brasil*, produzida por Benjamin Mossé (1889). A análise sistemática do material selecionado revelou o pouco espaço dedicado a Seybold nas biografias do imperador, como demonstrarei a seguir. Em contrapartida, a etapa sucessiva do trabalho, cujo foco é o diário pessoal de Pedro II, mostrará que Seybold ocupou lugar central nos últimos anos de vida do monarca. Além disso, vale a pena ressaltar que as fontes que reportei anteriormente permitiram assinalar alguns desencontros nas informações prestadas pelos historiadores.

O biógrafo que mais apresenta dados concernentes a Christian Seybold é Pedro Calmon (1975a). Segundo o autor (1975, p. 475), Seybold nasceu em “Weib Linden (*sic*), em 1859, concluía os profundos estudos na Universidade de Tubinga, a que voltaria, como professor de línguas semitas”. Calmon não revela quais seriam esses “profundos estudos” cursados por Seybold e mais adiante menciona duas publicações do orientalista, o ensaio *Ibn al ambraris, Asrar al Arabiga* (1886) e o *Glossarium Arabico-Latino*, este último editado 24 anos após o primeiro livro citado. Na verdade, o hiato entre as duas obras foi de 14 anos, já que a primeira publicação do *Glossarium* aconteceu em 1900 e não em 1910, como sugere Calmon. O autor afirma ainda que o nascimento de Seybold ocorreu no primeiro dia do mês de janeiro de 1859, diferentemente de Hartmann (1922), Dibe (1922) e Nallino (1923), que apontam para o dia 06 de janeiro daquele ano. Interessante observar que Calmon cita Nallino (1923) como referência de seu texto sobre Seybold, mas apresenta dados divergentes do autor italiano.

O biógrafo assinala também a participação de Manuel Antonio da Rocha Faria, mais conhecido pelo título nobiliárquico de Visconde de Nioac, na seleção de Seybold como mestre de D. Pedro. Segundo Calmon (1975a, p. 475), “o Visconde de Nioac incumbiu-se de substituí-lo [Henning] por outro jovem alemão, de quem ouvira falar nas águas de Baden-Baden, Christian Frederich Seybold”. Naquele ano, cerca de quatro meses após Henning se desligar de sua função, Seybold viajava para o Brasil para preencher a vaga: “embarcou em Antuérpia, em setembro de 1886. Foi o último companheiro desses trabalhos que

teve Pedro II”. O candidato, na opinião de Calmon (1975a, p. 475), atendia aos requisitos para exercer a função de tutor do monarca Pedro II: “sobravam-lhe modéstia, docilidade e honradez, reclamadas para o cargo” e Seybold o aceitou com o ordenado de 18 mil francos anuais. Além do mais, salienta Calmon (1975a, p. 475), “a sua bibliografia é digna do minucioso espírito germânico, de que foi [Seybold] um exemplo clássico”.

Em *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (1998), Lilia Moritz Schwarcz faz um exaustivo estudo sobre como a monarquia tornou-se um mito e encontrou, na figura altiva de D. Pedro II, a personificação para este ideal. Nas 623 páginas do livro em questão, há apenas duas menções ao professor de línguas orientais do imperador:

[Dom Pedro] ajudou, de diferentes maneiras, o trabalho de cientistas como Martius, as pesquisas de Lund, de Gorceix, dos naturalistas Couty, Goeldi e Agassiz, dos geólogos O. Derby, Charles Frederick Hartt, do botânico Glaziou, do cartógrafo Seybold, além de vários outros naturalistas que estiveram no país. (1998, p. 131 – grifos meus)

Na primeira delas, como se pode observar, Schwarcz (1998) comenta o mecenato do monarca Pedro II e seu incentivo aos homens da ciência. Na lista dos agraciados pela ajuda do governante, encontramos o nome de Seybold vinculado à cartografia. De fato, o alemão se dedicou a esta ciência, focando notadamente a região andaluza, mas não constituiu a cartografia a sua principal ocupação durante a sua estada no Brasil. Ao associar o nome do orientalista a uma atividade secundária, Schwarcz parece sugerir que o imperador tenha patrocinado algum trabalho dele nesta área, porém não detalha ou tampouco aprofunda esta questão. Na segunda menção, já na metade final do livro, Schwarcz (1998) elenca o nome de Seybold entre os que escolheram partir no *Alagoas* rumo a Europa com a comitiva imperial, em novembro de 1889:

A saída de d. Pedro, todavia, não foi tão colorida, como retratada na pintura. Circundado por alguns exilados e outros auto-exilados —Mota Maia, o conde Aljezur, os barões de Muritiba, os barões Loreto, a viscondessa da Fonseca Costa e o

professor Seybold—, o imperador partiu no Alagoas, selando o fim da monarquia mas não do mito chamado d. Pedro. (SCHWARCZ, 1998, p. 463)

José Murilo de Carvalho (2007) também acredita que Seybold tenha se juntado ao grupo expatriado ainda no Brasil. Para ele, “na viagem de exílio, [D. Pedro II] levou junto o professor de sânscrito, Seybold, com quem tomou lições até os últimos dias” (2007, p. 229). Seguindo o mesmo caminho, Lídia Besouchet (1993) acrescenta o nome do orientalista na relação da comitiva que seguiu o monarca banido rumo a Europa.

A informação apresentada pelos autores, no entanto, contradiz outros dois biógrafos de D. Pedro II: o já citado Pedro Calmon (1975a) e Roderick J. Barman (2010). Calmon (1975a) afirma que Seybold já estava na Europa durante o golpe de 15 de novembro de 1889, mencionando documentos da mordomia imperial que fundamentam a sua assertiva. O orientalista acompanhava da Alemanha, segundo ele, a transformação política do Brasil após a proclamação da república e se juntou ao séquito imperial na França, continuando a rotina de estudos com o monarca exilado. No livro *O imperador cidadão* (2010), o historiador norte americano Roderick J. Barman corrobora com Calmon (1975a) ao afirmar que Christian Seybold estava de férias em seu país de origem durante a queda da monarquia no Brasil: “o Dr. Christian Friedrich Seybold, seu professor de línguas que estivera em férias na Alemanha durante os acontecimentos de novembro de 1889, estava entre os que o receberam na estação” (2010, p. 529). Barman (2010) não traz informações biográficas sobre o professor alemão, mas o apresenta como um “linguista de incontestável habilidade” (2010, p. 551). Por isso, ao analisar alguns dos trabalhos realizados por D. Pedro durante o exílio, o autor arrisca em dizer que é impossível de se “determinar quanto da tradução em si deve ser atribuída a Seybold e quanto a D. Pedro” (2010, p. 551).

Em *História de D. Pedro II: Fastígio (1870-1880)*, Heitor Lyra (1977b, p. 103) apresenta o jovem “C. Fritz Seybold” como um “homem grandemente erudito, professor de línguas orientais” do imperador D. Pedro II. No volume subsequente da mesma coleção, dedicado à última década de vida do monarca (*Declínio*, 1880-1891), Lyra (1977c, p. 56) pontua que Seybold, no papel de substituto imediato de “Carlos Hering”, acompanhara o monarca em sua terceira viagem ao exterior (1877), ou como denomina Calmon (1975a, 475), na “viagem de

doente”. Lyra (1977c) volta a citar Seybold outras duas vezes como o autor do epitáfio da urna mortuária do imperador, transcrevendo a mensagem em latim elaborada por ele que valoriza, sobretudo, a *immensitate memoriae* de Pedro II. Besouchet (1993) e Carvalho (2007) também indicam Seybold em meio aos que acompanharam os momentos finais de vida e que prestaram as últimas homenagens durante as exéquias do ex-imperador.

Uma das primeiras biografias de D. Pedro II é a obra *Dom Pedro II: imperador do Brasil*, do rabino de Avignon Benjamin Mossé.³⁸ Editada originalmente na França em 1889, a obra tem a sua importância pelo pioneirismo do autor em se dedicar ao registro da vida do monarca ainda em vida do biografado. Em uma passagem de sua obra, Mossé (1889) enumera os professores que atuaram na infância e juventude do imperador, comentando a seguir que D. Pedro II tivera muitos outros mestres e que tinha notícias que o monarca continuava estudando no período de preparação do livro:

Eis os nomes de alguns dos professores do jovem imperador: A. Boulanger, leitura; Boir – lingua francesa; Nathanael Lucas – lingua inglêsa; Dr. Roque Schuch – lingua allemã; Félix Emilio Taunay – geographia e historia; bispo de Chrysopolis – religião, lingua latina, mathematicas; marquês de Sapucahy – literatura; Alexandre Vaudelli — sciencias naturaes; Simplicio Rodrigues de Sá (discipulo de J. B. Debret) – pintura. D. Pedro II teve muitos outros professores e, ainda hoje, um sábio, continua estudante. Assim o vimos em Cannes – e em Aixles-Bains. (MOSSÉ, 1889, p. 36)

Seybold já atuava como tutor de D. Pedro II quando a obra foi publicada, mas seu nome não aparece mencionado na edição, nem mesmo o nome dos mestres orientalistas que o antecederam. O fato de não ter sido citado na obra de Mossé pode ser justificado pelo período de preparação do volume. À época anterior a 1889, que será abordada na etapa subsequente dessa pesquisa, Seybold iniciava seus trabalhos com o monarca. É um período em que o soberano ainda controlava as rédeas

³⁸ Calmon (1975a) defende que a autoria da obra é, na verdade, do Barão do Rio-Branco. Schwarcz (1998, p. 599), menos incisiva, comenta a mesma questão sobre o verdadeiro autor da obra: “ao que parece, apesar de formalmente a autoria ser de Mossé, a biografia teria sido escrita pelo próprio barão do Rio Branco”.

do governo e não dispunha de tanto tempo quanto gostaria para seguir com seus estudos. Como nos lembra Barman (2010, p. 281), “seu papel como imperador era tal que, para uma pessoa consciente de seus deveres e das necessidades de seu país, exigia longas horas de trabalho”. É a partir dessa data, 1889, que o nome “Seybold” passará a ser uma constante no diário de D. Pedro II. Obviamente que as obras mais atuais buscam referências em trabalhos publicados anteriormente. Assim, a obra do rabino serviu de fonte de pesquisa para as principais biografias que surgiram em seguida, inclusive nas obras que remeto nesta seção. Talvez se Mossé tivesse dedicado algumas linhas ao orientalista alemão, já que ambos eram contemporâneos e ele poderia ter acesso direto ao professor, a informação possivelmente teria sido retomada em trabalhos posteriores.

3.4.3 Seybold nos diários do imperador

Em 1887, D. Pedro II recebia dos médicos a recomendação de uma viagem à Europa para tratamento de saúde. Se a primeira viagem tinha motivações no desejo de conhecer o mundo e a segunda encontrava na doença da imperatriz justificativa plausível, a terceira delas, comentavam, seria para encobrir a fraqueza e debilidade física de D. Pedro II (SCHWARCZ, 1998). Naquela ocasião, além de ser acometido por febres incessantes, o seu corpo já sentia o peso da idade e a memória de curto prazo, de acordo com Barman (2010), também estava prejudicada. O embarque ocorreu em 30 de junho e a viagem duraria alguns meses. Em 02 de julho, D. Pedro II faria a nominata dos companheiros de bordo em seu diário pessoal: “Vem a bordo Nioac e filho Alberto; Carapebus, mulher e a Helena; Drs. Mota Maia e família e Sabóia com a filha solteira” (ALCÂNTARA, 1999, p. 636). Na sequência, anuncia o número de pessoas que viajavam no *Gironde*. Um dos passageiros permaneceria incógnito não fosse a menção que o destacava em meio àquela multidão. Era Seybold, seu professor de línguas orientais, pela primeira vez mencionado no diário de D. Pedro II: “Comecei um soneto de despedida hoje acabado e fiz charadas. Há 500 passageiros entre os quais o Seibold³⁹ com quem continuarei meu estudo de sânscrito, árabe e grego” (1999, p. 636). A partir dessa data, encontraremos o nome de Seybold em outras 778 citações, sendo a última em 28 de novembro de 1891. A bordo do *Gironde* e em território

³⁹ D. Pedro registra apenas uma vez o nome do orientalista com a grafia correta (Seybold). Em todas as outras, refere-se a “Seibold”.

europeu, o nome do professor esteve vinculado, principalmente, à atividade de tradução. Com ele, D. Pedro conferia a tradução dos *Lusíadas* para o alemão e a comparava com o original, além de traduzir sânscrito, árabe, grego e hebraico. Do árabe, esteve envolto com as *Mil e uma noites*; do grego, traduzia a *Odisséia* e do hebraico, se ocupou de um cumprimento de um judeu de Paris. As lições com o Seybold, nos meses de julho a setembro de 1887, não aconteciam em um horário pré-determinado, podendo ocorrer no final da manhã e, sobretudo, no período vespertino, conforme notas do diário:

8 de julho de 1887: 3h ½ Traduzi desde 2 ½ sânscrito com o *Seibold*. Jantei bem.

13 de julho: 5 1/2. Acabei de jantar. Antes do jantar traduzi a *Odisséia* com o *Seibold* comparando-a à tradução alemã.

26 de agosto: 10 ¼. Acabo de almoçar. Hei de dar lição com o *Seibold*.

15 de setembro: 5h 5' Lição do *Seibold* de alemão como da vez passada.

Em algumas passagens, o imperador é mais direto e não especifica o tratado de seus estudos, simplesmente faz registros de forma mais genérica e abrangente, como em 15 de agosto: “Vou estudar com o *Seibold*” (1999, p. 661); ou em 17 de setembro: “1 ¾. Lição com o *Seibold*” (1999, p. 670).

Em 30 de setembro, Seybold despede-se do monarca e segue para Paris. Os estudos iniciados na companhia de seu professor são suspensos nos meses subsequentes, tendo o imperador se dedicado a atividades de cunho cultural e de interesse particular, como a visita a museus, igrejas, óperas, etc., e aos compromissos de chefe de estado. Voltaria a incluir a tradução em sua rotina diária em 20 de novembro, vertendo do francês, idioma que dominava desde muito cedo, um poema de Gustave Nadaud. Não abriu mão, porém, das leituras na ausência de seu tutor. Lia diariamente os jornais de alguns países, artigos de revista, obras literárias e as cartas de seus interlocutores. Com o retorno de Seybold, em janeiro de 1888, D. Pedro II resgata o estudo de línguas orientais. O monarca afirma traduzir do sânscrito o livro do *Hitopadeśa*, comemorando não ter esquecido o que aprendeu, apesar da interrupção daquele estudo nos meses anteriores (ALCÂNTARA, 1999, p. 728). Do hebraico, passa a verter *Nehemias*, segundo ele, com facilidade e continua a comparação da edição alemã dos *Lusíadas* com o original

português, iniciada na viagem do Brasil a Lisboa. Além disso, o grego e o árabe continuam a fazer parte da rotina de estudos com a tradução da *Odisséia* e das *Mil e uma noites*. Os estudos, nesse ano, se concentravam no período da tarde e no turno da noite, às vezes constituindo o encontro com Seybold uma das atividades finais do dia do imperador, encerrado com a leitura de algum livro já na cama. A última menção ao Seybold nas páginas do diário de 1888 acontece em 25 de abril e o diário se encerra em 04 de maio daquele mesmo ano.

O ano de 1889 marca a queda da monarquia no Brasil. Os registros no diário do monarca, cessados no ano anterior, serão retomados no fatídico mês de novembro. Em 29 de dezembro, já destituído do trono e agora viúvo, Pedro II (1999) comenta que passará a viver para o estudo, que infelizmente, na sua concepção, quase não trará proveito senão para ele próprio e para seus netos. No mesmo dia, reclama da falta que Seybold faz para os seus trabalhos linguísticos, validando a tese de Calmon (1975a) e Barman (2010) de que o seu professor não estaria no Brasil durante o golpe republicano. Com o passar do tempo, a permanência de Seybold junto ao monarca será quase que integral. A presença do orientalista nas páginas do diário aumentará gradativamente e será uma constante à medida que os compromissos de governante são extintos. Assim, o professor ganhará importância maior nos dois anos finais da vida de Pedro II, que destinava cada vez mais tempo aos estudos, especialmente após a morte da Imperatriz. A dedicação ao estudo foi a válvula de escape encontrada pelo monarca para seguir adiante e a presença de Seybold foi imprescindível para que ele levasse a cabo os compromissos diários que planejava para o exílio. A tabela abaixo resume em números a participação efetiva do orientalista nos estudos de D. Pedro II. Note-se que os anos finais concentram o maior número de menções ao orientalista alemão:

30.06 a 31.12 1887	01.01 a 04.05 1888	06.11 a 31.12 1889	01.01 a 31.12 1890	01.01 a 01.12 1891	TOTAL
18	40	2	276	443	779

Tabela 1: Quantidade de citações ao Orientalista Seybold no diário do monarca Pedro II.

Em 16 de janeiro de 1890, D. Pedro e Christian Seybold voltariam a se encontrar em Cannes. Ainda na estação de trem, D. Pedro

recebeu os livros que o professor usaria nas lições futuras e acertaram um encontro diário sempre às 3 horas (ALCÂNTARA, 1999), mas as aulas não seguiram esse cronograma, ocorrendo em horários bastante alternados. Além das obras que vinha traduzindo, D. Pedro inicia a tradução do livro de *Isaiás* e incorpora a língua guarani aos estudos. Pedro II continua os registros como fazia outrora, às vezes detalhando o assunto de suas classes; em outros momentos, anotando simplesmente de maneira geral que estudaria com o Seybold. Em outros ainda, o nome do orientalista alemão, sozinho, passa a abarcar uma série de atividades. No decurso daquele ano, ao evocar o nome *Seybold*, está subentendido aí que é chegada a hora de traduzir, ler, comparar, ouvir leituras, enfim, hora do estudo propriamente dito:

13 de junho de 1890: 2 h Vou para o *Seibold*. 8h 20' na sala de bilhar.

11 de julho: 5h 50' *Seibold*. Árabe e Camões. Depois saí a passeio.

28 de agosto: 1h ½ *Seibold*.

04 de setembro: Daqui a pouco tenho *Seibold*.

12 de setembro: 1h 40' Volto a Sand e agora *Seibold*. No concerto.

17 de novembro: Estou bem disposto à espera do *Seibold*.

27 de novembro: 5h Boulevard Jeanne d'Arc. Desci em parte a pé. *Seibold*.

Esse tipo de registro passa a ser cada vez mais recorrente, se estendendo inclusive para o ano de 1891:

11 de janeiro de 1891: [...] como não tenho hoje *Seibold* vou ao Didon.

18 de fevereiro: Agora *Seibold*.

8 de março: Se *Seibold* quiser vou aproveitar meia hora.

5 de julho: Vou descansar meia hora até *Seibold*.

31 de agosto: 4 ¾ *Seibold*. 6h Persa, árabe e Camões.

10 de setembro: 2h 25' *Seibold*.

14 de novembro: 8h 55' *Seibold*. Tenho estado com o Aljezur.

Os diários de 1890 e 1891 revelam uma espécie de dependência da presença de Seybold na vida cotidiana do velho imperador. Além de

auxiliar nos exercícios linguísticos durante o dia, Seybold, desde dezembro de 1890, passa a realizar leituras em voz alta para D. Pedro II na hora de dormir. Foram várias as vezes em que o monarca se mostrou incomodado com a ausência de seu tutor, como em 14 de dezembro de 1890: “Não sei se Seibold virá. Não conto com ele aos domingos” (1999, p. 1054). O fato de o professor não comparecer no horário combinado causava certa insegurança em D. Pedro II, pois teria de mudar seus planos de última hora. Em abril de 1891, ele revela textualmente o seu desconforto: “Seibold tarda e não sei o que faço” (1999, p. 1140). Do mesmo modo, escrevia ele em novembro: “procurei Seibold para estudar com ele. Tinha saído” (1999, p. 1260). Ainda no penúltimo mês do ano, Seybold se ausenta pouco mais de uma hora após o encontro diário e o monarca já se pergunta se o tutor retornará para a leitura em voz alta: “quando voltará o Seibold?” (1999, p. 1261).

Seybold também parece demonstrar cansaço e impaciência com as muitas horas que despense para atender seu aluno. Tal qual uma criança que requer a leitura para poder adormecer, D. Pedro exige a presença de seu mestre orientalista já tarde da noite. A sonolência que o acometia frequentemente era a chance que Seybold encontrava para pôr fim ao encontro. Quando D. Pedro II tornava a acordar, o professor já se tinha ido: “a leitura fez-me sono e passei pelo sono. E o Seibold desapareceu. Quis mandar chamá-lo, porém é melhor que eu leia um pouco e durma” (1999, p. 1205). A fadiga refletia então na qualidade dos encontros, constantemente medida e avaliada pelo atento pupilo como sendo puro desinteresse ou má vontade por parte do seu tutor: “Tudo bem. Na cama para ouvir Seibold. Acabou o livro [...] Foi-se sempre com desejo de se retirar e vou dormir” (1999, p. 1228). A impaciência de Seybold novamente é percebida e devidamente anotada pelo monarca: “Já estou na cama preparado para dormir depois da leitura do Seibold. 11h. Era curioso ver como Seibold queria apressar o fim da leitura (1999, p. 1230)”. O tom de desabafo que marca o diário do dia 1 de setembro de 1891 indica a insatisfação e sentimento de impotência de D. Pedro ante aos problemas de saúde. Desde as 3 da madrugada, discorre sobre astronomia, buscando explicações para a falta de claridade natural que o impede de ler por conta própria: “Não sei que astronomia me servirá até poder ler sem vela. Por isso sempre quisera deitar-me mais tarde, se houvesse pessoas que me lessem” (1999, p. 1230). Continua suas divagações, limando os companheiros de exílio e comentando os motivos pelos quais não podem ajudá-lo com as leituras: “Seibold cansa e parece gostar de sair à noite. Aljezur é falta de vista.

Mota Maia tem a família. Eu tenho estado doente. Já li muito na minha [vida] e o pé priva-me de sair do hotel” (1999, p. 1230). Barman (2010) comenta o pesado ônus que foi para um pequeno séquito cuidar e manter satisfeito D. Pedro II, ressaltando especialmente a participação de Seybold nesse processo. De fato, considerando o comprometimento do monarca para com os estudos, a curiosidade voraz que não se aplacava e o desejo de aprender cultivados durante toda a vida, acredito que o fardo maior tenha recaído sobre o tutor. No entanto, os atritos desencadeados pelo convívio diário, aparentemente velados, não impediram a continuidade do programa de estudos. Segundo Besouchet (1993, p. 570), com Seybold D. Pedro II “continuou a estudar árabe e sânscrito; seus cadernos de estudos hebraicos eram também numerosos” durante os anos de exílio. A autora relata ainda que a “sua letra tornara-se extremamente trêmula, quase ininteligível, nesse período”.

Em novembro de 1891, D. Pedro II começou a sentir os primeiros sintomas do que viria a ser uma pneumonia em poucos dias. Em 26 de novembro, o antigo monarca foi examinado pelo Dr. Bouchart e, em seguida, pelo Dr. Charcot (BARMAN, 2010). No mesmo dia, Pedro II faz as últimas anotações de próprio punho em seu diário. O prognóstico dos médicos não era dos melhores. A medicina de fins de século XIX não oferecia nenhum tratamento eficaz contra a pneumonia. No decurso da doença, agravada pelo diabetes, o pouco que os médicos de D. Pedro poderiam fazer era acompanhar o progresso da enfermidade e tentar aliviar ao máximo os seus efeitos. Passados pouco mais de 30 minutos após a meia-noite de 05 de dezembro falecia em Paris o segundo e último imperador do Brasil. Nos dias anteriores, porém, D. Pedro resistira, “mantendo seu interesse pelo mundo externo e sendo capaz de ditar comentários para que outros os registrassem em seu diário” (BARMAN, 2010, p. 557). José Murilo de Carvalho (2007, p. 242) lança um palpite que parece fazer todo sentido dado o contexto dos últimos anos. Para o historiador, “talvez Seybold, em português afrancesado” tenha assumido o controle do diário do monarca. Pudera! Ninguém melhor que ele, a meu ver, poderia ter sido confiado para realizar esta tarefa. Como um fiel escudeiro, Seybold participou dos momentos mais cruciais dos últimos anos de vida do ex-imperador, permanecendo ao seu lado no exílio e acompanhando de perto a doença que arrebatou a vida de seu aluno. As homenagens póstumas, seja no epitáfio preparado para a lápide de D. Pedro, seja na dedicatória de algumas publicações, sugerem que a relação entre ambos foi muito além do convívio restrito a professor e aluno. Além do mais, teria ele

realizado um dos últimos desejos do monarca de posto: “não pediu o imperador, em seus últimos momentos, que o professor Seybold lesse a tradução do sânscrito de um texto sagrado?” (BESOUCHET, 1979, p. 22).⁴⁰

⁴⁰ *¿No pidió el emperador, en sus últimos momentos, que el profesor Seybold le leyese la traducción del sânscrito de un texto sagrado?*

4 ANÁLISES

4.1 HITOPADEŚA: O LIVRO DOS BONS CONSELHOS

A coleção de fábulas intitulada *Hitopadeśa* constitui um dos livros mais conhecidos e amplamente traduzidos da literatura hindu. Trata-se de uma coletânea de apólogos e fábulas escritas em prosa e ilustradas com inúmeras máximas e aforismos em verso; ambos combinados – prosa e verso – destinam-se a transmitir a sabedoria e a conduta ética para os assuntos políticos. Produzido em uma linguagem simples e elegante, o *Hitopadeśa* também pode ser visto como um modelo de composição e retórica, características estas que tornaram a obra popular entre os estudantes de sânscrito desde a sua divulgação na Europa até os dias mais recentes (HASKAR, 1998). O mais antigo manuscrito do *Hitopadeśa*, descoberto no Nepal, remonta ao ano 1373. Além disso, a coletânea apresenta citações que podem ser encontradas no tratado político *Nītisāra*, de Kāmandaki e na peça *Venisamhāra*, trabalho atribuído a Bhattanārāyana. Do primeiro, cerca de 90 versos aparecem no *Hitopadeśa*, a maior parte deles distribuídos no terceiro e quarto livro da coletânea. São versos que tratam especialmente de política, diplomacia, guerra e paz. Levando-se em consideração as duas obras, alguns pesquisadores calculam o surgimento do *Hitopadeśa* em seu formato atual entre os anos de 800 a 950 d. C., ou pouco mais de mil anos atrás.

Por aproximadamente cem anos após a primeira tradução para o inglês (1787), os orientalistas acreditaram que o autor do fabulário hindu teria sido Visnuśarman, o personagem principal e narrador da história. Com a descoberta do manuscrito nepalês e sua edição crítica, novos indícios apontaram para um outro autor, Nārāyana, nome evocado apenas nos versos finais do trabalho e que fomenta a especulação quanto a sua autoria. Alude também a um rei chamado Dhavalaçandra, suposto patrocinador da obra a quem Nārāyana servia. Nada de conclusivo se sabe sobre Nārāyana além do seu nome. A partir da leitura do *Hitopadeśa*, no entanto, é possível afirmar que se trata de uma pessoa de considerável erudição, talvez um poeta da corte ou preceptor, na opinião de Haskar (1998), e também um devoto do deus Śiva. Dhavalaçandra, referido no códice como “príncipe ilustre”, pode ter sido vice-rei ou um governador de província, mas ainda faltam dados biográficos e detalhes sobre o alcance de seu suposto reino.

Etimologicamente, o termo *Hitopadeśa* provém da junção de dois radicais: *Hita* (útil, proveitoso) e *Upadeśa* (instrução, conselho). É o livro dos bons conselhos ou a instrução útil, escrito em prosa e verso de maneira extremamente simples para ser destinado especialmente aos jovens príncipes. MacDonell (1900), discorrendo sobre a literatura sânscrita, acredita que a tendência da mente indiana para a reflexão não só produziu resultados importantes na religião, filosofia ou ciência; mas encontrou na poesia a mais abundante forma de expressão, o que não se encontra na literatura de qualquer outro país. Espalhados por quase todas as subdivisões da literatura indiana, são incontáveis os apotegmas em que a nobre filosofia hindu se reveste da mais refinada poética. No épico e no drama, esses apotegmas são proferidos pelos heróis, sábios e deuses; nas fábulas, são constantemente encontrados na fala de tigres, chacais, gatos e outros animais. Não obstante, é natural que as máximas éticas fossem introduzidas em maior ou menor número em obras que, assim como o *Pañcatantra* e o *Hitopadeśa*, foram destinadas a ser manuais de filosofia e moral prática. No caso do *Hitopadeśa*, suas máximas e apotegmas foram escritos em metro para garantir uma fácil memorização com um único intuito: transmitir moral e conhecimento, dando aos jovens a formação ética e a filosofia de vida necessária para que se tornassem adultos responsáveis. Para Ferreira e Rónai (1978, p. 57), o livro deve “ser considerado um repertório de conselhos destinados aos príncipes, um dos primeiros espécimes dos ‘Espelhos dos Reis’, tão frequente na Europa Medieval”.

A maioria dos contos presentes no *Hitopadeśa* faz parte também do *Pañcatantra* (Os Cinco Livros), outra coletânea bastante difundida na Índia. Ambas apresentam o enredo semelhante e têm o narrador com a mesma denominação. Além disso, são 26 contos em comum nas duas obras, indicando uma possível derivação direta de um livro no outro ou ainda pode nos sugerir que ambas teriam nascido do mesmo texto que serviu de fonte de inspiração para o *Pañcatantra*, daí a similaridade e a razão por que não é possível determinar-lhes a idade com precisão. Esta coletânea, cujas histórias são posteriores ao século II a. C. e anteriores ao nascimento de Buda, ora apresenta grande tendência budista, ora denuncia forte influência esópica (FERREIRA; RÓNAI, 1978), o que dificulta precisar a data em que a obra se definiu em sua forma atual. Dalgado (1897) especula a provável data em que o *Pañcatantra* teria se cristalizado em sua presente redação. Para ele, além de servir de protótipo ao *Hitopadeśa*, a coletânea deve ser posterior ao século VI, graças à menção de Virāhamira, astrônomo que viveu naquele século.

Ambas são máximas representativas do *Nitiśāstra*, ciência de vida prática do homem em suas mais variadas relações sociais, incluindo a política e a ética. De todos os ramos da literatura hindu, os *Nitiśāstras* apresentam-se como os mais importantes, dada a grande popularidade em seu país de origem, ao grande valor filosófico de suas máximas e principalmente pela evidente influência que exerceram na literatura estrangeira através da prática da tradução, notadamente na europeia da Idade Média. O tesouro folclórico indiano, representado por histórias, contos de fada, fábulas e anedotas, segundo Macdonell (1994), apresenta-nos um mundo infinito de originalidade. Não há mais lugar para personagens exclusivamente estereotipados, tão comuns na vertente épica e dramática da literatura hindu, por isso os traços individuais dos seres humanos são bem explorados. Assim, bravos guerreiros, heróis corajosos, lindas princesas e reis virtuosos dividirão as páginas da narrativa com pessoas dos mais variados tipos e perfis, como camponeses, mercadores, artesãos, viajantes, etc.; e de toda a espécie de desvio de conduta ou caráter duvidoso, como ladrões, brâmanes egoístas, monges hipócritas, alcoviteiras e cortesãs. Este mundo imaginário, cheio de enredos maravilhosos e igualmente complicados, cuja sagacidade e capacidade de invenção perpassam tanto as cenas mais sérias quanto as cômicas, constitui o que há de mais original e um dos elementos mais importados da literatura indiana pelos europeus. Macdonell (1994) assinala que a Europa Medieval conheceu a melhor e mais famosa versão do *Pañcatantra* pelas mãos do alemão Anton von Pforr, obra esta produzida logo após a invenção da imprensa e que influenciou sobremaneira a literatura alemã em vários aspectos. Para Max Müller (1881), tanto o *Pañcatantra* quanto o *Hitopadeśa* foram os responsáveis por lançar os primeiros germes que inspiraram as fábulas de La Fontaine, as quais logo angariaram um número considerável de leitores na França sob o reinado de Luís XIV.

De acordo com Haskar (1998), estudiosos contemporâneos ainda divergem sobre a relação entre as duas obras. Arthur Llewellyn Basham, professor da Escola Oriental e de Estudos Africanos de Londres nas décadas de 1950 e 1960, acredita que o *Hitopadeśa* é a mais famosa versão do *Pañcatantra*, enquanto Arthur Berriedale Keith, indologista e sanscritista escocês, defende a derivação da obra diretamente do pentateuco hindu. Surendranath Dasgupta, filósofo indiano, considera as duas coletâneas como trabalhos independentes. Já Maurice Winternitz (2008) concebe o *Hitopadeśa* como uma espécie de revisão ampliada do *Pañcatantra*, que segundo ele foi compilado em Bengala e muito

difundido tanto na Índia quanto na Europa. Para o autor, 17 histórias do *Hitopadeśa* não são encontradas em outras “atualizações” do *Pañcatantra*. O próprio Nārāyana, nos versos iniciais de seu prólogo, anuncia que a obra foi inspirada no *Pañcatantra* e em outro livro, sem dizer de qual obra se trata. Contudo, a versão do *Pañcatantra* que teria servido de protótipo para o material ainda é desconhecida. Oliveira (2011), na mesma linha de pensamento sobre a derivação entre as duas obras, concorda que há no *Hitopadeśa* alguns contos provenientes de outras obras sânscritas. Sebastião Rodolpho Dalgado (1897), orientalista responsável pela tradução do *Hitopadeśa* para o português na última década do século XIX, também discorre sobre a similaridade entre as obras supracitadas. Para ele, os contos presentes no *Pañcatantra* nem sempre são narrados da mesma maneira e nem servem para os mesmos propósitos no *Hitopadeśa*. De acordo com MacDonell (1900), outra diferença entre as edições é que o *Hitopadeśa* apresenta um número de versos superior ao *Pañcatantra*, o que por vezes compromete seriamente o andamento da narrativa em prosa. Tais versos, para o referido autor, abundam de sapiência, beleza e ricos pensamentos sobre a transitoriedade da vida humana. A propósito, os mais de 700 versos entremeados em seu texto em prosa representam uma característica distintiva do *Hitopadeśa*. Parte deles, como os primeiros dois e os últimos três da obra, além das estrofes que fecham as três seções iniciais, são provavelmente composição do autor. Alguns versos selecionados por Nārāyana aparecem em outros trabalhos, sendo alguns ainda correntes em forma de provérbios e ditados populares. Segundo Haskar (1998), o livro é muito mais uma antologia de versos que uma compilação de fábulas do gênero *Nitiśāstra*.

O *Hitopadeśa* divide-se em quatro seções, sempre precedidas por uma espécie de nota introdutória em que o narrador faz as amarras entre o capítulo anterior e a próxima seção. Além disso, o livro apresenta também um prólogo que é atribuído ao autor, cuja função é situar a importância da obra na formação intelectual dos jovens, neste caso, os filhos do rei Sudarśana. Nesta introdução, o leitor acompanha a escolha do *pandit* Visnuśarman para desempenhar a função de tutor dos filhos do rei e sua proposta audaciosa de instruí-los nas leis da moral e da ciência em poucos meses. Já neste momento podemos perceber que as edições diferem umas das outras, o que indica a pluralidade de códices que compuseram a versão utilizada como texto-fonte para as traduções. Francis Johnson (1847), Charles Wilkins (1885), Max Müller (1884) e Sebastião Dalgado (1897), por exemplo, iniciam esta introdução com

uma saudação a *Ganeśa*, deus da sabedoria. A tradução de Wilkins ainda faz reverência a *Sarasvati*, deusa da harmonia e das artes, o que não acontece nos demais tradutores citados. A introdução do autor, na edição de Édouard Lancereau (1855), homenageia *Viśweswara*, um dos codinomes do deus *Śiva*. Já Peter Peterson (1887) omite qualquer menção aos deuses indianos e sintetiza o que ele chama de prólogo em apenas um parágrafo. No entanto, discute algumas questões dessa introdução em uma nota em que afirma que o autor, Nārāyana, teria retirado a introdução do *Pañcatantra* e que seria preciso retomá-la para entender melhor a motivação de Visnuśarman em instruir os herdeiros daquele reino. Peterson (1887) acrescenta ainda que o método de ensino utilizado pelo *pandit* teria sido o horaciano.

Cada uma das seções do *Hitopadeśa* comporta uma série de contos, apólogos e fábulas escritos em prosa e intercalados com versos, como já afirmado anteriormente. São elas: *Mitralābha* (Aquisição dos amigos), *Suhridbheda* (Desunião dos amigos), *Vigraha* (Guerra) e *Sandhi* (Reconciliação/Paz). A primeira parte, como o nome sugere, tem por objetivo demonstrar as vantagens da amizade sincera e da união. O apólogo principal desta seção, presente no segundo livro do *Pañcatantra*, serviu de modelo para uma das fábulas mais conhecidas de La Fontaine: *O corvo, a gazela, a tartaruga e o rato*. A segunda seção tende a orientar os soberanos contra os servidores traiçoeiros, aqueles que vislumbram o sucesso próprio a partir da desventura alheia e se correlaciona com o primeiro livro do *Pañcatantra*. A terceira parte, correspondente também ao terceiro livro do *Pañcatantra*, preocupa-se em orientar contra os perigos de se confiar em estranhos e inimigos. Por fim, a última seção exalta os benfazejos frutos da paz e da reconciliação. Este volume não faz referência a nenhum dos cinco livros que compõem o *Pañcatantra*, embora apresente contos e apólogos pertencentes àquela obra. Na abertura de cada seção, a estrofe introdutória se encarrega de anunciar o argumento do tratado e faz alusão direta à fábula principal, que constitui o seu enredo. Diferentemente das seções anteriores, a última conta com os mesmos protagonistas da terceira parte e finaliza com uma espécie de *desideratum* do suposto autor. As outras fábulas que compõem as partes do *Hitopadeśa* estão em consonância com os ensinamentos contidos na estrofe que as precede, sempre carregadas de forte apelo moral. Tais estrofes, repetidas no final das narrativas, servem também de fechamento dessas fábulas. Os títulos presentes em cada história foram surgindo nas traduções sendo, portanto, inexistentes no original em sânscrito.

À moda oriental, os contos do *Hitopadeśa* apresentam-se como narrativas de encaixe, ou seja, estão entrelaçados uns aos outros: “a primeira história ainda não acabou, e uma das personagens dela começa a narrar outra, na qual, por sua vez, outras se acham encravadas” (FERREIRA; RÓNAI, 1978, p. 57). A técnica oriental de iniciar um novo relato antes de finalizar aquele já iniciado acaba, com tantas adições e longas citações, gerando verdadeira confusão que mais de uma vez nos faz perder o fio condutor da narração. Obedecendo ao propósito anunciado no preâmbulo da obra, as narrativas presentes no *Hitopadeśa* servem principalmente como um “disfarce” para atenuar a aridez da doutrina e prender a atenção dos jovens, a quem a obra se destina inicialmente. Além do mais, a variedade de temas tratados, aliada à brevidade dos versos, foi propositalmente desenvolvida para oferecer uma fácil memorização, o que remonta a uma época em que os livros ainda eram escassos e copiados a mão. Sua divulgação era, em grande medida, via oral. As informações, conselhos e ensinamentos sobre os mais variados assuntos são propagados mais facilmente graças a este exercício mnemônico que a obra demanda.

Além do imenso legado literário do *Hitopadeśa*, a obra apresenta também grande valor histórico: a literatura medieval europeia encontra nela muito de seus motivos. Ao contrário do *Pañcatantra*, o qual apresenta um grande número de versões revisadas com diferenças consideráveis entre si, o *Hitopadeśa* conta com apenas um exemplar principal, embora este não seja considerado o texto de origem. Este material foi editado inúmeras vezes e as edições críticas produzidas oscilam entre 749 versos para o texto mais extenso e 655 versos na edição mais curta. Acredita-se, no entanto, que houve uma compilação de fábulas muito mais antiga e amplamente difundida no Oriente, da qual não há registros de seu título. Esta obra pertence à mesma família do *Pañcatantra* e do *Hitopadeśa* e parece ter sido compilada no século VI d. C. pelo filósofo e médico Berzebuei, que reuniu as histórias e as traduziu para o pelve, língua oficial do império persa. Esta versão se perdeu por conta da invasão árabe na Pérsia, mas existe a sua tradução em árabe feita no século VIII d. C. sob o título *Kalila wa Dāmna* (*Calila e Dimna*), conhecida também como fábulas de *Bidpai* ou de *Pilpai*. De acordo com Oliveira (2011), o fato mais marcante do período medieval europeu, resultado de seu contato com a Índia, não foi a tentativa de aculturação cristã que se estendeu por vários lugares e tempos. Ocorreu, na verdade, do encontro positivo com a Índia a partir da divulgação dessas versões persa e posteriormente árabe. Charles Wilkins (1885), no

prefácio à primeira edição *Hitopadeśa* (1787), acredita que as fábulas da coletânea passaram do sânscrito para a maioria das línguas orientais, tanto as clássicas quanto as modernas. Pequenos ajustes foram feitos, segundo o autor, para acomodá-las ao gosto do público a quem cada nova tradução se destinava. Ainda de acordo com Wilkins, os nomes *Bidpai* ou *Pilpai* referem-se a um Brâmane responsável por inserir as fábulas do *Hitopadeśa* na Europa, porém suas pesquisas nada revelaram sobre quem teria sido este tradutor.

Seguindo um caminho tortuoso e complicado, o tesouro folclorístico da Índia chegou à Europa Medieval através desta versão, ganhando também uma tradução em espanhol na segunda metade do século XIII. Calila e Dimna são dois chacais que protagonizam apenas um dos episódios da versão árabe. Representam a corruptela de Karataka e Damanaka, os protagonistas do primeiro livro do *Pañcatantra* e do segundo do *Hitopadeśa*. Mas a tradução árabe, para Dalgado (1897, p. xi), difere muito do *Pañcatantra* por não ser, segundo os costumes muçulmanos, a “fiel reprodução do texto”, não podendo, portanto, dar “cabal conceito do original” em sânscrito. A obra *Calila e Dimna* foi disseminada em território europeu a partir de suas traduções. No século XI, ganhou uma versão em grego que obteve grande aceitação na Itália; do século X ao XIII, recebeu algumas versões hebraicas, sendo as de maior vulto a de um judeu chamado Joel e a outra de Jacob Elazar. Por volta de 1251, foi traduzida para o castelhano antigo para uso do infante D. Alfonso, *o Sábio*, rei de Castela e Leão, grande patrocinador de atividades culturais durante seu reinado. Devido a sua inclinação para as artes, o gosto pela literatura e o seu interesse em consolidar a língua vernácula de seu reino, atribui-se a autoria da tradução em castelhano ao próprio rei D. Alfonso, vertida posteriormente para o latim por Raimund de Béziers em uma edição dedicada à rainha Joana de Évreux, infanta do antigo reino de Navarra. Para a sua tradução, Béziers também utilizou a versão latina de João de Cápua, traduzida entre 1263 e 1278. Intitulada *Directorium Humanae Vitae alias Parabola Antiquorum Sapientum*, a versão latina do judeu convertido João de Cápua exerceu grande influência em toda a Europa. Para Guilherme Vasconcellos Abreu (1897), responsável pela introdução da obra de Sebastião Dalgado, as versões castelhana e latina foram as que deram o principal reflexo da luz indiana à fabulística e à novelística da Espanha.

A respeito das edições do *Hitopadeśa*, Dalgado (1897, p. xi) acredita que o texto tenha sido, desde os tempos mais remotos, muito copiado “às vezes por escribas pouco peritos e pouco escrupulosos” que

minaram a obra com muitas interpolações. Por este motivo, não se encontram dois manuscritos que sejam de fato inteiramente conformes, nem se pode definir a importância dos vários códices que o compuseram, geralmente sem datas, o que dificulta classificá-los genealogicamente. A mais antiga tradução do *Hitopadeśa* que se tem notícia foi publicada em Bath em 1787 por Charles Wilkins, considerado, juntamente com William Jones, precursor dos estudos de sânscrito em território britânico. Para Hoof (1991), Wilkins foi verdadeiramente o primeiro conhecedor de sânscrito do império britânico. Funcionário da *East India Company*, Wilkins contribuiu ativamente para a introdução da língua clássica da Índia no Ocidente e obteve, graças ao apoio do governo, facilidades para se lançar nos estudos indológicos. Além do *Hitopadeśa*, Charles Wilkins traduziu a *Bhagavad-gītā*, publicada em Londres em 1785. Anos mais tarde, mais especificamente em 1799, o *Hitopadeśa* seria publicado simultaneamente em Calcutá e Londres pelo orientalista britânico Sir William Jones, jurista londrino com diploma em Oxford. Menos de uma década depois, surge a primeira edição impressa do *Hitopadeśa* no distrito indiano de Serampur, em 1804, trabalho este realizado por Henry Thomas Colebrooke, considerado o fundador da filologia e arqueologia indiana (WINTERNITZ, 2003). Colebrooke, durante 11 dos 17 anos em que serviu ao governo britânico em Calcutá, não demonstrou interesse pelo sânscrito e nem pela literatura indiana. Somente com a morte de Jones, em 1794, Colebrooke se pôs a aprender a língua clássica da Índia e a dedicar-se à tradução. No mesmo período, o *frisson* causado pelos estudos orientais fez com que a obra de Jones fosse reeditada em Londres em 1810. William Jones, fundador da *Asiatic Society* em Calcutá (1784), foi responsável pela primeira publicação de um texto em sânscrito (MACDONELL, 1900) e por uma extensa compilação de material sobre história, literatura, ciência e religião indiana. De acordo com Schwab (1984), o tradutor foi, juntamente com Antequil Duperron, um dos co-fundadores da *Oriental Renaissance*. A ele se deve também a tradução de *As leis de Manu* (1794), compêndio das leis da sociedade indiana. A *Asiatic Society*, presidida por Jones, deu início aos estudos orientais e ao estudo sistemático de sânscrito na Inglaterra, promovendo a tradução de obras hindus para as principais línguas europeias (DELISLE; WOODSWORTH, 2012). De acordo com Winternitz (2003), Jones foi o primeiro estudioso a afirmar que havia uma conexão genealógica entre o sânscrito, o grego e o latim e presumir o mesmo parentesco com as

línguas alemã, celta e persa. Jones ainda apontou algumas semelhanças entre as antigas mitologias indiana e greco-romana. Para Boratti (2011), Jones esteve interessado principalmente em descobrir, a partir do estudo das ramificações da literatura hindu, as crenças do cristianismo primitivo, a consciência histórica e as raízes ancestrais da humanidade europeia. De acordo com McGetchin (2009), William Jones teria aprendido sânscrito não apenas porque ele tinha interesses em linguística, mas também porque o conhecimento da língua era vital para a sua atuação como juiz da *East India Company*.

Em 1829 foi a vez de August Wilhelm von Schlegel e Christian Lassen publicarem a sua edição latina, amplamente criticada pelo professor Peter Peterson (1887) por terem os seus editores, na opinião daquele estudioso, desvirtuado o texto para satisfazer suas exigências críticas. Peterson também se ocupou da tradução do *Hitopadeśa*, comparando quatro manuscritos para realizar o seu trabalho, publicado em Bombaim em 1887.

Durante a década de 1840, de acordo com McGetchin (2009), começam a surgir edições críticas de textos em sânscrito, fruto de uma meticolosa análise filológica dos vários códices existentes para se determinar a forma original da obra pesquisada. Pesquisadores europeus se debruçam nos *Vedas*, conjunto de textos indianos por eles considerado o mais antigo. Em 1844, o orientalista alemão Friedrich Max Müller publicou o seu primeiro livro, a tradução alemã do *Hitopadeśa*. Anos mais tarde, já em Londres, Müller publica os seus *Handbooks* (1884) para estudo de sânscrito, destinado àqueles leitores que quisessem uma maior familiaridade com a gramática e a literatura da língua clássica da Índia. Para tanto, Müller escolhe como texto-base o *Hitopadeśa*. Londres conheceu outra versão da obra em 1847. Trata-se da tradução de Francis Johnson, publicada pela Wm. H. Allen and Co & Stephen Austin. Para Johnson (1847), o valor do *Hitopadeśa* para a história da narrativa ficcional não reside, todavia, apenas em suas recomendações. A popularidade da obra através dos tempos, segundo o autor, é uma evidência de seu mérito intrínseco e os retratos dos costumes domésticos e da natureza humana, revestidos de peculiaridades de cada país onde a obra se fez presente, podem ter sido reconhecidos como universalmente verdadeiros.

Em 1855 o francês Édouard Lancereau, então Membro da Sociedade Asiática, empreendeu a sua tradução da *Instrução Útil*, publicada em Paris pela Chez P. Jannet Librairie. Lancereau publicou ainda o *Pañcatantra*, em 1871 (HOOF, 1991). No mesmo período,

surgiram várias edições, tanto na Europa quanto na Índia, as quais cito a de Lakshami Náráyan Nyálankár (Calcutá, 1830), Demetriou Galanou (Atenas, 1851), Frederic Princott (Londres, 1880), Schoenberg (Viena, 1884), Ludwig Fritze (Leipzig, 1888), José Alemany y Bolufer (Granada, 1895) e de Sebastião Rodolpho Dalgado (Portugal, 1897).

Em língua portuguesa, há duas traduções do *Hitopadeśa*, ambas produzidas em fins do século XIX. A primeira delas, que me interessa em particular, é a tradução do brasileiro Pedro d'Alcântara, segundo e último imperador do Brasil, empreendida em parte na França em 1890 sob o título *Hitopadeça*. Trata-se de uma obra inacabada, jamais editada e mantida junto aos documentos do monarca no Arquivo Histórico do MIMP, no Rio de Janeiro. O material em questão, disponível em cópia digital, está composto por 88 páginas de manuscritos autógrafos divididos em três cadernos, contemplando as 05 primeiras histórias do *Mitralābha* (Aquisição dos amigos) e 08 histórias de um total de 09 da segunda seção, intitulada *Suhridbheda* (Desunião dos amigos). Além disso, há também o desfecho da obra, presente na seção *Sandhi* (Reconciliação/Paz). Além de se propor em traduzir o *Hitopadeśa*, D. Pedro II também revelava a sua inclinação por outro clássico da literatura hindu, o poema épico *Ramayana*:

10 de setembro de 1891:

4h 50' Seibold. Persa, sânscrito. Quero mandar vir do Rio o que já traduzi do Hitopadesa que continuo agora a traduzir desejando depois empreender a tradução do Ramayana que é muito bonito poema e mais me agrada que o Mahabarata. (ALCÂNTARA, 1999, p. 1234)

A segunda tradução foi realizada pelo religioso indiano radicado em Portugal, Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado em 1897. Intitulada *Hitopadexa ou instrução útil*, a versão do sacerdote católico foi editada em Lisboa pela Antiga Casa Bertrand, com introdução de Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu, eminente orientalista português. De acordo com Abreu (1897, p. xvi), Monsenhor Dalgado não se prendeu em ser literato em sua versão portuguesa do *Hitopadexa*, cuidou em ser exato: “a sua linguagem ressent-se de ele não ter vivido em Portugal – tem o sabor indiano. Há nisso interesse filológico, que não é para se desprezar”. Abreu ainda comenta que Sebastião Dalgado utilizou principalmente o texto em sânscrito da obra de Max Müller, fazendo uso também das edições de Peter Peterson e Francis Johnson

para realizar a sua tradução. Nas próximas páginas, apresento um breve perfil biográfico do tradutor Sebastião Rodolpho Dalgado com base nos estudos de Monteiro (2003) e Loundó (2011; 2004).

4.2 SEBASTIÃO RODOLPHO DALGADO TRADUTOR DO *HITOPADEŚĀ*

Sebastião Rodolpho Dalgado nasceu no dia 08 de maio de 1855, em Assagão, no distrito de Goa. Naquele vilarejo, concluiu os estudos elementares, seguindo para Mapusa para cursar a escola secundária e intensificar os estudos de português, francês, latim e filosofia. Em seguida, Dalgado ingressou no Seminário de Rachol, instituição de formação religiosa com sede em Salcete, ordenando-se sacerdote em 1881 (MONTEIRO, 2003). Originário de uma família brãmene-católica, Dalgado logo se destacou pelo talento e rigorosa disciplina para com a rotina de estudos e trabalho, conquistando os melhores resultados em teologia e filosofia. Com isso, foi selecionado para continuar sua formação superior em Roma. Lá frequentou o Seminário Santo Apolinário, doutorando-se em Direito Canônico, Romano e em Sagrada Teologia, este último diploma conferido sem que ele precisasse frequentar o curso. Ainda na cidade italiana, os prêmios e condecorações angariados pelo clérigo indiano o aproximaram do Papa Leão XIII, que lhe conferiu a menção eclesiástica *extra urbem*, ou Capelão Honorário, honraria conferida pelo líder da Igreja Católica aos seus proeminentes sacerdotes. Assim, com apenas 29 anos, o jovem doutor passa a fazer uso do título de Monsenhor. De Roma, Sebastião Dalgado parte para Portugal, sendo nomeado em Lisboa missionário real do Padroado Português. Depois de uma curta estadia em terras lusitanas, o sacerdote regressa a Goa, servindo como inspetor dos seminários e escolas do Padroado do Oriente. Exerceu também o cargo de professor de Sagradas Escrituras e Direito Canônico no Seminário de Rachol, onde havia estudado quando mais jovem. Sua sólida formação religiosa permitiu também que ele exercesse a função de Desembargador da Relação Eclesiástica do estado de Goa. Em seguida, Sebastião Dalgado dedicou-se de maneira intensa à atividade missionária no Ceilão (atual Sri Lanka), Calcutá e Dacca, e o contato com os diversos grupos étnicos e linguísticos dessas localidades garantiu o aprendizado e o domínio de algumas línguas orientais, especialmente os idiomas malaiala, tâmil, concani, cingalês e bengali. A proficiência em tais línguas indianas se tornou possível dado ao profundo conhecimento de sânscrito que o

clérigo possuía. Entre os anos de 1893 e 1895, o missionário indiano foi vigário geral em Honavar, no distrito de Karnataka, região sudoeste da Índia. Neste período, Dalgado publica em Bombaim seu *Dicionário concani-português* (1893), conquistando elogios de estudiosos indianos e portugueses devido ao rigor metodológico dispensado em seu trabalho. O governo português, interessado nos estudos lexicográficos de Dalgado, propõe a ampliação do projeto inicial, encomendando uma edição do dicionário em sua versão *Português-Concani*, publicado pela prestigiosa Academia de Ciências de Lisboa em 1905.

A partir de 1895, Sebastião Dalgado fixa residência em Lisboa, dedicando-se aos estudos nos campos linguístico, filológico e lexicográfico, especialmente na influência portuguesa sobre as principais línguas do subcontinente indiano. Em 1900, publica a obra *Dialecto Indo-Português do Ceylão*, incluindo sermões e homílias escritas durante o período em que atuou como missionário na Índia. Em 1907, por recomendação do Conselho de Artes de Lisboa e como resultado de sua intensa produção científica, tornou-se membro do corpo docente da Universidade de Lisboa, ocupando a cátedra de sânscrito da Faculdade de Letras e Artes daquela instituição. Quatro anos depois, foi eleito membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, mesmo período em que os problemas de saúde se agravavam em decorrência de diabetes. Em 1917, por indicação do Conselho da Universidade de Lisboa, Dalgado recebe o título de Doutor em Literatura. No mesmo ano, publica a obra intitulada *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas*, resultado de um levantamento exaustivo dos termos portugueses presentes em cerca de 50 línguas asiáticas.

Dois anos mais tarde, Monsenhor Dalgado publica aquela que, segundo Soares (1936)⁴¹ seria a sua obra-prima, o *Glossário Luso-asiático*. Nele, o autor traça a história dos termos orientais encontrados em crônicas portuguesas, dos quais muitos foram importados pela língua portuguesa. Ainda de acordo com Soares (1936), muito mais que um Hobson-Jobson português, a obra demonstra a posição peculiar que o idioma ocupava em sua relação com o Oriente, permitindo empréstimos e/ou incorporando termos do Oriente ao seu léxico. Trata-se, na visão de Dilip Loundó (2004), de um inventário minucioso composto por 5.500 palavras, avaliadas sincrônica e diacronicamente a partir de ricas citações de escritores portugueses e não-portugueses. Considerada um

⁴¹ Anthony Xavier Soares, em prefácio da edição *Portuguese vocables in asiatic languages* (1936).

monumento de erudição e rigor filológico, a edição foi saudada pelos maiores linguistas e orientistas da época, como Yule, Burnell, Jules Bloch, George Grierson, entre outros. Loundó (2011; 2004) acredita que as obras de Dalgado que alcançaram maior êxito no âmbito acadêmico ocidental foram justamente os seus estudos sobre os pontos de contato entre a língua portuguesa e as línguas orientais, além das influências recíprocas que culminaram naquilo que o autor considera a “orientalização” da primeira e na “lusitanização” das demais.

Remontando aos primórdios da dominação portuguesa no Oriente, Sebastião Dalgado busca demonstrar os possíveis pontos positivos que a longa relação entre colonizador e colonizado obteve, a despeito das muitas opiniões em contrário. Para ele, a influência de Portugal no Oriente apresenta-se com uma “feição e um cunho todo peculiar, e altamente afectiva e simpática – influência que outras nações, que se reputam mais civilizadas e liberais, não lograram até o dia de hoje atingir com toda a orientação moderna”. Além disso, o autor afirma que as colônias de Portugal não se configuram como dependências ou centros de exploração, mas constituem

pedaços de Portugal, disseminados, para sua glorificação, em diferentes climas, com raças, côres, castas, usos e costumes dissimilares, sim, mas nem por isso menos portugueses de alma e coração, sem invejarem a sorte de outas colônias mais florescentes. (DALGADO, 1919, p. xi)

Duas décadas antes, ao trazer ao público o já citado *Dialecto Indo-Português de Ceylão*, o autor já expressava uma espécie de “gratidão” por terem sido os portugueses os primeiros a “implantar civilização do Occidente, conquistando terras para o rei e ganhando almas para Christo” (DALGADO, 1900, p. xv). Mais adiante, Dalgado arrisca dizer que a ação do homem, mais devastadora que a ação do tempo, será capaz de derrubar as fortalezas e limitar o alcance do padroado, mas ainda assim

não se romperão por completo os laços que prendem a Índia a Portugal” nem “se apagará totalmente da memória dos índios a conquista dos portugueses, que se distancia das demais, anteriores e posteriores, pela sua acção civilizadora toda especial e pela sua política altamente igualitária e fusionista. (1900, p. xvi)

À primeira vista, poderia entender a postura adotada por Dalgado como sendo simplesmente a de um homem comum, aquele nascido indiano e que se mostra completamente servil aos ideais e propósitos do colonizador. Poderia, ainda, classificá-lo como a academia assim o fez: um eminente “orientalista”, um dos maiores estudiosos do Oriente que o império lusitano já conheceu, sem observar nas entrelinhas a ideia de relação assimétrica de poder. A terminologia, porém, suscita uma discussão importante no âmbito da crítica pós-colonial: poderia um indiano ser considerado um Orientalista? (LOUNDÓ, 2011). Limite, pois, o orientalismo de Dalgado a quem se dedica, estuda ou pesquisa sobre o Oriente (SAID, 2010) e sublinho a figura de um líder que, usando a língua da metrópole e se valendo do cargo religioso que ocupava, age como mediador entre culturas, buscando um denominador comum no contato entre as línguas e culturas em questão. Dalgado, neste sentido, acreditava que os encontros coloniais pudessem trazer aquilo que Loundó chama de “adições contextualizadas” (2011, p. 19), ou seja, os elementos advindos da cultura dominante, ao se transmutar de um sistema para outro, passam por uma espécie de renovação hermenêutica que lhes garante novo significado e permanência, promovendo enriquecimento e revitalização do sistema receptor que os acolhe.

Em *A República Mundial das Letras*, Pascale Casanova (2002) assinala a atitude de certos escritores que optam por escrever na língua da metrópole, o que pode ser explicada como sendo, primeiramente, um fator social. De acordo com a pesquisadora francesa, ao escolher se exprimirem em línguas de culturas hegemônicas – nesse caso a portuguesa em relação às línguas orientais – os escritores buscam fugir do ostracismo literário a que estariam acometidos os autores de nações economicamente dependentes. Agindo assim, Dalgado realiza o que Casanova (2002, p. 172) define como “literarização”, ou seja,

qualquer operação – tradução, autotradução, transcrição, escrita direta na língua dominante – pela qual um texto proveniente de uma região desprovida literariamente consegue se impor como literário junto a instâncias legítimas.

Servindo à metrópole, o escritor indiano obtém um “certificado de literaridade”, isto é, recebe o reconhecimento e consagração por seu trabalho, além de garantir a visibilidade ao vernáculo, o que me parece

ter sido o seu objetivo central. Basta observar o próprio Dalgado (1905)⁴² quando revela a sua insatisfação com o tratamento dispensado ao concani, língua vernacular de Goa, a partir do decreto real de 1648:

Portugal empenhou-se em implantar nas suas conquistas a lingua propria, e produziu numerosos dialectos crioulos [...] mas não promoveu, como governo, a instrucção e a cultura das linguas indigenas, para serem vehiculo do patrio idioma e da sua civilização. (DALGADO, 1905, p. xiii)

Para ele, a proximidade de Bombaim com as colônias inglesas propiciou o contato com a política e com o movimento intelectual britânico, o que viabilizou a publicação de periódicos, obras literárias⁴³ e também peças teatrais em língua materna. No entanto, pontua ele, o fato de tal iniciativa não ter sido orientada cientificamente, pouco ofereceu à manutenção da língua, já que o estilo corriqueiro, o descuido na escolha vocabular e as falhas gramaticais eram uma constante nesses trabalhos. Por fim, Dalgado clama por um urgente impulso à instrução e restauração da língua de Goa, sugerindo a instituição de escolas que promovam o seu ensino sistemático, a publicação de livros naquela língua indiana e o reconhecimento por parte dos orientistas de que o concani não se trata de mero *patois* ou *jargon*, mas sim de um idioma com função primordial para a proficiência do português, para o aprendizado de outras línguas estrangeiras e para a instrução geral dos goeses.

Sebastião Rodolpho Dalgado também se destacou como hábil tradutor. Traduziu o livro do *Hitopadeśa*, obra publicada em Lisboa em 1897 e considerada nos meios acadêmicos como a primeira tradução de uma obra em sânscrito para o português. Devo lembrar, porém, que no início da década de 1890, o brasileiro Pedro d'Alcântara já se dedicava à tradução do fabulário indiano, material inédito que a CG possibilitou descortinar e divulgar ao grande público a partir da edição genética dos manuscritos do imperador, parte fundante desta pesquisa. Voltemos ao Dalgado. Em sua versão, intitulada *Hitopadexa ou instrução útil*, o

⁴² Segundo Dalgado (1905), o início da dominação portuguesa na Índia foi marcado pelo interesse em investir no aprendizado e cultivo da língua local como um facilitador para a evangelização. No mesmo período, todos os livros encontrados, escritos em língua vernácula, foram queimados. Um século após a conquista, as autoridades civil, eclesiástica e a inquisição proibiram o uso da língua concani, prevendo penas severas a quem não se adequasse ao decreto real, reeditado em 1687 e 1732.

⁴³ Dalgado (1905) comenta que muitas dessas obras são traduções ou imitações.

sacerdote se propôs realizar, quando possível, uma tradução *verbo ad verbum*. Posteriormente, após a sugestão de alguns amigos, realizou algumas modificações para tornar mais claro o sentido do texto em língua portuguesa. Apesar de optar por uma tradução “domesticadora” em algumas passagens, Dalgado (1897) acredita ter conduzido sua tradução mais “estrangeirizadora” do que fizera o francês Édouard Lancereau, também tradutor do *Hitopadeśa* (1855).

De acordo com Lawrence Venuti (2002), cada tradução pressupõe uma interpretação; um texto estrangeiro suplantado com características próprias à língua de chegada deixa de ser estrangeiro. Assim, “a tradução imita os valores linguísticos e literários de um texto estrangeiro” e tal imitação, no entanto, “é moldada numa língua diferente que se relaciona a uma tradição cultural diferente” (2002, p. 120). A “domesticação”, segundo Venuti (2002), torna-se inevitável em qualquer tradução. O teórico americano sugere que, mesmo em projetos que dão primazia ao texto fonte, em algum momento o polo receptor se destacará nas escolhas tradutórias. É isso que se encontra na própria justificativa de Dalgado. Para ele, uma tradução mais livre, que interpretasse apenas o espírito da obra poderia ser mais atraente e interessante ao público em geral. Em contrapartida, acredita o autor, a obra perderia muito de sua originalidade oriental, o que buscou conservar em grande medida, nem sempre possível. Isto explicaria a “nimia concisão de umas passagens, a prolixidade, não muito frequente, de outras, a repetição fastidiosa dos mesmos termos em alguns logares, as palavras supletivas dos parentheses e muitas notas explanatorias” (DALGADO, 1897, p. xiii).

4.3 ANÁLISE DO PROTOTEXTO

4.3.1 Análise descritiva das traduções

As observações que seguem obedecem à metodologia proposta pelos EDT (LAMBERT, 1985; TOURY, 1995); especialmente ao modelo de análise textual desenvolvido por Lambert e van Gorp (1985) que propõe a descrição detalhada da obra traduzida. Apesar de adotar perspectiva aberta, isto é, diferente das orientações positivista-estruturais, as descrições propostas nas linhas abaixo obedecem a um caráter bastante sistemático, tendo em vista a opção pelos postulados da referida metodologia. Embora as teorias descritivas tradicionais prevejam comparações entre obras devidamente editadas, as minhas

análises se concentram em uma tradução inédita em oposição a uma obra publicada. O trabalho do monarca, ainda em primeira versão, um rascunho único com correções e revisões que permaneceu inacabado, isto é, sem qualquer tratamento editorial, não apresenta nenhum outro recurso ou paratextos que pudessem marcar o processo de tradução. Mesmo estando em suportes tão distintos – uma em manuscrito, outra em um livro editado – acredito ser importante cumprir esta etapa metodológica, ciente de que esta fase preliminar será apenas indicativa, não oferecendo, portanto, dados significativos em relação à obra do imperador. Também não pretendo exaurir os quatro níveis de análise propostos por Lambert e van Gorp (1985), mas apenas traçar alguns paralelos entre as obras e observar alguns mecanismos dispensados pelo monarca durante a sua atividade tradutória, fundamentando assim a posterior análise genética dos manuscritos do imperador.

4.3.2 Informações preliminares

Obedecendo à ordem cronológica, inicio a descrição da tradução inacabada de D. Pedro II, cuja última data assinalada em seu texto é do ano de 1890, época em que estava no exílio na França. Este material está composto por 88 páginas de manuscritos autógrafos divididos em três cadernos, abarcando as 05 primeiras histórias do *Mitralābha* (Aquisição dos amigos) e 08 histórias de um total de 09 da segunda seção, intitulada *Suhridbheda* (Desunião dos amigos). Há também o desfecho da obra, presente na seção *Sandhi* (Reconciliação/Paz), como já dito anteriormente. É, portanto, uma tradução parcial da obra indiana e foi realizada em caderno simples, de papel comum com folhas pautadas. Vale dizer que os limites físicos das páginas nem sempre foram respeitados, já que o tradutor utilizava os espaços entrelinhas e as margens para propor alterações em seu texto. Há, em muitos manuscritos, marcas de borrão provocadas pela tinta da caneta usada pelo monarca e, em outros, intervenções de terceiros, como anotações de numeração de inventário e carimbo do arquivo do MIMP, órgão responsável pelo armazenamento do material. O conjunto de manuscritos não apresenta intervenções a lápis, como ocorre em outros trabalhos do monarca em que ele retoma a tradução para fazer alguma modificação.

Já a tradução de Dalgado apresenta capa dura em cor uniforme, isto é, totalmente em vermelho e sem nenhuma indicação sobre título da

obra, autor, editora, etc. A folha de ante-rosto⁴⁴ traz o título em letras garrafais no topo da página com o subtítulo em letras menores, ambos centralizados e em caixa alta. Um traço e um pequeno espaço em branco separam o subtítulo da edição da informação de que a obra é uma versão portuguesa feita diretamente do original em sânscrito. Logo abaixo aparece o nome do tradutor com suas credenciais, reduzidas a sua formação religiosa sem fazer qualquer menção ou alusão às publicações anteriores ou pesquisas acadêmicas. O nome do tradutor, precedido de seu título religioso, ocupa a posição central da página e aparece em estilo “versalete”, ou seja, as letras minúsculas são grafadas como se fossem maiúsculas, porém em tamanho reduzido se contrastado com a inicial de cada palavra. Novamente um traço e um espaço separam as informações anteriores do nome do responsável pela introdução da obra: o orientalista português Guilherme de Vasconcellos Abreu. Seu prenome encontra-se abreviado, o nome do meio em estilo versalete e o sobrenome em fonte caixa alta. Na parte inferior da página, centralizado, há o local onde a tradução foi publicada (Lisboa), o nome da editora em fonte visivelmente diferente da utilizada até então, o endereço da editora em itálico e o ano de publicação. Abaixo, apresento a primeira página da tradução de D. Pedro II e ante-rosto da edição de Dalgado:

⁴⁴ Nomenclatura retirada de <<http://tipografos.net/glossario/livro.html>>. Acesso em 05 mar. 2014.

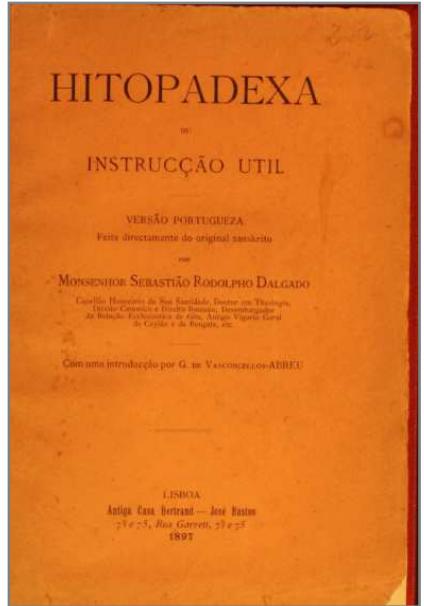
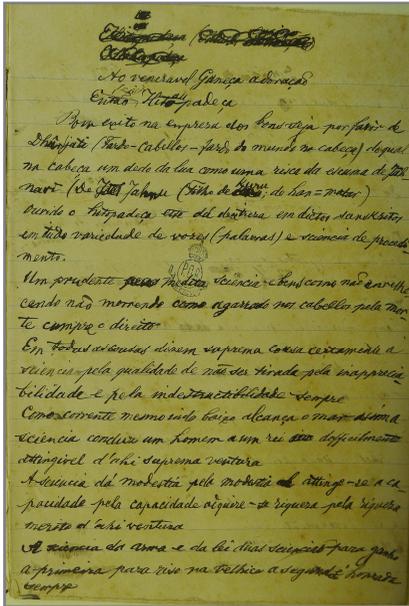


Fig. 8: Manuscrito de tradução do primeiro volume do *Hitopadésa*, de D. Pedro II (Maço 29 – Doc. 1064 Cat. B [D02 P03] – MIMP/Ibraim/MinC) e folha de ante-rostro da edição de Dalgado (DALGADO, 1897).

A folha de rosto contém as mesmas informações da anterior e um carimbo da Biblioteca Geral do Instituto Calouste Gulbenkian. Na terceira página inicia-se o prefácio do tradutor, que se estende pelas seis páginas subsequentes. Neste prefácio, Dalgado anuncia que o *Hitopadésa* e o *Pañcatantra* pertencem ao gênero *Nitiśāstra*, ciência ou filosofia de vida que perpassa todas as relações da vida do homem, especialmente a ética e a política. Em seguida, o tradutor comenta sobre as subdivisões da obra traduzida, bem como a estruturação das histórias e a forma de narração em prosa. Já a parte didática da obra, de acordo com o tradutor, abrange versos com metrificacão diversificada. Em seguida, Dalgado reflete sobre a similaridade entre o *Hitopadésa* e o *Pañcatantra*, afirmando, porém, que os fatos em comum narrados em ambas as histórias servem para propósitos distintos. Por fim, o tradutor discorre sobre as muitas traduções da obra indiana e as edições consultadas durante a sua tradução. Todas as páginas do prefácio

apresentam notas de rodapé e esse texto foi finalizado em 20 de janeiro de 1897, conforme data assinalada no fecho do documento. Na introdução, dirigida ao leitor português, Guilherme de Vasconcellos Abreu atribui os méritos a Dalgado por ter ele desempenhado a tradução diretamente do texto original, constituindo assim, nas palavras do próprio Abreu (1897), a primeira tradução completa de uma obra em sânscrito para o português. Credita ao tradutor a importância dos seus estudos para a perpetuação da literatura de seu país de origem em Portugal, não se referindo apenas à prática de tradução, mas também aos estudos linguísticos e lexicográficos desempenhados pelo religioso indiano. Dando sequência à introdução, Abreu apresenta as edições que serviram de apoio para a tradução da obra e, em seguida, comenta sobre o *Hitopadesa*, sua etimologia, seções e a importância de suas fábulas e contos não só para a formação moral do leitor, mas também para aproximá-lo dos textos clássicos da literatura em sânscrito. Finalmente, Abreu reforça o caminho tortuoso seguido pelo fabulário indiano a partir das várias traduções realizadas durante o medievo europeu, as mesmas que serviram de inspiração para obras de fabulistas conhecidos, como Esopo e La Fontaine.

Logo após a introdução de Abreu, inicia-se a obra propriamente dita, dividida em quatro seções principais e ocupando um total de 272 páginas. No final da edição, Dalgado apresenta um glossário com os nomes próprios e outros termos em sânscrito recorrentes em seu texto. Esta seção, intitulada “Explicação dos nomes próprios e dos termos sanskritos que ocorrem no livro”, ocupa 15 páginas da edição. Além disso, o tradutor apresenta ao leitor uma minuciosa genealogia da obra, desde o que ele considera como o original às muitas traduções em diferentes períodos da história. Para comportar o esquema e as várias ramificações da obra, esta página tem o dobro de largura das demais presentes no livro. A altura da folha também é um pouco maior que as demais e devido a essas dimensões, o papel tem 04 dobras em sentido vertical e uma em sentido horizontal para se incorporar ao livro. Na página subsequente encontra-se o índice remissivo da edição, seguido das erratas e de uma divulgação das obras de J. Leite de Vasconcellos por parte da editora responsável pela publicação. Há também um anúncio da *Revista Lusitana*, periódico dirigido pelo mesmo J. Leite de Vasconcellos. Nota-se que as obras anunciadas tratam, em suma, de estudos nos campos lexicográfico, etnológico e filológico, indicando a importância e recorrência desse tipo de pesquisa naquele período. Talvez esse interesse editorial tenha dado visibilidade não só à figura do

tradutor, mas também tornado acessível ao grande público o seu intenso trabalho, minuciosamente descrito no prefácio do tradutor. Às vistas de um leitor desinformado, o tradutor poderia surgir como autor da obra, já que as primeiras menções quanto a sua autoria só serão anunciadas no prefácio da edição, assunto este que paira no campo das especulações.

4.3.3 Macroestrutura

A análise macroestrutural debruça-se mais sobre o texto literário, observando a sua divisão, estrutura interna e as recorrências que indicam as possíveis estratégias empregadas pelos tradutores. No seu prefácio, Dalgado ilustra o processo criativo durante a tradução do *Hitopadeśa*. As escolhas tradutórias apontavam, à época em que finalizou seu trabalho, para uma versão mais literal quando assim fosse possível. Seu projeto tradutório de manter a fidelidade ao original foi levado a cabo até ceder aos conselhos de alguns amigos e realizar, com certa relutância, algumas modificações para clarificar, segundo ele, a “mente do autor” (1897, p. xiii). Para realizar sua tradução, Dalgado tinha em mãos as edições em inglês de Friedrich Max Müller (1864; 1884) e de Peter Peterson (1887). Guilherme Vasconcellos de Abreu aponta ainda a tradução de Francis Johnson como outra fonte de consulta de Dalgado durante a realização de seu trabalho.

Acredito também que D. Pedro II tenha realizado a primeira parte de sua tradução a partir da obra de Max Müller. Um simples cotejo entre a edição daquele orientalista alemão e a proposta de tradução de D. Pedro II nos revela uma similaridade bastante grande. Além disso, há menções no diário pessoal do monarca que indicam o contato com a obra de Müller. A anotação data de 11 de fevereiro de 1891: “Agora Seibold. 6 h 5’ Sânscrito, obra de Max Muller, e Camões. Jantar” (ALCÂNTARA, 1999, p. 1087). À época deste registro, D. Pedro II já se encontrava no exílio há mais de um ano e continuava seus estudos de sânscrito iniciados no Brasil. Em setembro do mesmo ano, ele menciona a vontade de mandar vir do Rio a parte traduzida do *Hitopadeśa* (1999, p. 1234) e em novembro daquele ano talvez o material tenha sido recebido na França, conforme anotação em seu diário: “7h 25’ Jantei bem. Creio que apareceram os cadernos de árabe e sânscrito. Talvez continue hoje a tradução das Mil e Uma Noites” (1999, p. 1256). A segunda seção da coletânea hindu começou a ser traduzida em Cannes a partir de janeiro de 1890, conforme datação no primeiro manuscrito. De janeiro a agosto, há um total de 13 páginas de manuscritos tradutórios,

compreendendo a história principal e outras duas fábulas secundárias. Em agosto, então em Baden-Baden, D. Pedro II registra pela última vez a data de seu trabalho, que se estende até 20 de novembro de 1891, conforme seu diário pessoal. São 26 páginas manuscritas de tradução durante esse período. Para fins de análise, considero a edição de Max Müller publicada em 1884 como “texto-fonte” (TF). Minhas análises concentram-se nos dois primeiros capítulos do *Hitopadeśa* (*Mitralābha* e *Suhridbheda*), já que foram estas seções objeto de tradução do imperador.

No que diz respeito às traduções, observamos algumas diferenças no que se refere, especificamente, à divisão do texto. D. Pedro II escolhe traduzir de maneira contínua e homogênea, respeitando as características do original em sânscrito. A tradução “em jato” e a inclinação *source-oriented* podem ser explicadas pelo simples fato de ele não estar pensando em uma edição ou em um leitor específico. Já Dalgado, visando à legibilidade do texto, divide as histórias secundárias, acrescentando subtítulos no decorrer da narrativa, como assim fizeram muitos tradutores. Na edição de Müller, os subtítulos são indicados em um sumário, porém não são mencionados no corpo do texto. A escolha de Dalgado torna-se um facilitador para os leitores, já que a técnica oriental de iniciar um novo relato antes de finalizar aquele já iniciado acaba, com tantas adições e longas citações, gerando verdadeira confusão que mais de uma vez nos faz perder o fio condutor da narração.

Outro ponto observado na tradução de Dalgado refere-se aos capítulos da obra. Em sua edição, o tradutor preserva o título original das seções do *Hitopadeśa* em transliteração para o alfabeto latino, seguido da tradução para o português. Tanto a transliteração quanto a tradução para o português aparecem em caixa-alta, estando os títulos traduzidos grafados entre parênteses. Enquanto isso, D. Pedro II traduz o nome de cada seção imediatamente, registrando apenas a etimologia dos sufixos *-labha* (em *Mitralabha*) e *-bheda* (em *Suhridbheda*) numa tentativa de justificar suas escolhas. Curiosamente, D. Pedro II utiliza o grego em sua busca etimológica do título do primeiro capítulo. Abaixo, quadro comparativo com os títulos da obra nas três edições:

T1 (DPII)	T2 (SRD)	TF (MM)
eis Então Hitopadeça	Principia o Hitopadexa	<i>HERE BEGINS THE HITOPADESA.</i>
De amigos aquisição (<i>lābha</i> ; λαμβανω)	MITRALABHA	<i>MITRA-LĀBHAS.</i>

	(A ACQUIÇÃO DOS AMIGOS)	<i>FRIEND-ACQUISITION.</i>
Do amigo scissão	SUHRIDBHEDA (A DESUNIÃO DOS AMIGOS)	<i>FRIEND-SEPARATION.</i>

Quadro 2: Comparação entre o título e subtítulos nas traduções de D. Pedro II (DPII) e Sebastião Rodolpho Dalgado (SRD).

No que tange à estruturação das narrativas, podemos dizer que ambas as traduções apresentam a mesma organização discursiva: o enredo inicia com a presença de um narrador heterodiegético que lança algumas *shlokas* (versos) como ponto de partida da narrativa. Tais versos indicam a história que se pretende contar, fazendo alusão direta a sua problemática. O interesse por parte dos jovens no conteúdo por detrás daqueles versos marca os primeiros diálogos entre esses personagens, registrado em discurso direto. A pedido dos meninos, o tutor começa a narrar a história principal, normalmente escrita em prosa entremeada com versos. A articulação da sequência narrativa ocorre por “encaixe” de outras histórias que faz com que a principal seja interrompida momentaneamente. Com isso, a voz do narrador se funde com a voz de vários outros personagens, alternando constantemente o seu papel de hetero para intradiegético (ou vice-versa) assim que outras fábulas e contos começam a aparecer. O fechamento das histórias se dá com a retomada dos versos iniciais, como prevê o gênero da obra. A seguir, excerto das traduções que demonstra a estrutura acima descrita. As rasuras, acréscimos e marcas de correção da tradução do monarca foram suprimidos para facilitar a legibilidade e o cotejo com a edição de Dalgado:

T1 (DPII)	T2 (SRD)	TF (MM)
E outro: de comida e comedòr amizade de desventura certamente causa do schakal no laço preso aquella gazela pela gralha salvada. A gralha dizia: como isso? Hiranakia conta:	A amizade entre a comida e o comedòr é unicamente a causa de desgraça. O veado cahido na esparrella por causa do chacal foi salvo pelo corvo. O corvo perguntou: “Como foi isto?”	Another and, Of the food-(and)-the feeder love, of misfortune alone the cause; through a jackal snare-bound that deer by the crow saved. The crow said: How that? Hiranyaka

<p>ha de Magadha na provincia Tchampakavati de nome floresta [...]</p> <p>Por isto eu digo: de comida comedør et coetera</p>	<p>Hiranyaka conta:</p> <p>FABULA II.</p> <p>O VEADO, O CHACAL E O CORVO.</p> <p>Ha no paiz de Magadha uma grande floresta, denominada Champakavatí; [...]</p> <p>Por isso digo: <i>A amizade entre a comida e o comedor, etc.</i></p>	<p><i>relates: There is in the Magadha-country Champakavatí by name a large wood; [...]</i></p> <p><i>Therefore I say: Of the food-(and) the eater the affection, etc.</i></p>
<p>A incognito de familia de caracter habitação a dar não a qualquer do gato pois pelo peccado morto o abutre djaradgava. Ambos disserão: como isto?</p> <p>A gralha conta: ha de Bhāgīrathi [...]</p> <p>Por isto eu digo: de ignoto de familia, caracter, assim primeiro (principio tendo)</p>	<p><i>Não se deve dar guarita àquelle cuja familia e caracter são desconhecidos; pois pelo crime de um gato foi morto o abutre Jaradgava.</i></p> <p>Perguntaram ambos: “Como foi isto?”</p> <p>O corvo conta:</p> <p>FABULA III.</p> <p>O ABUTRE, O GATO E AS AVES</p> <p>Ha no monte [...]</p> <p>Por isso digo: <i>Não se deve dar guarita, etc.</i></p>	<p><i>Of one of unknown-family-(and) character residence to be given not of any one; of a cat for through the offence slain the vulture Jaradgava.</i></p> <p><i>They both say: How that?</i></p> <p><i>The crow relates: There is on the [...]</i></p> <p><i>Therefore I say : of one of unknown-family-(and) character, etc.</i></p>

Quadro 3: Quadro comparativo referente ao tratamento dado à estrutura narrativa nas traduções. Os grifos em SDR são do próprio autor.

A presença do discurso direto no *Hitopadeśa* é de grande importância, pois serve como fio condutor para as narrativas se desenvolverem. Cada fábula é conduzida pelos diálogos dos participantes da história. Assim, a moral é trabalhada e exemplificada a partir do discurso dos personagens. Na tradução de Sebastião Dalgado, os diálogos entre os personagens muitas vezes são entrecortados pela

voz do narrador e o tradutor utiliza aspas para demarcar a fala dos personagens. Em Max Müller, e talvez por isso em D. Pedro II, tal recurso não é utilizado. Vale ressaltar que os diálogos se tornam bastante curtos e pontuais à medida que servem para indicar que novas histórias estão prestes a começar. O narrador alude a algum acontecimento que desperta a curiosidade de seu interlocutor no episódio que está por vir e, neste caso, o discurso direto é marcado com pouca variação no uso de verbos declarativos. No excerto abaixo, alguns exemplos do emprego de discurso direto:

T1 (DPII)	T2 (SRD)	TF (MM)
[...] o rei <i>disse</i> eh; eh! Sabios ouvi ha alguem [...]	O rei convocou um conselho de <i>panditas</i> e <i>disse</i> : Ouvi, ó <i>panditas</i> [...]	<i>The King said: O ye wise, be it heard [...]</i>
[...] os pombos <i>disserão</i> : como isto? [...]	Os pombos <i>perguntaram</i> : “Como foi isto?” [...]	<i>The pigeons said: how that? [...]</i>
Ambos <i>disserão</i> : como isto? A gralha <i>conta</i> : [...]	<i>Perguntaram</i> ambos: “Como foi isto?” O corvo <i>conta</i> : [...]	<i>They both say: How that? The crow relates: [...]</i>
Amigo, que isto? Tchitragriva <i>dizia</i> : amigo, de nós de anteriõr nascença de acção fructo isto.	“Que é isto, amigo?” “É o fructo, <i>respondeu</i> Chitragríva, das obras que comettemos na nossa vida anterior.	<i>Friend, what this? Chitragríva said: Friend, of us of a former-birth’s-action the fruit this.</i>
Quem tu? Este <i>diz</i> Laghupatanaka de nome gralha eu.	“Quem és tu?” Sou corvo, <i>respondeu</i> elle, e chamo-me Laghupatanaka”.	<i>Who thou? He says: Laghupatanaka named a crow.</i>
Hiraniaka rindo <i>disse</i> : que contigo amizade?	Hiranyaka riu-se e <i>disse</i> : “Que amizade posso ter contigo?” Pois: [...]	<i>Hiranyaka, laughing, says: What thee with friendship?</i>

Quadro 4: Comparação do uso de discurso direto e emprego de verbos declarativos nas traduções (grifos meus).

É possível perceber, ainda no nível de análise macroestrutural, que não houve por parte dos tradutores tentativas de recriação, tampouco apagamento ou substituição dos ambientes onde cada história se desenvolve. Os muitos lugares descritos que servem de cenário para as narrativas são preservados, conforme alguns exemplos abaixo:

T1 (DPII)	T2 (SRD)	TF (MM)
Ha na margem do <i>Godāvāri</i> grande arvore [...]	Havia na margem do rio <i>Gadāvāri</i> uma frondosa árvore [...]	<i>There is on the Godāvāri-bank a large silk cotton-tree [...]</i>
ha de <i>Magadha</i> na provincia <i>Tchampakavati</i> [...]	Ha no paiz de <i>Magadha</i> uma grande floresta denominada <i>Champakavatī</i> [...]	<i>There is in the Magadha country Champakavatī by name a large wood [...]</i>
ha de [B] <i>hāgīrathi</i> na margem de <i>Gridhakūtu</i> grande figueira arvore.	Ha no monte denominado <i>Gridhrakūta</i> , que demora na margem do <i>Bhāguīrathi</i> , uma frondosa figueira.	<i>There is on the Ganges-bank, upon a Gridhrakūta-named mountain a large fig-tree.</i>
ha em <i>Tchambaka</i> de nome cidade de perigrinantes convento.	Ha na cidade de <i>Champaka</i> uma casa de religiosos mendicantes.	<i>There is in the Champaka-named town a mendicant-dwelling.</i>
ha em <i>Gandīya</i> (na região de <i>Gauda</i> ; depois <i>Gaur</i> _antiga capital de <i>Bengala</i> no centro d'esta) <i>kauçāmbi</i> de nome cidade.	Ha em <i>Guar</i> uma cidade denominada <i>Kausambī</i> [...]	<i>There is in Gaur Kausāmbī by name a town.</i>

Quadro 5: Quadro comparativo com a tradução de topônimos nas versões de D. Pedro II e Sebastião Rodolpho Dalgado (grifos meus).

A etapa macroestrutural revelou ainda que D. Pedro II suprimiu alguns versos da seção *Suhridbheda* e isto indica que talvez ele tenha usado uma edição diferente da de Max Müller como texto-fonte para continuar a sua tradução no exílio. O cotejo com a edição de Dalgado apontou para a tradução do Professor Peter Peterson, de 1887. Dalgado assinala alguns trechos que foram eliminados daquela edição e que ele busca contemplar em sua obra. São 33 versos do *Mitralābha* e 13 do *Suhridbheda*, justamente os mesmos que não aparecem na tradução imperial. Em sua edição, Peter Peterson (1887) fez inicialmente uma compilação de 03 manuscritos da coleção do governo de Bombaim. Quando seu trabalho estava em andamento, o professor inglês recebeu a autorização do Museu Britânico para pesquisar o manuscrito que ele considera o mais antigo e mais valioso do *Hitopadeśa*. Seu mérito está, na verdade, em confrontar os 04 códices e no seu exaustivo estudo filológico desse material, revelado nas muitas notas do livro. A tradução, no entanto, fica relegada a segundo plano nesta publicação, já

178

que Peterson faz somente uma síntese das histórias presentes na coletânea. Max Müller, a quem o Professor Peterson dedica a sua tradução, traz os versos inexistentes naquela edição. Portanto, a partir da análise descritiva foi possível comprovar que D. Pedro II teria continuado sua tradução no exílio não mais utilizando os *Handbooks* de Müller, mas sim a tradução do professor Peterson.

Finalizando esta etapa de análise, é possível afirmar que as traduções, apesar de suas particularidades, convergem em muitos aspectos, assinalando estratégias que culminam em uma tradução guiada pelo sistema-fonte. A postura conservadora frente à estruturação do enredo, a opção em preservar os marcadores culturais e a manutenção dos versos, entre outros elementos, apontam, em ambos os casos, para uma tradução *source-oriented*. O projeto editorial de Dalgado e o anseio de D. Pedro II em conhecer a língua clássica indiana já davam indícios dessa tendência, que possivelmente será a tônica também na etapa microestrutural.

4.3.4 Microestrutura

Passando para a análise da microestrutura, que abarca os deslocamentos nos níveis gráfico, sintático, léxico-semântico, estilístico, fônico, entre outros, verifica-se que as escolhas tradutórias, em suma, se mostram convergentes em alguns aspectos. Percebem-se, no campo semântico, similaridades na escolha das palavras, com o emprego do mesmo item lexical em algumas passagens ou a manutenção do sentido de algum termo com o recurso da sinonímia, conforme trechos a seguir:

T1 (DPII)	T2 (SRD)	TF (MM)
ai! Perdido sou: por isto Tanto <i>temòr</i> a <i>temèr</i> quanto <i>temòr</i> não <i>chegado</i> <i>Chegado</i> porem <i>temòr</i> vendo homem fuça como conveniente	“Oh! estou perdido! Pois quê: Deve se recear do <i>perigo</i> , emquanto o <i>perigo</i> está longe; mas quando um homem vê que o <i>perigo</i> ameaça, tem de obrar como exigem as circunstancias.	<i>Ob, lost lam. Since, So long of danger one must be afraid, as danger not-approached, approached but danger having seen a man should act as proper.</i>
Em <i>baixo em baixo</i> vendo de <i>baixo</i> quem grandeza não nasce? Para o <i>alto para o alto</i> videntes todos	Quem olhando <i>baixo e baixo</i> , não vê a sua grandeza accrescida? São porém todos pobres, se olham <i>alto e alto</i> .	<i>For, Down down looking of whom the greatness not is enhanced? Upwards upwards</i>

certamente são pobres		<i>looking all indeed are poor.</i>
Por isto tendo visto Karadaka isto disse Damanaka: amigo Karadaka porque este agua dezejoso senhõr potavel não tendo bebido <i>lentamente</i> <i>lentamente</i> volta?	Vendo-o n'esta situação, Damanaka perguntou a Karataka: "Amigo Karataka, porque é que sua magestade, que fõra beber agua, sem a ter bebido, recolheu assim sorrateiramente e está a tremer?"	<i>Him in this-state having seen Damanaka Karataka accosts: Friend Karataka, why thus this water-desiring master water not-having drunk with-trembling slowly slowly stands off ?</i>

Quadro 6: Comparação referente às escolhas lexicais nas traduções (grifos meus).

No nível sintático, temos na tradução do monarca uma estrutura bastante truncada,⁴⁵ o que pode ser explicado, além do fato de se tratar de um primeiro rascunho inacabado, também a partir da análise do texto utilizado durante a tradução. De acordo com Müller (1884), o primeiro livro do *Hitopadeśa* tem sido, desde a época de William Jones, o principal texto utilizado em Faculdades e concursos públicos para o ingresso no Serviço Civil Indiano, órgão oficial do império Britânico responsável pela administração da colônia. Dessa forma, o trabalho de Müller se apresentava como mais uma possibilidade de aprendizado aos aspirantes que buscavam sucesso para atuar nos mais altos cargos oferecidos pelo império em seus domínios. A familiaridade com a gramática e literatura da língua clássica da Índia daria o alicerce para que os candidatos pudessem aprender o idioma vernáculo da província onde atuariam posteriormente. Além disso, a obra se dirigia também aos estudiosos que desejassem obter um conhecimento elementar e preciso da língua em questão. Com o intuito de atingir esses dois públicos específicos, Müller aposta em uma tradução interlinear do original em sânscrito. Sua edição comporta o texto em devanágari seguido da transliteração no sistema alfabético romano, da análise gramatical e da tradução em inglês propriamente dita. Cada palavra em sânscrito foi traduzida, quando possível, por um correspondente em inglês e a sintaxe do texto fonte foi rigorosamente mantida, constituindo o que o autor chamaria de *transvocalubation*.

⁴⁵ Ressalto novamente o fato de que o texto do Dom Pedro é um texto provisório, inacabado, um testemunho de um processo e não uma versão pronta e editada.

Em seus manuscritos de tradução, o monarca registrou parcialmente a transliteração de alguns termos, além de realizar análises gramaticais no decorrer das páginas manuscritas, mas isso não chega a caracterizar um projeto de tradução interlinear. Interessante observar que, enquanto Müller começa a suprimir a transliteração e a análise gramatical a partir de determinadas páginas do primeiro volume por considerar ele que o estudante já estaria familiarizado com a língua, D. Pedro II continua fazendo isso inclusive na segunda seção do *Hitopadeśa*. Talvez o motivo tenha sido o hiato entre a primeira e a segunda etapa da tradução. Utilizando a edição de Müller, D. Pedro seguiu à risca a ordem sintática da estrutura em sânscrito, tornando o texto pouco compreensível em algumas passagens. O registro de língua, em sua tradução, pretende ser formal, apesar das frases e orações apresentarem construções simples. Sebastião Dalgado também se vale de formalidade em seu texto, sobretudo nos incontáveis extratos versificados que permeiam toda a obra. O conteúdo em prosa, no entanto, assume uma linguagem menos formal, quer nas escolhas sintáticas, quer na seleção vocabular, devolvendo assim a fluidez do texto interrompida pelos versos.

Ainda no nível microestrutural, observa-se que os locais onde as narrativas se desenrolam apresentam seus nomes grafados, em alguns casos, como consta no original. Em outros momentos, os tradutores propõem ligeiras modificações, seja para adaptar o termo ao sistema fonético da língua portuguesa, como o faz Dalgado, seja para restituir algumas marcas estrangeiras ao nome, como propõe D. Pedro II. Além dos topônimos, o mesmo recurso pode ser observado, em geral, na tradução dos nomes dos personagens e dos muitos elementos culturais que despontam na narrativa. Neste caso, Dalgado recorre a notas rodapé e palavras supletivas para explicar as expressões, enquanto D. Pedro o faz no próprio fluxo do texto. Obviamente, a diferença de formato entre os trabalhos por si só justifica a postura de D. Pedro em posicionar esse tipo de explicação no curso do texto, já que seu trabalho permaneceu em um rascunho inacabado. Abaixo, o tratamento dado aos nomes próprios presentes na obra:

T1 (DPII)	T2 (SRD)	TF (MM)
<i>Vishnuçarman</i> disse [...]	<i>Vixnuxarman</i> respondeu [...]	<i>Vishnusarman</i> said [...]
<i>Tchitragriva</i> disse [...]	<i>Chitragriva</i> disse-lhes [...]	<i>Chitragrîva</i> said [...]
[...] ornada <i>Lakschmî</i>	[...] enfeites, como	[...] <i>all-ornaments-</i>

[...]	<i>Lakxmi</i> [...]	<i>decorated Lakshmi</i> [...]
Assim considerando <i>Nandaka</i> (regozijador) (e) <i>Sandjivaka</i> [...]	[...] jungiu ao jugo dois toiros, que se chamavam <i>Nandaka</i> e <i>Sanjivaka</i> [...]	<i>Thus having reflected Nandaka-and Sanjivaka-named</i>
Então <i>damanaka</i> (de dam= domare) com espanto como de <i>pin_galaka</i> [...]	Então <i>Damanaka</i> , como que perturbado, aproximou-se de <i>Pingalaka</i> .	<i>Then Damanaka amazed as it were to Pingalaka's-proximity gone.</i>
[...] leão irmão <i>Stabdhakarna</i> [...]	[...] um leão, que se chamava <i>Stabdhakarna</i> [...]	[...] <i>lion the brother Stabdhakarna-named a lion arrived.</i>

Quadro 7: Quadro comparativo com a tradução de nomes próprios (grifos meus).

Por fim, vale mencionar que Dalgado utiliza alguns recursos gráficos em sua tradução, como uso de fonte menor para indicar a parte versificada e uso de itálico nos aforismos, que sinalizam a entrada de novas histórias. Assim, a alternância do tom mais erudito presente nos versos para uma linguagem mais fluída e leve nas passagens em prosa ficava também visualmente demarcada. O mesmo acontece com as máximas que, grafadas em fonte em itálico, enfatizam e informam ao leitor que alguma fábula está prestes a começar. A tradução de D. Pedro, ainda em “estado bruto”, apresenta também alguns marcadores, como palavras sublinhadas, uso de asterísco e números, indicando talvez que determinado trecho merecesse maior atenção em uma revisão futura. Ademais, parece prudente reafirmar que, devido à diferença de estatuto – manuscrito e obra editada/publicada –, os marcadores não são os mesmos e não apresentam as mesmas funções, não sendo, portanto, explicáveis segundo os mesmos parâmetros.

Outros elementos poderiam ser agregados nesta etapa de análise, reforçando a característica predominantemente *source-oriented* das traduções – presente também na etapa subsequente, que analisa as oposições entre micro e macroestrutura e entre texto e teoria (normas e padrões); relações intertextuais (com outras traduções ou com escritos criativos); relações intersistêmicas (estruturas de gênero, códigos estilísticos, etc.) –, mas considero suficientes para fins de exemplificação os mostrados até o momento, reforçando que não se pretendia esgotar os níveis de análise propostos por van Gorp e Lambert (1985).

4.2.5 Análise sistêmica

A característica *source-oriented*, ao perpassar todos os níveis de análise, vai ao encontro do que se teorizava e praticava em tradução no período: a fidelidade e sacralização do original. Chamo a atenção, porém, para a postura dos tradutores que, a meu ver, extrapola a simples dicotomia original x tradução e os limites do texto. A conduta do monarca, por exemplo, poderia apenas revelar um perfil semelhante àquele de tantos outros tradutores do século XIX, os quais encontravam em projetos de tradução uma fonte de prazer ou simplesmente uma maneira de interagir e se aproximar de amigos através dela (WYLER, 2003). A sua função de letrado, respaldada pelos ideais do movimento romântico, se funde na figura do governante que se preocupa não só com o bem estar da sociedade, mas com a língua, com o conhecimento da pátria que conduz e com o seu povo. A intensa prática tradutória do monarca, nesse caso, exerce uma função renovadora e fundamental num polissistema literário e cultural em formação. Com isso, a prevalência do original em seu trabalho talvez fosse intencional, pretendendo ele realizar uma espécie de tradução cultural com vistas a aproximar a cultura indiana da brasileira: a primeira com séculos de tradição; a segunda, ainda em seu estágio inicial, buscava também na literatura estrangeira elementos para se firmar em uma jovem nação. Outro ponto a observar, considerando a influência da cultura francesa na vida do monarca, é que o romantismo pregava o literalismo para a tradução na França, influenciada à época especialmente pela filosofia germânica. A abordagem de tradução conhecida como *Les belles Infidèles*, tão comum no setecentos francês chegava ao fim, como bem anunciava Leconte de Lisle (apud SALAMA-CARR, 1998) no prefácio de sua tradução da *Ilíada*. Além disso, até a metade do século XIX, conforme Salama-Carr (1998), a estratégia de tradução escolhida mudava conforme a natureza do texto a ser traduzido: se um clássico ou um trabalho mais recente. Os clássicos, por causa de sua autoridade, eram traduzidos de uma forma mais literal e talvez essa estratégia corrente na época possa ter refletido no processo tradutório do monarca.

Já Dalgado fez, para uma pátria que não era a sua, o que nenhum conterrâneo foi capaz de fazer até então. Paradoxalmente, um indiano, considerado um dos maiores orientalistas em Portugal, empreendeu e publicou na metrópole a primeira tradução de uma obra diretamente do sânscrito, língua clássica da colônia. Quisera ele que os portugueses “conhecessem não só como concebiam, mas também como se

expressavam os antigos áryas de *Bharatavarxa*” (DALGADO, 1897, p. xiii). Dessa forma, a escolha *source-oriented* revela o projeto político abraçado por Dalgado de tornar “legível” não só o texto traduzido, mas principalmente a cultura que o gerou.

4.4 A MATERIALIDADE PRESENTE NO *HITOPADEÇA*

Os manuscritos autógrafos da tradução do livro do *Hitopadeśa*, alvo das minhas investigações, encontram-se arquivados no MIMP e compõem 03 cadernos, como já dito anteriormente. Juntos, os 03 cadernos totalizam 88 páginas de manuscritos (45 fólios). A materialidade presente nos manuscritos do *Hitopadeśa* permite verificar, mesmo na ausência de versões anteriores da mesma tradução, o caminho trilhado pelo tradutor durante todo o seu trabalho. Não há, portanto, outras versões da mesma tradução que pudessem dar conta das alterações/reformulações de um rascunho para o outro, evidenciando assim a progressão de ideias do tradutor durante o seu processo de criação. Como já dito na análise descritiva e aqui reforçado, tem-se em mãos um conjunto de manuscritos anômalos, já que os fólios apresentam, em sua totalidade, marcas de escritura e de intervenção do tradutor (anotações gerais, acréscimos, dúvidas, digressões, rasuras e correções) feitas sempre no mesmo fluxo de escrita, o que sugere que o tradutor tenha feito as alterações imediatamente ao escrever a última palavra. Uma característica perceptível que emerge deste material é o estilo de escrita de D. Pedro II. Uma leitura preliminar indica uma forte inclinação para a escrita em jato, o que poderia sugerir um ímpeto em finalizar aquele trabalho ou adiantar algum trecho que estaria em atraso. De fato, em alguns momentos ele precisou abandonar o estudo de sânscrito para se dedicar a outras tarefas, como atesta em seu diário: “não vi o sânscrito para adiantar o Camões que já quase todo li no original podendo *[sic]* assim adiantar a comparação com a tradução inglesa” (ALCÂNTARA, 1999, p. 1207).

A particularidade anômala do trabalho de tradução do fabulário hindu também ocorre na tradução das *Mil e uma noites*. A propósito, ambas as traduções eram realizadas concomitantemente durante suas aulas com o Dr. Seybold. As aulas de sânscrito e árabe eram combinadas, também, com hebraico, guarani e com a comparação das edições de *Os Lusíadas* em vários idiomas. Em pesquisa de mestrado realizada sobre a tradução das *Mil e uma noites* de Pedro II, Rosane de Souza (2010) se ocupou em mapear o trabalho do tradutor a partir da

análise de seus manuscritos. Abaixo, apresento um excerto de um manuscrito das *Mil e uma noites* e sua respectiva transcrição a fim de ilustrar a similaridade entre os dois trabalhos, isto é, as traduções das *Mil e uma noites* e do *Hitopadeça*:

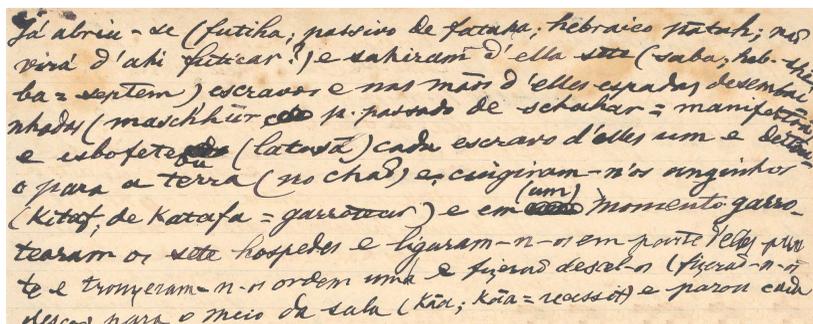


Fig. 9: Excerto das *Mil e uma noites* – Maço 041 - Doc 1064 Cat B [D01 P03] – MIMP/Ibram/MinC.

Já abriu-se (futiha; passivo de fatuha; hebraico pātah; não virá d’ahi futicar?) e sahiram d’ella sete (saba; hab. *Shi* ba = septem) escravos e nas mãos d’elles espadas desembai-
nhadas (mash’hūr ~~o~~ p. passado de schahar = manifestou) e esbofeteadas (latasā) cada escravo d’elles um e deitou-
o para a terra (no chão) e cingiram-n’os anginghos
(kitaf; de katafa = garrotear) e em ^(um) momento garro-
tearam os sete hospedes e ligaram-n-os em parte d’elles fren-
te e trouxeram-n-os ordem uma e fizeram descel-os (fizeram-n-os
descer) para o meio da sala (kāa; kāa = necessit) e parou cada

Fig. 10: Transcrição diplomática do trecho das *Mil e uma noites* – Maço 041 - Doc 1064 Cat B [D01 P03].

Nele, pode-se verificar a ocorrência de duas tipologias distintas identificadas pela pesquisadora: a primeira, denominada “Reconstituição etimológica”, marca passagens em que o tradutor busca “desdobrar o significado de determinada noção ou conceito do texto original que está traduzindo por meio da reconstituição e descrição da etimologia da palavra em questão em várias línguas” (SOUZA, 2010, p. 74). No exemplo é possível acompanhar este processo utilizado pelo tradutor já nas primeiras linhas do manuscrito. A segunda tipologia encontrada traz a “opção em aberto”, momento em que o tradutor atribui mais de uma

alternativa e/ou possibilidade para alguma palavra traduzida sem demonstrar preferência por alguma delas. É o que acontece na passagem “[...] para a terra (no chão), e originam-n’os anginhos [...]”. Neste caso, D. Pedro sugere “no chão” como possível substituto imediato para a palavra “terra”. Assim como na versão da coletânea árabe, o monarca realizou a sua intervenção no texto logo após a escritura da última palavra, respeitando sempre o eixo sintagmático da linha, procedimento bastante similar na tradução do *Hitopadeśa*, como detalharei a partir de agora.

4.4.1 Análise genética dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II

Passo então, nesta etapa da pesquisa, às análises das recorrências encontradas nos manuscritos de tradução de D. Pedro II. Para tanto, julguei pertinente classificar as marcas de escritura em categorias, observando sempre suas repetições no decorrer das páginas manuscritas. O fato de ter utilizado duas edições distintas para realizar a tradução não alterou o seu método de trabalho, como é possível constatar nos exemplos apresentados. Os mesmos aspectos linguísticos encontrados na seção *Mitralābha* estão também, em grande parte, presentes em *Suhridbheda* e *Sandhi*. Este fator indica que o método de *transvocalization* proposto por Müller e levado a cabo por D. Pedro II foi extensível à segunda etapa do processo de tradução, esta realizada no exílio a partir da edição do Professor Peterson (1887). Os recursos linguísticos empregados durante toda a tradução foram analisados e devidamente categorizados. Abaixo, apresento em ordem alfabética as tipologias para em seguida detalhar cada uma dessas ocorrências na tradução imperial:

- a) Acréscimo entrelinhas;
- b) Análise gramatical;
- c) Divisão silábica;
- d) Intertextualidade;
- e) Nome científico;
- f) Nota explicativa;
- g) Notas de regência;
- h) Opção em aberto;
- i) Palavras supletivas;
- j) Pesquisa etimológica;
- k) Rasura transparente;

- l) Reorganização morfossintática;
- m) Tradução de nomes próprios;
- n) Transliteração.

A tabela abaixo resume as principais ocorrências contidas nos manuscritos de tradução de D. Pedro II:

Tipologia	Recorrência
Acréscimo entrelinhas	01, 01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 05, 06, 06v, 07, 07v, 08v, 10, 10v, 11, 11v, 12, 12v, 13v, 14, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 17v, 18, 19, 19v, 20, 20v, 21, 21v, 22, 22v, 23, 23v, 24, 24v, 25, 26v, 27, 27v, 28v, 29, 30, 31, 33, 33v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 36v, 37, 37v, 38, 38v, 39, 39v, 40, 40v, 41, 41v, 42, 43v, 44v
Análise gramatical	01v, 02v, 03, 04, 05v, 06, 06v, 07, 07v, 08, 08v, 10v, 11, 11v, 13, 13v, 14v, 15, 15v, 16, 17, 17v, 19, 20, 21v, 22, 23v, 24, 24v, 26v, 27, 28v, 29, 30v, 31v, 32, 32v, 34, 35, 36, 36v, 40, 40v, 44
Divisão silábica	02v, 03v, 04, 05v, 06, 06v, 08, 13v, 14, 15v, 17, 17v, 20, 21, 22, 22v, 23, 33, 40v, 41
Intertextualidade	01v, 02, 03, 08v, 18v, 36
Nome científico	05, 06, 07, 08, 14, 14v, 16v, 17, 19v, 21v
Nota explicativa	01v, 02, 03, 04v, 05, 06v, 07, 08, 09v, 10, 11v, 12, 13, 14, 14v, 15v, 16, 17v, 18v, 19, 20, 20v, 21, 21v, 22, 22v, 23, 26, 27v, 28, 28v, 29v, 30, 31v, 33, 33v, 34, 34v, 35v, 37, 38, 39, 39v, 40v, 41
Notas de regência	02v, 04v, 05, 06v, 07, 08v, 10v, 12, 13v, 14, 16, 16v, 17, 18, 19, 22, 24, 27, 27v, 28, 28v, 29, 30, 30v, 31, 31v, 32, 33, 34, 34v, 35, 35v, 36, 36v, 37, 38, 38v, 40, 40v, 43
Opção em aberto	01, 01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 04v, 05, 05v, 06, 07, 07v, 08, 08v, 09v, 10v, 12, 12v, 13v, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 17v, 18, 18v, 19, 19v, 20, 21, 21v, 22, 23v, 24v, 25, 26, 26v, 27, 27v, 29, 29v, 30v, 32v, 33, 33v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 36v, 37, 38, 38v, 40, 40v, 41, 42, 43v, 44
Palavras supletivas	01v, 02v, 03v, 04, 05, 07, 07v, 08v, 09, 09v, 10, 11, 12v, 14, 15v, 16v, 17, 17v, 18, 19, 19v, 20, 21v, 23v, 24, 24v, 25, 26v, 27, 28, 28v, 29, 30, 30v, 31, 32v, 33, 34, 34v, 35v, 36, 36v, 37v, 38, 38v, 39v, 40, 41, 42, 43, 43v, 44

Pesquisa etimológica	01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 04v, 05, 05v, 06, 06v, 07, 07v, 08, 08v, 10, 10v, 11, 11v, 12, 12v, 13, 13v, 14, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 17v, 18, 18v, 19, 19v, 20, 20v, 21, 21v, 22, 22v, 23, 23v, 24, 25, 26, 27, 27v, 28, 28v, 29, 29v, 30, 30v, 31, 31v, 32, 32v, 33v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 36v, 37v, 38, 38v, 39, 39v, 40, 40v, 43, 44
<i>Grego</i>	01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 04v, 05, 05v, 06, 06v, 07, 07v, 08, 08v, 10, 10v, 11, 11v, 12v, 13, 13v, 14, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 17v, 18, 18v, 19, 19v, 20, 20v, 22, 22v, 23, 23v, 26, 27, 27v, 28, 29, 29v, 30, 31, 31v, 32, 33v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 37v, 38, 39, 39v, 40, 40v, 43, 44
<i>Latim</i>	01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 04v, 05, 05v, 06, 06v, 07, 08, 08v, 10, 10v, 11, 12, 13, 13v, 14, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 18, 18v, 19, 19v, 20v, 21v, 22v, 23, 23v, 24, 25, 26, 27, 27v, 28, 28v, 29, 29v, 30, 31, 32, 32v, 33v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 37v, 38, 38v, 39, 40, 40v, 44
<i>Alemão</i>	01v, 02v, 03, 03v, 04, 05, 05v, 06, 06v, 07, 08, 10, 10v, 11, 12, 13, 13v, 14v, 15, 15v, 16v, 17, 17v, 20, 22, 22v, 23, 24, 26, 28v, 30v, 31v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 37v, 40, 40v
<i>Inglês</i>	01v, 02v, 03, 04v, 05, 05v, 06, 06v, 07, 08, 11, 13v, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 17v, 20, 22, 22v, 24, 26, 30v, 31v, 35v, 36, 36v, 37v, 38, 39v, 40v
<i>Árabe</i>	05, 06, 06v, 08, 16v, 19v, 20v, 24, 29, 30, 35v
<i>Persa</i>	02v, 06, 06v, 13v, 14, 24, 29, 35v,
<i>Gótico</i>	04v, 05, 05v, 15, 17, 22v
<i>Persa moderno</i>	05, 20, 22v
<i>Russo</i>	17v, 22v, 28, 35
<i>Eslavo</i>	15v, 22v, 26, 35v
<i>Francês</i>	08, 18v, 20v, 28, 44
<i>Lituano</i>	05, 07
<i>Hebraico</i>	20, 22v
<i>Polaco</i>	07
<i>Bretão</i>	07
<i>Búlgaro</i>	17v
<i>Irlandês</i>	20
<i>Malayalim</i>	40v
<i>Guarani</i>	16
Rasura transparente	01, 01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 04v, 05, 05v, 06, 06v, 07, 08, 08v, 09, 09v, 10, 10v, 11, 11v, 12, 12v, 13, 13v, 14, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 18,

	18v, 19, 19v, 20, 21, 21v, 22, 22v, 23, 23v, 24, 24v, 26, 26v, 27, 27v, 28, 29, 29v, 30, 30v, 31, 31v, 32, 32v, 33v, 34, 34v, 35, 36, 36v, 37, 37v, 38, 38v, 39, 39v, 40, 40v, 41, 41v, 42, 42v, 43, 44, 44v
Reorganização morfossintática	02, 07, 08, 11, 13, 16, 20, 21, 23, 25, 26v, 27, 27v, 32, 34, 35, 36, 37
Tradução de nomes próprios	01, 01v, 03v, 04, 04v, 05v, 06, 06v, 08, 09v, 11, 12, 13v, 14, 14v, 15, 19v, 20v, 21, 21v, 22, 22v, 23, 23v, 24v, 26, 26v, 27, 27v, 28, 29, 32, 32v, 34v, 36, 36v, 37, 37v, 39, 40
Transliteração	01v, 02, 02v, 03, 03v, 04, 04v, 05, 05v, 06, 06v, 07, 07v, 08, 08v, 09v, 10, 10v, 11, 11v, 12, 12v, 13, 13v, 14, 14v, 15, 15v, 16, 16v, 17, 17v, 18, 18v, 19, 19v, 20, 20v, 21, 21v, 22, 22v, 23, 23v, 24, 24v, 25, 26, 26v, 27, 27v, 28, 28v, 29, 29v, 30, 30v, 31, 31v, 32, 32v, 33, 33v, 34, 34v, 35, 35v, 36, 36v, 37, 37v, 38, 38v, 39, 39v, 40, 40v, 41, 43, 44
Trechos destacados	01v, 03, 03v, 04, 04v, 05v, 09v, 16, 19v, 26v, 27v, 28, 34, 35v, 37, 43

Tabela 2: Lista das principais recorrências encontradas nos manuscritos tradutórios de D. Pedro II.

Algumas abreviações estão presentes na tradução de D. Pedro II, notadamente quando ele discorre sobre a etimologia dos termos traduzidos ou quando busca enquadrar gramaticalmente alguma palavra ou expressão. Apresento abaixo as principais recorrências:

Lista de abreviações	
Ab.	Abreviação
Abstr.	Abstrato
Act.	Ativo
Adj.	Adjetivo
Al.	Alemão
Bret.	Bretão
Conf.	Conforme
Desid.	Desiderativo
Dim.	Diminutivo
Fem.	Feminino
Fut.	Futuro
Gen.	Genitivo

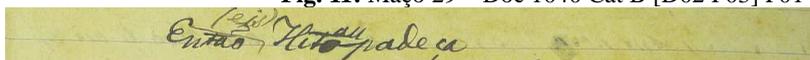
Goth.	Gótico
Ing.	Inglês
Instr.	Instrumental
Irl.	Irlandês
Lat.	Latim
Lig.	Ligação
Lith.	Lituano
Loc.	Locução
P. pas./ p. p./ part. pas.	Particípio Passado
P. s.	Pessoa do singular
Pers.	Persa
Pl.	Plural
Pos.	Possessivo
Pref.	Prefixo
Priv.	Privativo
Sl.	Eslavo
Subs.	Substantivo
Suff./ suf.	Sufixo

Quadro 8: Lista de siglas e abreviações nos manuscritos de tradução de D. Pedro II.

a) Acréscimo entrelinhas:

Considero aqui “acréscimo entrelinhas” quando o tradutor utiliza este espaço da folha para fazer adições ao texto. Trata-se de uma ligeira campanha de revisão, pois tais acréscimos servem como uma espécie de complemento para tornar a sentença traduzida mais legível. Diferencia-se, portanto, de quando o tradutor escreve conscientemente nas entrelinhas para obter mais espaço no papel. Os muitos traços que acompanham esse tipo de rasura indicam a posição que essas adições deveriam ocupar no curso do texto. Já nas primeiras linhas de sua tradução, D. Pedro lança mão desse recurso, agregando o advérbio de designação “eis” para completar a ideia de ponto de partida do texto que a obra apresenta, como se pode perceber a seguir:

Fig. 11: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P03] F01⁴⁶

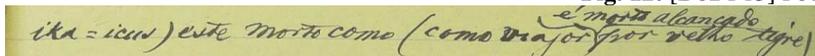


⁴⁶ Fonte: MIMP/Ibram/MinC. Os créditos dos demais documentos digitalizados são dos mesmos órgãos (Autorização número: IBRAM-SGI- 01439/000395/2015-58).

(eis)
Então)Hit^{au}opadeça

Abaixo, outros exemplos da tipologia em questão. Note-se que os elementos foram inseridos *a posteriori* em uma retomada imediata da sentença traduzida:

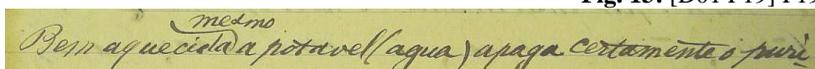
Fig. 12: [D02 P15] F07



ika = icus) este morto como (como ^{e morto alcançado} maior por velho tigre)

ika = icus) este morto como (como ^{(é morto alcançado,} viajor por velho tigre)

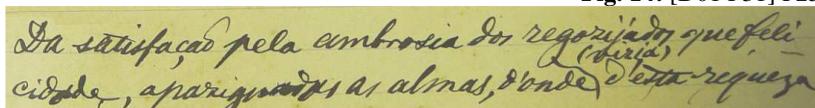
Fig. 13: [D01 P19] F19



Bem aquecida ^{mesmo} a potavel (agua) apaga certamente o puri

Bem aquecida ^{mesmo} a potavel (agua) apaga certamente o puri

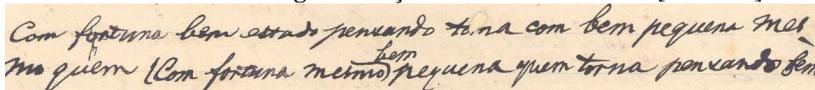
Fig. 14: [D01 P31] F25



Da satisfação pela ambrosia dos regozijados que feli-
cidade, apazi ^(viria) guadas as almas, d'onde d'esta riqueza

Da satisfação pela ambrosia dos regozijados que feli-
cidade, apazi ^(viria) guadas as almas, d'onde d'esta riqueza

Fig. 15: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P02] F26v



Com fortuna bem estado pensando torna com bem pequena mes-
mo quem (Com fortuna mesmo ^{bem} pequena quem torna pensando bem

Com fortuna bem estado pensando torna com bem pequena mes-
mo quem (Com fortuna ^{bem} mesmo pequena quem torna pensando bem

Fig. 16: [D02 P38] F44v

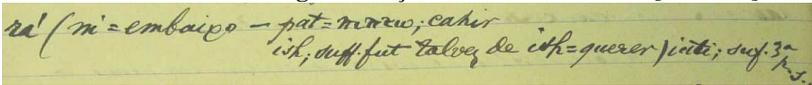


Se de Sandivaka pelo vicio ferido mesmo o ^{senhòr} ~~moço~~ não
volta, então do creado não falta ^(há)

b) Análise gramatical:

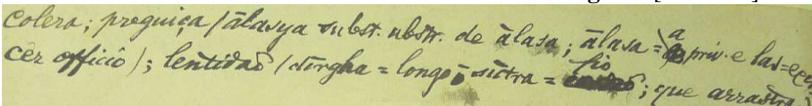
Outro mecanismo empregado pelo tradutor consiste na “análise gramatical” de alguns termos do original em sânscrito. Imediatamente após fazer sua escolha tradutória, D. Pedro insere esse tipo de análise entre parênteses, muitas vezes retomando a transliteração da palavra para em seguida discorrer sobre questões gramaticais. O monarca normalmente se atém nas classes de palavras, tempos verbais, nos afixos, na classificação de gênero e na categorização de locuções verbonominais. Esse tipo de análise demonstra que o tradutor, mesmo operando uma tradução que se caracteriza pela tendência de escrita em “jorro”, buscava refletir em determinados momentos sobre o vocábulo a ser traduzido. Verificando as ocorrências dessa tipologia, acredito que esse mecanismo funcionava para comprovar que as escolhas tradutórias eram, senão as mais satisfatórias naquele momento, ao menos funcionais:

Fig. 17: Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D02 P14] F06v



rá (ni= embaixo - pat= πιπτω; cahir
ish; suff.fut talvez de ish=querer) iati; suf. 3^a p.s.

Fig. 18: [D01 P04] F10v



colera; preguiça/ālasya subs. abstr. de ālasa; ālasa=^apriv. e las= ^{exer}cer officio); lentidão (dīrgha = longo sūtra= ^{fio}costão; que arrastra)

Fig. 19: [D01 P10] F14v

de nome shakal (djambuka; djambu = jambosa eugenia; o jambo; ka= suf. de relação; homem de infima classe) eu.

Fig. 20: [D01 P10] F14v

D'isto depois ao poente ido o sol (suvitur de su = produzir; guna sru- i; lig.; tar; suf. activo como em latim tor; productòr.) bem-aventurado (bhaga = bem; vat. suf. pos.) de raios co-

Fig. 21: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P19] F35

De este da montanha em caverna deitado (çā çayāna; part. med. de çī; grego kei -μαι) da juba (keçara = chesaries) a extremi-

Fig. 22: [D02 P30] F40v

de tchand = candeo = brilho, anila = vento; an = in; un, origem do a pri-
vativo - il = dormir dormir - e fogo = anala; não sei d'onde vem -

c) Divisão silábica:

Em algumas páginas de seu trabalho, D. Pedro II costuma fazer a divisão silábica dos termos traduzidos. É mais uma ferramenta encontrada pelo monarca a fim de refletir, e de certa forma, fundamentar suas opções tradutórias. A técnica consiste em isolar com uma barra o radical ou os afixos da palavra que traduzia naquele momento para, na sequência, tentar elucidar o significado da partícula em questão:

Fig. 23: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P06] F02v

gido, como pithar= pae; o protectõr) inimigo não sabio=
a priv. pandãta/de pand= ducere - ductus)

Fig. 24: [D02 P08] F03v

futuros tornão-se mesmo dos grandes nudez de Nī_
laḱantha (Pescoço - azul; Çiva) o deitar-se sobre a gran_

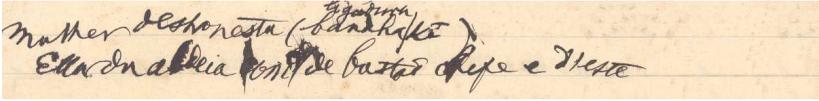
Fig. 25: [D02 P17] F08

No deserto (marusthala= de mar= mari; sthali= lugar; sta_
bulum; al. stall) como chuva (vrishti; vrish= regar) da

Fig. 26: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P15] F33

djagat; d[redacted] djagat nâtha o mundo
 nâtha= rei; de nâth= [redacted] reina nome de divindade

Fig. 27: [D02 P31] F41



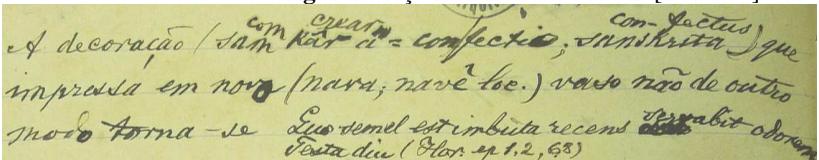
mulher deshonesta (bandhākī).
 ligadura

Ella da aldeia ~~soni~~ / de bastão chefe e d'este

d) Intertextualidade:

Durante sua tradução, D. Pedro II faz digressões de natureza várias, como tenho demonstrado nos exemplos acima. É, de fato, um método de trabalho bastante peculiar, especialmente quando consideradas as inúmeras intervenções contidas em uma única versão. Ao analisar uma dessas intervenções, é possível entrever algumas leituras realizadas anterior ou concomitantemente ao período em que estava traduzindo. As alusões revelam uma acentuada cadeia de intertextualidade que se desprende dessa tradução. Isso acontece, por exemplo, já nas primeiras páginas de tradução. O monarca menciona um provérbio latino de autoria de Horácio como equivalente ao conteúdo traduzido. Cita, inclusive, detalhes da obra do poeta romano, como o número do livro, da epístola e do verso em questão:

Fig. 28: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P04] F01v



A decoração (sam Kâr a= confectio; sanskrita) que
 com crear, con-fectus)
 impressa em novo (nara; navê loc.) vaso não de outro
 modo torna-se Quo semel est imbuta recens servabit odorem
 Testa diu (Hor. ep 1,2,68)

Poucas páginas depois, especificamente no fólio 03, o monarca se depara com um problema terminológico. Ele menciona um animal originário da Índia, uma espécie de caprino que, segundo Dalgado (1897, p. 6), “tem uma ou duas excrescencias no pescoço, a que em konkani se dá o nome de *jalú*, sanguessuga” (grifos do autor). D. Pedro tenta reconstruir etimologicamente o termo *bode*, sugerindo em latim *axis* para rasurar em seguida e substituir por *agnus* (cordeiro). Ele continua traduzindo o texto até completar toda a parte inferior da página, mas a hesitação sobre o termo parece ter se mantido. A palavra excluída é novamente posicionada por sobre a rasura que a eliminou, dessa vez acompanhada por um asterisco. Três linhas acima, D. Pedro II insere o mesmo símbolo e a palavra em questão, seguida do nome do escritor clássico Caio Plínio II, também conhecido como Plínio, o velho. Ainda aproveitando o mesmo espaço, o tradutor acrescenta uma nota explicativa sobre o termo traduzido, afirmando que *axis* é um animal desconhecido na Índia. O símbolo e a coloração da tinta, levemente mais clara, indicam esse movimento retroativo do processo de escrita de D. Pedro II. Como não havia mais espaço no papel para explorar a sua linha de raciocínio obedecendo à cronologia de sua produção, ele precisou manter a nota deslocada no texto. A menção a Plínio, neste caso, talvez seja uma referência ao livro *Naturalis Historia* desse autor. Considerada a primeira enciclopédia da Antiguidade, a obra é um compêndio de 37 volumes e foi publicada entre 77 e 79 d. C, conforme Vieira (2010). Plínio dedica os volumes VIII e XIX à zoologia, de onde talvez o tradutor tenha retirado informações para compor sua explicação:

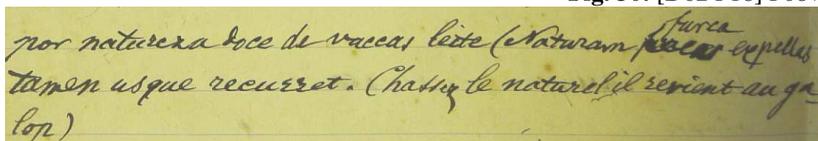
Fig. 29: [D02 P07] F03

projetos iguaes ao gado ~~axis~~. Plinio animal desconhecido da
 por isto; cujo um mesmo de virtude de bem de amor de liber-
 tacao não existe d'este existencia inutil como de
 mas ~~mas~~ de pescoço de bode (adja; axis; lat. ^(axis) ~~axis~~ agnus.
 e se se diz: idade (axis, axis, axis; lat. annum; cetas) e
 feitura e propriedade sciencia e morte ~~esse~~
 (ni = em baixo)

pojados iguaes ao gado*axis. Plinio animal desconhecido da In_
 por isso: cujo um mesmo de virtude de bem de amòr de liber_
 tação não existe d'este existencia inutil como de ma_
 mas ~~///~~ de pesçoço de bode (adja; αἰξ; lat) ^{axis*} agnus.
 e se se diz: idade (aius; αἰών; αἷ; lat. aevum; aetas) ~~///~~ e
 feitura e propriedade sciencia e morte ~~coram~~
 (ni= em baixo

No fólio 08v, o monarca introduz novamente uma citação de Horácio, dessa vez sem referenciar a obra. Sua tradução se mantém em suspenso para que ele registre a versão francesa do provérbio latino:

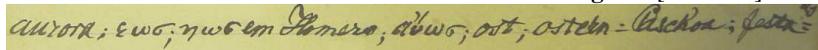
Fig. 30: [D02 P18] F08v



por natureza doce de vaccas leite (Naturam ^{furca} ~~furcas~~ expellas
 tamen usque recurret. Chassez le naturel il revient au ga_
 lop)

Mais adiante, já no segundo caderno de tradução, D. Pedro II menciona o poeta grego Homero. Vale lembrar que ele se dedicava à tradução da Odisseia desde 1887, conforme seu diário pessoal, além de comparar o original grego com as traduções de Odorico Mendes e Leconte de Lisle:

Fig. 31: [D01 P18] F18v

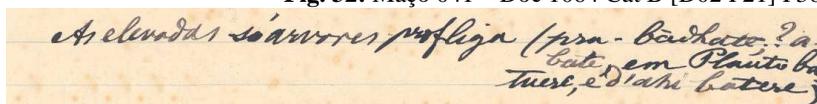


aurora; εὐω; ἠωσ em Homero; αὐωσ; ost; ostern = Paschoa; festa ^{no}

No fólio 30, ao refletir sobre a escolha do verbo “profligar”, que de acordo com as acepções do Dicionário Aurélio (2002, p. 560)

significa “deitar por terra; arruinar; vencer, desbaratar, derrotar”, o imperador cita o dramaturgo romano Plauto, fazendo ligação a um termo encontrado em sua obra. De acordo com Diez (1863), a palavra latina *batuere*, termo da linguagem coloquial que deu origem ao vocábulo italiano *battere*, pode ser encontrada primeiramente em Plauto e Névio, e somente então em autores posteriores. A mesma linha de raciocínio é apresentada por D. Pedro II, revelando que sua prática tradutória não ficava restrita ao binômio texto-fonte/tradução, mas englobava muitas outras leituras e minuciosas pesquisas em torno desse trabalho:

Fig. 32: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P21] F36

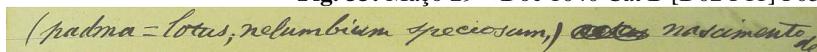


As elevadas só arvores profliga (pra - bādhatte; ? a-
bate, em Plauto ba-
tuere, e d'ahi batere)

e) Nome científico:

Outra tipologia que sinaliza uma das áreas de interesse do tradutor Pedro II consiste na indicação do “nome científico” de algumas espécies de plantas apresentadas no texto. Ao aplicar tal recurso em seu trabalho, o monarca demonstra as muitas leituras e pesquisas que permeavam a tradução, neste caso, na área de botânica. Sem sombra de dúvidas, o tradutor buscava cruzar as informações do texto traduzido com enciclopédias e manuais específicos de sua biblioteca, já que o recurso não se faz presente na etapa de trabalho realizada no exílio, época em que não tinha mais acesso aos seus livros. Apresento abaixo alguns trechos da tradução que exemplificam a tipologia:

Fig. 33: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P11] F05



(padma = lotus; nelumbium speciosum,) ~~o~~ nascimento de

Fig. 34: [D02 P13] F06

de çalmali (bombax heptaphyllum; especie de algodoeiro; pai_ neira) Lá de ^{nao uma} diferentes da região da terra chegando na

Fig. 35: [D01 P14] F16v

ahi de pouca intelligencia mesmo
~~Expulsada~~ Expulsada (privada) de arvores na região o ricino
(eranda = ricinus communis) m
arborece-se

Fig. 36: [D01 P24] F21v

(michelia champaca; arvore de flores amarellas e odoriferas) (cidade chamapur ou champenagar perto

f) Nota explicativa:

Neste caso, o termo ou expressão utilizada durante a tradução é acompanhada de uma nota explicativa, possivelmente um recurso facilitador para o próprio tradutor, mas que nos sugere também uma preocupação em aproximar o possível leitor da cultura de partida do texto traduzido. As explicações, sempre entre parênteses, baseiam-se na etimologia da palavra traduzida, ocupam-se também em clarificar os topônimos ou questões de ordem cultural. Caso a tradução fosse editada, provavelmente tais explicações se enquadrariam em notas de rodapé, facilitando assim a compreensão do leitor durante o seu contato com o texto traduzido:

Fig. 37: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P15] F07

re) kuça talvez de kuç= ~~brilhar~~, o poa cynosuroides; erva em
pregada de tempos remotos no culto dos Aryas) na mão

re) kuça/ talvez de kuç= **brilhar**; o poa cynosuroides; erva em
pregada de tempos remotos no culto dos Aryas) na mão

Fig. 38: [D02 P02] F09v

^{Nobre}
~~Veneravel~~ (Aria; d'onde o Ariano ~~era~~; nobre da In
dia) pela graça de ti conhecido todo o corpo da con

^{Nobre}
~~Veneravel~~ (Aria; d'onde o Ariano ~~era~~; nobre da In
dia) pela graça de ti conhecido todo o corpo da con

Fig. 39: [D01 P18] F18v

aurora; εως; ηως em Homero; αὖως; ost; ostern = Paschoa; festa
da deusa Ostara; deusa da aurora e da primavera, como o Na
tal corresponde s Saturnalia de 25 de 10bro até o novo anno,
em que se davão presentes, sobretudo no dia de anno bom,
chamados strenia (étrenne; estrèa) e os senhores/servião á

aurora; εως; ηως em Homero; αὖως; ost; ostern = Paschoa; festa
da deusa Ostara; deusa da aurora e da primavera, como o Na
tal corresponde s Saturnalia de 25 de 10bro até o novo anno,
em que se davão presentes, sobretudo no dia de anno bom,
chamados strenia (étrenne; estrèa) e os senhores/servião á

Fig. 40: [D01 P19] F19

meza os escravos, em memoria dos tempos saturnios; da idade d'ou
ro. Os Germanos festejavão a volta do sol; o solsticio de inverno)

meza os escravos, em memoria dos tempos saturnios; da idade d'ou
ro. Os Germanos festejavão a volta do sol; o solsticio de inverno)

Fig. 41: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P04] F27v

80 cauris (especie de concha) ~~o mesmo~~ ^{significa antigo} ~~o mesmo~~ ^{tambem antigo}
 algum homem.
 Algum por um lakk (lakscha = 100,000) obediente, al-
 gum por lakk mesmo não toma-se

80 cauris (especie de concha) ~~o mesmo~~ ^{significa antigo} ~~o mesmo~~ ^{tambem antigo},
 algum homem.
 Algum por um lakk (lakscha = 100,000) obediente, al-
 gum por lakk mesmo não toma-se

Fig. 42: [D02 P08] F29v

(No Avesta) é pecado mijar para o sol
 (de Zoroastro)

(No Avesta) é pecado mijar para o sol
 (de Zoroastro)

g) Notas de regência:

As hesitações, dúvidas e constrações inerentes ao trabalho do tradutor, normalmente solucionadas no momento em que ele se posiciona e faz uma escolha dentre uma gama de possibilidades que se apresentam, estão perceptíveis no processo de tradução do imperador. D. Pedro II faz uso de advérbios que denotam incerteza, admite por vezes desconhecer a etimologia de certas palavras do texto ou indica suas dúvidas grafando um ponto de interrogação (?) junto ao termo traduzido. Trata-se de uma espécie de “conversa consigo mesmo” que evidencia o percurso intelectual e mental trilhado durante a tradução:

Fig. 43: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P11] F05

insecto (kīta; χις; de?kit = ligar) mesmo de flor (su = bem; ευ-

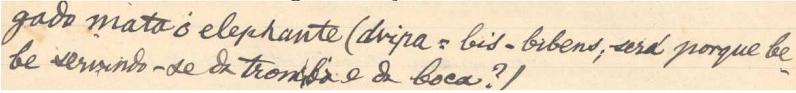
insecto (kīta; χις; de?kit = ligar) mesmo de flor (su = bem; ευ-

Fig. 44: [D02 P18] F08v

entretanto em grande lamacaal (punka; fange?) submerso

entretanto em grande lamaçal (panka; fange?) submerso (ma

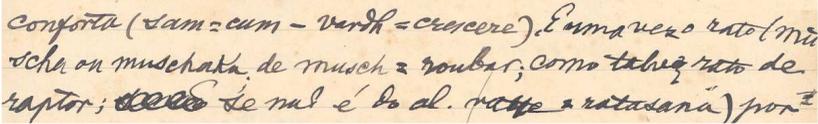
Fig. 45: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P10] F30v



gado mata o elephante (dvipa = bis - bibens; será porque be_ be servindo - se da tromba e da boca?)

gado mata o elephante (dvipa = bis - bibens; será porque be_ be servindo-se da tromba e da boca?)

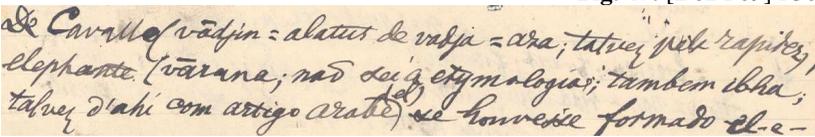
Fig. 46: [D02 P19] F35



conforta (sam = cum - vardh = crescere). É uma vez o rato (mū scha ou muschaka de musch = roubar; como talvez rato de raptor; ~~se não~~ se não é do al. ratte x ratasana) por

conforta (sam = cum - vardh = crescere). É uma vez o rato (mū scha ou muschaka de musch = roubar; como talvez rato de raptor; ~~se não~~ se não é do al. ratte x ratasana) por

Fig. 47: [D02 P09] F30



De Cavallo (vādjin = alatus de vadja = aza; talvez pela rapidez, elephante (vārana; não sei a etymologia; também ibha; talvez d'ahi com artigo arabe) se houvesse formado el-e-

De Cavallo (vādjin = alatus de vadja = aza; talvez pela rapidez), elephante (vārana; não sei a etymologia; também ibha; talvez d'ahi com artigo arabe^(el) se houvesse formado el-e-

h) Opção em aberto

Outra particularidade do processo criativo do imperador muito recorrente em seus manuscritos está no que Souza (2010) denominou de “Opção em aberto” e que Sergio Romanelli (2013) considera como um espaço ilimitado e incerto da rasura que aponta para textos prováveis. Esta tipologia é caracterizada por apresentar outras estruturas possíveis

para os termos ou frases propostos na tradução. Nos fólhos em que há tal ocorrência, o tradutor não indica preferências por uma das alternativas apresentadas, mantendo ambas lado a lado e a “opção em aberto” assinalada entre parênteses. Romanelli (2013) acredita que esse mecanismo poderia ser denominado como pontos de bifurcação, já que o mesmo texto pode originar tantos outros textos forem possíveis. Em algumas passagens, o tradutor oscila entre as desinências nominais de gênero e número, no caso dos substantivos e entre a escolha de um verbo ou locução verbal equivalente para a sua tradução. Talvez uma das opções seria escolhida em uma revisão posterior:

Fig. 48: Maço 29 Doc 1040 Cat B [D01 P02] F10v

Por isso: Os tendo (que tem) bem grandes **sciencias** mesmo mui

Fig. 49: [D01 P06] F12v

proximidade; por isso de mim de alma (vida) pela per_

Fig. 50: [D01 P10] F14v

roado ~~estes dous~~ **estes dous** (ambos) da gazella a casa

Fig. 51: [D01 P20] F19v

a fazer. Não se (Se não) por não comèr a mim **mesmo**
~~fa~~ matarei (farei ~~cahi~~ de cahir)

Fig. 52: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P08] F29v

diz: ouve eh barbaro (barbara)

Fig. 53: [D02 P08] F29v

Porque:
Com costa (costas) serve-se o sol, (arka, de ritch=
brilhar; brilho; hy,
d'onde rig- veda= de₃

Porque:

Com costa (costas) serve-se o sol, (arka, de ritch=
brilhar; brilho; hy,
d'onde rig- veda= de₃

Fig. 54: [D02 P30] F40v

aquelle senta (está assentado) mercante, d'esta a historia tambem

aquelle senta (está assentado) mercante, **d'este a historia** tambem

i) Palavras supletivas:

A proposta de tradução orientada majoritariamente pelo sistema-fonte, conforme a análise descritiva apontou, apresenta alguns elementos que indicam uma tentativa de adequação à língua de chegada. Neste caso, a estrutura sintática da tradução, visivelmente truncada pela subserviência à sintaxe da língua de origem, é sutilmente modificada pelo acréscimo de “palavras supletivas”. Assim, a pequena intervenção atribuiria maior sentido ao texto em língua portuguesa sem romper por completo o elo com a sintaxe do original em sânscrito:

Fig. 55: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P15] F07

pensado: por ventura isto succede; comtudo neste perigo da
alma (de mim mesmo) o procedimento não deve ser disposto.

pensado: por ventura isto succede; comtudo neste perigo da
alma (de mim mesmo) o procedimento não deve ser disposto.

Fig. 56: [D02 P16] F07v

certo
por homem honesto eu instruido: dar lei, tendo primeira (entre
cosas) exerce tu. Deve pela instrução agora eu o banho por

por^{certo} homem honesto eu instruido: dar lei, tendo primeiro (e outras cousas) exerce tu. D'este pela instrução agora eu o banho por

Fig. 57: [D01 P06] F12v

Por isto: De infelicidade por causa riqueza salve (homem), ~~mu-~~
lher salve com as riquezas mesmo, a alma (• si mesmo) ~~da~~
(a preção da

Por isto: De infelicidade por causa riqueza salve (homem), ~~mu-~~
lher salve com as riquezas mesmo, a alma (• si mesmo) ~~sem~~
(a preção da

Na seção *Suhridbheda*, o tradutor usa em excesso o verbo de ligação *ser* conjugado na terceira pessoa do singular, uso este que nem sempre se adequa sintaticamente à estrutura da língua portuguesa, como é possível perceber nos fólios 32v e 39v. Nesses exemplos, há uma inversão na ordem sintática dos elementos da voz passiva:

Fig. 58: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P05] F28

αυτονομήα) que (é) do corpo a estes doutos esta

αυτονομήα) que (é) do corpo a estes doutos esta

Fig. 59: [D02 P06] F28v

por pau impellido como a cunha com ambas as mãos
tomando (é) aproximado. Então d'esse de testiculos

por pau impellido como a cunha com ambas as mãos
tomando (é) aproximado. Então d'esse de testiculos

Fig. 60: [D02 P14] F32v

prostrando entrado (é). O rei disse: de longe visto és. Damanaka

prostrando entrado (é). O rei disse: de longe visto és. Damanaka

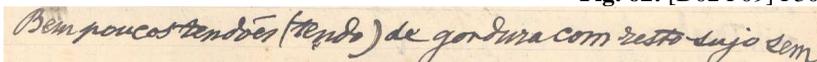
Fig. 61: [D02 P28] F39v

metade emergida ella por mim o nada (é). Então d'esta de encanto

metade emergida ella por mim olhada (é). Então d'esta de encanto

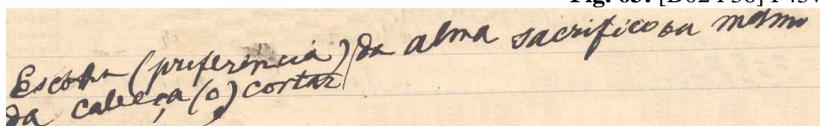
No fólho 30, o monarca garante a ligação dos termos com o acréscimo do verbo *ter* no gerúndio; enquanto que no fólho 43v, aposta no artigo definido masculino *o* para atribuir coerência à frase:

Fig. 62: [D02 P09] F30



Bem poucos tendões (tendo) de gordura com resto sujo sem

Fig. 63: [D02 P36] F43v



Escolha (preferencia) da alma sacrificio ou mesmo
da cabeça (o) cortar

j) Pesquisa etimológica:

Uma das práticas costumeiras de D. Pedro II no decorrer de seu trabalho como tradutor consiste em buscar nos idiomas, tanto nos clássicos quanto nos modernos, um denominador comum para justificar a sua escolha por determinada palavra ou expressão traduzida. Denomino esta ocorrência de “Pesquisa etimológica”. O tradutor, ao remontar à etimologia da palavra e confrontar com outras línguas, se enquadra na prática dos estudos filológicos oitocentistas. No caso do sânscrito, em especial, o trabalho revela uma tentativa por parte do monarca de comprovar a tese dos linguistas do século XIX, os quais defendiam a origem ariana das línguas europeias. Ele, repito, se valia de um recurso metodológico com ampla difusão nos centros intelectuais europeus e que, quando aplicado ao seu império, poderia talvez provar a ascendência oriental da língua guarani. Objetivava ele comprovar uma tese do historiador Varnhagen que conhecida bem. Além do mais, a

busca pela etimologia das palavras, por ser um procedimento muito utilizado pelo tradutor, sugere grande preocupação e prováveis pesquisas em torno de cada vocábulo ou expressão a ser utilizada em seu texto. Como já citado anteriormente, o monarca não escolhia local ou horário fixo para traduzir. Por isso, acredito que nem sempre os seus professores de sânscrito estavam disponíveis para sanar eventuais dúvidas, e aqui me refiro especialmente ao período anterior ao exílio, época em que o *Mitralābha* estava sendo preparado. Aparentemente, em meio a tantas anotações, não há nenhum registro que indique uma possível consulta posterior ao seu professor com relação a algum termo traduzido, sugerindo assim que a tradução se constituía, até certo ponto, em uma atividade autônoma. O mesmo não poderia ser dito da segunda etapa de tradução, cujo trabalho teve um acompanhamento maior por parte do professor Seybold, conforme abordado em tópicos anteriores.

Das muitas línguas mencionadas por D. Pedro II, as recorrências principais de pesquisa etimológica figuram em grego, latim, alemão, inglês, árabe, persa e persa moderno, gótico, russo, eslavo, francês, lituano e hebraico. Menos recorrentes, mas presentes em seu texto estão também os idiomas polaco, bretão, búlgaro, irlandês e malayalim. Em alguns momentos, o tradutor mescla a sua pesquisa etimológica com as já mencionadas análises gramaticais, como quando busca aproximações com o guarani; em outros, costuma registrar suas dúvidas sobre suas escolhas. Esta tipologia, em especial, levanta algumas questões acerca das especificidades dessa tradução. Seriam essas notas de registro apenas uma materialização do pensamento do *scriptor* e por isso uma prática inconsciente ou D. Pedro II teria de fato um leitor real, que talvez precisasse dessa espécie de roteirização do texto? Parece não fazer sentido que ele necessitasse anotar detalhadamente para si ou para seu professor o correspondente de determinado morfema em outras línguas, mas isso pode ser explicado pela característica dos estudos filológicos do período. O que não se justifica, contudo, é a necessidade de sinalizar textualmente a qual idioma a tradução apresentada pertencia, já que ambos pareciam saber bem. Essa prática, porém, ocorre em muitos trechos da sua tradução. Talvez o imperador pretendesse utilizar seu trabalho de tradução na educação de seus netos. Ele mesmo revela esse desejo à época da morte da imperatriz: “Viverei para o estudo que infelizmente quase que não aproveitará senão para mim e para meus netinhos” (ALCÂNTARA, 1999, p. 827). Aqui cito alguns exemplos:

Fig. 64: Maço 29 Doc. 1040 Cat B [D02 P06] F02v

estrellas (tara; star; stern $\sigma\tau\eta\rho$, stella, ^{persa} sitäre, Esther)

estrellas (tara; star; stern $\sigma\tau\eta\rho$, stella, ^{persa} sitäre, Esther)

Fig. 65: [D02 P13] F06

por pelo que: ^{de/} cuidada causa ^{milhares} mil (sahasra; de sahas= força de sah; $\epsilon\chi\omega$; نزار; χιλιοι; εολις χεσλιοι) e de medo causa cem (centenares) ^{+ rāzah; persa} dia a dia o doudo (mūdha; part. pas. de muh= estar turbado) penetrão

por pelo que: ^{de/} cuidada causa ^{milhares} mil (sahasra; de sahas= força de sah; $\epsilon\chi\omega$; نزار; χιλιοι; εολις χεσλιοι) e de medo causa cem (centenares) ^{rāzah; persa} dia a dia o doudo (mūdha; part. pas. de muh= estar turbado) penetrão

Fig. 66: [D02 P14] F06v

indisposição (vy = dis, in, ā = ad; dhi = $\theta\epsilon\sigma\iota\sigma$) de cuidados (foka de $\epsilon\iota\tau\epsilon\eta$ = chorar) que hoje (kim = quid; adiya = hodie) succede ^{ra} (mi = embaixo - pat = $\mu\alpha\sigma\omega$; cahir ^{ih, duff. fut talvez de $\epsilon\iota\eta$ = querer) ^{inf. 3^a p. s.} Então por este caçador de arroz (tandula; de tand = bater arroz ^{batido}; joicada) ^{vrihi talvez de vith = crescer} $\epsilon\gamma\epsilon\iota\omega$; $\epsilon\gamma\epsilon\iota\omega$ ^{persa}; $\omega\sigma$) ^{també arroz}}



indisposição (vy= dis;in; ā= ad; dhi=⊙θεσις) de cuidados (çoka,
 de çutch= chorar) que hoje (kim= quid,- adya= hodie) succede_
 rá (ni= embaixo - paç= πιπιω; cahir

ish; suff.fut talvez de ish=querer) iati; suf. 3ª p.s.)

Então por este caçador de arroz (tandula; de tand= bater
 arroz ~~çoch~~ batido; joeirado)
 vrihi/ talvez de vrih= crescer
 õp(ã; 3:3; bezittj).persa;
 وول jarabe arozz

Fig. 67: [D02 P15] F07

de pulseira (kankana; lith. kankalas; polaco kolokol) porem
 pela avidez immergeido (magna; part. pas. de madgdg; mergo
 lith merkiu) ^{em} paul (panka) ~~b~~ su= bem; ευ;

Fig. 68: [D02 P15] F07

libet; lubet; love; lieben; lûbyu. lith.) arrastado por certo viajôr é
 pensado: por ventura isto succede; comtudo neste perigo da

Fig. 69: [D01 P13] F16

Assim inspirando confiança este gato (mãrdja= mulceo; mulgeo ^{grande}
 ameγω= limpar - ara suf. agente como no guarani) no ôco estado

Fig. 70: [D01 P16] F17v

inimigos regozijo (velhaco; de Valacco; como bougre de Bul^{gare})
 A gralha diz: este enganador onde senta? Pela gazella
 dicto: de mim) ^{de carne} (mansa = carne; russo miãso) avido está

inimigos regozijo (velhaco; de Valacco; como bougre de Bul^{gare})
 A gralha diz: este enganador onde senta? Pela gazella
 dicto: de mim) ^{de carne} (mansa = carne; russo miãso) avido está

Fig. 71: [D01 P21] F20

sim dicto: De calor (gharma; neo persa ~~gharm~~ garm; θερμος; al. e
 ing. warm; garaim irl.) vexado não assim em bem frias aguas

sim dicto: De calor (gharma; neo persa ~~gharm~~ garm; θερμος; al. e
 ing. warm; garaim irl.) vexado não assim em bem frias aguas

Fig. 72: [D01 P26] F22v

Osso sem dentes cão como com lingua (djihrā; em zend hiziva
 em neo persa zeban; z = dj. hv = w ou b; em russo yezuk) lam
 be ~~sen~~ (ledhi por ~~lehd~~ lehdi; lehti; de lis; λειχω; lingo; goth.
 laiō; al. lecken; ing. lick; lécker; $\text{P.P.}^2 = \text{lakak}$) só

Osso sem dentes cão como com **lingua** (djihrā; em zend hiziva
 em neo persa zeban; z = dj. hv = w ou b; em russo yezuk) lam
 be ~~sen~~ ^{de} (ledhi por ~~lehd~~ lehdi; lehti; de lis; λειχω; lingo; goth.
 laiō; al. lecken; ing. lick; lécker; $\text{P.P.}^2 = \text{lakak}$) só

Fig. 73: Maço 041 – Doc. 1064 Cat B [D02 P06] F26

venerand (āyā; or, aqagioxw = digno bem; ars, arzen) de
 amigo aquisição (tābā; rap) avido (aru-ta = aruo; inel
 tas, chens; chens; Aluva = gloria; slava (or glorioso; como os a
 sig = or nobres) ayora por noi (asmābhis; a nobil. Ayora

veneravel (ārya; ar; αρρισχω = dispòr bem; ars; αρειη) de amigo aquisição (lābha; λαβ) ouvido (Çru-ta= χλυτοσ; incli_tus; cliens; cluens; slava= gloria; slavos (os gloriosos, como os a_rios= os nobres) agora por nos (asmābhis; a nobis). Agora

Fig. 74: [D02 P19] F35

Assim meditando (ā loschayāmi = ad-luceo) de senā = exercito) tendo ido Dadhikarna de nome gato na sua caverna de excellen- te carne manjar dando ~~com~~ a custo ~~conduzido~~, sustentado. D'este por medo o rato fóra não sahe. Por isto este leão

Assim meditando (ā loschayāmi = ad-luceo) de senā = exercito) tendo ido Dadhikarna de nome gato na sua caverna de excellen- te carne manjar dando ~~com~~ a custo ~~conduzido~~, sustentado. D'este por medo o rato fóra não sahe. Por isto este leão

Fig. 75: [D02 P30] F40v

laya (de ahi Malabār = terra^{em} língua malayalim; dravadica (em saansc. dravida) da terra a esta cidade chegado. E lá de cortezan

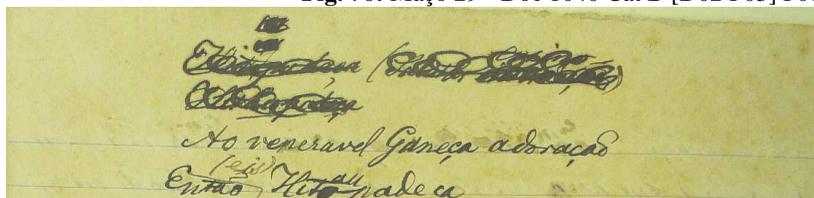
laya (de ahi Malabār = terra^{em} língua malayalim; dravadica (em saansc. dravida) da terra a esta cidade chegado. E lá de cortezan

k) Rasura transparente:

Em *Mitralābha*, D. Pedro inicia o seu texto propondo e eliminando em seguida a transcrição do título (Hitopadeça) e sua tradução para o português (ensino salutar), o que se pode notar no que chamo aqui de “rasura transparente”. Neste tipo de rasura, apesar da eliminação, é possível ler a palavra que ele pretendia ocultar da tradução. Possivelmente, o cancelamento ocorreu porque nem o título nem sua tradução estão presentes no início do texto, que abre diretamente com uma saudação ao deus *Ganeśa*. Na segunda tentativa de transcrever o título, o tradutor comete um deslize, sugerindo a palavra “Hitobapadeça” para suprimi-la na seqüência. Parte da palavra

aparece sublinhada, precisamente onde ele insere a sílaba *-ba*, assinalando talvez alguma dúvida sobre a escolha do termo que conduziu ao seu corte. No prólogo do *Hitopadeśa*, o autor marca literalmente o início do texto e D. Pedro assim também o faz, propondo inicialmente “Então Hitopadeça”. Logo após, traça uma linha para acrescentar o advérbio “eis” entre as duas palavras, completando a ideia de ponto de partida que é, como já dito, literalmente expressa no texto fonte. Abaixo, excerto do início da tradução de D. Pedro II. Note-se que mais uma vez o tradutor parece inseguro em relação à palavra “Hitopadeça”, acrescentando o ditongo *au* como um substituto da vogal *o*, possivelmente influência da língua francesa, já que as duas vogais, reunidas, representam graficamente o fonema /o/. Deste ponto em diante, D. Pedro II mantém uma padronização, utilizando sempre a palavra “Hitopadeça”:

Fig. 76: Maço 29 - Doc 1040 Cat B [D02 P03] F01



~~Hitopadeça (Salutar~~ ^{ensino}
~~Hitopadeça~~
 Ao veneravel Ganeça adoraçãõ
 (eis)
 Então Hitopadeça

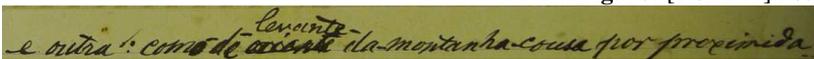
Este tipo de cancelamento está presente em toda a tradução e apresenta uma especificidade. Em alguns casos, o monarca exclui uma palavra e a restitui de imediato, em outros, ele sugere algum sinônimo ou equivalente para substituir o termo eliminado:

Fig. 77: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P06] F02v



proteger; protectus) e ~~fazendo~~ fazendo sciencia fa

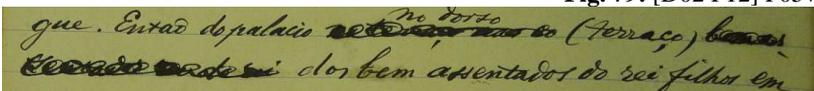
Fig. 78: [D02 P11] F05



*Levante
e outra: como de ~~ocidente~~ da montanha-cousa por proximida*

e outra: como de ^{levante}~~ocidente~~ da-montanha-cousa por proximida_

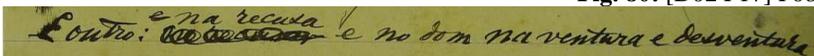
Fig. 79: [D02 P12] F05v



*que. Então do palacio ~~no dorso~~ ~~no dorso~~ (terraço) ~~ben as~~
~~sentados~~ ~~do rei~~ dos bem assentados do rei filhos em*

que. Então do palacio ^{no dorso} ~~no terraço~~ (terraço) ~~ben as~~
~~sentados~~ ~~do rei~~ dos bem assentados do rei filhos em

Fig. 80: [D02 P17] F08



E outro: ~~no recusa~~ e na recusa e no dom na ventura e desventura

E outro: ~~no recusa~~ e na recusa e no dom na ventura e desventura

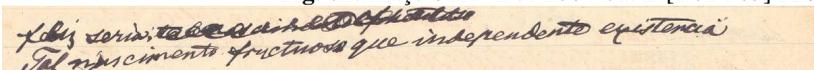
Fig. 81: [D02 P01] F09



da por juramento em nome da ~~verdade~~ ^{verdade}

da por juramento em nome da ~~verdade~~ ^{verdade}

Fig. 82: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P05] F28



*feliz seria. ~~tal nascimento fructuoso~~ ^{tal nascimento fructuoso}
Tal ~~nascimento fructuoso~~ que independente existencia*

feliz seria. ~~tal nascimento fructuoso~~
Tal ~~nascimento fructuoso~~ que independente existencia

Fig. 83: [D02 P16] F33v

que ouvido por ti tambem não commum ruido grande. Do som por natureza
natureza d'este animado por força mesmo mui grande a ser. Damanaka

que ouvido por ti tambem não commum ruido grande. Do som por natureza
natureza d'este animado por força mesmo mui grande a ser. Damanaka

Além disso, a “rasura transparente” marca também o deslocamento de certo termo ou expressão. É, portanto, um cancelamento provisório, pois o morfema excluído voltará ao curso do texto mais adiante, conforme exemplos abaixo:

Fig. 84: [D02 P04] F01v

tuus; ~~quem~~ mim suff. = quem tem o seu) Este ~~senhõr~~ da
terra senhõr ouviu uma vez a dualidade de verso (dous

tuus; ~~quem~~ mim suff. = quem tem o seu) Este ~~senhõr~~ da
terra senhõr ouviu uma vez a dualidade de verso (dous

Fig. 85: [D02 P09] F04

dem (tem bom exito) negoei feitos (negocios) não por

dem (tem bom exito) negoei feitos (negocios) não por

Fig. 86: [D02 P14] F06v

dearroz batido
re) (tandula) os grãos ~~olhou~~. Então ~~o rei~~ dos pombos o rei are

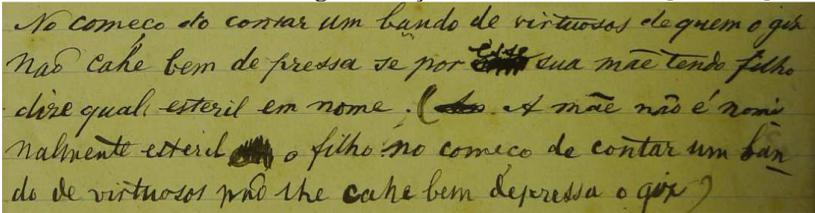
dearroz batido
re) (tandula) os grãos olhou. Então o rei dos pombos o rei are

1) Reorganização morfossintática:

Uma das tipologias encontrada nos manuscritos de tradução de Pedro II diz respeito à reorganização da estrutura morfossintática da sentença traduzida. Assim como a “opção em aberto”, o monarca

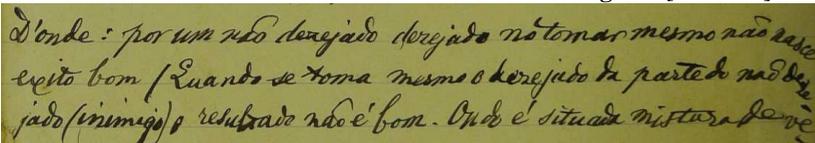
apresenta essa reestruturação sintagmática como uma possibilidade válida, não demonstrando, porém, preferências entre a primeira versão, fruto de um primeiro jorro criativo; e a segunda alternativa, já devidamente retrabalhada. Excetua-se aqui o fólio 08v, que comentarei mais à frente. Essa tipologia, em número reduzido no montante geral do trabalho, é também um indicativo de uma tendência *target oriented*, apesar de a tradução estar guiada predominantemente pelo sistema-fonte. Caso a reordenação morfossintática fosse avaliada como insatisfatória pelo tradutor, ele ainda poderia reconsiderar a primeira opção apresentada, mais condizente com a sintaxe do original em sânscrito e por isso, com a proposta de tradução. A seguir, alguns excertos ilustrativos desse tipo de ocorrência:

Fig. 87: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P05] F02



No começo do contar um bando de virtuosos de quem o giz não cahe bem de pressa se por ^{esse} ~~esse~~ sua mãe tendo filho dize qual esteril em nome. (A ~~esse~~ A mãe não é nominalmente esteril ~~o~~ o filho no começo de contar um bando de virtuosos não lhe cahe bem de pressa o **giz**)

Fig. 88: [D02 P15] F07



D'onde: por um não dezejado dezejado no tomar mesmo não nasce exito bom / Quando se toma mesmo o dezejado da parte do não dezejado (inimigo) o resultado não é bom. Onde é situada mistura de ve_

Fig. 89: [D01 P31] F25

Todas as venturas d'esse satisfeita de quem a mente
De sapato escondido o pé de tendo (de quem tem) certa-
mente de couro coberta a terra (Quem julga ter
todas as venturas é como quem tendo sapato de cou-
ro crè a terra coberta d'este)

Todas as **venturas** d'esse satisfeita de quem a mente
De sapato escondido o pé de tendo (de quem tem) certa-
mente de couro coberta a terra (Quem julga ter
todas as venturas é como quem tendo sapato de cou-
ro crè a terra coberta d'este)

Fig. 90: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P19] F35

D'este por medo o rato fóra não sahe. Por isto este leão
não cortada (kchata; κχαινω) a juba tendo (não sendo a ju-
ba cortada) bem dorme. Do rato o som quando quando ou

D'este por medo o rato fóra não sahe. Por isto este leão
não cortada (kchata; κχαινω) a juba tendo (não sendo a ju-
ba cortada) bem dorme. Do rato o som quando quando ou

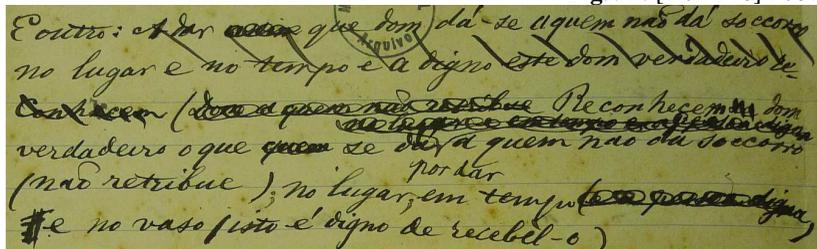
Fig. 91: [D02 P23] F37

Oh rei que momento doudo pobre que carru
(Oh rei doudo quem não faz casto um momento ou
E aido: (mas não casto)
pobre de carru)

Oh rei que momento doudo pobre que cauri
 (Oh rei doudo quem não faz caso d'um momento ou
 E outro: (não faz caso, pobre de cauri)

No fólio 08v, a reorganização morfossintática, exaustivamente retrabalhada, culminou no corte da primeira versão indicada pelo tradutor. Interessante notar que a rasura que suprimiu a sentença expressa anteriormente é constituída por traços que se assemelham a barras e isso difere, por exemplo, do cancelamento que demonstrava parte do processo de reestruturação da frase, composto basicamente de movimentos circulares semelhantes a garatujas:

Fig. 92: [D02 P18] F08v



E outro: A dar assim que dom dá-se a quem não dá socorro no lugar e no tempo e a digno este dom verdadeiro re- conhece(m) (dom a quem não retribue Reconhecem em si dom verdadeiro o que quem se dá a quem não dá socorro (não retribue); no lugar, em tempo (esta pessoa digna) e no vaso (isto é digno de recebê-lo)

Já no fólio 16, a redistribuição morfossintática não acontece a partir da reescritura completa da sentença, como ocorreu nos exemplos acima. Desta vez, o monarca enumera as palavras, indicando a ordem em que deveriam aparecer na nova construção:

Fig. 93: [D01 P13] F16



3 2 4 1 8
 Um (só) com efeito amigo virtude na morte (ni= infra; dhan,
 Com o corpo ^a semelhante (sama; opoo) ^{B. avacoos} ⁷ ⁶ ⁵
 Se alguém come a carne de alguém ^{mesmo segue que} ^{destruição}

m) Tradução de nomes próprios:

Antes de trazer a lume elementos dos manuscritos de tradução de D. Pedro II para ilustrar esta seção, julgo pertinente apresentar algumas considerações acerca da conceptualização de nomes. Para tal, busco referências em Fernandes (2004). De acordo com Crystal (1997), citado pelo autor, a ciência que se ocupa do estudo dos nomes é conhecida como “onomástica”. De origem grega, tal ciência que emergiu na metade do século XIX é um ramo da lexicografia que mantém fortes laços com a História e Geografia. Isso porque a onomástica subdivide-se em “toponímia”, que explora o nome dos lugares, sua origem e evolução; e “antroponímia”, que se debruça sobre o estudo dos nomes próprios de pessoas, sejam eles os prenomes ou os nomes de família. Em linhas gerais, segundo Fernandes (2004), o termo “onomástica” é usado para se referir aos nomes de pessoas enquanto a “toponomástica” busca essencialmente o estudo dos nomes de lugares. Porém, esta categorização encerra uma arbitrariedade, se pensarmos, por exemplo, que muitos topônimos já foram nomes de pessoas (a cidade Imperial de Petrópolis provém de Pedro, o imperador que a idealizou); ou que alguns nomes de família se referem a lugares (Dumont, sobrenome de origem francesa que, etimologicamente, designa o local de residência do primeiro portador desse nome). Ademais, outras categorias de nomes são excluídas à medida que se privilegiam apenas essas duas subdivisões, como o nome de instituições, objetos e alimentos em geral.

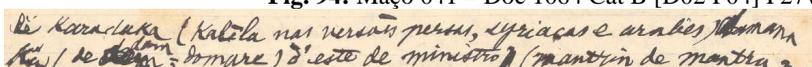
A natureza essencial dos nomes também é frequentemente descrita pelas diferenças entre nomes próprios e comuns. Os primeiros são expressões linguísticas que constituem um subconjunto próprio da classe dos designadores, ou termos singulares, ou ainda expressões

referenciais singulares. São, portanto, expressões empregadas com o intuito de referir, relativamente a dado contexto de uso, um e um só item ou objeto específico (MURCHO et al., 2006). Esse conjunto de expressões agrega vários termos que, quando utilizados, referem-se especificamente a um único objeto. Os nomes comuns, no entanto, podem se referir a objetos e eventos, mas não estabelecem uma relação de referência da mesma forma que os nomes próprios e geográficos. Isso porque os nomes comuns designam todos os objetos que possuem determinada característica para serem classificados como pertencentes a uma dada espécie. Desta forma, o objeto “cadeira” assim será denominado se possuir as características próprias daquele conjunto de objetos.

Nesta pesquisa, tomo emprestado o conceito de nome descrito por Nord (2003) e apresentado por Fernandes (2004): palavra usada para identificar um referente, seja ele uma pessoa em específico, um animal, lugar ou objeto. Tal definição contempla as modalidades que considero aqui como nomes próprios: os substantivos usados para designar os nomes dos personagens (tanto humanos quanto os animais das fábulas), os nomes das deidades hindus e os nomes geográficos (topônimos em geral). Nota-se, na tradução de D. Pedro II, grande preocupação com essas categorias de nomes, como exemplificarei adiante.

A análise dos manuscritos de tradução do *Hitopadeça* revela uma particularidade no que tange a traduções de nomes próprios. Ao se deparar com os substantivos próprios, especialmente a denominação dos personagens, o tradutor não se preocupa apenas em transcrevê-los ou adaptá-los à escrita em língua portuguesa, mas procura traduzi-los na tentativa de aproximar o possível leitor do significado daqueles termos. No entanto, a particularidade reside na técnica utilizada pelo governante para traduzir tais substantivos, pois quando se depara com o mesmo nome, em alguns casos, ele tenta traduzi-lo novamente, não se contentando com a primeira versão proposta. Percebe-se a utilização dessa técnica observando-se, por exemplo, a tradução do nome de um dos personagens principais da seção *Suhridbheda*, o chacal *Damanaka*. No fólio 27v, o chacal é mencionado pela primeira vez e o tradutor já inicia o processo de tradução daquele nome, sugerindo o significado do prefixo *dam-*:

Fig. 94: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P04] F27v



o Karadaka (Kabila nas versões persas, syriacas e arabes) ~~Manan~~
da (de ~~dam~~ ^{dom} = domare) d'este de mimistro) (manan de manha)

de Karadaka (Kalila nas versões persas, syriacas e arabes) **Damana**
ka (de ^{dam} domare) d'este de ministro (mantrin de mantra =

No fólío subsequente, o tradutor apresenta duas opções em latim para descrever a definição do nome do mesmo personagem. Já no fólío 32, o monarca assinala sua dúvida com relação ao termo traduzido e, ainda no mesmo fólío, apresenta uma análise mais refinada para aquele substantivo, fracionando a palavra no radical *damana-* e sufixo *-ka*:

Fig. 95: [D02 P05] F28



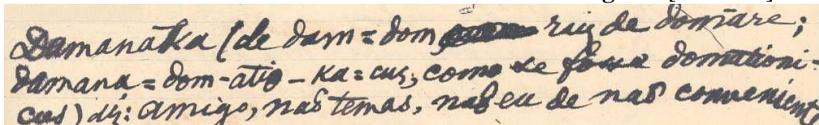
Damanaka (damana= domatio; domationicus?) diz: amigo

Fig. 96: [D02 P13] F32



conhecer signal? Damanaka (domado?) diz: ~~af~~:

Fig. 97: [D02 P13] F32



Damanaka (de dam= dom ~~raiz de domare~~; damana= dom -atio -ka= cus; como se fosse domationi-cus) diz: amigo, não temas, não eu de não conveniente

Fato semelhante ocorre com a tradução do nome do leão Pingalaka, o rei da floresta que é enganado pelos dois chacais. Em vários momentos de sua tradução, D. Pedro II (re)traduz o nome daquele personagem, buscando assim uma opção que seja mais adequada para a sua versão. Novamente, a tradução se atém ao processo de formação de palavras e os resultados se sustentam nas análises da raiz e do sufixo da palavra em questão, sugerindo uma composição por aglutinação:

Fig. 98: [D02 P04] F27v

van; vala = valor) mugiu. Nesta floresta Pingalaka (ruivo)
de nome leão (-sinha; talvez de sah; ερω) com seus braços

van; vala= valor) mugiu. Nesta floresta Pingalaka (ruivo)
de nome leão (sinha; talvez de sah; ερω) com seus braços

Fig. 99: [D02 P14] F32v

Então damanaka (de dam = domare) com espanto como de pin-
galaka (avermelhado; pingala = avermelhado; suf. ka) ~~em~~ ^{al} pro-

Então damanaka (de dam= domare) com espanto como de pin-
galaka (avermelhado; pingala= avermelhado; suf. ka) ~~em~~ ^{al} pro-

Fig. 100: [D02 P21] F36

Então os dous Sandjivaka ^{em} não muito longe collocando de Pin-
galaka (Pingala ou pinga; de pingere; suff. la e ka) na

Então os dous Sandjivaka ^{em} não muito longe collocando de Pin-
galaka (Pingala ou pinga; de pingere; suff. la e ka) na

No fólho 37, entra em cena o leão Stabdhakarna, irmão de Pingalaka, cujo papel na história é o de alertar o rei sobre a má conduta dos chacais Damanaka e Karataka. O significado do seu nome, portanto, apresenta características físicas para descrever alguém que está a par do que acontece no mundo ao seu redor, de quem está “atento” ou de “orelha em pé” e não está alienado, percebendo de imediato a postura imprópria dos personagens da narrativa. D. Pedro se vale dessa característica física para explicitar o significado daquele nome, buscando a seguir bases em dois idiomas – inglês e alemão – para amparar a sua tradução, como se pode constatar nos excertos:

Fig. 101: [D02 P23] F37

leão irmão de Stabdhakarna (sujeito, orelha de nome leão)

leão irmão Stabd^hkarna (rigidas, orelhas de nome leão

Fig. 102: [D02 P24] F37v

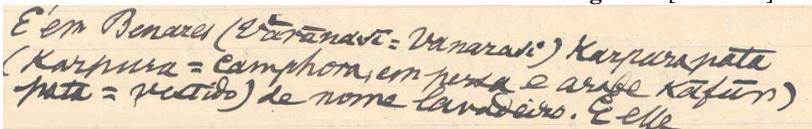


Stabd^hkarna (stiff ing. al. steif = rigidus) diz: ouve, irmão

Stabd^hkarna (stiff ing. al. steif = rigidus) diz: ouve, irmão

Ao se referir ao segundo chagal da história principal do *Suhridbheda*, o personagem Karataka, D. Pedro II o apresenta do fôlio 27v ao 30v como Karadaka, assumindo a escrita correta Karataka nos demais manuscritos. Nesse caso, o monarca não se preocupa em traduzir este nome, apenas menciona no primeiro fôlio em que o personagem aparece que se trata do correspondente do chagal *Kalila* das versões persas, siríacas e árabes. D. Pedro II também demonstra conhecimento de persa e árabe ao analisar o nome do personagem Karpurapata que, segundo o próprio imperador, significa aquele que é/está “vestido de cânfora”. Este personagem é o protagonista da história “O burro e o cão”. Abaixo, trecho com a proposta de tradução para o nome do personagem:

Fig. 103: [D02 P07] F29



É em Benares (Vārānasī = Varanasi) Karpurapata
(Karpura = camphora, em persa e árabe Kāfūr)
pata = vestido) de nome lavadeiro. E elle

É em Benares (Vārānasī = Varanasi) Karpurapata
(Karpura = camphora; em persa e em árabe Kāfūr)
pata = vestido) de nome lavadeiro. E elle

Ao traduzir o nome de localidades, regiões ou cidades, o processo é o mesmo, partindo o tradutor sempre da formação da palavra. É o caso da cidade Hastināpura, cuja tradução, após decomposição do vocábulo, passou a ser denominada como “cidade de elefante”. Nos outros exemplos, o imperador também se vale da etimologia da palavra a ser traduzida:

Fig. 104: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P17] F08

De antigo rei de Hastinapura (De-elefante-cidade)
(outro nome de elefante ibha; ^{Hasta = mão; tromba, in = suf. fixo possessivo})

de antigo rei de Hastinapura (De-elefante-cidade)
(outro nome de elefante ibha; ^{Hasta = mão; tromba, in = suf. fixo possessivo})

Fig. 105: [D01 P10] F14v

Ambos disserão: como isto? A gralha conta: ha de Bhāgī-
rathi (Ganges / rio do rei Bhagīratha = bhagī = feliz; ra-
tha, carro; rota; rei que alcançou a descida do Ganges) na mar

Ambos disserão: como isto? A gralha conta: ha de Bhāgī-
rathi (Ganges / rio do rei Bhagīratha = bhagī = feliz; ra-
tha; carro; rota; rei que alcançou a descida do Ganges) na mar

Fig. 106: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P18] F34v

É de Arbuda (cem milhões), çikhara (= picos) (nome actual
do monte Abu) de ^{nome} ~~nome~~ na montanha Mahā (= magnus;
μεγας; mihil al. antigo) vikrārna (= vi = dis - kram = andar

É de Arbuda (cem milhões) çikhara (= picos) (nome actual
do monte Abu) de ^{nome} ~~nome~~ na montanha Mahā (= magnus;
μεγας; mihil al. antigo) vikrārna (= vi = dis - kram = andar

As deidades hindus presentes no texto também não passaram ilesas durante o processo de tradução. Novamente, o imperador preocupou-se em explicar o significado dos nomes próprios, neste caso, do panteão indiano, fato constatado nas passagens a seguir:

Fig. 107: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P13] F06

Chegando como segundo Kṛyānta (Kṛya = feito de kar- ^{= fazer; te- = ir})
ta = fim; end); isto olhando pensou. Hoje (adya = hoje)

chegando como segundo Kryptānta (kryta=feito de kaf^{fir})
 ta= fim; end); isto olhando pensou. Hoje (adya= hodie) un-
 deus da morte)

Fig. 108: [D01 P26] F22v

Por isto, oh Narada (nome deva/rshi (divino rishi) filho de Brah-
 ma) das mulheres virtude (Satī= boa; a suttie dos ingleses)

Por isto, oh Narada (nome deva/rshi (divino rishi) filho de Brah-
 ma) das mulheres virtude (Satī= boa; a suttie dos ingleses)

Fig. 109: [D01 P27] F23

E dicto: Uçanas (filho de Kavi (poeta) e preceptôr dos Asu-
 ras (os deuses) sabe que sciencia (A sciencia que sabe

E dicto: Uçanas (filho de Kavi (poeta) e preceptôr dos Asu-
 ras (os deuses) **sabe** que sciencia (A sciencia que sabe

Fig. 110: [D01 P30] F24v

dão, a velhice o encanto, de Hari (sobrenome de
 Vischnú; verde; fulvo; amarello) e Hara (sobreno-
 me de Çiva; captivante) a invocação o crime,

dão, a velhice o encanto, de Hari (sobrenome de
 Vischnú; verde; fulvo; amarello) e Hara (sobreno-
 me de Çiva; captivante) a invocação o crime,

Fig. 111: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P27] F39

natos ornada Lakschmī (belleza) como harpa alaúde
 do fallar moça uma certa vê-se. Então eu a este tendo

natos ornada Lakschmī (belleza) como harpa alaúde **fazem**
 do fallar moça uma certa vê-se. Então eu a este tendo **do navio**

Fig. 112: [D02 P30] F40v

Āditya= filho da deusa Adyti= in-disivel= sol lua= tchandra;

Fig. 113: [D02 P30] F40v

de kash = friccionar, para tirar **fogo**) trabalhado **vetāla** (^{espírito}~~espírito~~ demoneos) na cabeça joia uma suspensão é

Ao analisar os manuscritos de tradução de D. Pedro II, fica perceptível a influência de outros idiomas na grafia de algumas palavras nas transcrições para o português. Há grande influência da língua alemã na grafia de vários termos, tanto em substantivos comuns quanto em nomes próprios. Podemos observar o fonema /ʃ/, representado em vários termos pelas letras *sch*-: *schakal*, *Vischnuçarman*, *vrischabha*, *rāschasa*. Para representar o mesmo fonema, Sebastião Rodolpho Dalgado utilizou a letra *X* em sua tradução. Vale ressaltar ainda mais uma vez que o mestre orientalista do monarca, Seybold, professor de árabe e sânscrito, era um alemão que o acompanhou durante muitos anos de sua vida, inclusive no período de exílio da família imperial.

n) Transliteração:

Esta recorrência se refere a um método empregado pelo tradutor que consiste em transcrever foneticamente alguns termos do original em sânscrito logo após a escolha da palavra que se ajustaria em língua portuguesa. A transliteração aparece ora sozinha no corpo do texto, ora seguida de reconstituição etimológica ou de análise gramatical do morfema que ele vertia para o português naquele momento. A transliteração perpassa todo o trabalho do monarca, o que indica que seu conhecimento de sânscrito não era algo superficial. Está presente inclusive na tradução do *Suhridbheda*, cujo texto base foi a edição de Peter Peterson (1887). A proposta de Peterson não se constitui em uma tradução interlinear, portanto não há transliteração do sânscrito para o alfabeto latino como um recurso de apoio. O *Handbook* de Müller,

utilizado na primeira etapa do trabalho, também não apresenta a transliteração a partir da metade final do livro, mas D. Pedro continua realizando essa operação, como é possível observar nos exemplos:

Fig. 114: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P10] F04v

brilho da esmeralda[~] (māarakata; σμαραγδος) ^{assim}

brilho da esmeralda[~] (māarakata; σμαραγδος) ^{assim}

Fig. 115: [D01 P03] F11

reza dos magnanimos (mahā-atman)

reza dos magnanimos (mahā-atman)

Fig. 116: [D02 P02] F09v

ja. Paz seja sempre o regozijo de todos os mantenedores da terra victoriosos ("Sandhi ~~so...~~ ^{sarvamahî} ~~so...~~ ^{bujâm} vijayinâmastu pramada sadâ")

ja. Paz seja sempre o regozijo de todos os mantenedores da terra victoriosos ("Sandhi ^{sarvamahî} ~~so...~~ ^{bujâm} vijayinâmastu pramada sadâ")

Fig. 117: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P29] F40

por este vaqueiro o nariz (nāsikā; dim. de nāsā) ^{corta} da (tchinna = part. pas. de tchid = scindo). E chegada es

por este vaqueiro o nariz (nāsikā; dim. de nāsā) ^{corta} da (tchinna = part. pas. de tchid = scindo). E chegada es

Fig. 118: [D02 P35] F43

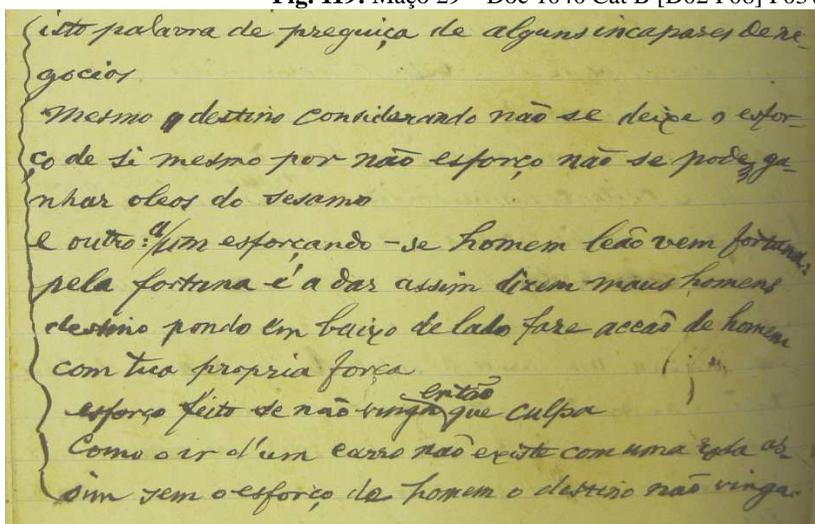
do-se procece (prantchakvam) ~~so...~~ ^{oz cinco dentes - ido.}

do-se pereceu (pantchatram= de =
os cinco elementos -ido.

o) Trechos destacados:

Algumas páginas dos cadernos de tradução de D. Pedro II apresentam trechos em destaque. É o que acontece, por exemplo, no fólio 03v, em que o tradutor lança mão de um traçado na margem esquerda da folha, realçando praticamente a metade final da tradução. O mesmo tipo de rabisco estará presente em mais da metade do fólio 04 e sinaliza, juntamente com traçado da página anterior, uma parte do conteúdo em verso do prólogo da obra. O segmento citado não apresenta muitas intervenções, o que torna difícil precisar o verdadeiro motivo para tal procedimento. Não parece que o traço seja um indicativo de que o excerto carecesse de uma retradução. Talvez o imperador quisesse, simplesmente, sinalizar que toda aquela parte não pertencia ao texto em prosa:

Fig. 119: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P08] F03v

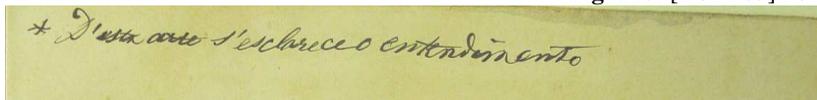


isto palavra de preguiça de alguns incapazes de re-
gócios.
mesmo q destino considerado não se deixa o esfor-
ço de si mesmo por não esforço não se pode ga-
nhar oleos do sesamo
e outro: ^{sem} esforçando-se homem não vem fortuna
pela fortuna é a das assim dizem maus homens
destino pondo em baixo de lado fare accão de homem
com tua propria força
esforço feito de não ^{então} vinga que culpa
Como o ur d'um carne não existe com uma esca de
sim sem o esforço de homem o destino não vinga

isto palavra de preguiça de alguns incapazes de ne_
gócios
mesmo // destino considerando não se deixe o esfor_
ço de si mesmo por não esforço não se pode ga_
nhar oleos do sesamo
e outro: ^a/um esforçando-se homem leão vem fortuna:
pela fortuna é a dar assim dizem maus homens
destino pondo em baixo de lado faze accão de homem
com tua propria força então
esforço feito se não vingã, que culpa
como ir d'um carro não existe com uma roda as_
sim sem o esforço de homem o destino **não** vingã.

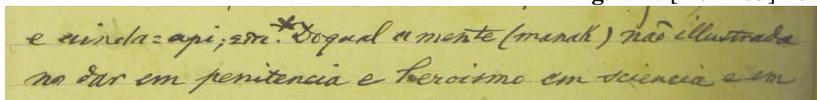
O tradutor utiliza também alguns sinais gráficos em seu texto, como asteriscos para a remissão de notas explicativas, como no fólho 02; e um símbolo em forma de X, que demarca o diálogo presente no fólho 37 entre dois personagens do enredo principal do *Suhridbheda* e faz as vezes de um *travessão*:

Fig. 120: [D02 P05] F02



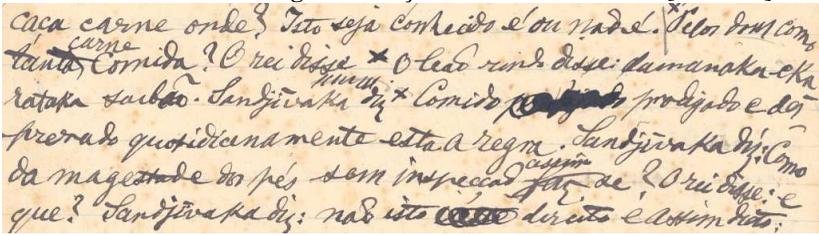
* D'esta arte s'esclarece o entendimento

Fig. 121: [D02 P05] F02



e ainda= api; Σπλ.* Do qual a mente (manak) não illustrada nos dar em penitencia e heroismo em sciencia e em

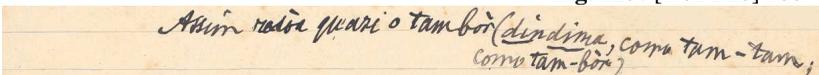
Fig. 122: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P23] F37



caça carne onde? Isto seja conhecido é ou não é. Pelos dous como
 tanta ^{carne} comida? O rei disse * O leão rindo disse: damanaka e Ka
 rataka saibão. Sandjivaka diz * Comido ~~prodigado~~ prodigado e des-
 prezado quotidianamente esta a regra. Sandjivaka diz: Como
 da magestade dos pés sem inspeção ^{assim} faz-se? O rei disse: e
 que? Sandjivaka diz: não isto ~~direito~~ direito e assim dicto:

Além disso, alguns termos ou parte de palavras aparecem sublinhados, eventualmente um indício de que a escolha teria ocasionado uma análise mais aprofundada, como acontece no fôlio 35v. Neste caso, o tradutor parece querer definir a escolha do termo “tambor” a partir da onomatopeia que a transliteração da palavra *dindima* produz, daí a necessidade de sublinhar as sílabas do vocábulo, como que representando as batidas daquele instrumento musical:

Fig. 123: [D02 P20] F35v



Assim recôa quazi o tambor (dindima, como tam-tam;
 como tam-bôr)

Finda a fase de análise genética, cabe destacar alguns pontos relevantes do processo criativo de D. Pedro II. A metodologia estabelecida pela CG permitiu examinar as recorrências presentes nos cadernos de tradução de D. Pedro II em pelo menos dois movimentos distintos, porém complementares. O primeiro deles permite visualizar a complexidade do processo que envolve a prática tradutória. As rasuras que determinaram o corte e a seleção de novas palavras, as hesitações

que culminaram em campanhas de reformulação ou que simplesmente não foram propriamente solucionadas e as várias pesquisas e leituras que dialogavam diretamente com o texto traduzido são apenas alguns dos exemplos mais significativos que permitem ao geneticista acompanhar a produção em toda a sua completude. O segundo movimento pode ser tomado como um testemunho do comportamento tradutório de D. Pedro II. Sua prioridade estava em produzir uma tradução mais condizente com as teorias tradutórias em voga naquele período, ou seja, o produto final estava mais voltado para o texto de partida do que para a cultura que o receberia. Mas como defende Venuti (2002), se a “domesticação” acaba por se tornar inevitável mesmo em projetos de tradução mais conservadores, o trabalho do monarca tradutor também não escaparia à regra. Daí alguns lampejos, mesmo que sutis, dessa tendência na prática tradutória de Pedro II.

A abordagem metodológica aplicada nesta pesquisa torna possível participar, de algum modo, do momento de criação do texto, ofício este laborioso e que, no imaginário coletivo, é atribuído simplesmente a um dom especial. No caso da tradução imperial, puderam-se revisitar os caminhos percorridos no momento de criação de D. Pedro II, em que cada rasura carrega as oscilações entre uma escolha por determinada palavra ou outra, os anseios e as hesitações presentes na configuração de seu texto. Ao privilegiar a análise genética, há uma valorização desse material “engavetado” que permite entender, além da figura curiosa do imperador, alguns testemunhos de um momento histórico representativo para o país. Talvez o mais importante a ser sublinhado esteja justamente no papel que a tradução exerceu para o sujeito liminar Pedro d’Alcântara e que o estudo sistemático do prototexto permitiu entender um pouco melhor. Mais que um “passaporte” para o ingresso naquele prestigiado universo letrado que ele tanto concorreu, ou de um mero recurso para o aprendizado de um idioma estrangeiro, a tradução pode ter contribuído também em um projeto mais amplo e audacioso, o de construção da identidade da jovem nação brasileira.

A escolha precisa de textos representantes de polissistemas periféricos e culturalmente marcados, como é o caso do sânscrito, bem como a tentativa de traçar paralelos e destacar pontos de convergência entre línguas e culturas tão distantes entre si, atestam a conduta contra-hegemônica adotada por D. Pedro II e que tinha a tradução como instrumento preferencial. Obviamente, as escolhas tornaram-se não só fontes de conhecimento sobre a língua, mas também de ideologias,

valores, povos, costumes e das culturas em que estavam imersas. Mesmo com todo o fascínio que a Europa exercia sobre a intelectualidade brasileira do século XIX, o representante máximo do poder hegemônico nacional, o imperador D. Pedro II, foi buscar também em domínios extra-europeus elementos para a formação literária e cultural de seu império. Assim a tradução, desvencilhada de sua esfera estritamente linguística, funcionou como um canal privilegiado para constituir um projeto político e cultural novo e totalmente original para o país. As análises do prototexto, então, suplantam de vez toda e qualquer visão ingênua ou simplista de um monarca diletante que se debruçava no estudo de línguas como um recurso válido somente para impressionar seus contemporâneos europeus.

5 EDIÇÃO GENÉTICA DO *HITOPADEÇA* POR D. PEDRO II

Neste capítulo, apresento a edição genética da tradução inédita do livro do *Hitopadeśa*, compilação de contos e apólogos escritos originalmente em sânscrito e traduzidos para o português por D. Pedro II. Conforme mencionado anteriormente, a obra em questão está dividida em quatro partes. A tradução do monarca é um trabalho parcial e compreende as duas primeiras seções da obra, além de ter ele traduzido as páginas finais da última parte do livro, intitulada *Sandhi* (Reconciliação/Paz).

Do *Mitralābha* (Aquisição dos amigos), D. Pedro traduziu, além do enredo principal, as seguintes histórias:⁴⁷

- O tigre e o viadante;⁴⁸
- O veado, o chacal e o corvo;⁴⁹
- O abutre, o gato e as aves;
- História de Hiranyaka;
- O homem velho e sua mulher moça.

Da segunda parte da obra, intitulada *Suhridbheda* (Desunião dos amigos), o imperador traduziu a história principal e as seguintes fábulas secundárias:

- O macaco e a cunha;
- O burro e o cão;⁵⁰
- O leão, o rato e o gato;
- A medianeira e a sineta;⁵¹
- As aventuras de Kandarpaketu, da mensageira e do mercador;⁵²
- A vaqueira e os seus dois amantes;
- O casal de corvos e a serpente;⁵³
- O leão e o coelho.⁵⁴

O *Hitopadeśa* apresenta também um prólogo atribuído ao autor da edição, Narayana, e é neste momento que Visnuśarman, um dos narradores da história, é apresentado como o tutor dos filhos do rei e

⁴⁷ Como já afirmado anteriormente, D. Pedro II não atribuiu subtítulos para as histórias, por isso utilizo aqui a edição de Dalgado (1897), indicando, quando necessário, as diferenças encontradas na tradução de D. Pedro II.

⁴⁸ O monarca se refere a um tigre e um *viajòr*.

⁴⁹ D. Pedro menciona, além do chacal, a *gazela e a gralha*.

⁵⁰ Em algumas passagens, Pedro II se refere ao *asno* e ao *cão*.

⁵¹ A *alcoviteira* e a *campainha*, na tradução imperial.

⁵² *Kandarpaketu, alcoviteira e o mercante*, em D. Pedro II.

⁵³ Pedro II cita o *casal de galhas* e a *serpente*.

⁵⁴ *Lebresinha (sic)*, na tradução imperial;

começa a contar as fábulas. D. Pedro II traduziu também o referido prólogo.

Nas páginas que seguem, o leitor terá acesso aos manuscritos tradutórios de D. Pedro II em cópia digital⁵⁵ ladeados pelas transcrições em modalidade diplomática do material autógrafo do imperador.

⁵⁵ Conforme mencionado anteriormente, o uso de imagens neste trabalho foi autorizado pela direção do Museu Imperial através do Requerimento 09/2015 (IBRAM-SGI-01439/000394/2015-11).

~~Chitragupta~~ (Chitragupta)

~~Chitragupta~~

As reverend Ganeça adoração

Então ^{peço} Nitropadeça

Por êxito na empresa dos bons seja por favor de
 Dharmjati (Fardo-Cabellas - fardo do mundo na cabeça) do qual
 na cabeça um dedo da lua como suava rica da escuma de Jeth-
 nari (De Jeth Jahnur (Folho de ^{luz} ~~luz~~; de han = mater)
 ouvido o Nitropadeça este da doutrina em dictos sanskritos
 em toda variedade de vozes (palavras) e sciencia de procedi-
 mento.



Um prudente ~~peço~~ ^{medita} sciencia e bens como não envetlo-
 cendo não morrendo como agarrado nos cabellos pela mor-
 te compra o directo

Em todas as coisas dizem suprema coisa certamente a
 sciencia pela qualidade de não ser tirada pela inapprecia-
 bilidade e pela indestruibilidade sempre

Como corrente mesmo indo baixo alcança o mar assim a
 sciencia conduz um homem a um rei ~~ou~~ difficilmente
 attingivel d'ahi suprema ventura

A sciencia da modestia pelo modestia ~~de~~ attinge-se a ca-
 poudade pela capacidade aquire-se riqueza pela riqueza
 merito d'ahi ventura

A sciencia da arma e da lei duas sciencias para ganhar
 a primeira para vivo na velhice a segunda ~~de~~ honrada
 sempre

~~Hitopadeça~~ (Sazuta ~~ensino~~)
~~Hitopadeça~~
Ao veneravel Ganeça adoração
(eis)
Então ^{au} Hitopadeça

Bom exito na empreza dos bons seja por favôr de Dhûrjati (Fardo-cabellos-fardo do mundo na cabeça) do qual na cabeça um dedo da lua como uma risca da escuma de Jâh navī (De ~~J~~ Jahnû (Filho de ~~de~~ ^{Kuru}; de han= matar) ouvido o hitopadeça este dá dextreza em dictos sanskritos em tudo variedade de vozes (palavras) e sciencia de procedi_ mento.

Um prudente ~~de~~ medita sciencia e bens como não envelhe_ cendo não morrendo como agarrado nos cabellos pela mor_ te cumpre o direito.

Em todas as cousas dizem suprema cousa certamente a sciencia pela qualidade de não ser tirada pela inapprecia_ bilidade e pela indestructibilidade sempre Como corrente mesmo indo baixo alcança o mar assim a sciencia conduz um homem a um rei ~~de~~ difficilmente attingivel d'ahi suprema ventura

A sciencia dá modestia pela modestia ~~de~~ attinge-se a ca_ pacidade pela capacidade adquire-se riqueza pela riqueza merito d'ahi ventura

A sciencia da arma e da lei duas sciencias para ganh_o a primeira para riso na velhice a segunda é honrada sempre



de decoração / ^{com copias} ^{com factus} ~~sam~~ ~~nar~~ ~~ti~~ = confectio, sanikrita) que
imprada em novo (nava; navê loc.) vaso não de outro
modo torna-se. ^{Quo venel est imbita recens} ^{perabit odorem}
^{vesta diu (Flor. 4. 1, 2, 68)}
de fabula pelo disfarce por uso aqui conta - se obo pro
cedimento para os meninos

De amigo aquisicao, de compranhico separacao; ^{vi-di; graf=me} ^{re-de-a}
e tambem ^{sam=cum; dha; promere; SUV. 02610} reconciliacao ^{devenhao - se extrahindo do tantcha =}
^{guerra}

Певре; quingue; púnt; fire; tantra = livro; de tanta; tantra = fio,
método; e de pitra collecção de palavra composta)

^{Chag; mathif; italo}
Ha na margem da ^{chaga = ventura - rãtra = casta; carro; do}
ta (Suetem o caso da ventura) é desinencia feminina - O
Ganges -) a cidade nomeada ^{Patali = arroz que}
amadurece durante a ^{varsa = estacao da chuva} pitra =
filho. Ahi era de homens senhor (rei) nome Tu = bem-
daesana = vista dando de todas as qualidades de sua-
suus; ~~min~~ min suff. = quem tem o seu) Este ^{casta} da
terra senhor ouveu uma vez a dualidade de verso (obus
versos) recitada por quem:

A sciencia dissipante de não uma (muitas) duvida fa-
zendo ver coisa alem do olho olho de tudo de quem não
é cego certamente esse

A mocidade ^{juventus} (Jauranam), de rigera ^{fronde; na} ^{casta} senho-
ria; feita de deliberacao ^{melano} ^{casta} ^{reconcilio} ^{dis-}

A decoração (sam Kâr a= ^{com crear} confectio; ^{con-fectus} sanskrita) que impressa em novo (nara; navê loc.) vaso não de outro modo torna-se Quo semel est imbuta recens ^{servabit} ~~adorem~~ de fabula pelo ^{Testa diu (Hor. ep 1,2,68)} disfarce por issô aqui conta-se o ~~pro~~ procedimento para os meninos ^{vi=dis; grah=pre} De amigo aquisição; de companheiro separação; guerra ^{herdere} e também reconciliação ^{sam= cum; dhâ; ponere: συν-εσσυο} (desenhão-se extrahindo do Pantcha= ^{πεντε; quinque; fünf; five; tantra= livro; de tantu; tantra= fio;} methodo; e de outra colleccão)

Bhâgirathi (^{de palavra composta} de palavra composta) Ha na margem da ^{Bhaga=ventura - ratha=rota; carro; ro} ta (Que tem o carro da ventura) ĩ desinencia feminina - 0 Ganges-) a cidade nomeada ~~Patali~~ Pâtali= arroz que amadurece durante a varsa= estação da chuva) putra= filho. Ahi era de homens senhor (rei) nome su= bem-darsana= vista dando de todas as qualidades de sva= tuus; ~~mim~~ ^{mim suff.= quem tem} o seu) Este ~~senhor~~ da terra senhòr ouviu uma vez a dualidade de verso (dous versos) recitada por alguem:

A sciencia dissipante de não uma (muitas) duvida fa zendo vèr cousa alem do òlho òlho de tudo de quem não é cego certamente esse

A mocidade (Yauvunâm); ^{Juventus} de riqueza posse; a ~~senho~~ ^{mesmo} ria; falta de deliberação um e um (cada ~~uma~~ des

* Nesta arte s'esclarece o entendimento

vantajoso quanto mais onde a quaternidade (tetartus = $\frac{1}{4}$)
tuor - tayam; quaternitas)

Assim ouvindo este rei afflictado de espirito (ut = ex-vidj =
tremes - manus = mens; nevos) pela ^{nao prosecuçãõ da} ~~ciencia~~ Sciencia
dos proprios filhos que não apprenderam as sciencias
sempre indo por devrios ~~obscuro~~ reflectiu

Que vantagem por filhos nascido que não sabio, não
virtuoso (~~nao~~; de charma = lei), ou que ~~casou~~ com outro
cego de outro dor certamente só (certamente só com
dor de outro)


~~Dor~~ não nascido; moito, esta vida q' melhor os dous primei-
ros e não o ultimo; os dous primeiros fazendo dor uma
vez, mas ultimo passo passo (a cada passo)

Então. Este nascido ^{de} qual nascido a ^{alcança, e val-}
tação ^{na mesma} ~~tação~~ ^{circumverente} ~~tação~~ ^{circum de ver}
tente ^{quem trou} ~~tação~~ ^{perverente} ~~tação~~ ^{circum de ver}
morte ^{morte} ~~tação~~ ^{morte} ~~tação~~ ^{morte}
morte ^{morte} ~~tação~~ ^{morte} ~~tação~~ ^{morte}
morte ^{morte} ~~tação~~ ^{morte} ~~tação~~ ^{morte}

No começo do contar um bando de virtuosos de quem o gar-
não cake bem de pressa se por ~~esta~~ sua mãe tendo filho
dize quali esteril em nome, ~~(isto a mãe não é nomi-~~
nalmente esteril ~~o~~ o filho no começo de contar um ban-
do de virtuosos ~~nao~~ cake bem de pressa o gar-
e ainda: api, zoi. * Do qual a mente (mens) não illustrada
no dor em penitencia e heroismo em sciencia e em

* D'esta arte s'esclarece o entendimento

vantajoso quanto mais onde a quaternidade (tchatur = qua-
tuor - tayam; quaternitas)

Assim ouvindo este rei afflicto de espirito (ut = ex-vidj =
tremer - manas = mens; μevos) pela ^{não prosecução da} ~~ciencia~~ sciencia
dos proprios filhos que não apprenderam as sciencias
sempre indo por desvios ~~de~~ ^{de} ~~liberou~~ reflectiu

Que vantagem por filho nascido que não sabio, não
virtuoso (~~de~~ ^{(dhārmikā respeitador da lei} ~~de~~ dhārma = lei), ou que ~~coisa~~ com olho
cego de òlh'o d'òr certamente só (certamente só com
d'òr de òlho)

^{Dos} ~~de~~ não nascido; morto; estúpido **■** melhor os dous primei-
ros e não o ultimo; os dous primeiros fazendo d'òr uma
vez mas o ultimo passo passo (a cada passo)

E então. Este nascido ~~pele~~ qual nascido a ^{alcança exal-}
tação ^{no mundo} ~~no~~ nato familia assequitur ^{circumvertente} exal-
tationem in mundo ~~de~~ (parivartin) ~~■~~ circum se ver-
tente ^{quem pois} ~~quis~~ ^{pervertente} tandem mortuus non nascitur

No começo do contar um bando de virtuosos de quem o giz
não cahe bem de pressa se por ~~esse~~ ^{esse} sua mãe tendo filho
dize qual esteril em nome. (~~A~~ A mãe não é nomi-
nalmente esteril ~~de~~ o filho no começo de contar um ban-
do de virtuosos não lhe cahe bem depressa o **giz**)

e ainda = api; Επι.* Do qual a mente (manak) não illustrada
nos dar em penitencia e heroismo em sciencia e em



ganhar bens da mãe excremento certamente ~~de~~
 E contra. melhor um virtuoso filho e não com bon-
 dos ~~de~~ lua só mata trevas e não os rebanhos de
 estrellas (tara, star; stem 2079, stella, ^{stella} sidre,
 Gether)

Porquem penitencia ^{muito} difficil algures (onde tambem)
 em santo lugar de peregrinacao (tirtha, tri = transi-
 re tha = stha? locus) feita d'este o filho torna-se
 obediente ~~seu~~ engrandecido (rico) virtuoso bom de
 intelligencia

De bens chegada (entrada) ~~o~~ continuamente não doença
 e prya (de pri = amar) = amigo e ^{esposa} ~~de~~ ^{Char} ~~Char~~ = feo-
 ya = enda) cara fallando (prya - vadint = dicens) e obe-
 diente (vac; ~~vac~~ ekuv; volens) filho (putra, tabey de pa =
 proteger; protectus) e ~~igualmente~~ ~~fazendo~~ sciencia fa-
 zendo riquera seis (schash) bens do mundo dos nin-
 tes oh rei

Quem rico por muitos filhos alqueires enchendo o cellario
 melhor um familia sustentando d'onde e' ouvido o pae
 Dirida fazedor pae inimigo e mae ^{pelo qual} extra-vagante esposa (de
 de Char = feo - ya = enda) bella (rãpa = forma - vai = fem-
 tendo) inimigo filho (putra de pa? = protayar; ~~o~~ ^o ~~putra~~
 gido, como pithar = pae; o protector) inimigo não ~~visto~~ =
 a priv. pandita (de pand = dicere - doctus)

ganhar bens da mãe excremento certamente **elle**
E outro. melhor um virtuoso filho e não cem dou_
dos ~~só~~ lua só mata trevas e não os rebanhos de
estrellas (tara; star; stern $\alpha\sigma\tau\eta\rho$, stella, ^{persa} sitãre,
E~~s~~ther)

Por quem penitencia ^{muito} difficil algures (onde ~~tambem~~)
um santo lugar de peregrinação (tīrtha, tri= transi
re tha= sth'a? locus) feita d'este o filho torna-se
obediente ~~rico~~ engrandecido (rico) virtuoso bom de
intelligencia

De bens chegada (entrada) ^e continuamente não doença
e prya (de pri= amar)= amigo e ^{esposa} ~~amiga~~ (de ^{bhar} ~~bhara~~ = fero
ya= enda) cara fallando (prya- vādinī= dicens) e obe_
diente (vaç; ~~εκων~~; volens) filho (putra; talvez de pã=
proteger; protectus) e ~~richa~~ ^{fazendo} sciencia fa
zendo riqueza seis (~~schash~~) bens do mundo dos viven
tes oh rei

Quem rico por muitos filhos alqueires enchendo o celleiro
melhor um familia sustentando d'onde é ouvido o pae
Divida fazedor pae inimigo e mae ^{pelo qual} extra-vagante esposa (de
de bhar= fero- ya= enda) bella (rūpa= forma - vati= fem.
tendo) inimigo filho (putra de pã?= proteger; ^o prote_
gido, como pithar= pae; o protectòr) inimigo não sabio=
a priv. pandīta/de pand= ducere - ductus)

Em não pratica (an pr ante vogal abhyasa = ad = esse = pruden-
 tia) veneno (visham = virus) sciencia (vid, oida; vid; vid-
 sen; vido) Em não digestão (a-djirna, in-digestão. loc)
 alimento (bhudj = fructus; fruges) veneno. Veneno reunião
 de pobre (dari dra. de dra = fugir; fuge - fuge) de velho
~~possibilidade~~ ^{vridh} (vridh = crescer - tui = crecido) moça veneno
 de quem quem (cujuscunque) engendrado mesmo ho-
 mem virtude e honrado, e não mesmo de to bamba
 puro (bom) sem corda que fará
 ai ai oh filipinho não lido nas noites as bom pas-
 sadas por isso tu no meio dos sapientes tu enter-
 ras como boi em luma
 por isso como agora ^{estás} de mim filha podem ser
 feitos virtuosos?
 alimento sono (ni-dra, ni = baixo; dra, dormire)
 medo e coito communhão isto dos homens com o gado
 (pacu = pecus, bhū, lat. bus; inat.) a virtude certo d'aquel-
 les ~~que são~~ ^{que são} sobrança da virtude dos
 projados iguaes ao gado ~~por~~ ^{por} is. Plin animal desconhecido da in-
 por isto: cujo um mesmo de virtude de bem se amor de liber-
 tação não existe d'este existencia inutil como de ma-
 mas ~~mas~~ de pescoco de bode (padja, ai; lat. ^{arist} ~~arist~~ agnus.
 e se se diz: idade (aius, aiuv, azi, lat. arum, aetas) ~~do~~ e
 feitura e propriedade sciencia e morte ~~estou~~
 (ni = em baixo)

Em não pratica (an pr. ante vogal abhyusa= ad- esse= presen-
tia¹⁰⁰)/veneno (visham= virus) sciencia (vid; oīṣa; wit; wif-
sen; video) em não digestão (a- dīrṇā; in- digestão. loc)
alimento (bhudj= fructus; fruges) veneno. Veneno reunião
de pobre (daridra; de dra= fugir; fuge - fuge) de velho
(~~crādhā~~ = ^{vridh,} ~~vridh~~ = crescer- ^{p.p.} tā (= crescido) moça veneno.
de quem quem (cujuscumque) engendrado mesmo ho-
mem virtuoso é honrado. Arco mesmo de ~~o~~ bambú
puro (bom) sem corda que fará

ai ai oh filhino não lido nas noites as bem pas-
sadas por isso tu no meio dos sapientes tu enter-
ras como boi em lama

por isso como agora estes de mim filhos podem ser
feitos virtuosos?

alimentos somno (ni- drâ; ni= baixo; δραθειν; dormire)
medo e coito comunhão isto dos homens com o gado ^{traum al. dream ing.)}
(paçu= pecus; bhis; lat. bus; inst.) a virtude certo d'aquel-
les ~~que sobe a dif~~ sobrança diferença da virtude des-
pojados iguaes ao gado *axis. Plinio animal desconhecido da In-
por isso: cujo um mesmo de virtude de bem de ^{dia} amor de liber-
tação não existe d'este existencia inutil como de ma-
mas ~~de~~ de pescoço de bode (adja; αξι; lat. ^{axis*} ~~agnus~~ agnus.
e se se diz: idade (aius; αἰών; αἰ; lat. aevum; aetas) ~~e~~ e
feitura e propriedade sciencia e morte ~~certam~~
(ni= em baixo



dhana; ham nos compostos; 2 barov; Davado; Tod. al.)
 era = certamente; estas cinco mesmo são criadas pelo
 homem estando no utero

e ainda: estados não arbitrariamente (necessariamente)
 futuros tornão - se mesmo dos grandes males de Mi-
 lakantha (Pescoco - azul; Liva) o deitar-se sobre a grola
 de serpente de Ahi (amarello; Vishnu) 3x15; 3x15;
 anquid)

e também: o que não futuro não isto existente (ver) se exis-
 tente não isto outramente assim cuidado veneno matando
 este remedio porque não é bebida

(isto palavra de preguiça de alguns incapazes de re-
 gocios)

mesmo o destino considerado não se deixa o esfor-
 co de si mesmo por não esforço não se pode ga-
 nhar oleos do sesamo

e outro: sem esforçando - se homem leão vem fortuna;
 pela fortuna é a dar assim dizem maus homens
 destino pondo em baixo de lado fare accão de homem
 com tua propria força

esforço feito se não vinga ^{então} que culpa

Como o ur d'un carro não existe com uma roda ab-
 sim sem o esforço, de homem o destino não vinga.

dhana; han nos compostos; ἕαλον; θανατος; tod. al.)
eva= certamente; estas cinco mesmo são criadas pelo
homem estando no utero

e ainda: estados não arbitrariamente (necessariamente)
futuros tornão-se mesmo dos grandes nudez de Nī_
lākantha (Pesçoço- azul; Çiva) o deitar-se sobre a gran_
de serpente de Ahi (amarello; Vishnu) ἔχις; ὄφις;
anguis)

e tambem: o que não futuro não isto existente (será) se exis_
tente não isto outramente assim cuidando-veneno-matando
este remedio porque não é bebido

isto palavra de preguiça de alguns incapazes de ne_
gócios

mesmo // destino considerando não se deixe o esfor_
ço de si mesmo por não esforço não se pode ga_
nhar oleos do sesamo

e outro: ^a/um esforçando-se homem leão vem fortuna:
pela fortuna é a dar assim dizem maus homens

destino pondo em baixo de lado faz accção de homem
com tua propria força então

esforço feito se não vingã) que culpa

como ir d'um carro não existe com uma roda as_
sim sem o esforço de homem o destino **não** vingã.

e assim o ^{d'}feito feito anterior nascença, isto o destino é
 dito de por isto de homem por feito - esforço faça-se
 infatigado

(como obreiro faz para ^o bola de argila que quer
 assim homem attinge o feito feito por elle mesmo
 como a gralha e o coeco o destino mesmo tendo visto ^o
 pelo Tesouro (nikhi; embaixo - por) em frente attingido
 nad elle mesmo toma do homem o esforço aguarda
 pelo esforço ^{para cima} (ut; ariante y, w; yam = furar) pois succe-
 dem (tom ~~o~~ bom exito) ~~o~~ feitos (negocios) nad por
 desejos (mano - ratha; mentis - roca; curvas) nad pois de
 adormecido (supta, p. pas. de swap; sopio; sopor; vovos; som-
 nus) leão entra na bocca os antilopes

menino d'virtude vai trabalho feito de ^{mãe} e pae nad com
 meirada (samente) pela sahida do utero filho fica ^{na} pan-
 ditah (de pand = reunir; panda = sciencia)

mãe inimiga pae adversario por quem o menino não é
 feito ler não se distingue (este) no meio de reunias como
 grou no meio de gansos (handa; X, v; gans. al. anser. lat.)

doados de forma (Bekera) e de juventude (yauvana) de no-
 familia originarios de sciencia privados nad se distin-
 quem como os Kincaka (kin = gae; caka = papagaio; bita
 frondeja = palhaça = carne-comer)

e assim: um feito feito^{d'} anteriõr nascença isto o destino é diz-se por isso de homem por feito esforço faça-se infatigado

como obreiro faz para si de bola de argila que quer assim homem attinge o feito feito por elle mesmo como a gralha e o cocco o destino mesmo tendo visto ~~para~~ tesouro (nidhi; embaixo- pòr) em frente attingido não elle mesmo toma de homem o esforço aguarda pelo esforço ~~para~~ ^{=para cima} (ut; adiante y, ud; yam = puxar) pois succedem (tem bom exito) ~~negoci~~ feitos (negocios) não por desejos (mano- ratha; mentis- rota; curvas) não pois de adormecido (supta; p. pas. de svap; sopio; sopor; unvoc; somnus) leão entra na bocca os antilopes menino á virtude vae trabalho feito de ~~se~~ ^{mãe} e pae não com medida (somete) pela sahida do utero filho fica ~~pan~~ ditah (de pand= reunir; pandā= sciencia) mãe inimiga pae adversario por quem o menino não é feito ler não se distingue (este) no meio de reunião como grou no meio de gansos (hansa; χην; gans. al. anser. lat.) dotados de forma (belleza) e de juventude (yauvana) de *nobre* familia originarios de sciencia privados não se distinguem como os kinçuka (kin= que; çuka= papagaio; fruta frondoça= palça= carne- comer).



(doído) (mūrka; de ~~outra~~ murtohh; desfallecer; murcho?) mes-
mo distingue-se tanto em reunião de vestidos vestida (ou
travestida) e tanto distingue-se doído quando não al-
gũa cousa falla

isto deliberando este rei de sabios reunião tendo feito,
e rei disse eh; eh! sabios ouvi ha alguẽm tal tornado
sapiẽte que de mim dos filhos sempre em desobediên-
do não tendo ^{lido} ~~lido~~ os tratados de sciencia pelo ensino
dos tratados de procedimento moral ^{na} ~~na~~ regenera-
cãõ a fazer ca paz (sam-cum; artha = res; convenien-
te)

porisso: vidro (kãtcha = cristal de rocha de Kãntcha =
brilhar) pelo fogo de ouro (Kãntcha-na) recebe
● brilho da esmeralda (mãrakãta; ouzayãdo) ^{abim}
dos bens pelo commercio doude trae a capacidade
e dicto: abaixa-se a intelligencia amigo pelo commer-
cio com os abaixados e com iguaes (sama-de sam, cum
ou, quos; similis; sama; gótico; same ingl.) ^{vae-se a igual}
dade e com distinctas a' distincãõ
então-entre (entretanto) grande sabio nome Vishpãkãma
(de Vãkãna felicidade) essencialmente conhecendo todos livros de
proceder como Prikãspati (de oracão-mente) (ou Vishpãpãti =
do-sacrifício-santo-senhõr, tambem Agni; filho de Agni)

doido (mūrka; de ~~mūra~~ murtchh; desfallecer; murcho?) mes_
{mo distingue-se tanto em reunião de vestidos vestido (vas_
{**tra veshtita**) e tanto distingue-se doido quando não al_
guo cousa falla

isto deliberando este rei de sábios reunião tendo feito,
o rei disse eh; eh! sabios ouvi ha alguem tal tornado
sapiente que de mim dos filhos sempre em **desvios** in_
do não tendo ^{lido} ~~lido~~ os tratados de sciencia pelo ensino
dos tratados de procedimento moral agora ^a ~~regenera~~
ção **a** fazer capaz (sam= cum; artha= res; **convenien**_
te)

por isso: vidro (kātcha= cristal de rocha de Kāntcha=
brilhar) pelo toque do ouro (Kantcha-na) recebe
●brilho da esmeralda~~z~~ (mārakata; σμαραγδος) *assim*
dos bons pelo commercio doudo vae a capacidade
e dicto: abaixa-se a intelligencia amigo pelo **commer**_
cio com os abaixados e com iguaes (sama. de sum; cum
συμ; ομοσ; similis; sama; gothico; same ingl.) vae-se á *igual*_
dade e com distinctos á distincção

então- entre (entretanto) grande sabio nome Vishnuçarma
(de Vishnu felicidade) essencialmente_conhecendo-todos-livros-de
proceder como Prihaspati (de oração-mestre) (ou Vrihaspati=
do-sacrificio- sancto- senhòr; tambem Agni; filho de Angi_

nas, repente do planeta superior e o mesmo planeta) diria
 Oh Deus (oh rei) de grande família - nascido aquelles de sei-filhos
 isto por mim bom proceder ser-gilhos - tomar podem
 por isso: em não cousa (cousa inútil) posto qualquer esforço, ~~o~~
 não é tendo fructo mesmo com cem esforços, grau nas e
~~isto~~ ^{isto} fallar como papoquie
 e outros:

Mas nesta família (go-fra =  manada de go-cow; vaca)
 não nasce descendencia sem-virtude em mina de rubi
 (padma = lotus, nelumbium speciosum) ~~estes~~ ^{esta} nascimento de
 vidro perola (perola ^{e capa = cor} de vidro) de donde (como)
 por isso eu: seis-meses-no intervallo (scham = sek at, antes de
 n; por schasch (Kand ciwas, lat. sex; ~~gax~~; goth. saui, Lith.
 szeszi; ^{schasch} Wu) ~~eu~~ (six)) de ti filhos-de-proceder-dos livros-em-
 cedores - farei. Prei com coteria de novo - disse
 insecto (Kira; xis; de? Kir = ligar) mesmo de flor (su = bom; eu-
 manas, pevis; mens) por-juncção sobe dos bons cabeça
 pedra (agma; akpuw; rsmān persa moderno = ceu; no veda
 montanha celeste) mesmo vae d' divindade por grandes
 bem estabelecida
 e outra: como de ^{levantada} ~~occidente~~ da montanha sua por proximida-
 de ~~reflunde~~ ^{reflunde} assim por proximidade dos bons humilde ^{de} ~~esta~~
 (varna, de vri = esbrui = cor) ~~reflunde~~
 virtudes em conhecedores de virtude virtudes tornão-se aquil-
 las seguindo nas virtudes tornão-se vicijs ~~de~~ ^{(com} ~~de~~ ^{doce} ~~de~~ ^{água)}
 provem rios mar aproximando tornão-se impetavies

ras, regente do planeta Jupiter e o mesmo planeta) dizia
oh deus (oh rei) de-grande-familia-nascidos aquelles de-rei-filhos
isso por mim bom proceder ser-~~feitos~~-tomar podem
por isso: em não cousa (cousa inutil/ posto qualquer esforço ~~de~~)
não é tendo fructo mesmo com cem esforços grou não é
~~feito~~ ^{feito} fallar como papagaio
e outro:

Mas nesta familia (go/ra= ~~uma~~ manada de go= cow; vaca)
não nasce descendencia sem-virtude em mina de rubi
(padma= lotus; nelumbium speciosum,) ~~nascimento~~ ^{de}
vidro- perola (perola ^{e raga=cor} de vidro) de donde (como)
por isso eu: seis- mezes- no intervallo (schan= schat, antes de
n; por schasch (Zend csuvas; lat. sex; ~~g~~εζ; goth. sais; lith.
szeszi; ^{(schesch} و سِت (sitt) de ti filhos-de proceder-dos livros-conhe-
cedores-farei. Rei com-cortezia de novo-disse
insecto (kĪta; χις; de?kit= ligar) mesmo de flor (su= bem; eu-
manas; μνής; mens) por junção sobe dos bons cabeça
pedra (açma; ακμων; āsmān persa moderno= ceu; no veda
montanha celeste) mesmo vae á divindade por grandes
bem estabelecida ^{levante}
e outra: como- de ~~oriente~~ da-montanha-cousa por proximida-
de resplandece assim por proximidade dos bons humilde ^{de} casta
(varna; de vri= cobrir= cor) resplandece
virtudes em **conhecedores** de virtude virtudes tornão-se aquel-
las seguindo **não** virtuoso tornão-se vicios ~~de~~ ^(com doces aguas)
provem rios mar approximando tornão-se impotáveis

isto d'estes nossos filhos do proceder dos livros ao ensino de ti a regra. Assim tendo dicto d'este vishnuçarman com ~~referencia~~ cortezia precedente os filhos ~~estando~~ tendo entre ^{no dorso} gue. Então do palacio ~~no terraço~~ (terraço) ~~com as sentadas do rei~~ dos bem assentados do rei filhos em face de prologo a mado este sabio disse:

De poesia

~~Poesia~~ de livros pelo divertimento o tempo passa dos prudentes e pelo vicio (vy= dis; ~~mas~~ as= atirar; ana suff. dis-persão) dos doudos pelo somno ou pela rixa por isso de vós para divertimento da gralha tartaruga e outros milagrosos conto contarei. ~~Rei~~ Do rei pelos filhos dicto: oh revendo seja contado; Vishnuçarman disse: ouvi; agora De amigos aquisição começa-se de que este primeiro verso (**çloka**)

De amigos aquisição (lābha; λαβανα)

Sem meios de fortunas privados prudentes amicissimos (su= bem- hrid= καρδια de χεαρ; cor; ~~herz~~; heart; tama; timus) acabão cedo (āçu; ωκυ) os negocios como gralha; tartaruga, gazella // rato (ākhu= ākhanjika de **khan** =fossar)

De rei filhos disserão: como isto? Vishnuçarman (ventura-de Vishnu) conta (~~katham~~ ^{katham= como; aya^{ti}= causat. pres. 3ª pessoa} ^{sing.} Ha na margem do Godāvārī (Go= cow; dā= ~~da~~ dans; vara; ifem. suf. **adj.**) grande **arvore** (taru; δρυς= carvalho; tria goth. tree ing.

de çālmali (bombax heptaphyllum; especie de algodoeiro; pai_ não uma
 neira) Lá de diferentes do e região da terra chegando na
 noite alados (passaros) pousão (ni/vas/anti= em baixo- habit
 ao. Então em ^{uma} certa vez em cahida noite em lua (tchandra
 de tchand; candeo= brilho) amiga (masculino em sanskrit) do
 lotus (Kumudini; ku= terra; mud= regozijar-se; nymphaea
 rubra e esculenta; o branco) a magnifica pendente do
 cimo da montanha do poente gralha ^{de nome h} (lagu=levis; ελαχυστο
 ολιγοσ; leger; leicht; light-patana (pat= voar; πιπιω= cahir; ιπιταμολι=
 voar; περον= aza; peto; impetus; penna por petna;) laghupata=
 naka accordada via um caçador (vyādha; ^{ka; terminação de} de vyadh=furar; fe-
 chegando como segundo Krytānta (kryta=feito de kar^{rir}-
 ta= fim; end); isto olhando pensou. Hoje (adya= hodie) un-
 deus da morte/
 de manhã cedo (pratar= prāk; πρωι) certamente inappeteci
 do aspecto nascido (djātam= gnatum); não conheço que não ^(cousa)
 dezejada fará ver. Assim tendo dicto d'esse do seguir pelo
 passo (seguindo a esse) temeroso movido
 por pelo que: ^{de/} cuidada causa mil ^{milhares} (sahāstra; de sahas= força de sah;
 εχω; نغفار; χιλιοι; eolic χεολιοι) e de medo causa cem (centenares)
^{rāzah; persa}
 dia a dia o doudo (mūdhā; part. pas. de muh= estar turbado) penetrão
 não o pandit (pandita= scienciado; de pandā= sciencia; ^{adquiridos} ~~conhe-~~
 cimentos; de pand= reunir)
 e outro: dos sensuaes (vishayin; de vishaya= objecto sensivel
 de vi= dis e si= ligar= desligado; desembaraçado) isto neces⁷

sariamente (a/vacyam; a= privativo; ~~α~~ ἀκων) a fazer levantando-se levantando-se a pensar grande medo imminente (upasthita; υποστῆσις) de morte (marana) indisposição (vy= dis; in; ā= ad; dhi= θεσις) de cuidados (çoka; de çutch= chorar) que hoje (kim= quid,- adya= hodie) succede_rá (ni= embaixo - pat= πιπρω; cahir ish; suff.fut talvez de ish=querer) iati; suf. 3^ap.s.)

Então por este caçador de arroz (tandula; de tand= bater arroz ~~batido~~ batido; joeirado) vrihi/talvez de vrih= crescer ^{arroz} ôpi(α; 3:3 bezitzj.persa; ^{arabe} arózz

grãos espalhando rede é espalhada (vistīrnām; dis-stratum) E este escondido (pra= pro - tchanna; ing. shade; shadow; schatten; σχῶσις) estando estado (sthitah= status) neste mesmo tempo um rei de pombos chamado Tchitra= variegado- griva= pescoço com sequito (pari= περι= em rodã vara; de vri= rodear; varuna= **deus do** ceu estrela de vri= **rodear** ^{de arroz batido} **de** arroz batido) no ar voando (~~vi=~~ vi= dis; sarp= serpe re) (tandula) os grãos **olhou**. Então ~~o rei~~ dos pombos o rei ^{are} arengou os pombos ^{are} arengos dos grãos d'arroz: d'onde aqui na deserta (nir, nis antes de consoante= sem; djana= gens) floresta de arroz dos grãos possibilidade; isto inquirase agora feliz isto não vejo (paçiami; specio; com probabilidade de por esta de arroz dos grãos ~~avidez~~ avidez a nos também assim necessariamente será (bavitavyam= de bhū= ser; bhavita= **tornado**; factus; vya; suff. de necessariade futura; neutro)

de pulveria (kankana; lith. kankalas; polaco kolokol) porem
 pela avides immergido (magna; port. pas. de madgd; mergo
~~lit~~ lit merkii) ^{em} paul (pauka) ~~de~~ ^{su} = Ger. zu.
 dus; do; tara = ação atravessar; loc. ~~z~~ = bem difficil a atra-
 vessar; por velho tigre (vi: di; a = ad; gha gha = fugare)
 alcançado ~~o~~ viajor (pātha = via; ⁱⁿ pāth; al. pjad; suf.
 ika = icu) este morto como (como ^{é morto alcançado} viajor por velho tigre)
 Os pombos disserão: como isto? Este dizia: eu (aham; ego
^{Ger.} ego; egō; ich; am) ^{um} a vez (eka = um; zu; da = suf. de tempo
 no Gorgue do sul (dakshina, de dakka = dexter; dezús = me-
 ridional orientado; região do sul o Dekkan) indo via: um
 velho tigre tendo se banhado (snāta p. pas. de snā; vāo; na
 re) kuca ^{italuz} de kuç = ~~bruhā~~ o por cynosurroides, erra em
 pregada de tempo ^{no culto dos Aryas} na mão
 à borda d'um lago ^{de} eh; eh, viajor esta de ouro (su = bu
 vama = cor) pulveria seja tomada. Então pela cobra (shobhā
 libet; lubet; love; lieben; litgu. lith.) arrastado por certo viajor e
 pensado: por ventura isto succede; comtudo neste perigo da
 alma (de mim mesmo) o procedimento não deve ser despoite.
 D'onde: por um não desejado ^{de} desejado não tomar mesmo não sabe
 exito bom (Quando se toma mesmo o desejado da parte do não dese-
 jado (inimigo) o resultado não é bom. Onde é situada mistura de ve-
 nenos mesmo ambrosia (amritam = in-mortalis; apūgōra) ^{lida}
 para morte
 Comtudo ^{proceder} em tudo no gampo de fortuna o ~~procedimento~~ ^{proceder} é certamen-
 te perigo

de pulseira (kankana; lith. kankalas; polaco kolocol) porem pela avidez imergido (magna; part. pas. de madgdg; mergo lith merkiu) ^{em} paul (panka) ~~b~~ su= bem; ευ; dus; δυσ; tara= acção atravessar; loc. † = bem difficil a atravessar; por velho tigre (vi= dis; a= ad; ghra= fragare) alcançado ^{ing.} viajòr (patha= via; πατισ; path; al. pfad; suf. ika= icus) este morto como (como ^{é morto alcãncado} **viajòr** por velho tigre) os pombos disserão: como isto? Este dizia: eu (aham; ego εγόν; εγύ; ich; ^{bret.} am) **uma** vez (eka= um; εισ; da= suf. de tempo) no bosque do sul (dakshina; de daksha= dexter; δεξιός= meridional orientado; região do sul o Dekkan) indo via: um velho tigre tendo se banhado (snāta p. pas. de snā; raio; na re) **kuça/ talvez de kuç= brilhar**; o poa cynosuroides; erva ^{em} pregada de tempos remotos no culto dos Aryas) na mão á borda d'um lago diz: eh; eh, **viajòr esta** de ouro (su= boa varna= còr) pulseira seja tomada. Então pela cobiça (lobh_a= **libet**; lubet; love; lieben; lúbyu. lith.) arrastado por certo viajòr é pensado: por ventura isto succede; comtudo neste perigo da alma (de mim mesmo) o **procedimento** não deve ser disposto. D'onde: por um não dezejado dezejado no tomar mesmo não nas_{ce} exito bom /Quando se toma mesmo o dezejado da parte do não de_{ze}jado (inimigo) o resultado não é bom. Onde é situada mistura de venenos mesmo ambrosia (amritam= in- mortalis; αμβροσια) lá para morte

Comtudo em tudo no ganho de fortuna o ^{proceder} ~~procedimento~~ é certamen_{te} te perigo

E assim dicto: não, perigo não montando (afrontando), homem
 Couzas fúteis vê
 perigo, contrariamente, montando e vive, vê
 isto acamino agora; em alta voz diz: onde beti - pubesce. O
 tigre não extendendo faz vê. O viajor dizia: Como de
 morte avido em ti confiança (vivava; vivas - vivi = respi-
 ra). O tigre disse: ouve, eh viajor! Outros certamente da
 juventude (yauvana) na cidade muito mal procedido era,
 (avam; eram) de não um boi e homem pela morte de mim
 os filhos mortos e esposas e de família privado eu então
 por ^{certo} homem honesto eu instruido: dar lei, tendo primeiro (outro
 cousas) exerce tu. Dête pela instrução agora eu o banho, por
 costume elador (dātār) velho perdidas garças (nakha, o. x. 3; i)
 e dentes (danta) como não de confiança em posição
 Onde: sacrifício, estudo, dom penitencia, verdade, firmeza
 paciência e continência (a priv. taba = libido) assim ca-
 minho este da lei octoplice nomeado

Lá seccão (parga de orj = ecluir) dos primeiros quatro (teta-
 tur; quator) sus exercidos (seo; os sepopae; segue) mesmo na
 apparencia mas a ultima seccão de quatro esta certamen-
 te na magnanimidade (mahātman)

E de mim tanta de cobiça separação pela qual em mão
 não estando também de ouro pulveria a qualquer dar pu-
 to. Assim mesmo o tigre homem come assim do mundo
 preconceito difficil de prohibir

Por isto: precedentes a tras seguindo mundo e alcovizaria

e assim dicto: não, perigo não montando (affrontando), homem
cousas felizes vê.

perigo, contrariamente, montando se vive, vê

isto examino agora; em alta voz diz: onde de ti pulseira. O
tigre mão extendendo faz vêr. O viajør dizia: como de
morte avido em ti confiança (viçvasa; viçvas- imi= respi
ro). O tigre disse: ouve, eh viajør! outrora certamente da
juventude (yauvana) na idade muito mal procedido era;
(asam; eram) de não um boi e homem pela morte de *mim*
os filhos mortos e esposas e de familia privado eu .Então
por^{certo} homem honesto eu instruido: dar lei, tendo primeiro (e outras
cousas) exerce tu. D'este pela instrucção agora eu o banho *por*
costume dador (dātār) velho perdidas garras (nakha; o.vuξ;)
e dentes (danta) como não de confiança em posição

D'onde: sacrificio, estudo, dom penitencia, verdade, firmeza
paciencia, continencia (a priv. loba = libido) assim ca
minho este da lei octoplice nomeado

Lá secção (varga de vrj= excluir) dos primeiros quatro (tcha
tur; quator) são exercid^s (sev; ~~σεβουαι~~; sequi) mesmo na
apparencia mas a ultima secção de quatro está certamen
te na magnanimidade (mahātman)

E de mim tanta de cobiça separação pela qual em mão
~~estando~~ estando tambem de ouro pulseira a qual quer **dar** que
ro. Assim mesmo ~~o~~ tigre homem come assim do mundo ~~o~~
preconceito difficil de prohibir

Por isto: precedentes atraz seguindo mundo ~~o~~ alcoviteira

professora exemplifica a nós em virtude como de boi matador mes-
 mo um ~~boi~~ binascido (dvi = deo, lés, djà = gnátas) (brahmanes)
 E por mim (me-que) ~~em~~ li livros liados, escrita
 No deserto (marupithala = de mar = meri; sthali = lugar, sta-
 bulum; al. stall) como chuva (vrishhti; vrish = regar) na
 fome no vexado manjar assim a pobre dá-se don (dhanam)
 com fructo (phal = fender) de ~~gana~~ pandu (paulito; nome
 de antigo rei de Hastinapura (de elephante cidade)
 (outro nome de elephante ibha, ~~2~~ ^{flata = mão, tromba, m = 4} ^{flato = artigo} ^{flato = artigo arabe al ou el.}
 ebun; ivory; ivory; ~~2~~ ^{flato = artigo} ^{flato = artigo arabe al ou el.}
 oh filho ^{flato = artigo} ^{flato = artigo arabe al ou el.}
 A vida como de si mesmo querida dos entes também a
 quella assim, de ~~si~~ ^{si} mesmo pela comparação nos
 a misericórdia farem bons.
 E outro: ~~na recusa~~ ^{e na recusa} e no don na ventura e desventura
 no querido malquerido de si mesmo por comparação
 homem alcança regra
 E outro: mãe como de outrem na esposa, de outrem nos
 bens gleba como si mesmo em todos os entes quem se
 este sabio (sabio este que vê todos os entes como si
 mesmo, os bens de outrem como gleba, esposa de outrem
 como mãe)
 E tu muito ~~afado~~ ^{afado} mal ido ferr ~~isto~~ ^{isto} isto a ti dar com
 esforço eu; e assim dicto os pobres ^o sustenta (bhara
 fer) de Kunti (mãe de Pandu) oh filho nao (mãe, m)
 dá a possuidor (rico) riqueza; a in com modo remedio
 conveniente (pathya; de patha; path; pfad; maca) dum ^{isto}

professora exemplifica a nós em virtude como de boi matador *mes*
 mo um ~~boi~~ bisnascido (dui= duo; bis; dja= gnatus) (brahmane)
 E por mim (me-que) **da** lei livros lidos; escuta
 No deserto (marusthala= de mar= mari; sthali= lugar; sta-
 bulum; al. stall) como chuva (vrishti; vrish= regar) da
 fome no vexado manjar assim a pobre dá-se dom (danam)
 com fructo (phal= fender) de ~~p~~ pandu (palido; nome
 de antigo rei de Hastinapura (De-elephante-cidade)
 (outro nome de elephante *ibha*; ελεφαντος, <sup>Hasta= mão; tromba. in= suf-
 fixo possessivo)</sup> artigo arabe al ou el;
ebur; ivoire; ivory; ~~ض~~ ^{lit= elephante= mar-fim)}
 oh filho

A vida como de si mesmo querida dos entes também a-
 quella assim, de ^{si} ~~assim~~ mesmo pela comparação nos en-
tes misericordia fazem bons.

E outro: ~~no recusar~~ ^{e na recusa} e no dom na ventura e desventura
 no querido malquerido de si mesmo por comparação
 homem alcança regra

E outro: mãe como de outrem na esposa, de outrem nos
 bens gleba como si mesmo em todos os entes quem vê
 este sabio (sabio este que vê todos os entes como si
 mesmo; os bens de outrem como gleba, esposa de outrem
 como mãe)

E tu muito ~~triste~~ mal ido por ~~isto~~ isso isto a ti dar com
 esforço eu; e assim dicto os pobres ~~sustenta~~ (bhara
 fer) de kunti (mulher de Pandu) oh filho nao (mã; ^{μαη})
 dá a possuidor (rico) riqueza; a incommodado remedio
 conveniente (pathya; de patha; path; pfa; ^{belellium=frecha ervada)} παθος) d'um são

que com remedios
 Coutos: ~~at dar~~ ~~o que dom~~ dá-se a quem não dá do coelho
 no lugar e no tempo e a digno este dom verdadeiro de
~~Coat ceer~~ (dom a quem não ~~restitue~~ Re conhece ~~o dom~~ dom
 verdadeiro o que ~~peça~~ se dá a quem não dá do coelho
 (não retribue); no lugar, em tempo ~~(no tempo)~~ ^{por dar} digno
~~¶~~ e no vaso frito e digno de recolê-lo)
 Por isto aqui no lago falando-te de ouro a peloeira toma;
 então enquanto aquelle confiante nesta palavra por de
 reijo (lobar = lubet, tido) o tanque para banhar de entra
 cinto em grande lamacaal (panka; fange?) submerso pa
 gna part. pas. de ~~capit~~ ~~magi~~ ^{part. 7o} magi = mego) d'escapar incapaz
 (a ~~part. 7o~~ ~~tracham~~ ^{part. 7o} cham = poder - a = suf. adj.)
 No lamacaal cahido (parteta) de pat = cahir, ~~part. 7o~~ tendo ^{part. 7o} visto
 o tigre (vi = dis; a = ad; ghra = chairar) dixia: ai, ai (abaha) em pre
 de lamacaal cahido és; de lá te eu fora estar faco. ~~part. 7o
 do ditto docemente (canais de cana obsoleto = lentis) docemente
 approximando por este tigre agarrado este viajor pensava
 Não: e de lá de lá livro assim causa nom tambem ob Vedali
 tara do para maligno (~~para~~ para confier em maligno); sua ~~co-~~
~~taura~~ indole certamente aqui assim com predomina como
 por natureza doce de vacca leite (~~naturam~~ ^{force} ~~expelles~~)
 tamen usque recurrat. (~~habu~~ le naturel il revient au ge
 lon)
 Esto: indomados sentidos pensamentos dos possuintes, d'el
 phante o banho como procedimento (o procedimento dos~~

que com remedios

E outro: A dar ~~assim~~ que dom dá-se a quem não dá soccorro
no lugar e no tempo e a digno este dom verdadeiro re-
conhecem (~~Dom a quem não retribue~~ Reconhecem ~~em qd~~ dom
verdadeiro o que ~~quem se dá a quem não dá soccorro~~
(não retribue); no lugar; em tempo (~~em a pessoa digna~~)
E no vaso (isto é digno de receber-o)

Por isto aqui no lago banhando-te de ouro a pulseira toma;
então enquanto aquelle confiante nesta palavra por de-
zejo (lobah= lubet; libido) o tanque para banhar-se entra
entretanto em grande lamaçal (panka; fange?) submerso (~~ma~~
gna part. pas. de ~~madre~~ madjdj= mergo) d'escapar incapaz
(~~ã= in~~ ~~ksch~~ kscham= poder -a= suf. adj.)

No lamaçal cahido (patita) ^{part. p} de pat= cahir; πππω) tendo-o visto
O tigre (vi= dis; ã= ad; ghra= cheirar) dizia: ai, ai (ahaha) em gran-
de lamaçal cahido és; de lá te eu f ra estar faço. Assim ten-
do dicto docemente (çanais de çana obsoleto= lentis) docemente
aproximando por este tigre agarrado este viajør pensava

Não: elle lé de lei livro assim causa nem tambem do Veda lei-
tura ~~de~~ para maligno (~~Para~~ para confiar em maligno); sua ~~na~~
tura ~~de~~ indole certamente aqui assim bem predomina como
por natureza doce de vaccas leite (Naturam ^{furca} ~~furcas~~ expellas
tamen usque recurret. Chassez le naturel il revient au ga-
lop)

E isto: indomados sentidos pensamentos dos possuintes, d'ele-
phante o banho como, procedimento (o procedimento dos

Fin

Hipopocrida

A vida certamente dos corporeos lãa agitada a a
 que assim condicionada reconhecendo Constante
 mente Almucha - se para a virtude

Discernindo a vida fragil de momento simulpa
 te à sede do animas (miragem) face se conve
 nis com os nobres para o direito e o bem estar

Por isso por conselho de mim isto mesmo se faça
 Por isso e mil sacrificios de cavallos e a ver
 dade posta na balança a verdade certamente
 te venceria os mil sacrificios de cavallos

Por isso por estes dois mantenedores da terra
 seja concluida a par chamada ouso precedi
 da por juramento em nome da verdade
~~realidade~~

Por abutre disse assim seja

Então pelo rei rei ganso com dadivas de perdas
vestidos e omatos este Ministro longividente hon
 rada regorjado o espírito tomando o gou foi
 para a vitinhanca do rei perais

Ahi pelo rei virugado dispondo dadivas de
honra segundo a palavra do abutre para o
ministro omisciente aprovada a par assim
estipulada Foi expedido para o castello do
 rei ganso

Fim



Hitopadeça

A vida certamente dos corporeos lua agitada n' a
gua assim condicionada reconhecendo continua
mente caminha-se para a virtude

Discernindo a vida fragil de momento similhan
te à sède dos animaes (miragem) faça-se conve
nio com os nobres para o direito e o bem estar

Por isso por conselho de mim isto mesmo se faça

Por isso e mil sacrificios de cavallos e ver
dade posta na balança a verdade certamen
te venceria os mil sacrificios de cavallos

Por isso por estes dous mantenedòres da terra
seja concluida a paz chamada ouro precedi
da por juramento em nome da ^{verdade} ~~verdade~~

O abutre disse assim seja

Então pelo rei rei ganso com dadivas de perolas
vestidos e ornatos este ministro longividente hon
rado regozijado o espirito tomando o **grou** foi
para a visinhança do rei **pavão**

Ahi pelo rei variegado dispondo dadivas de
honra seguindo a palavra do **abutre** para o
ministro omnisciente **approvada** a paz assim
estipulada foi expedido para o **castello** do
rei ganso



elle como rei felicemente seja. Longevidade di: de ^{seu} (senhor) satisfeito a nós o desejado. Agora para a immo-
vel (montanha) Vindhja (cacador; de vid-cacar) vá-se.

Então atinja-se como felicemente seu lugar desejado.

Por Vishnuçarmen (de Vishnu protecção) é dicto.
Convenção agora é narrada (dicta ¹⁸⁴⁰). Outra coisa
que eu conte isto seja dicto. Os filhos do rei disseram:

^{Nobre} ~~estava~~ (estria; d'onde o estriano ~~passo~~; nobre da in-
dia) pela graça de ti conhecido todo o corpo da con-
ducta ~~do~~ de reino. Por isso satisfeitos tornados nã
Vishnuçarmen disse: Assim também outro também isto se-
ja. Para seja sempre o regerijo de todos os mantenedores
da terra victoriosos (Tandhi ^{Sarvamahi} ~~soo~~ bhujim
vijayinãmasta pramoda, sadã)

Os bons sejam longe de desventura dos bemfazejos a fa-
ma longamente cresce (Tantah santa mirãpadah
sukritinãm kirtitichiram ~~reos~~ vardhatãm)

A politica estando continuamente ligada como uma
cortesia do lugar do peito que bair ~~adão~~ o p. locu-
torio (bocca) dos ministros, dia e dia seja grande fes-
ta (Niti ~~na~~ ravilãsinimã nitatan-vakãshah itãhã
samvithã vaktãm tuchumbata mantinãmaharãhã
bhujãm mahãm utvarãh)

Assim no livro de politica Vishnuçarmen (da politica ensinã)
O quarto capitulo de contos nome ~~trã~~ ~~terminã~~

elle com o rei felizmente seja. Longividente diz: ~~se~~ *deus*
(senhôr) satisfeito a nós o dezejado. Agora para a immo-
vel (montanha) Vindhja (caçador; de vid= caçar) vá-se.
Então attinja-se como felizmente seu lugar **dezejado**.
Por Vischnuçarman (De Vischnu protecção) é dicto.
Convenção agora é narrada (dicta ^{como} ~~como~~). Outra coisa
que eu conte isto seja dicto. Os filhos do rei disseram:
^{Nobre} ~~Veneravel~~ (Aria; d'onde o Ariano ~~seja~~; nobre da In-
dia) pela graça de ti conhecido todo o corpo da con-
ducta ~~de~~ de reino. Por isso satisfeitos tornados nós
Vischnuçarman disse: assim tambem outro tambem isto se-
ja. Paz seja sempre o regozijo de todos os mantenedores
da terra victoriosos ("Sandhi ^{sarvamahi} ~~seja~~ bhujâm
vijayinâmastu pramada sadâ")

os bons sejam longe de desventura dos bemfazejos a fa-
ma longamente cresce (Santah santú nirâpadah
sukritinâm kirticçhiram ~~vada~~ vardhatâm)

A politica estando continuamente ligada como uma
cortesã ao lugar do peito que beije ~~o~~ ~~bocca~~ ~~o~~ locu-
torio (bocca) dos ministros, dia e dia seja grande fes-
ta (Nîti ~~seja~~ varavilâsinîva satatam vakaschah sthale
samsthitâ vaktram **tschumbatu mantrinâma** ahar ahar
bhûjânmahân utsavah)

Assim no livro de politica Hitaupadeça (salutar ensino)
O quarto capitulo de contos nome **paz** terminado

q^o possuem sentidos e pensamentos indomados e' como ben
 de elephante (isto e' porque o não muda). Similhante ao
) como succede ao indio que se ba
) não por devocão no ganges
 ornamento d'uma infelix sciencia fardo sem pratica.
^{isso}
~~isso~~ por mim bem não feito que aqui no de morte ardo
 confiança feita
 porque e' hum porque dito: de rios de armas e em maos tenentes
 do de guerra dos de chifre assim confiança não certamen
 te a fazer em mulheres e de reis familias
 e outro: De cadaum examina-se sua natureza não outras
 qualidades, sobrepujando pois qualidades todas ~~estrangeira~~
 do propria natureza a terra de acha
 e outro: esta foi do ceu passeadora dos peccados ^{de} destrui
^{ca} ^{de} ^{centos}
 feitora (dor (daca) centos (Cata; centom, zaxov) ^{centos} raios por
 suadora de astros no meio ~~do~~ corredora; a lua ^(vta)
 mesmo do destino pela determinação e' devorada (gras
 do yguenw; grassen) pelo Rahu (filho de Sinhita (leão). Es
 cripto mesmo na fronte ^{esquivar} ~~esquivar~~ quem capar
 Assim pensando aquelle pelo tigre morto e comido.
 Por isto eu digo: d'uma pulveira pela aridez assim
 primeiro (et cetera). Por isto em todo caso não deli
 berado feito nada a fazer
 Porque: bem digerido manjar; bem prudente filho
 bem ~~esta~~ insubrida mulher rei bem honrado (sev; gag
 oz boque se bem deliberando palavra bem meditando
 o que feito em ^{metno} bem longo tempo ~~metno~~ não vem a d'isso

que possuem sentidos e pensamentos indomados é como banho de elephante / isto é porque o não muda. Similhante aõ
 (como succede aos Indios que se ba^{nhão} por devoção no Ganges)

ornamento d'uma infeliz sciencia fardo sem pratica.

~~Por esse~~ ^{isso} por mim bem não feito que aqui no de morte avido
 confiança feita

~~Porque~~ Assim porque dicto: de rios de **armas** ~~no~~ em mão tenentes
 dos de garra dos de chifre assim confiança não certamen
 te a fazer em mulheres e de reis familias
 e outro: De cada um examina-se sua natureza não outras
 qualidades, sobrepujando pois qualidades todas ~~sobrepuja~~
 da propria natureza á testa se acha

e outro: esta pois do ceu passeadora dos peccados ^{de} destrui
 caõ ^{de} ~~feitora~~ dez (daça) centos (çata; centum, εκατον) ^{centos} raios pos
 suidora de astros no meio ~~da~~ ^{da} ~~corredora~~; a lua (**vida**)
 mesmo do destino pela determinação é devorada (gras,
 γρασίνω; grassen) pelo Rahu (filho de Sinhika (leò)). Es
 cripto mesmo na fronte ^{esquivar} ~~esapar~~ quem capaz

Assim pensando aquelle pelo tigre morto e comido.
 Por isto eu digo: d'uma pulseira pela "avidez assim
 primeiro (et coetera). Por isto em todo o caso não deli
 berado feito não a fazer

Porque: bem digerido manjar; bem prudente filho
 bem ~~mandada~~ mandada mulher rei bem honrado (sev; ~~σεσσαι~~
 σεσσαι) e bem deliberando palavra bem meditando
 o que feito em bem longo tempo ^{mesmo} ~~mesmo~~ não vem a danno

Aquella palavra tendo ouvido ~~em~~ certo pombo com orgulho de:
 ai que assim se diz!
 Dos velhos a palavra ~~da~~ aceitar da infelicidade no tempo
 imminente (cupa: ^{sub}urro - ~~thita~~ - ~~tratu~~) em toda (a outra) parte em
 deliberacao, no gozo não ~~espera~~ ~~de~~ precede.
 Por isso: tir temores todo attingido manjar e bebida da terra
 na superficie, de ~~do~~ onde a fazer ou como a viver
~~em~~ invejosos, comparativos, ~~peca~~ nad satisfeito, irascivo, sempre amedrontado
 e de outro da bens vivente seis estes de infelicidade participes.
 Tito tendo ouvido todos os pombo ahi pousaram
 Por isso: Os tendo (que tem) ~~e~~ bem grandes sciencias mesmo muito
 conhecimento tendo destruidores de duvidas ~~seis~~ ~~de~~ ~~as~~ ~~ligas~~ ^{afflicto}
^(Cavando) ~~dos~~ pela cobica perturbador.
 Outro: Da cobica provera cetera da cobica desejo provera-se
~~do~~ ~~cobica~~ e loucura e destruidor (maça = nep). ~~A~~ ~~co~~ ^{de}
 ca de mau causa
 Outro: Impossivel de ouro corsa existencia ^{afflicto} ^{mesmo}
 Namã cobica a corsa. Ordinariamente ^{trava} ^{de} ^{(pro = pro; i = ir}
~~do~~ ~~co~~ = procedimento) de approssimada de ventura no
 tempo intelligencias mesmo dos homons (pau) maculadas
 (malina ^{gen. pan} de mala (malum; macula; ^{gen. pan} ~~pan~~ ~~ca~~ pedavos)
 sem intervalos an-antaram, a priv. e inter) todos pela rede (pala; de
 dial: cobrir; galea; por que cobre a cabeça?) ligados (haditha
 part. pas. de bandh; el. bindon) tornaram-se. Então
 do qual da palavra (sob palavra) ahi pousados ~~de~~ ~~do~~ ~~dos~~
 accusas (trai = trans - kar = creare; fazer; officere; ~~co~~ ^{deficit}
 vorwerfen)



Aquella palavra tendo ouvido ~~um~~ certo pombo com orgulho disse:
ai que assim se diz!

Dos velhos a palavra ~~da~~ aceitar da infelicidade no tempo
imminente (upa= UNO^{sub}-sthita= status) em toda (a outra) parte com
deliberação, no gozo não ~~emprego-se~~ procede

Por isso: Por temores tudo attingido manjar e bebida da terra
na superfície, ~~ação~~ onde a fazer ou como a vivêr

^{Porem} invejoso; compassivo; ~~perem~~ não satisfeito; irascivo; sempre amedrontado
e de outro dos bens vivente seis estes de infelicidade participes

Isto tendo ouvindo todos os pombos ahi pousaram

Por isso: Os tendo (que tem) bem grandes sciencias mesmo, mui
to conhecimento tendo^e destruidores de duvidas são ~~agora~~ ^{affligidos}
^(quando) dos pela cobiça perturbados

E outro: Da cobiça provem colera da cobiça dezejo procrêa-se;
~~Da~~ cobiça e loucura e destruição (nãça= nex). A cobi-
ça do mau causa

E outro: Impossivel de ouro corsa existencia assim mesmo
Rãma cobiçou a corsa. Ordinariamente ^{praya; de} pra= pro; i= ir
~~procedimento~~ de aproximada desventura no
tempo intelligencias mesmo dos homens (puns) maculadas

(malina, ~~de~~ de mala (malum; macula; ^{gen. pun} μελας; gen. ~~μελανος~~)
Sem intervalo (an-antaram; a priv. e inter) todos pela rede (djãla; de
djal= cobrir; galea; porque cobre a cabeça?) ligados (baddha
part. pas. de bandh; al. binden) tornaram-se. Então
do qual da palavra (sob palavra) ahi pousados este todos
accusão (tiras= trans- kar= creare; fazer; objicere; ~~objectar~~
vorwerfen) ^{objectar}

Por isso e não de um bando d' testa vá, ^{no} ~~sucesso~~ feito igual ao fructo
Se do feito o insuccesso seja quem teve bocca (fallar) então é' Catido.
D'este a accusação ~~de~~ ^{causa} ~~do~~ chitraguira (variegado pescoca) disse não esta
de este culpa ^{accidentes}
Por isso: De desventura ~~accidentes~~ ^{accidentes} com mesmo alcança a causa
lidade (por mesmo um bom pode ser causa) Da mãe perna ^{pega}
torna-se cipo para o ligar do berreiro

Então: Este amigo que de desventurados de desventura de
libertação capax. Mas podem umedrontado de ^{substancia} ~~substancia~~ dos
meios de exprobração sabio (que sabe de exprobrar os meios
de salvacão)

Da desventura no tempo ^{de} ~~de~~ ^{turbacão} ~~de~~ ^{mas} ~~de~~
~~de~~ ^{não} ~~de~~ homem signal

Por isto agora constancia tomando ~~residencia~~ ^{residencia} deli
bere-se

Porque: na infelicidade ^{de} ~~de~~ na elevação modera
ção numa sessad (sadas = sedes) de palavra destora no com
bate bravura. Na gloria desejo applicação no estudo (peru =
cluo, clientes, elientes, nichies; kneos); isto é' perfeito por nãta
ra do magnanimos (mahā-atman)

Na felicidade (cum = cum; pad = ire) de quem não regosijpa
des = vi-ventura = pad ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}
sedeo = Conternacão e no combate ~~contra~~ ^{contra} fermera ^e ~~e~~ ^e este
do mundos tres fronea pera ~~uma~~ ^{uma} ~~uma~~ ^{uma} ~~uma~~ ^{uma} ~~uma~~ ^{uma} ~~uma~~ ^{uma}
raremente (viralam)

Então. Teis (dehadhi) vicio são para deixar aqui por
um homem desejante o bem estar; tomno (ni = emburo; dri =
dormire; dagavuv; suo. drom; dcream; al. traum) indolencia; ma

Por isso: Não de um bando á testa vá; ^{no} ~~na~~ succedido feito igual fructo
Se do feito o insuccesso seja quem teve bocca (fallou) então é batido.
D'este a accusação ^{ouvido} tendo Tchitragriva (variegado pescoço) disse não esta
de este culpa

Por isso: De ^{accidentes} ~~adventos~~ desventuras ~~adventos~~ bom mesmo alcança a causa_
lidade (~~o~~ mesmo um bom pode ser causa) Da mãe perna *pois*
torna-se cêpo para o ligar do bezerro

E outro: Este amigo que de desventurados ~~de~~ de desventura de
libertação capaz. Não porem amedrontado de ^{salvação} ~~salvação~~ dos
meios de exprobração sabio (que sabe só exprobrar os meios
de salvação)

Da desventura no tempo ^{turbação} ~~espanto~~ certamente de ^{mau} ~~mau~~ (~~o~~ *vil* ~~homem~~)
~~homem~~ vil) homem signal

Por isto agora constancia tomando ~~o~~ resistencia deli_
bere-se

Porque: na infelicidade constancia ^e na elevação modera_
ção numa sessão (sadas= sedes) ~~de~~ palavra destreza no com
bate bravura) ^e na gloria dezejo applicação no estudo (çru=
clu; cluentes; clientes; inclitus; κλεος); isto é perfeito por natu_
reza dos magnanimos (mahā-atman)

Na felicidade (sam= cum; pad= ire) de quem não regosijo; na
des= vi- ventura= pad ~~disse di dis= vi- shāda=~~
sedeo= consternação e no combate ~~contra~~ firmeza ~~a~~ este
dos mundos trez honra gera ~~o~~ mãe (jananī= genitive) *filho*
raramente (viralam)

E outro. Seis (schasch ~~//~~) vicios são para deixar aqui por
um homem dezejante o bem, estar: somno (ni= embaixo; drā=
dormire; δραθανα; ~~o~~ sux. drom; dream; al. traum) indolencia; med ~~o~~

Colera; preguiça / palawya subst. abstr. de alasa; alasa = ²o miv e las = ecer
 cer officio); lentidão / dōngha = longo; ²o dōngha = ~~longo~~; que arrastora

Agora também assim faça-se: por todos de um pensamento es-
 tando a rede tomando que se vira no alto.

Porque: ¹⁰ os pequenos mesmo meios reunião negócios terminados.
 Com ~~os~~ palhas tomando qualidade de corda são ligados
 elephantes no cio.

Reunião melhor (fregas; kōziorow) de homens com compa-
 miliares pequenos mesmo: da casa também despojado
 não rebentão grãos d'arroz.

Assim reflectindo os alados todos a rede tomando foram va-
 dos alto. ~~Logo~~ Immediatamente este caçador de muito lon-
 ge a rede tomando esta vendo átraz correndo pensava
 Pequenos fozem tornão esta de mim a rede os arandea-
 tes. Se porem em baixo voado ^{ao} poder de mim ~~em~~ ^{vão}
 então.

^{passado}
 Então estes ~~passado~~ passado o alcance de do olho este
 caçador tornado. E o caçador tornado vendo os pombo-
 disserão: que agora a fazer conveniente. Tchitragrin
 disse:

Mãe amigo / pae por natureza trindade boa e por
~~essa~~ motivo de negocio outros tornão de benexo
 Lentes. Por isso de noi amigo bisappa = ^{uwo-lm} = ka = eu
 de nome dos Matos (muscobas mus; muschika) rei á
 borda do Gandaki (rio do norte da India; gandaka = ²o
 nocerante) de Tchitta na floresta habita. Este de noi

colera; preguiça/ālasya subs. abstr. de ālasa; ālasa=^dpriv. e las= exer-
cer officio); lentidão (dīrgha = longo sūtra=^{fio}cordão; que arrastra)
Agora também assim faça-se: por todos de um pensamento es-
tando a **rede** tomando que se vòe no alto.
Porque: ^dpequenos mesmo meios reunião negócios terminante.
Com ^dpalhas tomando qualidade de corda são ligados
elephantes no ció.

Reunião melhor (çreyas; κρείττων) de /homens com fa-
miliares pequenos mesmo: da casca também despojados
não rebentão. grãos d'arroz .

Assim reflectindo os alados todos a rede tomando forão voa-
dos alto. ~~Com~~ Immediatamente este caçadòr de muito lon-
ge a rede tomando estes vindo atrás correndo pensava
Reunidos porem tomão estes de **mim** a rede arandan-
tes. Se porem em baixo voão ^{ao} poder de mim ~~com~~ virão
então.

Então estes ^{passaros} ~~passados~~ passado o alcance ~~de~~ do olho este
caçadòr tornado. E o caçador tornado vindo os pombos
disserão: que agora a fazer conveniente. Tchitragriva
disse:

Mãe amigo ^e pae por natureza trindade bòa e por
~~causa~~ motivo de negocio outros tornão-se **benevo-**
lentes. Por isso de nós amigo hirania=^{aur=um} ~~aur=um~~ ka= eus
de nome dos ratos (mūscha= mus; muschika) rei á
borda do Gandakī (rio do norte da India; gandaka= rhi-
noceronte) de Tchitra na floresta habita. Este de nós

as malhas roca. Assim deliberando todos de Hiraniaka do ante
 d' proximidade idos. E Hiraniaka em toda a parte de desventu
 ra por medo de com portas antro tendo feito habita. Então Hi
 ranakia dos lombos de voo para laigo pelo medo ~~era~~ ^{estava} ~~reunido~~ ^{trou}
 quillamente estado; Tchitagriva (variegado colto) amigo (Suki, na
 vez socius) Hiraniaka porque ~~ele~~ ^{na} não ~~saldou~~ (sum: cum - b'waha
 faller) Então Hiraniaka ~~esta~~ ^{esta} de este a voz reconhecendo com sua
 sa fora subindo dizia: ^{ah!} feli sou caro amigo de mim Tchitagriva
 chegado:

Cujo com amigo colloquio cujo com o amigo commercio
 cujo com o amigo trato d' este ^(em comparacao) ~~nao e aqui feli~~

E no laço preso esta vendo com ^{na} espanto um momento (kaha
 na igual a $\frac{8}{10}$ de segundos ou $\frac{1}{7}$ do k'ach'k'ia) - estando disse: ~~o~~ a
 migo, que isto? Tchitagriva dizia: amigo, de nos de anterior
 nascença de açao fructo isto

E de que

~~de~~ ^{de} ~~que~~ ^{que} e porque e como e quando e que

E quanto e ^{onde} ~~de~~ bello, ~~nao~~ bello de si feito,

E d' ~~isto~~ ^{isto} e por isto e assim e então e isto,

E tanto e ahi, ~~proven~~ do ordenador por vontade.

Doença cuidado dor captivo e de venturas

de si mesmo da peccados de arvore fructos estes dos
 corporeos (homens)

Toto tendo ouvido Hiraniakia de Tchitagriva laço para cortar
 (Tchhid ascindo) com presa ~~especa~~ ^{especa} rasteja. Tchitagriva
 disse: Amigo não não ussim. De nos hos subditos estes apor
 os laços corta, então de mim o laço depois cortadas. Para
 niaka respondeu: eu de pequena forma e as dentes de mim
~~de~~ ^{de} ~~este~~ ^{este} tenros (facos) por isto d' estes os laços para cortar
 como capar

as malhas roerá. Assim deliberando todos de Hiraniaka do antro á proximidade idos. E Hiranakia em toda a parte de desventura por medo de cem portas antro tendo feito habita. Então Hiraniakia dos pombos de vôo para baixo pelo medo ~~de~~ assustado tranquillamente estado; Tchitagriva (variegado collo) amigo (saki; talvez socius) Hiraniakia porque ^{nos} não saúdas? (sam=cum-bháscha=fallar) Então Hiraniakia ~~esta~~ ^{ah} de este a voz reconhecendo com pressa fóra sahindo dizia: ~~ah~~ feliz sou caro amigo de mim Tchitagriva chegado:

Cujo com amigo colloquio cujo com o amigo commercio cujo com amigo trato d'esse ^(em comparação) não é aqui feliz

E no laço presos estes vendo com ^(ha) espanto um momento (kchana igual a $\frac{8}{10}$ de segundo ou $\frac{1}{5}$ do káschthā) estando disse: ~~o~~ amigo, que isto? Tchitagriva dizia: amigo, de nós de anteriôr nascença de acção fructo isto

E de que

~~De que~~, e porque, e como, e quando, e que

E quanto, e ^{onde} ~~onde~~ bello, não bello de si feito,

E d'isto ^{isto} ~~este~~, e por isto, e assim, e então, e isto,

E tanto, e ahi, provem do **ordenador** por vontade.

Doença cuidado d'ôr captiveiro e desventuras

De si mesmo de peccados de arvore fructos estes dos corporeos (homens)

Isto tendo ouvido Hiraniakia de Tchitagriva laço para cortar (Tchhid=~~r~~scindo) com pressa ~~de~~ rasteja. ~~T~~ Tchitagriva disse: amigo não não assim. De nós dos subditos estes agora os laços corta; então de mim o laço depois cortarás. Hiraniakia respondeu: eu de pequena força e os dentes de mim ~~fracos~~ ~~(de~~ teuros (fracos) por isto? d'estes os laços para cortar como capaz

Por isto tanto que de mim os dentes não se quebrem ^{deu tanto} logo
 Corto d'isto sem intervallo (immediatamente) d'aquelles tam
 com ~~o~~ laço quanto possível cortarei. Schizragriva disse
 que de ja ^(isto) ~~assim~~ ^(isto) ~~assim~~ assim mesmo conforme possibilidade
 de (quanto possível) d'aquelles o laço despedaçe. Por Heráclito
 Ka dicto: pela exposição de si mesmo que dos subditos salva
 isto não da politica de concededores approvedo
 Por isto: De infelicidade por causa riquera salve (homem) Anu-
 ther salve com as riqueras mesma, a alma ^(a si mesmo) sal-
 ve pela ^(a si mesma) mulher mesmo; pelas riqueras

E outros: De vitade, de fortuna, de amor, de redempção de
 possibilidade causa a vida. Pelo matante ^(quom matu) esta que não ma-
 tado. Pelo salvante que não salvado

Schizragriva disse: Amigo politica emfim é tal certamente por
 eu por em de nós dos subditos a desventura soffrer em totoca
 Es não capar por isto ~~de~~ isto digo:

Porque: riqueras e vida ~~o~~ certamente de outros por causa
~~pendente~~ inteligente abandone. Em boa causa melhor
~~deve~~ morte destinada sendo

É esta
 outra não geral causa:

De nascença, riquera e qualidades igualdade d'estes
 comigo; de mim de senhorio fructo disse quando que
 este será

E outros: Sem recompensa aquelles não abandonao de mim a
 proximidade; por isto de mim de alma (vida) pela per-
 da mesmo ~~para~~ fare viver aquelles de mim subditos



Por isto tanto que de mim os dentes não se quebrem tanto ^{de ti} o laço
 Corto, d'isto sem intervallo / (imediatamente) d'aquelles tam-
 bém ~~o~~ o laço quanto possivel cortarei. Tchitragriva disse
 Se Seja (se) ^(astu, ego, esto) assim ~~porem~~ assim mesmo conforme possibilida-
 de (quanto possivel) d'aquelles o laço despedaça. Por Hiran^{ia}
 ka dicto: pela exposição de si mesmo que dos subditos salva-
 ção isto não da politica de conhecedores aprovado
 Por isto: De infelicidade por causa riqueza salve (homem), ^{mu}
 lher salve com as riquezas mesmo, a alma (• si mesmo) ^{sem}
 pre salve pela ^{(apreço da} mulher mesmo; pelas riquezas
 E outro: De virtude; de fortuna; de amor; de redempção de
 possibilidade causa a vida. Pelo matante ^(quem mata) esta que não ma-
 tado. Pelo salvante que não salvado
 Tchitragriva disse: amigo politica enfim é tal certamente ^{mas}
 eu porem de nós dos subditos a desventura soffrer em todo ca-
 so não capaz por isto ~~de~~ ^{de} isso digo:
 Por **que**: riquezas e vida • certamente de outro por ^{causa}
~~prudente~~ intelligente abandone. Em boa causa melhor
~~renuncia~~ morte destinada sendo
^{E esta}
~~Esta ou~~ outra não geral causa:
 De nascença; riqueza e qualidades igualdade d'estes
 commigo; de mim **de** senhoria fructo dizê quando que
este será
 E outro: Sem recompensa aquelles não abandonão de mim a
proximidade; por isso de mim de alma (vida) pela per-
da mesmo ~~faze~~ faze viver aquelles de mim subditos

de carne de ossa de esperimento de ouro formado neste corpo perecível
 desleixando cuidado, gloria guarda, amigo de mim
 E outro ~~vã~~ (pauca = espece): se perpetua pelo não perpetua immaculada
 macula trazente gloria corpo toma - se esta não tomada ^{pele}
 então porque (se toma - se perpetua gloria pelo corpo não per-
 petua, immaculada pelo macula trazente porque esta in-
 tão não é tomada)
 Porque: do corpo e das qualidades longo infinito
 mente intervallo. O corpo ^{num} ~~tempo~~ instante decadente depeiro
 do ao fim estaveis qualidades
 Assim esultando (ã: ad, Karn = orelha) Hiraniaka, regozija-
 da mente encado estando dixia: Bem, amigo, Bem, por este
 dos subditos Amor ~~de~~ da taimundio (tra: lokyam) mesmo o
 dominio (pra = pro; ~~ba~~ ^{lopu} de blu = ser; toam; suf. abstracto)
^{em} ~~ti~~ (trayi) se junte (gadji yudjitate). Assim tendo dito
 por este de todos os laços (bandhana; binden; bande; ban-
 da) cortados. Estão Hiraniaka todos com respeito hon-
 rando disse: amigo Tchimugriva em todo caso aqui em
 rede de ligadura destino sendo culpa suspetando em
 si mesmo despozo não a fazer
 Porque: que excedente de geiras (yodjana = jugerum) em
 (esta; ~~ex~~ zkatuv) ve' aqui carne passado; este certa-
 mente attingido tempo porem do laço ligadura não se
 E outro: da lua / caçin, de caça = lebre; pois as manchas da
 lua figurao (lebre) do sol (doira = dia; Kara = fazedor, de
 Kar = fazer) pelo agarrado; tortura; ^{de} ~~de~~ elephantes
 (gadja; de gadj = mugir) de serpentes (bhudja = curvo;
 gama = ir)

De carne de urina de excrementos de osso formado neste corpo perecível
desleixando cuidado, glória guarda, amigo de mim

E outro vê (para = spece): se perpetua pelo não perpetuo immaculada
macula trazente glória corpo toma-se esta não tomada pelo seja
então porque (se toma-se perpetua glória pelo corpo não per
petuo, immaculada pelo macula trazente porque esta en
tão não é tomada)

porque Porque: do corpo e das qualidades longo infinita
mente intervalo. O corpo ~~em~~ num instante decadente de perio
do ao fim estaveis qualidades

Assim escutando (ã = ad; karna = orelha) Hiraniaka, rogozija
da mente eriçado estando dizia: bem, amigo, bem; por este
dos subditos amor do trimundio (trailokyam) mesmo o
dominio (pra = pro; ~~chra~~ bhū; de bhū = ser; tvam; suf. abstracto)
em ti (tvayi) se junte (~~g~~ yudjyate). Assim tendo dicto
por este de todos os laços (bandhana; binden; bande; ban
da) cortados // Então Hiranakia todos com respeito hon
rando disse: amigo Tchitragrīva em todo caso aqui em
rede de ligadura destino sendo culpa suspeitando em
si mesmo desprezo não a fazer
Porque: que excedente de geiras (yodjana = jugerum) cem
(çata; ~~ek~~κῆρων) vê aqui carne passaro; este certa
mente attingido tempo porem do laço ligadura não vê
E outro: da lua (çaçin; de çaça = lebre; pois as manchas da
lua figurão lebre) do sol (doi = a = dia; kara = fazedor; de
kar = fazer) pelo agarradør, tortura; ~~de~~ de elephantes
(gadja; de gadj = mugir) de serpentes (bhudja = curvo;
gama = ir)

tambem ligadura (Captiveiro) ^{dos prudentes (māti = mens. mont. = para)}
 sup. pos.) vendo a pobreira (datidrata; ^{do} rebobado) ^o les;
 tira ai! poderoso assim de mim pensamento
 E outro: No ar só passeantes mesmo passaros attingem de
 ventura. Não presos por habeis (ni - para = ^{sub. 2.ª} pun.
 ser bom) da profunda (agāha = a; priu - gadha = vadum; ^{gehē} ^{vau} ^{to})
 agua os peixes (matya) do mar (dam: cum - udra, udug)
 mesmo
 Mau procedimento que aqui é? Que bom andamento? Que
 em de estado aquisicão virtude? A morte por da des
 ventura estendida a mão ^{ex} ugarra de longe mesmo
 Assim ensinando (pra = pro - budh = despettar) hospi-
 talidade (āitthyā; de āti; pref. de excesso; augmento; ti
 por āti? de stā = stare) tendo feito e abraçando (ā = ad
 ling = ir) ^{na} Tehitagriva por este despedido como de
^{nas} fada região (- para onde quizesse) com a ^{cometiva}
 foi. Hiranakia em seu antro entrado
 E fizes que ^{que} amigos a fazer e centos vê pela rato
 (mūchika dim. de mūcha = rato; ^o ^{os} ^{pus.} ^{mas.} ^{maus.})
 amigos (mittira de mid = amar; tra suf. mitr.) os pombos
 (Kapota; ^{perca} Kabūtār; Kabūt) desligados dos laos
 E (lagu-patana)ka (leve - vôo - tendo) de nome guatha
 de todo sucedido o fim (anta; epda; end) vendo (darci;
 d'expoual) com espanto (āitcharya (chav. = ir) ita) ^{idem}
 idem) disse (āha; ait): (aho, ehau) Também oh Hirani-
 kia louvavel és, por isso eu tambem comtigo (te-cum)

tambem ligadura (cativeiro)^e(dos prudentes (mati= mens; mant;
suf. pos.) vendo a pobreza (daridratā; dra) ^{é fugir}redobrado) o des-
tino ai! poderòso assim de mim pensamento

E outro: no ar só passeantes mesmo passaros attingem des-
ventura. São presos por habeis (ni- puna = ● sub2 pun=
sèr bom) da profunda (agādha= a; priv. gadha= vadum; vō
agua os peixes (matsya) do mar (sam=cùm -udra; vδωρ)
mesmo

Mau procedimento que aqui é? -Que bom andamento? Que
em de estado aquisição virtude? A morte pois da des-
ventura estendida a mão ~~●~~ agarra de longe mesmo

Assim ensinando (pra= pro- budh= despertar) hospi-
talidade (ātithya; de ati; pref. de excesso; augmento; ti
por sti? de stā= stare) tendo feito e abraçando (ā= ad
ling= ir) ~~●~~ Tchitagriva por este despedido como deze-
jadas) ^{nas}regiões (para onde quizesse) com a comitiva
foi. Hiranakia em seu antro entrado

E ~~●~~ quaisquer ~~que~~ amigos a fazer e centos vè pelo rato
(mūschika dim. de mūscha = rato; ~~●~~ μυσ; mus; maus)
amigo (mittra de mid= amar; tra suf. instr.) os pombos
(kapota; persa kabutar; kabūt) desligados dos laços

E (lagu-patana/ka)(leve-vò -tendo) de nome gralha
de todo succedido o fim (anta; ende; end) vendo (darçī;
δερχομαι) com espanto (āçtcharya (tchar?= ir) isto (idam;
idem) disse (āha; ait): (aho; eheu) Pois bem oh Hirana-
kia louvavel és; por isso eu tambem contigo (te-cum)

amirade desejo; por isso o mim com amizade felicitor digno.
 Aquillo tendo ouvido *Hiraniaka* tambem do antro do interior disse:
 Quem tu? Este di *Lakshitanaka* de nome graha en. *Hirani-*
nicaka rindo disse: que contigo amizade?
 Porque: ~~que~~ com que ~~modo~~ se liga isto com ~~isso~~ ^{aquillo} o pruden-
 te liga. Eu ~~com~~ comida ta comedor como amirade
 sera?

E entre: de comida e comedor amizade de deventura
 certamente causa

Crigala (pers. *schagāl, schakal*) = do *schakal* no lago
 preso aquella gazella pela graha (*kāka, kai* = gritar)
 salvada.

A graha (*vayā*? = pássaro) dizia: como isto? *Hiraniaka*
 Conta: ha de Magadha (parte sept. do *Bihar*, ^{pers.} pa-
 tria do Budismo; *vihāra* = vi = di; *har* = tirar; sepa-
 ração; mosteiro; monasterium; *avāṅgṛa* = qui secedit
 e *śrṅgāṭi* = solitarii) na provincia *Jhampaka* (piche-
 lia *tehpāka* de flores amarellas cheirosas, *vāṭi* = ten-
 do) de nome Floresta. Nesta ~~era~~ longamente por
 grande affeição gazella, graha ~~ta~~ residem. E esta
 gazella por sua vontade errante regozijada nãtudo
 membros por certo *shakal* vista. A ella tendo visto o *sha-*
kal pensava: ah como esta carne bem delicada como
 seja confiança (*vivāsa*; de *vi* = di; *vas* = ^{gemit} *vāpāre* respirar
 talvez o primeiro) agora (ou tanto) exato. Assim penson
 do appromando dizia: amigo, ^{felicidade} a ti. Ela
 gazella dicto quem tu? Elle di: ~~que~~ *Kāka* ~~que~~
Kāka ~~que~~ *dhī* = intelligencia

amizade dezejo; por isso a mim com amizade felicitar dignes. Aquillo tendo ouvido Hira^{ra}niakia tambem do antro do interiør disse. Quem tu? Este diz Laⁿgupanaka de nome gralha eu. Hiraⁿniaka rindo disse: que contigo amizade?

Porque: ^{que} que com que ^{gente} gente se liga isto com ^{aqueillo} este o prudente liga. Eu ~~comida~~ ^{no mundo} comida tu comedør como amizade será?

E outro: de comida e comedør **amizade** de desventura certamente causa

Çrigūla (pers. schagāl; schakal)= o schakal no laço preso aquella gazela pela gralha (kāka; kai= gritar) salvada.

A gralha (vayas?= passaro) dizia: como isso? Hiranakia conta: ha de Magadha (parte sept. do Bihar) ^{pers.} pātria do Budhismo; ^{de} vihāra= vi= dis; har= tirar; separação; mosteiro; monasterium; ἀναχωρηται= qui secedunt **ε**ρημηται = **solitarii**) na provincia Tchampaka=(miche^{de} lia tchampaca de flores amarellas cheirosas)-vati (=ten^{de} do) de nome floresta. Nesta ~~longamente~~ por grande affeição gazella, gralhas ~~residem~~ residem. E esta gazella por sua vontade errante regozijada **nutridos** membros por certo shakal **vista**. A ella tendo visto o shakal pensava: ah como esta carne bem delicada como ~~seja~~ ^{gemen} seja confiança (viçvāsa; de vi= dis; çvas= ~~respirar~~ respirar) talvez o primeiro) agora (ou tanto) **excito**. Assim ^{felicidade} pensando approximando dizia: amigo, ~~ela~~ a ti. ela gazella dicto quem tu? Elle diz: ~~Tschudra~~ ^{kschudra} kschudra= vil- ^{bba} ddhi= intelligencia }

de nome Shakal (djambuka; djambu = jumbosa eugenia; o
 jambo; Kai-suf. de relacão; homem de infima classe) ou.
 Aqui na floresta de parentes despojado morto como morto
 Agora a ti amigo adquirindo de novo ~~com~~ relações do novo
 no mundo entrado ~~em~~ seu. Agora deti no seguimento por
 mim em todo o caso e a ser. Pela gazella dito ~~estum~~ seja
 dito depois do poente ido o sol (curitar de su = produzir; ^{gana}
 seu = i; lig; tar; suf. activo como em latum ter; ^{produção}
 bem-aventurado (bhaga = bem; vat. suf. pos.) de raios co-
 roado ~~em~~ ~~estum~~ ~~estes~~ ~~dous~~ (ambos) da gazella a casa
 (vasa = habitação; bumi = lugar) idos. Lá de ~~estum~~ ~~estum~~ ~~estum~~
 arvore no ramo subudhi (bem d'intelligencia) de nome gra-
 tha da gazella de muito tempo amiga habita. ^{estum} ^{estum} ^{estum}
 do visto a gratha dizia: amiga gazella (tontra = variegado-
 anga = membro) quem este segundo? A gazella diz: ~~estum~~
 Kal este de nob amizade desejando chegado. A gratha diz:
 amigos, com um chegado sem porque amizade não ~~estum~~
 ta.
 E assim disto: incognito de familia de caracter (cith; de
 cil = fazer ou experimentar) habitação a dar não a qualque
 do gato (mardjara de magia = limpar e ara, suf.) pois pe-
 lo peccado morto o abito de jarad (djaraad; vegu) - gava (le-
 gô; cou; kuh; @ Dous; bot; boi)
 Ambos disserão: Como isto. A gratha conta: pa de ~~estum~~
 rathi (Ganges rio do rei ~~estum~~ Bhagiratha = bhagi = feliz; ra-
 tha, carro; rotath; rei que alcançou a descida do Ganges) na mo-
 gem de Gidha = abito - Kata = cume de nome ^{de} montanha
~~estum~~ grande figueira arvore. Deste no oco ~~estum~~ destino pela me-
~~estum~~ levolencia perdidos garras othos djara gava de nome abito
 habita



de nome shakal (djambuka; djambu = jambosa eugenia; o jambo; ka = suf. de relação; homem de infima classe) eu. Aqui na floresta de parentes despojado morto como móro. Agora a ti amigo adquirindo de novo **com** relações dos vivos no mundo entrado ~~em~~ sou. Agora deti no seguimento por mim em todo o caso é a ser. Pela gazela dicto assim seja D'isto depois ao poente ido o sol (suvitur de su = produzir; guna sru- i; lig.; tar; suf. activo como em latim tor; productòr.) bem-aventurado (bhaga = bem; vat. suf. pos.) de raios co- roado ~~estes dous~~ (em estes dous (ambos) da gazella a casa (vasa = habitação; bumi = lugar) idos. Lá de ~~tchambaka~~ ^{tchampaka} de arvore no ramo subuddhi (bem d'intelligencia) de nome gra lha da gazella de muito tempo amiga habita. ~~Ambos~~ ^{A ambos} ten do visto a gralha dizia: amiga gazella (tchitra = variegado anga = membro) quem este segundo? A gazella diz: ~~schal~~ ^{schal} kal este de nós amizade dezejando chegado. A gralha diz: amigo ~~em~~ com um chegante sem porque amizade não ~~em~~ ^{em} jun- ta.

E assim dicto: a incognito de familia de character (çila; de çil = **fazer** ou experimentar) habitação a dar não a qualquer Do gato (mãrdjãra de mãrja = limpar e ara ~~em~~ suf.) pois pe lo peccado morto o abutre djarad (djarad; γερων) - gava (de gō; cow; kuh; ~~em~~ βοσ; bos; boi)

Ambos disserão: como isto? A gralha conta: ha de ~~em~~ bhāgī- rathi (Ganges/rio do rei ~~em~~ Bhagīratha = bhagī = feliz; ra- tha; carro; rota ~~em~~; rei que alcançou a descida do Ganges) na mar- gem de Gridha = abutre -kūtu = cume de nome na montanha ~~em~~ grande figueira arvore. D'esta no òco ^{do} destino pela ma- ~~em~~ levencia perdidos garras olhos djaradgava de nome abutre habita

E por compaixão d'este pela vida d'esta arvore (prishha de vry-
 sh = eobri) habitantes passaros (paksha = ora; prakshin ^(as) -
 do azas) de sua comida (sva = suas, a - ad; kara =prehensio)
 pouco e pouco (Kintchid; quidquid) ^{ter; seis; gero} tomam ^{(adoti; dadoti;}
 ti; ^{didoaci} por isto, este vive (ajivati; vivit). E uma vez
 di'gha = longo - Karna = orelha (^{Karni} ~~...~~ / furar) de nome gat
 (mardja = limpar; a ^{ant} ~~...~~ = limpa - doir) de passaros feltores
 (cavaka = pullus, del'eu = procreare) para comer la ^{caer; quina de} ~~...~~
 ad-vindo. Então este chegante tendo visto de passaro pe-
 los feltores de ~~...~~ medo affligidos bulha feita. Isto tan-
 do ouvido por ~~...~~ d'gha (para dicto: quem este che-
 ga? ~~...~~ d'gha Karna abatre (gridhra = arido)
 vendo com medo disse: ai! Perdido sou: por isto

Tanto temer a temer quanto temer não chegar

Chegado potem temer vinda homem fugia como

Agora d'este na proximidade ~~...~~ ^{convenientemente} escapar incapar

Por isto como a ser isto seja. Primeiramente confiança

excitando d'este na proximidade d'este von. Assim pensou

do aproximando d'este: reverendo (arya, guna de arya, de arya

herus; Aia; Amena; Apadon; gath. era ab. ebra, Ebruan (pa-

mirius; g. ingl. Ireland; scandinavos etrus) te reverencia (abhi - van-

ab - vando, vante). O abatre d'este: quem tu? Elle d'este: gath

eu. O abatre d'este: longe vai (ab - apa; ad; ab - sar - ir) não se a me

ter é por mim o gato d'este: seja ovrida primeiramente de

~~...~~ ^{por isto} ~~...~~ se eu culpada então a meter; por

~~...~~ ^{este nascimento medida (ab por nascimento) como qualque} mata - se; nona - se qualque parte?

E por compaixão d'este pela vida d'esta arvore (vriksha de vriksh = cobrir) habitantes passaros (paksha= aza; pakshin^{as pl.})=tên do azas) de sua comida (sva= suus; a= ad; hāra= prehensio) pouco e pouco (kimtchid; quid quid) tomando dão (dadati; dadan^{har; χειτό; gero} ti; διδοσαι) por isto este vive (djivati; vivit). E uma vez dīrgha= longo - karna= orelha (^{karn}kar^{har}) (=furar) de nome gato (mārdja= limpar; aza^{suf.}= limpa-dōr) de passaros filhotes (çavaka= pullus; de^{cav;}su^{gunade}= procrear) para comêr lá vindo ad-vindo. Então este chegante tendo visto de passaro pe los filhotes de ~~medo~~ medo affligidos bulha feita. Isto ~~ten~~ **ten** do ouvido por ~~o~~ Djaradgava dicto: quem este che ga? ~~Djaradgava~~ Dīrgha ~~Oh~~ Dīrghakarna abutre (gridhra= avido) vendo com medo disse: ai! Perdido sou: por isto

Tanto temòr a temèr quanto temòr não chegado

Chegado porem temòr vendo homem fuça como ^{conveniente}

Agora d'este na proximidade ~~salvar~~ escapar incapaz Por isto como a ser isto seja. Primeiramente confiança excitando d'este na proximidade d'este vou. Assim pensan do approximando dizia: reverendo(ārya; guna de arya; de ari herus; Aria; Armenia; Αριστη; goth. era al. ehre; Ehrman (Ar minius; ~~o~~ ingl. Ireland; scandinavos Ases) te revencio (abhi-vand ~~ad~~ ad-vendo; vanter). O abutre dizia: quem tu? Elle dizia: gato eu. O abutre diz: longe vae (~~o~~ apa; ano; ab-sar= ir) não se a ma tar és por mim o gato dizia: seja ouvida primeiramente de ~~o~~ **nós** a palavra ^{por isso} se eu culpada então a matar; porque ^{de} Pela nascimento medida (só por nascimento) como qualquer mata-se; honra-se qualquer parte?

procedimento reconhecendo a matar ou honrar seja
 O abutre diz: dize de que coisa (qua-ze) chegado és. Elle dizia:
 eu aqui do Ganges (gam; ~~ga~~ come; kommen; gā= gehen) na mar-
 gem continuamente ~~banhista~~ brahmachā-
 rin (á-oração-ido) de tchāndra= lunar- ayana= itio; pratica vo-
 to excercendo estou. Vós da lei em conhecimento regozijados
 de confiança lugares passaros todòs toda vez (sempre) de
 mim diante louvão. Por isto de vós em sciencia idade ~~de~~
crescidos a lei para ouvir aqui chegado. E vós taes **da** lei co-
 nhecedòres se a mim hospede a ~~matar~~ esforçados é
 • direito do hóspede este

Em inimigo mesmo conveniente a fazer hospitalidade
 em a casa) grina,
 chegado kirche; church)

De divisòr á proximidade ido sombra (tchāntchhāyā; ~~o~~ ná) não
 tira arvora

• Se ou riqueza não é então de amizade pela palavra mesmo
 hospede a honrar certamente

Porque: ervas, terra, agua (udaka); ~~o~~ unda, udus; voda sl. wasser;
 water; agua de aps. āpas pl. aqua; amnis por apnis, como somnus;
 αφοζ= espuma dos) e palavra quarta amiga
 estas cousas mesmo ~~dos~~ bons na cas nao cortão-se uma vez
 (uma só vez= nunca)

E outró: ^{nos} sem virtude mesmo entes compaixão fazem os bons co-
 não porquanto tira luz a lua (tchandra; de tchand luceo (nas
 mo luna; por lucna; de lucere; λευχός= branco) do tchandāha (nas
 cido de pae sudra (4ª classe) e mãe brahmene) a na (á)

casa de quem da casa quebrada (hospede)
 E outro: hospede cuja ~~que~~ esperança vae-se este) a ~~sua~~ a
 desventura tendo dado a virtude levando vae ~~aquelle~~

E outro: de altissima mesmo castā, humilde (mitcha= abai-
 xado) mesmo honravel como ~~em~~ conveniente: ato dos deuses

pertencente hospede

O abutre dizia: gato pois de carne avido e de passaros os gerados (crean-
gas) aqui morão por isso assim eu digo:

Isto tendo ouvido o gato o chão tocando as orelhas toca e diz: por
mim da lei o livro tendo ouvido ~~o~~ longe ido de paixão este dif-
ficil voto (vrata; talvez de ~~var~~ var?= escolher) tchândrâyana (tchan-
(dra= luar; âyana= andadura; pratica religiosa de diminuir
diariamente
a nutrição de um bocado **diariamente** de lua cheia a no_
va e àugmental-o da mesma forma na outra quizena)
feito; um a outro contradizendo-se mesmo da lei dos livros a
inviolabilidade suprema lei assim dizendo ahi unanimidade
porque:

- De toda violação afastados que homens ~~o~~ e ^{que} ~~que~~ ^{que} pacientes

E de todos apoio tornados estes homens ao ceu (svar= luz; ga
de gam= ir)

3 2 4 1 8 indo

Um (só) com efeito amigo virtude na morte (ni= infra; dhan,
θανατος) 7 6

Com o corpo ^o semelhante (sama; ouos) ^{mesmo} segue que
Se alguém come a carne de alguém uma vez ^o ~~o~~ destruição todo outro
Quem come cujo quando carne de ambos ^o ~~o~~ reparae a diferença

De um momentaneo o gôzo o outro é privado da vida
A morrer assim: que infelicidade de homem succede

Com este pensamento inimigo mesmo possivel de salvar
ouve de novo: ~~mesmo~~ De si mesmo no bosque nascidos com plantas
mesmo enche-se

Por causa d'esta misera barriga quem faria peccado
grande

Assim inspirando confiança este gato (mârdja= mulceo; mulgeo
αμελγω= limpar- ara suf. agente como no guarani) no ôco estado
Então dias andantes dos passaros filhotes atacando no ôco levando diaria-
mente come

Dos quaes filhotes comidos por estes de dôr affligidos queixando-se

A ~~o~~ busca principiada

Isto conhecendo o gato do ôco sahido fóra escapado

Depois (paçtchã ~~o~~ =post) pelos passaros d'aqui, d'ali buscando
ahi da arvore no ôco dos filhos os ossos attingidos, **sem** intervallo
elles disserão:

Por este certamente Djarad (~~o~~ djar= envelhecer; velho γερων) ga
va (~~o~~ cow; vacca) de nós os filhotes comidos assim por todos os



passaros pensando o abutre morto (matado). Por isto eu digo,
de ignoto de familia, caracter, assim primeiro (principio tudo)
Assim ouvindo este schakal com colera disse: ^{a principio}
de mig = procurar; ghazal arab = bonito) no primeiro de ^{da} gazella (meiga
^{de} ~~da~~ ^{tambem} incognita familia, caracter certamente. ^{de} ~~da~~
isso como amigo (tu com) d'essa do amor continuacao mais e
mais aumenta-se

Onde sabia ~~tem~~ gente (djana) não ha, e a tomar
a hi do pouco intelligencia

~~Com~~ Expulsada (privada) de devores na região ^{na} ~~da~~ ^{na} ~~da~~
arboresca - ^{ou} ~~de~~ outros (estranho) assim ^{de} ~~da~~ ^{de} ~~da~~



E outro: este indigena (ni = ambos; no interior = dia = gu
ou ~~este~~ outro (estranho) assim ^{de} ~~da~~ ^{de} ~~da~~

dos alta maneira tendo porem a terra certamente ^{pequena} ~~da~~
(quem tem pouca)

Como esta gazella de mim amigo (bandha, binda; band = ligar)
assim tu tambem ~~da~~. A gazella dizia: que com ~~da~~ ^{este} ~~da~~ ^{res}
pondendo respondendo? Por todos num (lugar) de praxer
conversa tendo felizes (su = bem; kha = ar = fortara) de praxer
do (lique - se)

Porque: Não qualquer de qualquer amigo não qualquer de qualquer
Pelo proceder ~~de~~ ^{inimigo} ~~de~~ ^{assim} ~~de~~ ^{assim}

Para gratha ditto: assim seja. E de manhaa (praxer, prax;
nswi, frue) todos como desejada ^{inimigo} ~~de~~ ^{assim} ~~de~~ ^{assim}
em segredo o schakal di: amigo (sakhi) maita de bouque um
região de trigo (carya, de caris = lousar, laudandus; triticum de
bitus, de terere) chaco (purna = plenus) campo ha. Isto eu ~~do~~
durido ver farei. Assim feito sendo a gazella quotidiana ~~de~~
(perata 890s - xan = dia, nuas) ~~de~~ ^{inimigo} ~~de~~ ^{assim} ~~de~~ ^{assim}
de kha = orgão dos sentidos - ad = edo) E ^{de} ~~da~~ ^{de} ~~da~~ ^{de} ~~da~~
pe. de Kahi = reinar, habitar - pati = mesere) isto tendo visto ~~de~~
so posto sem intervallo de novo chegada a gazella pelo laço
Lyada pensava: quem me d'ahi da morte do laço como do laço
do laço libertar que amigo outro capou. ^{de} ~~da~~ ^{de} ~~da~~ ^{de} ~~da~~

passaros pensando o abutre morto (matado). Por isto eu digo:
de ignoto de familia, character, assim primeiro (principio tendo)
Assim ouvindo este schakal com colera disse: da gazella ^{a principio} (mriga
de mrig= procurar; ghazâl arab.= bonito) no primeiro de ^{(mriga} ~~da~~ vista
dia ^{de ti} ~~da~~ tambem incognita familia, character certamente. Por
isso como contigo (tu com) d'essa do amôr continuação mais e
mais augmenta-se

Onde sabia ~~la~~ gente (djana) não ha, a estimar
ahi de pouca intelligencia
mesmo

~~Da~~ Expulsada (privada) de arvores na região o ricino
(eranda= ricinus communis) ^{mesmo}
arborece-se

E outro: este indigena (ni= embaixo; no interiôr-dja= ^{gna}
ou ~~estranho~~ outro (estranho) assim ^{tus} a conta de!

Dos alto maneira tendo porem a terra ^{Pouca intelligencia tendo}
(que tem pouca) ^{certamente} familia
Como esta gazella de mim amigo (bandha; binden; band= ligar)
assim tu tambem. ~~A~~ gazella dizia: que com ~~este~~ este res
pondendo respondendo? Por todos num (lugar) de prazèr ~~di~~
conversa tendo felizes (su= bem; kha= ar; ~~se~~ fortuna) seja fica
do (fique-se)
Porque:

Não qualquer de qualquer amigo não qualquer de qualquer
inimigo
Pelo procedèr / amigos nascem inimigos assim

Pela gralha dicto: assim seja. E de manhã (prâtar; prâk;
~~frühe~~ ^{φρωι}; frühe) todos como dezejada na direçção idos. Uma vez
em segredo o schakal diz: amigo (sakhi) nesta de bosque uma
região de trigo (çasya; de çans= louvar, laudandus; triticum de
tritrus, de terere) cheio (purna= plenus) campo ha. Isto eu te con
duzindo ver farei. Assim feito sendo a gazella quotidianamente
(prati= ^{φρα} ahan= dia; φραφ) ahi indo ^{trigo come} (khâd talvez
de kha= orgão dos sentidos - ad= edo) E do ^{campo pelo} mestre (kchetra= cam
po; de kschi= reinar; habitar - pati= mestre) isto tendo visto, la
ço posto. Sem intervallo de novo chegado a gazella pelos laços
ligada pensava: quem me d'ahi da morte do laço como da caça
dòr do laço libertar que amigo outro capaz. Lá entre

tao (Entretanto) o thakal ahi chegando la estando prendava; fuc-
 tiferado (bem sucedido) certamente de nbi de fraude, pela continua-
 cao do dexejo cumprimento. D'esta sendo esquarterada de ^o curio
 de sangue (asidj; por abridj; ~~por~~ tambem asidj por avendj; d'aj-
 quio, talvez de asidj = espalhar) unta (lipca, de lip; ariziqu) ^{antes}
 por mim necessariamente a ganhar. Estes pela ^{multidão} maldade
 midas serao. A gazella aquelle sendo repositada diz. Oh amigo ^{comte}
 agora da mim o laço. Com pressa virra - me

Porque: ^o not accidentes (a: od; pad = morru) amigo pode de ve
 compece no combate (yudha = yudna; uculun; iolbua ^{if}
 volente) heroe

na dividia puro (um sincero) ra; kugoo

Esposa nos destruidos bens nas desventuras (vy = dir ^{af}
 amigo (ligado; bñshava = aliado; parata ^{giectio})

Contro: Em ^{uma} fatur (ait = ex; sa va; de sa = exprimer; extrahir)

Nahi soma = suco ^{de} (delepiade; Nolepias acida; ou do

sarcotema / ~~de~~ sarre = carne - stemma por Stephna, de

stephã = encher; d'onde stephanos = coroa) ^{virinale})

e em desventura certamente na fome (dur; dus; dis ^{un} alguns

casos, e bhiksch; devid. de bhikj = comer como edo desi-

derivativo esurio; e bnde bhiksebu = mendigo ^{de} Buddhi-

ta) de reino em destruidad

De rei na porta (druva, ouça; foris, porta? goth. dau; al. thür

e thür; ing. door) e no cemiterio (emacãm; em an = ^{rota} greek

ei = estar deitado; Como no grego xequa; xoupa = estar beitado; ^{je}
 xep; xerion; de herio = ^{guarda} quem está este parente

D'o thakal de novo de novo o laço o hando prendava; firme
 tem ate ligamento; e di; oh amigo de ^{terceira} organização ^{este} ^{ly}
 por isso hoje (apya = hãre) do senhor no dia (bhavãraka = ^{sonho}
 deus; vãra, diada semana, de var = ^{cozer} cozer, ^{coza} coza, e ^{porta} porta)
 como estes com os dentes toque; oh amigo se no pensamento
 não outramente pensas, então na aurore (propine) que por

(Entretanto) o shakal ahi chegando lá estando pensava: fruc-
 tiferado (bem sucedido) certamente de nós de fraude pela continua-
 ção do desejo cumprimento. D'esta sendo esartejada de carne
 de sangue (asridj por asrindji; ~~o~~ também asan por asandj; san-
 guis; talvez de sridj= espalhar) untos (lipta, de lip; αλειφω) ossos
 por mim necessariamente a ganhar. Estes pela ^{muitas} multidão co-
 midas serão. A gazella aquelle vendo regozijada diz. Oh amigo corta
 agora de mim o laço. Com pressa livra-me

Porque: Nos accidentes (a= ad; pad= πιπιω) amigo pode se re-
 conhecer no combate (yuddha= yudma; ἰοδῆνη; iodhana ^{ire=}
 valente) heroe (cū

na divida puro (um sincero) ra; kupoo)

Esposa nos destruidos bens nas desventuras (vy= dis-^asona
 amigos (ligados; bāndhava= aliado; parente, jactio)
 E outro: Em festim (ut= ex; sava; de su= espremer, extrahir;
 d'ahi soma= suco ^{d'uma} ~~da~~ asclepiade; asclepias acida; ou do
 sarcostema (~~o~~ sarx = carne- stemma por stephma; de
 stephō= encher; d'onde stephanos = corò) viminal) e em desventura certamente na fome (dur; δυο; dis em alguns
 casos, e bhiksch; desid. de bhadj= comer como edo desi-
 derativo esurio: d'onde bhikschu= mendigo ~~bhu~~ buddhis-
 ta) de reino em destruição

De rei na porta (dvāra; θύρα; foris; porta? goth. daur; al. thür
 e thor; ing. door) e no cemiterio (çmaçāna; çman= rosto; pessôa,
 çī= estar deitado; como no grego χεῖμα; χοιμαω= estar deitado; ja-
 zer; terion; de tèreō= ^{guardar} guardo) quem está este parente
 o ~~o~~ schakal de novo de novo o laço olhando pensava: firme
 bem este ligamento, e diz: oh amigo de tendões organizados estes laços
 por isso hoje (adya= hojīe) do senhor no dia (bhattāraka= senhor;
 deus; vāra; dia da semana; de var= escolher; ωρα, e hora)
 como estes com os dentes toque; oh amigo se no pensamento
 não outramente pensas, então na aurora (proxima) que por

ti a dizer isto a fazer. Assim tendo ditto d'este na proximidade a si mesmo escondendo estado este. Immediatamente essa gralha da tãde no tempo a garella não voltada vinda aqui e ahi procurando assim ^(em tal estado) acondicionada vinda disse: oh amigo que isto? Pela garella dicto: de desprezada ^{de} amigo palavra fructo isto. E assim dicto:

De amigos (su = sv - hoid; xadia; cor; heru; ^{hoid} ^{gald})
Com amor quem ouve não(o) fallado (bãschpãtam; de bãsch = fallar e de ahi bãschã = lingua; dialecto indiar) desventura a aproximada d'este. Este homem dos inimigos regozijo ^(velhaco; de tabaco; como bougo se Paul)

A gralha dir: este enganador onde senta? Pela garella dicto: de mim ^(de carne mansa = carne; russo miãso) arido está ahi mesmo. A gralha dir: dicto certamente por mim antes (purvam; de purva primeiro; de para = anterior)

Pecado não a mim e assim (dizendo) não isto de confiança causa

Acha-se pois pelos homicidas medo dos virtuosos ^{mesmo}
De lã ^(de) extinccães (nit ou nis = dis; vã = soprar; ara ^{ou, arãas})
chairo; de amigos palavra, e estrela d'alva ^(de abstracto)



Não cheirãos; não ouven; não olhão tidos de idade ^(de vida real)
ati = suf. part. pres. 1.ª pers. ^(de vida real)

Atraç da vitta (clam) de negocin ^(de vida real)
vitta (palam) amigavelmente ^(de vida real)
Evitã - se tal amigo de veneno vado lista d'occa

ti a dizer isto a fazer. Assim tendo dicto d'este na proximi-
dade a si mesmo escondendo estado este. Immediatamente
essa gralha da tarde no tempo a gazella não voltada vendo
aqui e ahi procurando assim acondicionada vendo dis-
se: oh amigo que isto? Pela gazella dicto: de despre-
zada ^{de} amigo palavra fructo isto. E assim dicto:

De amigos (su= ευ- hrid; καρδια; cor; herz; heart)
bom amôr quem ouve não (o) fallado (bhâschitam; de
bhâsch= fallar e de ahi bhâschâ= lingua; dialecto vul-
gar) desventura approximada d'este. Este homem dos
inimigos regozijo (velhaco; de Valacco; como bougre de Bul-
gare)

A gralha diz: este enganadôr onde senta? Pela gazella
dicto: de mim ^{de carne} (mãnsa= carne; russo miãso) avido está
ahi mesmo. A gralha diz: dicto certamente por mim
antes (purvam; de purva primeiro; de para= anteriôr)

Peccado não a mim é assim (dizendo) não isto de
confiança causa

Acha-se pois pelos homicidas medo dos virtuosos
mesmo

De luz ^{de} extincção (nir ou nis = dis; vâ = soprar; ana
α, ανη suff. do abstracto)

cheiro; de amigos palavra, e estrella d'alva/arundhati,
n nos compostos

Não cheirão; nao ouvem; não olhão idos de idade
a privativo; aidi= occultar;
ati= suf. part. pres. act. fem.
(os os) (de vida acabada)

Atraz da vista (clam) de negocios destruidôr, ante a
vista (palam) amigavelmente fallante
Evitem-se tal amigo de venêno vaso leite á bocca

Então a gralha longamente gemendo: ai! Oh velhaco que por tu malfeitor
fôto; fôr que

Por persuadição por boas palavras e por falsos ^{convite}
companhia e crônicas no mundo por que desajustados a enganar
Em de recorrer confiado de pura intenção quem ^{compete} malfeitor

Esta gente de não verdadeira aliança (falante) ^{compete} malfeitor
Tira a terra (vaiu = bem, dia ^{compete} malfeitor)

Com mal gente igual amizade e afecção também não se cria
E como ardente queima o coração (angaria; talvez ele age)
foge) pois amigável a mão

Ou o estado ^{compete} esta dor maior;
Capelo e diante d'el peis cape come de dorso a carne

Atos ouvido dou murmurelo zunbe pouco a pouco variando

Precha: parecendo com força inonpre ^{compete} temo

Toda de de mau procedimento mesca ^{compete} fôr ca

mas = zumbor) fôr

Mau e amigavelmente fallante nã esta de confiança

nell (madhu, picu, ue xi) ^{compete} está de lingua qn pira (agra; não, nezes; nelle, acit)

E na manhã ^{compete} proibida de trogar = pu - succa) do cam
po o senhor par-ra-mã nesta região chegando pela gralha

olhado e igual olhando pela gralha dicto: amig qn
zella a ti mesma como montas mostrando ^{compete} de vento
o ventoz (Adara = uterus) tendo enchido os pés interican
do fice. Quando eu o som fice então tu levantado com
pressa fugidas. A gazella assim mesmo da gralha pela
palavra estado. Então do campo pelo senhor de regoijo
expandido com olhar assim condicionada a gazella visto.

Ai ^{compete} a mesma morta es. Assim tendo dicto a gazella
do laço tendo tirado as liçoões a tomar com espôro

fô. Então da gralha o som ouvido a gazella com pre

Então a gralha longamente gemendo: ai! oh velhaco que por ti malfetor
feito; porque

Dos persuadidos por doces palavras e por falsos ^{serviços submet-}
confiantes e crentes no mundo porque ^{tidos vontade} dezejan-
Em soccorredor confiado de pura intenção quem ^é commette maleficio

Esta gente de não verdadeira alliança (palavra) oh bemaven-
turada Terra (vasu= bem; dhā~~ra~~ ιιθημι= pondo) ^{trazes}

Com má gente igual amizade e affeição ^(como) tambem não se faça

! E (como) ardente queima o carvão (angāra; talvez de agni
fogo **frio** ennegrece a mão

ou o **estado** ~~este~~ dos maus:

~~Em face~~ Adiante a pés cahe come de dorso a carne

Ao **ouvido doce** murmurio zumbe pouco a pouco variado

Brecha percebendo com força irrompe sem temer

Toda ~~de~~ mau procedimento mosca ^{lat. musca} (**maçaka**) de

mas = **zumbir**) faz.

Mau e amigavelmente fallante não esta de confiança

Mel (**madhu**; μέθυ; μέλι) está de lingua na ^{causa} **ponta** (agra;

^{αχλή, αχρος; acus; acutus)} no coração **veneno** hālāha

(**veneno** (provavelmente de hāla=vinho licor)

E na manhã (**prabā** prabhata de προφα = **pre** - lucere) do cam-
po o senhōr pau-na-mão a esta região chegante pela gralha
olhado. Aquelle olhando pela gralha dicto: amiga ga
zella a ti mesma como mortas mostrando ~~de~~ de vento
o ventre (**udara** = uterus) tendo enchido os pés interican-
do fica. Quando eu ~~o~~ som faço então tu levantando **com**
pressa fugirás. A gazella assim mesmo da gralha pela
palavra estado. Então do campo pelo senhor de regozijo
expandido com olhar assim condicionada a gazella vista.
Ai! ^{por ti} tu mesma morta és. Assim tendo dicto a gazella
do laço tendo livrado as ligações a tomar com esforço
foi. Então da gralha o som ouvindo a gazella com pres-

levantando fugido. Aquella intencionando por este do
 Campo senhor com deitado pau o Sepakal ferido,
 assim dicto:

Por Em tres (tribhiv) annos (varaha = chuva
 de ~~varaha~~ vruch; ~~pe~~ pu) em tres mezes (masa) em tres
 Metades (pakscha = lado; meio meq lunar) em tres dias
 por muito excessivos maleficos virtudes aqui mesmo
 fructo ganha-se
 Por isto eu digo: de comida comedor ~~et cetera~~. A
 gralha de novo ditte:



Comido mesmo por ti não comida de mim
 Tu vivente eu vivo como ^{de eadente} Tetrágrito, ^{oh innocente}
 E contra: dos quadrupedes (triyatch de tri = trans; vitch = ^{incerto})
 mesmo confinea vista (vè-de) ^{parentes} a virtude do
 Dos bons porquanto de bondade por caracter natural
 não se muda

E tambem: de bom enceterando mesmo mente não vem a
 mudança

Não porquanto a incendiar possid do oceano a agua
 de eruz com tica / ulka; vulcanus; de usch; mare; ^{ulka}
 aurora; ^{ewo; ηωε em Homero; abwo; ost; osteln = Cascha; festa =}
 da deusa Ostora; deusa da aurora e da primavera, como o ka
 tal corresponde ás eternalia de 25 de sobre até o novo anno,
 omque se davão presentes, sobretudo no dia de Anthon,
 chamados Strenia (strenne; estria) e os senhores Seruati e

levantando fugido. Aquella intencionando por este do campo senhòr com deitado pau o schakal ferido, e assim dicto:

~~Por~~ Em trez (tribhis) annos (varsha = chuva de ~~vrisch~~ vrisch; βρεχω) em trez mezes (māsa) em trez metades (pakscha = lado; meio mez lunar) em trez dias ^(dina) por muito excessivos maleficios virtudes aqui mesmo **fructo** ganha-se

Por isto eu digo: de comida comedòr ~~et~~ coetera. A gralha de novo disse:

Comido mesmo por ti não comida de mim
Tu vivente eu vivo como Tchitragriya,
^{excellente}
^{oh innocente}
(sincero amigo)

E outro: dos quadrupedes (tirytych de tri = trans; antch = ire) mesmo confiança vista (vè-se) ~~fa~~ virtude só fazentes
Dos bons porquanto de bondade por character natureza não ~~se~~ se muda

E tambem: de bom encolerizado mesmo mente não vae a mudança

Não porquanto a incendiar **possivel** do oceano a agua de erva com tição (ulkā; vulcanus; de usch; urere; **uschas** aurora; εως; ηως em Homero; αὖως; ost; ostern = Paschoa; festa da deusa Ostara; deusa da aurora e da primavera, como o Na tal corresponde s Saturnalia de 25 de l0bro até o novo anno, em que se davão presentes, sobretudo no dia de anno bom, chamados strenia (étrenne; estrèa) e os senhores serviãõ á

Mesa et ceteros, em memoria dos tempos diturnos, da idade de
 ro. Os Germanos festejara a volta do sol; o solstício de inverno)
 Irianiaka dik; ~~com~~ inconstante (mavedico) ta com inconstante
 affeição não a favor
 E ~~atim~~ dicto: gato Bufalo (mahischa; talve de mah = mactare)
 marão (mescha; meha n. mib; mingo) gralha ~~com~~ max ~~ta~~
 meor ~~atim~~ como pela confiança prevalecem, confiança
 aqui não conveniente

(E tambem outro) ^{tu partidario de inimigo} de inimigo partidario tu de nos ~~de nos~~
 dicto isto:

Com inimigo não porquanto ^{tu} se tem ligada mesmo al
 liança

Beim aquecida a potavel (agua) apaga ^{mesmo} certamente o puri-
 ficador (o fogo = pāvaka; de pavayami = purificar; rau
 pu = purus; puto = corar; podar)

Nã gente ^{dos} (duer = ~~duer~~) a evitar com sciencia ornada mes-
 mo estando

Com gioia ornada serpente (sarpa; de sarpa = serpere) como
 esta não medo sabendo?

Eue ~~impossivel~~ impossivel ~~nao~~ ~~possivel~~, que possi-
 vel ~~possivel~~ certamente isto

Não em aqua como rã e não nau ~~nao~~ ~~nao~~ em terra
 firme (sthalā; ~~sthalā~~ sthale; stalle, de ~~sthalā~~ stare; locus
 nar stlocus)

E outro: Com grande mesmo de bons riquera quem confia em in-
 migos e espocas desviadas por isto tendo fim de aquelle a via

meza os escravos, em memoria dos tempos saturnios; da idade d'ou
ro. Os Germanos festejavão a volta do sol; o solsticio de inverno)
Iraniaka diz: ~~●~~ inconstante (movediço) tu com inconstante
affeição não a fazer

E assim dicto: gato bufalo (mahischa; talvez de mah=*mactare*)
marrão (mescha; meha r. mih=*mingo*) gralha ~~●~~ mau ho_
mem assim como pela confiança prevalecem, **confiança**
aqui não conveniente (tu partidario de inimigo

(E tambem outro:) de inimigo partidario tu de nós ~~●~~ ^{de nós}
dicto isto:

Com inimigo não porquanto allie-se bem ligada mesmo al
liança

Bem aquecida ^{mesmo} a potavel (agua) apaga certamente o puri
ficadòr (o fogo= pāvaka; de pavayami= purificar; raiz
pū= purus; puto= cortar; podar)

Má gente (^{δυσ γενος} dur - djana) a evitar com sciencia ornada mes_
mo estando

Com **joia** ornada serpente (sarpa; de sarp= serpere) como
esta não medo fazendo?

Que ~~não possa~~ impossivel não ~~●~~ isto possível, que possi
vel possível certamente istos

Não em agua carro vae e não nau ~~●~~ anda ~~●~~ em terra
firme (sthala; ~~stabile~~ stelle; stalle; de **sthā**= stare; locus
por st (locus)

E outro: com grande mesmo de bens riqueza quem confia em ini
migos e esposas desviados por isto tendo fim de aquelle a vida

Lagupatanaka (levis; aza; de pat= voar) diz: ouvido por ^{mim} tudo. Assim mesmo de mim tal conselho contigo (te-cum) amizade ~~necessaria sem vont~~ necessariamente (sem vontade) a fazer. Não se (se não) por não comèr a mim ^{mesmo} ~~o~~ matarei (farei ~~cahi~~ de cahir)

Assim porem: de barro pote como facil a quebrar e **difficil** a compòr ~~o~~ má gente é

Boa gente porem de ouro (kanaka; de kan= **brilhar**) pote como difficil a quebrar, e ~~de~~ rapido (~~o~~ açu. wku) a compòr

E ainda: por fusibilidade de todos os metaes (**loha**; *conf. lôhita*; rôhita= rubrus), por motivo da caça, passaros por **medo** e cobiça dos doudos (mürkha; de murtchh= desfallecèr) a reunião; pelo vèr dos bons

E ainda: nós de côco de **aspecto** ^(como) são vistos mesmo porquanto **boa** gente

outros de **jujube** ^(açofeifa arab. al-zofeizaf; arabizado do grego zizyphon) (mimosa octandra) de aspecto* ^(como) de fóra com effeito encantadòres (zizyphum rubrum; ^{maça} De amizade na **quebra** ^{scisão d'anafega arabe alnabika} mesmo dos bons as qualidades (bòas) não entr**ão** mudança

Na quebra (bhanghe; de bhandj por bbrandj = *frango* ϩᲙᲗᲗᲗᲗᲗᲗ; por ᲑᲙᲗᲗᲗᲗᲗᲗ) mesmo porquanto dos lotos adherem **fibras**

E outro: doçura liberalidade heroismo igualdade na boa **ventura** e desventura ^e ~~dexteridade~~ (urbanidade) ^{(dexterida} ~~de -no trato)~~

em affeição (anufradj = a pôs - inclinar) e veracidade de amigo
qualidades

Com estas qualidades dotado de ti outro por mim que amigo a gr
nar; assim a primeira (assim ^{esta} e outras ^{palavras} ~~palavras~~) este palavra
nirindo ~~palavra~~ Hiranyaka fere sakinid (es-correndo) disse:
regozijado eu de vs por est de palavras ~~nectas~~ (nectas; $\gamma\sigma\pi$ =
Niktar; p. sup. de kitar = incensar, como succede ao vinho ~~res~~
nado de ficia; sank. amrita ap β oosid e tambem nectas) e as
sim dicto: De calor (gharma; no persa ~~ghara~~ garm. fogo; al. e
ing. warm; garam etc.) vezado não costum em bem frias aguas
~~de~~ Banho nem de perolas colar nem de sandalo, fero = belleza
Khanda = partícula; Comumente tchard = brilhas - ana, sup.
subst.) unccão (vi - tepana; lip; grego dera sw; a dequw; dera = oleo,
regozija ao corpo applicada

Para amizade de boa gente ~~palavra~~ aproveita ordinariamen
te (para = pro - affa de i = ur) como, de intelligencia com boa
união proferida (puzas = pro - Kitta feito de Kar = super) de bñ
feitos (homens, de bons homens) por atracção (e) encerta
mento supremo

Contro: Do segredo ~~scissão~~ ^{sollicitação} ~~sollicitação~~, durera ^{inacção} ~~vacillante~~
vacillante pensamento, colera, não veracidade, jogo: isto e'
de amigo falta.

Por este de palavras decido d'isto uma falta mesmo em ti
não e' percebida

Porque: Labilidade (astucia); veracidade da narraçã pe
ta junccão reconhece-se; incoerancia; não vacillação pelo
aspecto percebe-se

E outro: ~~entramente~~ certamente amizade e' de puro interior

e afeição (anu/radj= após - inclinar) e veracidade de amigo qualidades

~~Com~~ De estas qualidades dotado de ti outro por mim que amigo a ganhar; assim a primeira (assim ^{esta} ~~esta~~ e outras ^{palavras} ~~coisas~~) esta palavra ouvindo ~~Hiranyak~~ Hiranyaka fóra sahindo (es-correndo) disse: regozijado eu de vós por este de palavras nectar (νεκταρ; ~~νικτ~~ niktâr; p. nip. de katar= incensar; como succede ao visinho ^{res} ~~res~~inado da Grecia; sansk. amrita ~~αμβροσία~~ e tambem nectar) e assim dicto: De calôr (gharma; neo persa ~~garm~~ garm; θερμος; al. e ing. warm; garaim **irl.**) vexado não assim em bem frias aguas ~~banho~~ banho nem de perolas colar nem de sandalo (çri = belleza khanda = particula; commumente tchand= brilhar- ana ; suf. subst.) unccão (vi-lêpana; lip; grego λιπαρω; αλειρω; λιπα=oleo, regozija ao corpo applicada

Para amizade de boa gente palavra aproveita ordinariamente (pra= pro- ay/a de i= ir) como, ^e de intelligencia com boa união proferida (puras= pro-krita feito de kar= fazer) de ^{bem} feitos (homens; de bons homens) por attracção (é) encanto ^{supremo}

E outro: Do segredo scissão ^(e) sollicitação; dureza ^{inconstan} ~~vacillante~~ vacillante pensamento; colera; não veracidade; jògo: isto é de amigo falta.

Por este de palavras decurso d'isto uma falta mesmo em ti não é percebida

Porque: habilidade (astucia); veracidade da narração ^{pe} ~~pe~~ la junção reconhece-se; inconstancia; não vacillação ^{pe} ~~pe~~ lo aspecto percebe-se

E outro: outramente certamente amizade é de puro interior

de si tendo

Procede outramente o discurso de pela fallacia maçula
da a mente tendo

Em mente outro, em palavra outro, a fazer outro dos de má-
alma. Em mente um; em palavra um; no negocio um
dos magraminos

Este seja de ti desejado certamente. Assim tendo dito
Hiranyaka amirado fazendo de comidas com excellen-
cias a gralha satisfazendo no buraco entrado. A
gralha tambem para seu lugar ida. De isto em
diante (prolote) d'ambos de um a outro de comidas
pelo dom de estado, pelas perguntas e de familiari-
dade por conversas o tempo passa-se. Uma vez, logo
levis-phadanaka = ala ao hiranyaka disse: amig^o, não
difficil de tomar comida este lugar abandonando ^o lugar
outro ir desejo. Hiranyaka ~~de~~ ^{disse}: Oh amigo não
ir. E assimito, anda com um pé ^{no} ~~com~~ ^o outro
prudente não sem tomar outro lugar o primeiro
apresente abandone

A gralha ^{disse}: ha bem examinado lugar. Hiranyaka
dizia: que isto? A gralha ^{disse}: É ha de dandaka (pau
na floresta (aranyā) (arari = os paues que se estrefe
para tirar fogo; alnus, ornus; egros) de karpura (con-
chora) (Kāṭya) gaura (rardo) de nome lago
Ahi de longo tempo ganhado ~~carro~~ ^(pau) ~~pronado~~ ^{amigo}
de mim manthara (o mesmo que mandara = lento; a-

de si tendo

Procede outramente o discurso **do** pela fallacia macula_
da a mente tendo

Em mente outro; em palavra outro; a fazer outro dos de má
alma. Em mente um; em palavra um; no negocio um
dos magnanimos

Este seja de ti dezejado certamente. Assim tendo dicto
Hiranyaka **amizade** fazendo de comidas com excellen_
cias a gralha satisfazendo no buraco entrado. A
galha tambem para seu lugar ida. De isto em
diante (prolaté) d'ambos de um a outro de comidas
pelo dom de estado pelas perguntas e de familiari_
dade por convesas o tempo passa-se. Uma vez ^{laghu}
levis- phadanaka= ala as hiran̄yaka disse: amigo, ^{mais}
difficil de tomar comida este lugar abandonando) ^{a lugar}
outro ir dezejo. Hiranyaka ~~disse~~ diz: oh' amigo aonde
ir. E assidictor, anda com um pé fica com **um outro**
prudente ^m não sem examar outro lugar o primeiro
apostento **abandone**

A gralha diz: ha bem examinado lugar. Hiranyaka
dizia: que isto? A gralha diz: ~~ha~~ ha de dandaka (pau)
na floresta (aranya (arani= os paus que se esfregão)
para **tirar** fogo; alnus, ornus; ερvoς) **de karpūra** (cam
phora ر كزى = kātūra) gaura (pardo) de nome lago,
Ahi de longo tempo ganhado ~~caro~~ ^(priya) prezado) amigo
de mim manthara (o mesmo que mandara= lento; a_

dormecido; de mand= embriagar) de nome tartaruga /katchtcha^{ha}
pa; de katchtcha= riba -pã= bebèr) honesto mora

Porque: De outro no ensino sciencia de todos bem facil homens

Na lei de si mesmo exercicio de ^{qualquer} ~~qualquer~~ porem magnanimo
E este de comida com excellencias a mim nutrirá. Hiran^{ya}

naka tambem disse: isto que ahi ficando por mim a fazer
Porque: Em que região não honra; não meio de vida e amigo,

Nem de sciencia possibilidade, qualquer esta região evite

E outro: No mundo subsistencia não temòr pudòr polidez deli^{beralidade caracter}

Cinco onde não se achão não se faça ahi estada

Ahi oh amigo não ha morar onde não ha a quadrilha:

De dividas doadòr (que perdòe dividas) e doutòr e vedista
(conhecedòr dos Vedas, ^(abundante de agua) ~~com~~ com agua ^{rio})

Por isso a mim tambem lá conduze. Então a gralha lá com

este amigo por varias allocuções alegre d'este lago a

proximidade veio. Então manthara de longe percebendo

de laghu^{gralha}patanaka (leve -alada) como conveniente hospita^{tendo feito}

lidade ~~fazendo~~ de rato hospede saudação fez;

Porque: Menino ou se, ou envelhecido, joven ou, a casa

D'este honra a fazer em toda a parte o ^{chegado} ~~chegado~~

Venerando o fogo dos bisnatos (as^{as} castas que a investidu^{venerando}

ra do cordão sagrado regenera para a

vida espiritual) das castas o brahmane ve^{nerando}

O esposo um (unico) venerando das mulheres em toda aparte o ^{che} ~~gado~~ ^{gado} venerando

A gradalha dizia: oh amiga manthara com distincção honra

a este faze porque este de pias obras carregado de compai^o

xão mar (~~ratna~~ ratna= ~~joia~~ joia; de ram= alegre - ākara = fazendo)

hiranaka de nome dos ratos rei: D'este das qualidades elo^o

gio de linguas mil ~~com~~ com dualidade mesmo (com duas mil

linguas mesmo) das serpentes rei não uma vez (nenhuma

vez)

contar capar seria. Assim todo distrito de Tchitraviva
 a hutoria tendo descrito (colorido). Mantara com seu
 rencia Hiraniaka honrando disse: oh caso de te mal no
 sem gente ~~de~~ em matto ^{de} chegada causa contos que iras
 Hiraniaka disse: conto; seja curido: ha em Chhambaka
 (michelia champaca; arvore de flores amarellas e odor
 ríferas) (Cidade Chamapur ou Champenagan junto de
 Bhagalpur na atta Bengala) de nome cidade de
 peregrinantes (parivradjaka; de parivradj = vagar)
 convento (i-vas-atha; ad-habitare-suff.) da Tchudra
 torite - Karma = ~~em~~ oreha) de nome peregrinante (pan
 digo) mora. Este de ~~comida~~ ^{comida} duada de mendigo com co
 mida reunida de mendicidade panella de elephan
 te no dente ~~comendo~~ prendendo dorme. E eu esta
 comida ~~comendo~~ para cima saltando quotidiana
 mente como. Immediatamente d'este caso amigo Venā
 alau de - Karma = orehaff; de nome mendigo chegou.
 Com este ~~de~~ de conversa em conversação occupado de mim
 de torior por causa de ~~com~~ ^{bambá} quebrado com pedaçõ
 Tchudakarna a terra batia. Vinākarna disse: umigo
 que pois de mim da conversação de da feição do outro
 comida entregue (e) tu ~~de~~ Tchudakarna dicto: umigo
 não eu distraído; porém (quid autem) ve este rato
 de mim inimigo (desfarente) sempre em vaso ^{imacchika; de que}
 de mendicidade comida saltando para cima como ^{gustar}
 Vinākarna de elephante (origa; montanus; de naga

contar capaz seria. Assim tendo dicto de Tchitragriva a historia tendo descripto (colorido). **Manthara** com **reve** _
 rencia Hiranakia honrando disse: oh caro de ti mesmo sem gente ~~de~~ em matto) ^{(de} chegada causa contar queiras
 Hiraniaka disse: conto; seja ouvido: ha em Tchambaka (michelia champaca; arvore de flores amarellas e odoriferas) (cidade ~~chamapur~~ ou champenagar perto ^{de} de Bhagalpur na alta Bengala) de nome cidade de perigrinantes (parivrādjakā; de parivradj= **vagar**) convento (ā-vas-atha; ad-habitare-suff.). Lá Tchūdā^ā topete-karna= ~~orelha~~ ^{comer} **orelha**) de nome perigrinante (mendigo) mora. E este de ^{comer} ~~comida~~ deixada de mendigo com comida reunida de mendicidade panella de elephant ^{prendendo} te no dente ~~saltando~~ ^{prendendo} prendendo dorme. E eu esta comida ~~saltando~~ para cima saltando quotidiana^{mente} mente como. Immediatamente d'este caro amigo Vinā^ā=1 alaude-karna =orelha//; de nome mendigo chegou. Com este ~~de~~ de conversa em conexão occupado de mim de terròr por causa de ~~bum~~ ^{bambú} quebrado com pedaço Tchudakarna a terra batia. **Vinākarna** disse: amigo, que pois de mim da conversa desaffeçoado a outra cousa entregue (és) tu? ^{por} Tchudakarna dicto: amigo, não eu **distrahido**; porem (quid autem) vê, este **rato** de mim inimigo (desfazente) sempre em vaso estando ^(müschika; de müs) de mendicidade comida saltando para cima come. ^{furtar} **Vinakarna** de elephant (nāga; **montanus**; **de** naga=

mons; tambem nagađja= monte- gnatus) o dente olhando disse:
 como o rato bem pouca força mesmo assim longe alto pula
 (vòà)? Isto ahi por alguma causa deve ser feito. E assim ~~sem~~ ^{dicto}
 sem porque (sem causa) ^{dicte} moça, velho aos cabellos agarrando beija
 o esposo sem compaixão abraçando; causa ahi será.
 Tchūdākarna pergunta: como isto? Vinākarna conta:
 ha em Gandīya (na região de Gauda; depois Gaur; antiga
 capital de Bengala no centro d'esta) o kauçāmbī de
 nome cidade. Nesta Tchandana (~~sandalo~~) ^{sandalo} dāsa (es-
 cravo; creado) de nome mercadør grande riquezas
 tendo mora. Por esta em posteriør idade **andando** (var-
 tamāna = se vertens) de amor occupada a mente tendo de
 riqueza pelo orgulho. Līlā = encanto -vati = tendo, de
 nome; de mercadør filha **esposada** (pazi = grego **pari**
 nī = condizer'). E esta de peixes - signo - tendo (**deus de**
 amòr) de victoria **estandarte como** juventude **tendo**
foi; e este velho esposo d'esta ^à satisfação não era
 Porque: Em lua como pelo inverno dos vexados, pelo calor
 dos vexados em sol como

A mente não regozija-se das mulheres pela velhice en-
 velhecidos sentidos ~~em~~ tendo em **esposo**

E outro: Em grisalhos mesmo ^(já) **vistos** de **homem que de no-**
^(é possível)
 me **amòr?**

Remedio como **considerão**; porque a outro **pensantes** ^{mulheres}
 E este velho esposo em esta **perdidamente amoroso**:
 Porque: De riqueza esperança e de vida (djiv = vivo; ^{ing.} quick; al.
 erquicken; queck- silber = vivum argentum) esperança importante
 (gurvī; fem. de guru; gravis) dos alma-ferentes (homens) sempre

D'um provectoro uma joven esposa ^{que} a alma mesmo mais impor-
tante

Não gozar e não largar pode objectos o velho

Ossos sem dentes são como com **lingua** (djihrā; em zend hiziva
em neo persa zeban; z= dj. hv=w ou b; em russo yezuk) lam-
be ~~sem~~ (ledhi por ~~be~~ **lehdi**; ^{de} lehti; de lis; λιγω; lingo; goth.
laiō; al. lecken; ing. lick; lécker; ^{lakk} = lakak) só

E esta Lilāvādī de mocidade por orgulho transviada da familia
a honra com ^(a) certo de mercador filho ^{inclinação} tendo foi
Porque: independencia, do pae na casa moradia; de precis-
são na festa assistencia

E ~~em~~ reunião; dos homens proximidade não continencia ^{habi-}
^{tação} no estrangeiro tambem

~~Do~~ **Commercio** com mulheres perdidas (puncstchali = homem-
procurante), não uma vez da fortuna **própria ruina**
Do esposo velhice; inveja de descendencia; da ^{perdição} ~~ruina~~
causa da mulher

E outro: beber; com maus **commercio**, e do esposo separação;
vagar, e somno; ~~de outro~~ de outro na casa habitação: de
mulheres peccados seis

Logar não ha, momento não ha, não ha pretendente
homem:

Por isto, oh Narada (nome deva/tschi (divino rishi) filho de Brah-
ma) das mulheres virtude (Satī= boa; a suttie dos inglezes)
produz-se

Não das mulheres não querido um ^{nem} ~~se~~ querido se acha,
Vaccas erva como no bosque **procuração novo**, novo

E outro: ^{de} ~~ghri~~ ghrita (de ghri= brilhar; manteiga **clarifi-**
cada derretida que se queima no **sacrificio** sobretudo
de Agni (ignis; ogni, em russo, e nas linguas slavas)

a pte semelhante a mulher, de aquecido carão semelhante
o fomer.

~~Exceção~~ É por isso a grita e o fogo não em um lugar por ha o
prudente
nem pudor nem modestia nem dextera nem medo
de pretensão, na existência certo unica da virtude da mulher.
O pai guarda na infancia, o epoto guarda na juventude.
É o filho no velho estado, nada mulher independencia merece.
Uma vez esta Litavati de perolas empileiradas como raso
variegado em leito (parianka; tambem palanka d'onde
palanquin) com este de mercador (banig; d'onde banig,
filho de confiança em discursos bem assentado/ótimo;
de ai; igual) a este ~~caso~~ ^{impereito} ^{aproximado} ^(kega, keburg, casaried)
pozo olhando, com força saltando, pelos cabelos agarran-
do fortemente abraçando beijado tendo, e por essa occa-
sião o adúltero (djara; de djar = envolver, pzas, ysgu,
hure; em latim sul-alterum) escapado.

Edicto: Ucanas (filho de Kavi (poeta) e preceptor dos Asu-
ras (os deuses) sabe que sciencia (A sciencia que sabe
Ucanas) e que sabe Virhaspati (sacrificio sancto, oração
senhor) por ~~seu~~ seu ser certamente esta sciencia das
mulheres na intelligencia bem prompta.

Este abraço olhando na proximidade estando uma
alcoiteira pensava: sem porque esta d'aquele abra-
cado tendo. Então por esta alcoiteira ~~esta~~ d'isto a causa
reconhecendo esta Litavati pelo escondido muleta,
por isso eu digo: sem porque uma jiron um velho
et coetera. Do rato a força por apois qualquer

a pote semelhante a mulher, ~~de~~ a aquecido carvão semelhante o homem

~~Por isso~~ E por isso a ghrita e o fogo não em um lugar ponha o prudente

Nem pudòr nem modestia nem dextreza nem medo

De pretensão não existencia certo unica da virtude da mulher

O pae guarda na infancia, o espòso guarda na juventude

E o filho no velho estadó, não a mulher independencia merece

Uma vez esta Lilāvati de perolas enfileiradas como raio

variegado em leito (parianka; tambem palianka d'onde

palanquim) com este de mercadòr (banig; d'onde banian,

filho de confiança em discursos bem assentado (āsina;

de ās; ηουι) a este inesperado imprevisto aproximado es

poso olhando, com força saltando, pelos cabellos agarran

do fortemente abraçando beijado tendo, e por essa occa

sião o adultero (djara; de djar= envelhecer; γερασ; γερων; al. hure; em latim ad-alterum) escapado.

E dicto: Uçanas (filho de Kavi (poeta) e preceptòr dos Asu ras (os deuses) **sabe** que sciencia (A sciencia que sabe

Uçanas) e que sabe Vrihaspati (sacrificio sancto; oração senhòr) por ~~seu~~ seu sèr certamente esta sciencia das mulheres na intelligencia bem prompta.

Este abraço olhando na proximidade estando uma alcoviteira pensava: sem porque esta aquelle abraçado tendo. Então por esta alcoviteira ~~este~~ d'isto a causa reconhecendo esta Lilavati pelo escondido muletada, por isto eu digo: sem porque uma joven um velho et coetera. Do rato a força por apoio qualquer

Causa ahí a ser. Momento tanto pensado pelo mendicante dicto: e causa ahí da riqueza a ^{multidão} ~~possibilidade~~ certamente será

porque: rico forte no mundo ~~todo~~ todo (cada um) em toda a parte em todo o tempo (varah sarvatra sandat)

Então: na (Khan = cavar; ^{torna-se} ~~caum~~ = suf. d' instrumento) canais; cuniculus

pegando por elle o buraco tendo cavado de muito ~~uma~~ ~~tomada~~ de mim riqueza tomada. D'isto em diante de propria força privado do verdadeiro poder despojado da sua (monha) comio a ganhar nas capas com tremor (trava; de tras; ~~reio~~; tremor) lento lento subrepente por ~~trada~~ ~~topete~~ - Karna = orelha orelha por este dicto:

Pela riqueza forte no mundo pela riqueza torna-se sabio otha este rato maço de sua gente ~~igualdade~~ vindo E também: pela fortuna por nem de despojado homem pouca intelligencia tendo negocios ~~todo~~ ~~destruem-se~~, no ~~caso~~ ~~de~~ ~~pe~~ ~~que~~ ~~nos~~ como

E outro: cujas fortunas deste amigos, cujas fortunas de te ~~ligados~~; cujas fortunas este homem no ~~este~~ mundo, cujas fortunas ~~este~~ este mesmo sabio

Contra de despojado a casa varia ~~del~~ bom amigo del ~~projado~~ e de louco as direcções (do mundo - todos, mundo) variam de todo ~~na~~ ~~pobresa~~

E outro: estes sentidos não corrompidos, ~~este~~ assim no. Me, esta intelligencia não destruída, ~~pobresa~~ ~~este~~

causa ahi a sèr. Momento tendo pensado pelo men-
dicante dicto: e causa ahi da riqueza a ^{multidão} ~~grandeza~~
certamente será

Porque: rico forte no mundo ~~todo~~ todo (cada um) em
toda a parte em todo o tempo (sarvah sarvatra savadā)

~~Porque~~ Senhorio da riqueza raiz porem dos reis ^{torna-se} ~~mesmos~~
Então: ná (khan= cavar; itrūm= suf. d'instrumento)
)canalis; cuniculus

pegando por elle o buraco tendo cavado de muito ^{amon}
toada de mim riqueza tornada. D'isto em diante
de propria força privado de verdadeiro podèr des-
pojado ~~de~~ Sua (minha) comida a ganhar não capaz
com tremòr (trāsa; de tras; τρω; tremo) lento lento
subrepente por Thūda= topete - karna= orelha ^{olhado}
por **este** dicto:

Pela riqueza forte no mundo pela riqueza torna-se sabio
olha este rato mau de sua gente ^{da} a igualdade vindo
E tambem: pela fortuna **po**rem de despojado homem pouca
intelligencia tendo negocios todos destruem-se, no calòr pe-
quenos rios como

E outro: cujas fortunas deste amigos, ujas fortunas des-
te ligados; cujas fortunas este homem no ~~mundo~~ mundo; cujas
fortunas ~~este~~ este mesmo sabio

E outro: de desfilhado a casa vasia e ^{de} bom amigo des-
pojado e de louco as direcções (do mundo -todo,
mundo) vasia de todo vasia pobreza

E outro: estes sentidos não corrompidos, este assim no-
me, esta intelligencia não destruida, palavra esta

assim; de fortuna; d'esplendør despojado homem este mesmo;
outro no momento torna-se; espantoso isto.

Isto tudo tendo ouvido por mim pensado: de mim **ahi** a
morada inconveniente agora. E ~~que~~ que a outro d'**este**
negocio ~~certo~~ narração isto tambem não inconveniente
Porque: de fortuna destruição, de coração afflicção e em
casa desgraças ~~e~~; e engano e ^{deshonra} ~~desengano~~ intelligente
não manifeste.

E tambem: idade fortuna de casa fenda encanto *copu*
la ~~de~~ philtro penitencia dom e deshonra: nove a
esconder com dilligencia

E assim dicto: excessivamente opposto (vī mukha= des-
bocado) o destino e inutil (vi= in- ^{contra} artha= res) esforço
humano de intelligente pobre (manas= mens- vin' suf. pos.)
re;? darv ~~visch~~ persa; o mesmo que em arabe *fakir*;
de fakara= caruit) de floresta outra onde ventura?

E outro: **Intelligente** morre antes: a indigencia não
porem anda. Tambem ^a ~~de~~ extinção anda, não o fo-
go anda á frieza

E tambem: de flør ^{de} ramalhete como duas naturezas
e do intelligente ou de todo mundo na cabeça ou
é pisado na floresta

~~E~~ E pelo que aqui certamente ~~de~~ por mendicidade vida
esta muito reprehendida

Porque: melhor; de riqueza por despojado com sua al-
ma acceso fogo (pobre queimar-se a si proprio) não

de socorro privado (nad ~~de socorro~~ ^{de socorro}) mau supplicado
 homem
 Outro: De pobreza ~~o~~ a pudor vem, de pudor rode
 do de sua consciencia (a consciencia de si proprio) e
 privado; sem consciencia e' desprozado pelo desprezo
 a desespero vem
 O desesperado a cuidado vem, de cuidado abatido de sua
 intelligencia e' privado, o inintelligente a' guina va:
 ah! ~~o~~ a sem requera de todas desgracas cui-
 -sa

E tambem: Melhor para fazer silencio: e nad pa-
 laura dicta que injusta. Melhor impotencia de ho-
 mens: (nad de outrem de ~~o~~ mulheres ^(momento) approximar)
 Melhor da alma (de si mesmo) abandono, e nad
 de calumniador nas palavras regozijo. Melhor
 de mendicidade comer e nad de outrem de ri-
 quera apoderar-se forca

E tambem: O servico honra toda, Oluar a escuri-
 dad, a velhice o encanto, de Hari (sobrenome de
 Vishnú; verde, fulvo; amarello) e Glara (sobreno-
 me de ~~o~~ Civa; captorante) a invocacao crime,
 virtudes cento mesmo a mendicidade tira.

Delibando: por illi ~~pe~~ que eu de outrem com o ~~pe~~ a mim mesmo ~~delibando~~
 to? Mal ~~o~~ oi! Isto mesmo segunda porta da morte

Forque: de expanda ~~apprehente~~ saber, e por comprar ~~compra~~
 da copula e comer de outrem dependente ~~tres~~ ~~pitras~~
 fem. de trayas) de homens ridicularia



de socorro privado (não soccorrendo) mau supplicado
soccorrendo
homem

E outro: De pobreza em a pudòr vem, de pudòr rodea
do de sua consciencia (da consciencia de si proprio) é
privado; °(sem consciencia é desprezado pelo desprezo
a desespèro vem

O desesperado a cuidado vem, de cuidado abatido de sua
intelligencia é privado, o inintelligente á ruina vae:
ah! ~~o~~ a sem riqueza de todas desgraças cau
sa

E tambem: melhor para fazer silencio: e não pa
lavra dicta que ^(é) injusta. **Melhor** impotencia de ho
mens: e (não de outrem de ~~o~~ mulheres approximar.
Melhor da alma (de si mesmo) abandono, e não ^(morrer)
de calumniadòr nas palavras regozijo. Melhor
de mendicidade comèr e não de **outrem** de ri
queza apoderar-se força

E tambem: O serviço honra toda, o luar a escuri
dão, a velhice o encanto, de Hari (sobrenome de
Vischnú; verde; fulvo; amarello) e Hara (sobreno
me de ~~o~~ Çiva; captivante) a invocação o crime,
de virtudes cento mesmo a mendicidade tira.

Deliberando: por isso que eu de outrem com o pão a mim mesmo susten
to? Mal ai! Isto mesmo segunda porta da morte

Porque: de expansão apprehente saber, e por comprar compra
do copula e comèr de outrem dependente trez (tisraz; ~~o~~
fem. de trayas) de homens ridicularias

Outro: ^(muito tempo)
 Soenta longa viajante de outrem com da comente de outrem
 na casa jacente o que vive isto a morte o que morte isto
 d'este repouso. ^o
 Assim pensando pela cobiza de novo mesmo dos homens
 a riqueza a tomar empreza faria

E assim ditto:

Por cobiza sabedoria vae-se, a cobiza gera sede de se
 verado a impelicidade adquire lá e cá homem

Por isto eu por Vinakarna este de quebrado lambú ba-
 tidos (fui) Entao eu pensava avido (lubdha; libitad)
 não satisfeito certamente de si mesmo inimigo

E assim:

Todas as venturas d'esse satisfeito de quem a munte
 de sapato escondido o pé de tendo (de quem tem) certa-
 mente de couro coberta a terra (quem julga ter
 todas as venturas e' como quem tem sapato de cou-
 ro cre' a terra coberta d'este)

Outro:

Da satisfacao pela ambrosia dos regozijados que feli-
 cidade, a pariguando as almas, d'onde ^(dizia) esta riqueza
 dos avidos lá e cá correntes?

E outro: (muito tempo)
Doente longe ^{viajante} de outrem comida comente de outrem
na casa jacente o que vive isto a morte o que morte isto
d'este repouso.

Assim pensando pela cobiça de novo mesmo dos homens
a riqueza a tomar empreza fazia

¶ E assim dicto:

Por cobiça sabedoria vae-se, a cobiça gera sêde de sêde
vexado a infelicidade adquire lá e cá homem

Por isso eu por vinakarna este de quebrado bambú ba_
tido (fui) Então eu pensava avido (lubdha; libitus)
não satisfeito certamente de si mesmo inimigo

E assim:

Todas as **venturas** d'esse satisfeita de quem a mente
De sapato escondido o pé de tendo (de quem tem) certa_
mente de couro coberta a terra (Quem julga ter
todas as venturas é como quem tendo sapato de cou_
ro crê a terra coberta d'este)

E outro:

Da satisfação pela ambrosia dos regozijados que feli_
cidade, apazi^(viria) **guadas** as almas, d'onde d'esta riqueza
dos avidos lá e cá correntes?

Canne, 19 de Janeiro de 1890

Levi 2º do "Itiopataca" do amigo scissas = Cheda; de
 khid (fundo)

Então do rei os filhos disseram (atchus = ~~de~~ vocarunt) oh
 veneravel (aripa; ar; agagis xiv = digno bem; ar; agexn) de
 amigo aquisição (tubka; rap) querido (aru-ta = xuros; ineq-
 tas; chani; cluons; Hava = gloria; slavor (o glorioso; como os a-
 rios = os nobres) agora por nos (asmābhis; a nobis). Agora
 de amigo scissas a ouvir desejamos. Vishnu carman (de Vish-
 nu proceca) disse: de amigo scissas ouvi de que atto
 o primeiro verso (cloka; de pla = cru)

Aumentando a grande affeição pasturas do rei a do
 touro (vrischa; de varsch = chover; porque chove - nas va-
 cas) na floresta pelo ustucios e muito avido - sehakal frita
 cahir.

Do rei pelos filhos feito: como isto? Vishnu carman conta:

É ~~de~~ direita no caminho (dakshina = direita; dasa; patha = ca-
 minho; padon; pad; path; o Dekan) (ca (bem) = varmit (côr) ~~de~~)
 suvarna (aurada) de nome cidade. Lá vaz dhama
 (aumentando - se) de nome mercado (vanik d'ahi banian)
 mora. D'ote em ~~capitula~~ ^{engrandecida mesmo} (prabhata; pra = pro; bhū = fu; Ruw; qu-
 or) fortuna outros & parentes (bandhu; de bandh = ligar; ban-
 den; band; banda; bandeira; bande) muito ~~em~~ enriquecido ~~em~~ con-
 siderando (omando) de novo de fortuna augmento a fazer: assim
 sentido foi

Porque:

Com bair em bair mesmo se quer granbera não nasce?

Por o alto para o alto identos todos certamente são pobres

Cannes 19 de janeiro de 1890

Livro 2º do Hitopadeça "Do amigo scissão= bheda; de bhid (findo)

Então do rei, os filhos disserão (ūtchus = ~~disse~~ vocarunt) oh veneravel (ārya; ar; αρρισχω = dispôr bem; ars; αρειτη) de amigo aquisição (lābha; λαβ) ouvido (Çru-ta= χλυτος; incli_tus; cliens; cluens; slava= gloria; slavos (os gloriosos, como os a_rios= os nobres) agora por nos (asmābhis; a nobis). Agora de amigo scissão a ouvir dezejamos. Vishnuçarman (De visnu proteccão disse: de amigo scissão ouvi de que este o primeiro verso (çloka; de çlu= çru):

Augmentando a grande affeição das feras do rei e do touro (vrischa; de varsch = chover; porque chove - nas va_cas) na floresta pelo astucioso e muito avido schakal feita cahir.

Do rei pelos filhos dicto: como isto? Vischnuçarman conta:

É da direita no caminho (dakchinā= dextra; δεξια; pātha= ca_minho; πατος; p_fad; path; o Dekan) (Su (bem) - varnā (còr) ~~ouro~~) suvarnā ~~ouro~~ (dourada) de nome cidade. Lá Vardhamāna (augmentando-se) de nome mercadòr (vanik, d'ahi banian) mora. D'este em ^{engrandecida mesmo} riqueza (prabhūta; pra= pro; bhū= fu; φω; φωσις) fortuna outros parentes (bandhu; de bandh= ligar; bin_den; band; banda; bandeira; bando) muito ~~enriquecidos~~ ~~enq~~ ~~con~~ **siderando** (olhando) de novo de fortuna aumento a fazer: assim sentido foi

Porque:

Em baixo em baixo vendo de quem grandeza não nasce?

Para o alto para o alto videntes todos certamente são pobres

Contro:

De brahmane aduatoiro mesmo homem honrad cuja é grande fortuna
na
da hu igual origem tendo mesmo nas ricas e despretado

Contro:

sem esforço, preguiçoso o destino supremo tendo a de energia fixado
nação como porque neste estado não deseja abruca (action) Lakshmi
(de laksh = vir - ni, suf. = consequia).

Contro

Preguiça, de mulher cetera, doença (de = com - roga - fogueira - ita - suf
de abstracto) de nascimento da terra (patria) amor (excessivo) satis-
facção meda de os assuntos da grandezza

Porque

Com fortuna bem estado pensando t. na com bem pequena mes-
ma quem (com fortuna mesmo) ^{com} pequena quem torna pensando sem
estado),
dito (o seu) tendo feito o destino ~~(estado)~~ pensa, não augmenta
d'este aquella

Contro

sem ~~com~~ esforço sem trabalho sem virilidade de inimigo repse
je não certamente não alguma gere feito tal
Adm poron dicto

E não tempo certamente deseja-se tomado guarda use
com prudencia
O guarda augmento - se continuamente o augmento nas re-
parações depende - se:

Porque: não tomado do dequite por não esforços de riqueza,
consequente certamente. do tomado mesmo não guarda de di ^{na} meho
perda. Não augmentando - se a fortuna com o tempo ^(pouca e pouco) bem ^{se não} ~~tomado~~
no collyris na determinação use. E não gorada e sem proscito certamente.
E adm dicto.



E outro:

1

De brahmane assassino mesmo homem honrado cuja é grande fortuna

Da lua igual origem tendo mesmo não rico é desprezado

E outro:

Sem esforço preguiçoso o destino supremo tendo e de energia privado
moça como porque velho esposo não dezeja abraçar (assim) Lakshmi
(de laksh= v r - mi; suf. = cospicua).

Comtudo

Preguiça de mulher cortesia, doença (sa= com- roga= fraqueza -itã-suf.
de abstracto) de nascimento da terra (patria) amôr (excessivo) satis-
fação medo seis assassinos da grandeza

Porque

Com fortuna bem estado pensando torna com bem pequena mes-
mo quem (Com fortuna mesmo ^{bem} pequena quem torna pensando bem
estado),

Feito (o seu) tendo feito o destino ~~e pense~~ penso, não aumenta
d'este aquella

E outro

Sem ~~es~~ esforço sem trabalho sem virilidade de inimigo regozi-
jo não certamente mãe alguma gere filho tal

Assim porem dicto

E não tomado certamente dezeje-se tomado guarde-se
com prudencia

O guardado augmente-se continuamente o augmentado nas pe-
regrinações despenda-se:

Porque: não tomado do dezejante por não esforço de riqueza não
consequimento certamente. Do tomado mesmo não guardado de si mesmo
perda. Não augmentando-se a fortuna com o tempo bem pouco, indo-se mes-
mo collyrio na destruição vae. E não gozada e sem proveito certamente

E assim dicto:

Com a certeza que quem nas dá não ~~conhece~~ gera
 Com o certo que pelo qual inimigo não dá-se
 D. ^{Essa} ciência que pela qual nós vivemos exerce-se
 Que com o espirito que não tem vencido os sentidos, fosse

E outro
 De collyrio (ant: ungu - una - unct = untum) detruída no nome e
 formiga (valmika; formica?) acumulada. Provição da
 face lue de um estudo em obras

Porque
 De água de gotas pelo cahida passo e passo enche-se (pá
 ryati, mividyat; re-pletum; part. pas. púrna; plenus)
 o cantaro (ghata) esta causa de todos as substancias e de
 virtude / dharmá; de dar = tenere) e de riqueza.
 Assim considerado chándaka (regorizador) (e) sandjivaka
 (San = cum - dju = vivare = con-viva; companheirs de
 cum - franis) de nome dos touros ^{que dá = tenere} no fogo, punjido (su =
 embau - yodjya) carro ie differente ^{epileptico} de substancias chio
 tanto feito com a mercancia a Xamira (?) ando
 Porque: ^{esse} ~~esse~~ demais carga dos ricos, que apeteido dos
 prehendores que nas patria dos com sabedoria quem ini-
 migo dos cars fallantes



E indo d'este (d'este indo) durga (in-rio) de nome em gran
 de boque quebrado jocho sandjivaka cahida isto vendo
^{mãna pensava}
 Dura ^(nominativo) ^(pois) de bon proceder conhecido esforço d'aqui
 d'ali, fructo de ^{em comércio} ~~essa~~ ^{esta} certamente d'esse que se destino na
 te ^{esse} ^{esse} ^{esse}

Espero
 Quanto em todo o caso a deyan contricorrente de todos os negocios;
 por isso o espanto expellido dos negocios cumprimento-se far
 Assim considerado sandjivaka ^{dear} de comparant este varha
 mãna id; sandjivake tam bon como como mesmo (de qualquer
 sorte) de pra' na verdade o peso fuzido (carrgando) lá no boque
 estáo

Com riqueza que quem não dá não ~~causa~~ goza
Com exercito que pelo qual inimigo não bate-se
~~De~~ Com
~~De~~ sciencia que pela qual não virtude exerce-se
D. 106 Que com o espirito que não tendo vencido os sentidos fosse
E outro

De collyrio (andj = ungo - una suf = entum) destruição vindo e de
formiga (valmika; formica?) accumulção. Proveitoso o dia
faça-se de dom estudo em obras

Porque:

De agua de gotas pelo cahida passo e passo enche-se (pū_ryate; πῦρπλησαι; re-pletur; part. pas. pūrna; plenus) o cantaro (ghata) esta causa de todas as sciencias e da virtude (dharma; de dhar = tenere) e da riqueza. Assim considerando Nandaka (regozijadòr) (e) Sandjivaka

(San = cum - djiv = vivere = con - vira; ~~companheiro de~~ (dur) dar = tenere) cum - panis) de nome dous touros no jugo, jungindo, (ni = embaixo - yodjyta) carro de diferentes espécies objectos de mercancia cheio ~~faz~~ tendo feito com a mercancia a Kāsmira (?) andando

Porque: ~~De quem~~ ^{Que} demais carga dos ricos, que afastado dos emprehendedores que não patria dos com sabedoria quem inimigo dos caro fallantes

E indo d'este (d'este indo) Durga (in-vio) de nome em gran de bosque quebrado Joelho Sandjivaka cahido isto vindo Vardha ~~mana~~ pensava

Faça ^(nominaliter) ~~homens~~ (pois) de bom proceder conhecedor esforço d'aqui d'ali, fructo de ^{peço} ~~isso~~ ^{Em contrario} isto certamente d'esse que do destino na ^{men} te estado ^{outra parte}

E outro

Espanto em todo o caso a deixar contracorrente de todos os negocios; por isso o espanto expellindo dos negocios cumprimento se faz Assim considerando Sandjivaka ~~aban~~ desamparando este vardha ~~māna~~ ido: Sandjivaka tambem como como mesmo (de qualquer sorte) de pés na trindade o peso fazendo (carregando) lá no bosque estado

Porque;
 de subverso do liquido (payas = bitendum) no capim de
 de moçambique de caído por separado mesmo de morido
 a idade ^{de finada} os membros guarda
 Então em dizendo sandjivaka no seu desejo com manjar de
 primeiro tendo (et cetera) a floresta vagando
 rezejado engordado de corpo valeroso (balaram; ou vale
 van, vala = valor) magre. sem floresta Pizaluka (ruim)
 de nome leão (sinha; talou de sub; exo) com seus braços
 de ~~esse~~ adquirido reino de ventura gerando pouca



É assim dito
 no ~~reperca~~ nas conseqüências (sanskara - sam = cum - kar =
 esse, facio; sanskrita = confecta; D'onde samant = lingua et
 nada - do sabio sem opposição a práti pro - krita (deri
 va de prakriti = procreatio; natura); naturae indulgens,
 ou lingua vulgar) o leão faz-se pelos ~~esses~~ amicus de sua
 Pela força adquirida ~~possibilidade~~ do tendo (que tem) por si mesmo
 certamente de animais de caca ruins

É este uma vez de sete ~~esse~~ também poravid para beber da Jamma (Jamma;
 affluente do Ganga) para a margem direita e por este li leão (leão la)
 não aconteceu intempetiva da detração (e. do mundo) fremito como de
 Sandjivaka magre, ~~de covard~~
 (tendo muito potavel aut tanto bebido com terror rotando, a seu ligu
 mudo que está pensando silenciosamente estado. É este assim conseqüente
 de karadaka (kalila nas versões persas, syriacas e arabes) ~~monna~~
 (leão = imare) d'este de ministro) (mantin de mantha =
 consilium; de man = cogitare) seus filhos, de seus ~~seus~~ Schakas
 vito. Por isto tendo ~~miti~~ karadaka isto disse Samunaka: amigo
 karadaka porque este aqua desejo serhor potavel não tendo
 bebido lentamente lentamente volta? karadaka diz: amigo
 demunaka, de minha pela opinião pen sam e isto certamente
 não se fogue de novo da occas indagado do senhor? Porque por
 este rei muito tempo desajuzado de nós ambas grande desventura

Porque:

de submerso do liquido (payas= bibendum) na região e de montanha de cahido por serpente mesmo de mordido a idade ^(destinada) os membros guarda

Então em dias indo sandjivaka no seu desejo com manjar divertimento primeiro tendo (et coetera) a floresta vagando regozijado engordado de corpo valoroso (balavân; ou valavan; vala= valor) mugiu. Nesta floresta Pingalaka (ruivo) de nome leão (sinha; talvez de sah; exa) com seus braços de ~~como~~ adquirido reino de ventura gozando poussa

E assim dicto

Não aspensão não consagração (sanskāra - sam = cum - kar = creio; facio; sanskrita = confecta; d'onde sanskrit = lingua or nada; dos sabios; em opposição a prā (pro-)krita (deriva de prakriti = procreatio; natura): naturae indulgens, ou lingua vulgar) do leão faz-se pelos ~~feras~~ animaes de caça. Pela força adquirida **possessão** do tendo (que tem) por si mesmo certamente de animaes de caça reino

É este uma vez de sede ~~em~~ turbado potavel para beber da Tamunā (Gemnius: affluente do Ganges) para a margem descia e por este lá leão (leão lá) não acontecido intempestivo da destruição (sc. do mundo) fremito como de Sandjivaka mugido, **foi** ouvido)

Isto tendo ouvido potavel não tendo bebido com terror voltando, a seu lugar indo: que isto pensando silenciosamente estado. E este assim condicionado de Karadaka (Kalila nas versões persas, syriacas e arabes) Dama^{na}ka (de ~~dam~~^{dam} = domare) d'este de ministro (mantrin de mantra = consilium; de man = cogitare) dous filhos, de dous ~~Schaka~~^{Schaka} schakaes visto. Por isto tendo visto ^aKaradaka isto disse Damanaka: amigo Karadaka porque este agua dezejoso senhòr potavel não tendo bebido lentamente lentamente **volta?** Karadaka diz: amigo damanaka: de mim **pela** opinião pensamento certamente não se fez que de novo da acção indagação do senhor? Porque por **este rei muito** tempo desprezados de nós ambos grande desventura

acontecida

Exotico:

Pelo serviço requere pelos de espinto de xix, oha que feito!

Liberdade (sintetizada; dta = vna - tntia = volunta)
 dvo - bda rust; tms. bda do = ser; existencia;
 avropovila) que do (e) do corpo a estes doudo - esto
 mesmo tirado.

De frio vento calor afflicção tolera, quasi creado
 Dito com a metade mesmo um instigante tormento soffren

foliz serido, ta de a dila de dila
 Tal nupscimento fructuoso que independente existencia
 Aquella que de outro em dependencia idos, estes se virem quasi o
 muros.



Exotico
 Vae vem hermita de silencio opere assim de reparar, a
 pelo demonio com os devorados nobres jogad os xix
 Pelos nã intelligentes de requere para aquisição por ven
 dizei mulheres como a si mesmas ornando ornando, a pecca
 de outro instrumento feita

Que por natureza pacamente vacillante cae sobre nã claro mesmo
 do senhor muito estimado olhar este mesmo o creador

E principalmente:

Quera se elevaca, por causa de vida por causa abando
 na e alma, mal se fa de felicidade por causa que doudo. ^{de sei}
 do outro!

Imanuka (imana = tomatic; tomaticus?) dy; amigo
 na sendo mesmo nã isto a tomar:

Porque

Como por nã servem-se com doudo os supremos
 tentores, esta em muito mesmo a tãta completad os de
 for (mano - por manas = mens; rãta = esta por carro).

Exotico:

Desde de servir ^{de} privada de cauda (bouna) a alta
 fortuna, de alta cenna branco paravel (dava - ghiri =
~~blanc~~ blanc - mont) de Cavallo (vãji) de cãja = ara
 o mais alto do Himalaya.

acontecida

E outro:

Pelo serviço riqueza pelos dezejantes servos olha que feito!
Liberdade (svātantria; svā suu - tantria = voluntas)
svo - boda russo; suus; boda ~~do~~ = ser; existencia;
αυτονομία) que ~~do~~ (é) do corpo a estes doutos esta
mesmo tirada.

De frio vento calôr afflicções tolerão quaes creados
D'isto com a metade mesmo um intelligente tormento *soffrendo*
feliz seria. ~~tal nascimento fructuoso~~

Tal **nascimento fructuoso** que independente existencia
Aquelles que de outro em dependencia idos estes se vivem quaes os
mortos.

E outro

Vae vem levanta dize silencio exerce assim de esperança
pelo demonio com os devorados pobres jogão os ricos

Pelos não intelligentes de riqueza para aquisição por ven-
díveis mulheres como a si mesmas ornando ornando, a pessoa
de outro instrumento feita
Que por natureza certamente vacillante cae sobre não claro mesmo ^{deshonesto}
do senhor muito estimão olhar este mesmo os creados

E principalmente:

Curva-se d'elevação por causa de vida por causa abando
na a alma, mal se faz de felicidade por causa que doudo que ser
~~do~~ vo outro!

Damanaka (damana= domatio; domationicus?) diz: amigo
no senso mesmo não isto a tomar:

Porque

Como pois não servem-se com **atensão** os supremos
senhores? Não em muito mesmo **satisfeitos** completão os deze-
jos (mano - por manas = mens; ratha = rota por carro)

E outro:

D'onde de servir ~~do~~ ^{de} privados de cauda (bovina) a alta
fortuna, de alta canna branco parasol (dhavala - ghiri =
~~mont~~ blanc-mont) de cavallos (vādji; de vādja = aza
o mais alto do Himalaya) ^{alado?}

de elefantes (*variana*) tropa?

Karatako disse: Masim mesmo que com este não negocio para nós?
Porque: não negocio (a - *ryū* - para = *prir.* - *vi* = *dis* - *ā* = *ad* - *par* = *cer.*
activo) a abandonar certamente

Outra:

~~Essa~~ não negocio. negocio que homem farer de seja
Este no chō (*chāmai*; loc. *chūmō* = *humō*) morto jaj, de

contra arrancador como macaco

Damanaka pergunta (*mitchati* = *precor*; *procur*; *rogo* por

prego; *fragen*): como isto? Este divisa

é de Magada na *repat*, de *dharma* (lei) *floneta* *vunha* *re*

giad por *Cubhadatta*, de nome, *scriptor*, templo a *jafer*
comeado. *Ati* ^{por} *sewa* / *kara* = *faedor* - *patra* = *la* *nina*;

folha) separado de *boque* *tronco* pouco longe *fentida*

de partes dualidade no meio uma *cunha* *interpol*

ta (e') *fixada*. *Id* de *boque* *habitante* *fonte* de *maca*

ca (*vi*: ^{do} *nar* - *nara* = *homem*; *war* = *siba* - *sup.* *ra* = *solva*

teca?) *companhia*; *bando*; de *ya*; *ruiz* de *yudj* = *fungo*)

para *tronco*) *cheyada*. Então um macaco de destino

por *na* *impellido* como a *cunha* com *ambas* as *mãos*

tomando (e') *aproximado*. Então d' *ore* de *testículo*

dualidade *pendente* do *tronco* das *partes* de *dualida*

de no *interior* *entrada* (e'). *sem* *intervalo* *rela* *uma*

ta *ligeira* com *grande* *esforço* a *cunha* *tendo* *arrei*

cado. *Emancada*, *quebrada* dos *testículo* a *dualida*

de *quinqüinal* (*para* os *cinco* *elementos*) *ido*

por *iti* eu *dis*: em *não* *negocio*, *et* *escreva*).

Damanaka *dis*: *Atim* *mesmo* do *senhor* *ida* *de* *ca*

de elefantes (**vārana**) tropa?

Karataka disse: assim mesmo com este não negocio para nós?

Porque: não negocio (a - ryā - pāra = priv. - vi = dis - ā = ad - par = ser activo) a abandonar certamente

Olha:

Em ~~isso~~ não negocios negocio que homem fazer dezeja
Este no chão (bhūmau; loc. ~~de~~ ^{de} bhumi = humi) morto jaz, de
cunha arrancadôr como macaco
/ Damanaka pergunta (pritchati = precor; procus; rogo por
/ progo; fragen): como isto? Este dizia
É de Magada na região, de Dharma (lei) floresta vizinha re-
gião por Çubhadatta de nome, escriptor, templo a fazer
começado. Ahi ~~por~~ ^{por} serra (kara = fazedor -putra = lamina;
folha) separado do bosque ^{de} tronco pouco longe fendida
de partes dualidade no meio uma cunha interpos-
ta (é) fixada. Lá de bosque habitante forte de maca-
cos (va = ^{forsan} aut - nara = homem? **vana** = silva - suf. ra = selva-
ticus?) companhia; bando; (de yu; raiz de yudj = jungere)
para brinco) chegada. Então um macaco de destino
por pau impellido como a cunha com ambas as mãos
tomando (é) aproximado. Então d'esse de testiculos
dualidade pendente do tronco das partes de dualida-
de no interior entrada (é). Sem intervalo pela inna-
ta ligeireza com grande esforço a cunha tendo arran-
cado. E **arrancada, quebrada** dos testiculos a dualidade
~~á~~ ^á quinquinade (~~os~~ ^{os} cinco elementos) ido

Por isso eu digo: em não **negocios**, et coetera).

Damanaka diz: assim mesmo do senhor da ação

indagado por quem a fazer? Kurotaka dizias que
 de ~~teio~~ no officio ex carregado supremo ministro
 Este faz. Por servitor de outro no officio atten-
 cad em todos casos não a fazer
 ? Oha: ^{D. 1064}



de outro de officio atencad quem faz do senhor
 Este é affligido por cause bozurar batedo bato como
 de vantagem pelo desejo
 Jumanaka diz como isto? Karitaka como
 É em Benara (Benarasi = Vanarasi) Karpurapata
 (Karpura = camphora, em persa e arabe Kafur)
 pata = pedida) de nome Lavandiero. É elle uma vez
 nova de cidade (vaya = puo) e a pata com longo tempo
 namoro terdi feito porafrente adormecido (pra = pro-
 supta / p. pas. de swap = sono; sap-ia; somnus, dop-
 nis) d'isto sem intervalo d'elle na casa as contar puz
 levar ladra (tehara, de tehar = furar, fur?) entrado
 d'esse no puto um adno ligado atá. O Cachorro
 (Kukkura) entrado. entad o burro ao cad (cuan; xuan;
 disse: de ti este o dever; por isto que por tu atá vor kuka
 falando o padre amo não acordou? (yagragai = frequi) o
 Cachorro (Kukkura) dit: de mim do dever cuidado por ti não
 a fazer. Tu certamente conheces como eu d'aquede da casa guard
 faço, por isso aquelle de muito dem temor; de mim o em-
 prego não conhece (reconhece); por ~~aperta~~ agora de mim da
 comido no dar mesmo pouco invento. Assim com de levantamento
 vitta amo em Creator pouco atenton tornad o amo (o guarda
 Oha; gard? =
 gitan)

indagação por quem a fazer? Karataka dizia: quem de tudo no officio encarregado supremo ministro; este faça. Por servidor de outro no officio attenção em todo o caso não a fazer

olha: D. 1064

De outro officio **atenção** quem faz do senhòr de vantagem pelo desejo

Este é affligido por causa do zurrar batido burro como Damanaka diz, como isto? Karataka conta É em Benares (Vārānasī = Varanasi) Karpurapata (Karpura = camphora; em persa e em arabe Kāfūr) pata = vestido) de nome lavadeiro. E elle uma vez nova de idade (vayas = β₁₀₀) esposa com longo tempo namòro tendo feito pesadamente adormecido (pra = pro-supta; p. pas. de svap = umvos; sop - io ; somnus ; dop-nus) d'isto sem intervalo d'elle na casa as cousas para levar ladrão (tchaura; de tchur = furto; fur?) entrado d'esse no pateo um asno ligado está. • E cachorro (kukkura) entrado; então ~~o~~ o burro ao cão (çvan; χυων disse: de ti este o dever; por isto que pois tu alta voz bulha fazendo o ~~senhor~~ amo não acordas? (djāgarayāsi = εγείρω) o cachorro (**kukkura**) ~~o~~ diz: de mim do dever cuidado por ti não a fazer. Tu certamente conheces como eu d'aquelle da casa guarda faço; por isso aquelle de muito sem temor; de mim o em-prego não conhece (reconhece); por ~~isto~~ ^{isto} agora de mim da comida no dar mesmo pouco attento. Assim sem de desventura vista amos nos creados pouco attentos tornão o asno (~~o~~ garda bha; gard? = gritar)

diz: ouve eh barbaro (barbara)

Pede da acção no tempo: este qual creado; este qual
O cachorro disse: ouve neste (tempo) ^{amigo}
(bharitya = ferendus; sustentandus)

Aos creados estima quem porem de acção no tempo,
este qual amo.

Porque:

Dos creados (ã = ad; çritã = clinatus) no tratamento de amo
no serviço da lei no exercicio ^{e do} ~~do~~ filho no **procrear** cer-
tamente não são amanuenses (prati = προϋ; epico προτι;
~~do~~ hasta = mão; ka = cus, como se fosse admanicus d'onde
adminiculum)

O asno com colera disse: peor tu que do amo do ne-
gocio não atenção certamente fazes; seja. Afim que o amo
accorde isto por mim a fazer

Porque:

Com costa (costas) serve-se o sol, (arka, de ritch =
brilhar; brilho; hy ^{amo}
d'onde rig- veda = de
hymnos sciencia)

Com ventre dos sacrificios o comedor (o fogo)
O amo com toda a existencia o outro mundo com não fraude
(No Avesta) ^é ~~é~~ pecado mijar para o sol)
(de Zoroastro)

Assim tendo ^{dicto} bulha fez. Então ate lavadeiro por
este da bulha som acordado do somno do quebrar por cole-
ra surgindo **ao asno** batendo foi. Por isto eu digo: De outro
do negocio ~~do~~ et coetera (iti = assim - adi = primeiro)
De animaes (paçu = pecu em sentido geral animal) na bus-
ca de nós emprêgo; este do proprio dever cuidado faça-se
Reflectindo: mas hoje (adya = hodie) ^a ~~o~~ ti mesmo não pro-
veito; porque de nós ambos agora de comidas de resto man-
jar prompto está. Damanaka com colera diz: como de co-
mida somente dezejoso tu serves isto não justo

Porque:

Dos amigos de socorro por causa ~~dos~~ ^{dos} inimigos de preju-
dos ~~dos~~ inimigos de prejudicar por causa ^{de cada por causa}

do rei o refugio ^{de refugio} ~~de refugio~~ pelos inteligentes;
 O mentec que não sustenta de si mesmo?

E também
 Em quem vivente vivem muitos este põem viva.

Groa mesmo que não faz com bico de seu ventre enchimento

Vê (pacya; ^{lit.} ~~lit.~~)

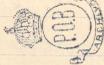
Por cinco vae ~~para~~ escravidão miriana (moço valendo ^{significa} patigo)

Do cauris (especie de concha) ~~cauris~~ também ~~cauris~~ algum homem.

Algun por um lakk (lakscha = 100,000) obediente, al-
 gum por lakk mesmo. não toma-se

Porque de honra a nasença igual, dos servidores a elas
 de muito desprezada

Primeiro quem não lá mesmo, este mesmo (cô = o; apô =
 em) no vivente conta-se?



Assim pois dicto

De Cavallo (vâjin = alatus de vâji = ara; talvez ~~de~~ rapidez,
 elephante (vâvana; não sei a etymologia; também ibha;
 talvez d'ahi com artigo arabe) se houvesse formado el-e-
 phas, de metaes, de pau; de pedras, de vestidos (vâvas =
 vestes)

de mulher; de homem; de aguas e differença grande
 difference

Assim pois

Bem poucas tendões (tendo) de gordinha com esto sujo sem
 carne mesmo ~~de~~ asirika (aschika; ~~aschikan~~ ossiculum; os-
 seos) eãtendo agarrado ~~asirika~~ (com) vae; não fosse
 deste de fome para sociedade

do rei o refugio ^{dezeja-se} ~~faz~~ pelos intelligentes;
O ventre quem não sustenta de si mesmo?
E tambem

Em quem vivente vivem muitos este porem viva.

Grou mesmo que não faz com bico de seu ventre ^{enchimento?}
vè (paçya; ^{lat.} spēce ~~specie~~)

Por cinco vae ~~p~~ escravidão purāna (moeda valendo ^{significa antigo})
80 cauris (especie de concha) ~~tambem antigo~~ algum homem.

Algum por um lakk (lakscha= 100,000) obediente, al-
gum por lakk mesmo não toma-se

Porque: de homem a nascença igual, dos servidõres a clas-
se muito desprezada

Primeiro quem não lá mesmo, este mesmo (sō = o; api=
επ) nos viventes conta-se?

Assim pois dicto

De Cavallo (vādjin= alatus de vadja= aza; talvez pela rapidez),
elephante (vārana; não sei a etymologia; também ibha;
talvez d'ahi com artigo arabe^(el) se houvesse formado el-e-
phas); de metaes, de pau; de pedras; de vestidos (vāsas=
vestes)

de mulher; de homem; de aguas a differença grande
differença

Assim pois

Bem poucos tendões (tendo) de gordura com resto sujo sem
carne mesmo ossinho (asthika; ~~ossiculum~~ ossiculum; οσ-
τεον) cão tendo agarrado **satis**fação (com) vae, não fosse
d'este de fome para saciedade.

O leão ao ~~schakal~~ ^{Ma} vizinhança chegado mesmo tendo lar-
gado mata o elephante (dvipa = bis - bibens; será porque be-
be servindo-se da tromba e da boca?)

Toda em difficuldade entrada mesmo ~~dezeja~~ gente de natureza
conveniente fructo (resultado)

E outro: vê de dous servidõres a differença

De cauda (lângula; langul - in = cauda - tus; o ma-
No chão ^{caco}) agitação em baixo ^{aos} pés assentar
~~cahindo~~ e da boca do interior a mostra

cão de pão ^(deitando-se) pelo doador faz, o elephante (gadja; de
gadj = ~~vitar~~ berrar)

~~gava~~ touro (pun ^{gava = cow}
kuh; macho-de-
vaccas) porem

Severamente olha e de lisonjas por centos come

E outro

Que (a qual) vive-se momento mesmo estendida pelos homens de scien-
cia de valõr de gloria não que não quebrada (a. privat e bhadj; por
phradj = brechen; break; frango)

Esta de nome vida aqui (neste mundo) chamão os sabios:

Gralha mesmo vive por longo (~~tchira~~) e a offerenda come

E outro

De não bom de bom de meditação de indifferente intelligencia

Da lei (ouvir) de preceitos muitos de privado do ventre o sus-
tento só **dezejo** do tendo -o hommem -gado e gado qual differença

Karadaka diz nós ambos agora não primeiros ministros! as-
sim tambem de nós ambos porque esta meditação? Damanaka
respondeu: em que tempo um ministro primero ministerio ~~o~~ não
primeiro ministerio ganha; porque

Não um de si mesmo pela propria natura

Torna alto ~~o~~ estimado o miseravel:

No mundo ^a autoridade ou do desprezo

Seus feitos certamente o ~~esse~~ homem conduzem

E tambem

Faz-se subir pedrana montanha como com esforço maior.

Decorre facilmente para baixo: assim a natureza da vida de e da natureza

para baixo, para baixo, marcha acima o homem pelos seus certamente feitos

De modo a escavar-se como, de muranha faz este

Por isto os amigos e outros dependentes sua condicoes todo Karataka diz: la tu gice e ele disse: este no

so senhor Sengalaki: por qualquer causa de medo por turbado o estado, entrado. Karataka diz que la tu conf

ces. Damanaka diz: que palavra pronunciada nel gado mesmo e apant

E cavallos e elephantes (bana; tabue de hi = panti ga: andando - grande como

este) no (vahanzi = vahanzi) ammandados. Mas pronunciado ~~esta~~ conjectura

a sabio gente, de outros os gestos a sciencia fructo tendo os interligentes.

Por isto aqui do medo na occasia e aquelle de ~~previden~~ cia pela forza o meu farei

Porque de occasia conveniente (conspicua) palavra de natureza convenientemente

Desi mes mo pela forza igual cholera quem conhece este tabio Karataka diria: amigo ta de cortesia ignorar.

e po chamado: entra quem por n, na interrogado muito falla

Este A elle mesmo cre querido do rei (chu = terra - pela = prote tor: pitor) este impreu

Damanaka diz: amigo, como eu de cortesia ignorar? Oha: que tambem, por sua natureza que bello nas bello?

ente (due = due, pa mishi = mishi; men)

que bello nas bello?

Seus fatos certamente o ~~o~~ homem conduzem
E tambem

Faz-se subir pedra na montanha como com esforço maior,
Decorre facilmente para baixo: assim a natura da virtu-
de e da desventura
Anda para baixo, para baixo, marcha acima o homem
pelos seus certamente feitos

De poço o excavadør como, de muralha fazedør
Por isto oh amigodo esforço dependente sua condição de todo
Karataká diz lá tu **que dizes** e elle disse: este nos-
so senhor Pingalaka: porque qualquer causa de medo per-
turbado voltado entrado. Karataka diz que lá tu conhe-
ces. Damanaka diz: que la maravilhoso é. E dicto:

~~o~~ Pronunciada ^{palavra} pelo gado mesmo é apanhada
E cavallos e elephantes (haya; talvez de hi= propel-
lere e nāga talvez de naga (montanha = nā-
ga= andando - grande como
esta) vão (vahanti= **vehant**)

commandados. Não pronunciado ~~o~~ **conjectura**
a sabia gente, de outro dos gestos a sciencia
fructo tendo os intelligentes.

Por isto aqui do medo na occasião eu aquelle de ~~o~~ ^{previden-}
cia pela força o meu farei *

Porque:

De occasião conveniente (conspicua) palavra de natura

De si mesmo pela força igual cholera quem conhece ^{conveniente}
Karadaka dizia: amigo tu de cortezia ignaro. ^{complacencia}
^{este sabio}

Não chamado entra quem porem, não interrogado muito falla

~~o~~ A elle mesmo cre querido do rei (bhū = terra- pāla = protec-
tor; pastor) este impru-
dente (dur = δρσ; ~~o~~ mati = μητιο; mens)

Damanaka diz: amigo, como eu de cortezia ignaro?

Olha: que também ^e por sua natureza que bello não bello?

Que certamente agrada a quem, isto é d'este bello

Porque:

De quem de quem pois qual natureza, por esta por esta a

In Entrando o intelligente depressa (kshipra; de kship = ati ^{este homem}
De ~~si~~ mesmo a vontade conduz rar)

E outro

Quem aqui? Eu diz elle, e/completamente ordena

Ordem não falsamente faça ~~se~~ como força (possa) da ter-
ra do senhõr

E outro

Pouco dezejo firme prudente sombra (tchhâya= okia; schat
Ordenado (adishta= ad-dictus) não duvida, este do rei ^{como} sequin-

Karataka diz: talvez (kada= quando -tshit= suf. da more-
ati em não occasião para entrar despreza

Aquelle dizia: isto seja; a si mesmo por creado ^{o senhõr} a proximi-
dade necessariam^{te} a fazer

Porque:

De prejuizo por medo não comêço de mau homem signal.
Por ~~quas~~ de não digestão por mèdo do irmão comida recusa

Olha:

Assentado **certam**ente rei favorece homem ^{-se?}

De sciencia ~~privado~~ despojado ~~sem~~ não nobre ou não ^{conve-}
(Noutro ~~manuscripto~~ - ^{conveniente} asanskritum
não ornado; sem merito^s)
noutro asanstuta= não louvado)

De ordinario de terra senhores; moças (promadâ= pro -madâ de
mad= estar embriagado;
inebriante) e trepadeiras
(latâ)

Quem de lado mora áquelle ~~na~~ adherem
Karataka diz: pois lá tendo ido que dirás? Elle disse: ouve
que ~~parecido~~ bem disposto ou não bem disposto a mim o se-
nhõr? ~~se~~ conhecerei então. Karataka dizia: que lá de

Conhecer signal? Damanaka (Damaro?) dirá ff:
 De longe olhar; não em interrogações honrar muitas vezes
 Na ausência mesmo das ~~certas~~ qualidades, honrar ^{narrações em} Narrações em
 Dieste do servido mesmo favor, doçad, de ^{Caraes Couças} amabilidade aumento
 De bem disposto senhor signal, na falta mesmo de qualidades
 De tempo adiamento (já para, o de ^{Commemoradas} yá para ^{= faco h}) das espe-
 ranças aumento de ^{destruição} fructo destruição
 De mal disposto, senhor signal conhece intelligente homem
 Isto conhecido como aquelle de mim dependente verdade direi
 Porque: De desvio de de attenção nascida de ventura,
 De exorc de attenção nascido ~~com~~ bom gosto
 Os inteligentes ~~o~~ ^{procedimento} pela disposições ^{prohibido}
 Adiante brilhantes, fazem ver
 Karataka (gralha, ~~com~~) ~~o~~ assim mesmo em tal come-
 mento tempo não dizer deves
 Porque: De tal convenientemente palavra Brihas (= Brah-
 manas = da oração) - pati (senhor, nois; nois) mes-
 mo dizendo
 Ganhará de inteligência desprezo e affronta
 perpetuamente
 Damanaka (de dam = dom ~~com~~ ^{riu de doniare;}
 damana = dom-atio - ka = cus, como se fosse donatoni-
 cus) id: amigo, nas temas, não eu de não convenientemente
 occasião palavra direi
 Porque: ~~de~~ desgraça de desvio em marcha e de acced
 de tempo em lapsos (isto mau caminho da desgraça e no
^{tempo da acced} escapando
 Por não interrogado mesmo a fallar creado vanta-
 gem desejante
 E se de convenientemente occasião conselho não por mim ~~com~~
 dicto então ministerio certamente ~~com~~ ^{foza} por mim
 não ganhado.

conhecer signal? Damanaka (domado?) diz:

De longe olhar; riso em interrogações honrar muitas vezes

Na ausencia mesmo das ~~virtu~~ qualidades louvòr, ~~n~~ narração em ^{caras cousas}
D'este do servidòr mesmo favòr, doação, de ^{comemoração} amabilidade aumento
De bem disposto senhòr signaes, na falta mesmo de qualidades
De tempo adiamento (yāpana; ~~de~~ de yāpayāmi = faço ir) das espe_ ranças aumento de fructo destruição :

De mal disposto senhòr signaes conhece intelligente homem
Isto conhecido como aquelle de mim depedente será isto direi
Porque:~

De desvio ~~de~~ de attenção nascida desventura,
De esforço de attenção nascido ~~bom~~ bom exito
Os intelligentes ^(de) ~~pro~~ procedimento pela disposição ^{productos}
Adiante brilhantes fazem vèr

Karataka (gralha ~~v~~) ~~assim~~ assim mesmo em não conve_ niente tempo não dizer debes

Porque: De não conveniente palavra Brihas (= Brah_ manas= da oração)-pati (senhor; $\mu\alpha\tau\iota\varsigma$; potens) mes_ mo dizendo

~~Gan~~ Ganharia de intelligencia desprezo e affronta perpetuamente

Damanaka (de dam= dom ~~raiz~~ raiz de domāre; damana= dom -atio -ka= cus; como se fosse domationi- cus) diz: amigo, não temas, não eu de não conveniente ocasião palavra direi

Porque: ^{Na} Da desgraça de desvio em marcha e de acção de tempo em lapsos ^{tempo da acção escapando} (No mau caminho da desgraça e no Por não interrogado mesmo a fallar creado vanta_ gem desejanter.

E se de conveniente ocasião conselho não por mim ~~fora~~
dicto então ministerio certamente ~~ministerio~~ ^{fora} por mim não ganhado.

Porque:

Ganha-se

Baden-Baden 23 de Agosto - Comque a vida e comque no mundo se e celebrando pelas bons esta qualidade pelo qualificando a comen- sar e augmentar

Por isto, o amigo, permite-me vou: Karataka: Bom seja, como desejado faca-se (fique-se perto) disse

Então damanaka (de dam = domare) com espanto como de pin galaka (nuomethado, pungal = avermelhado, suk. ka) ^{da} pro ximidade ido, e de longe certamente pelo rei com honra introduzida. E elle dos ~~estava~~ orbio (astica) membros prostracãd prostrando entrado (e'). O rei disse: de longe visto es. Damanaka diz: nenhum dos pés de mim emprego e' (nada tanto que fazer) assim mesmo ganhado tempo (opportunamente) com vontade por um desejo, dor' aproximacãd a fazer por isto vem.

Tambem:

De dente com esfregante, oh rei,

De orelha com esfregante ou tambem

Ponha uso e' dos dentes,

Quanto mais d'eloquencia e forza dad com homem

Se mesmo longo (muio tempo) desprezado de mim de intelligencia per da suspeita-se isto mesmo nada (e'); porque

Joiã rola aos pés, vidro (katcha; de katch = brilhar) no tre cabeça fira-e

Como certamente seja assim certamente seja vidro rei do joia

E outro:

Se perseguido mesmo porque constante de ~~caçador~~ ^{joia} ~~caçador~~ ^{joia}

Para baixo feito mesmo do fogo (tanu: ~~tanu~~ ^{joia} ~~tanu~~ ^{joia})

Nã para baixo as chamar nã nãcia certamente ^{joia} ~~joia~~ ^{joia} ~~joia~~ ^{joia}

Oh rei, em todo o caso com descrimnacãd por um senhor a ler (a proceir);
Porque:



Porque:

Ganha-se

Baden-Baden 23 de Agosto - ~~comque~~ a vida e comque no mundo se é celebrado pelos bons esta qualidade pelo qualificado a conver- sar e augmentar

Por isto, oh amigo, permite-me vou: Karataka: bom seja, como dezejado faça-se (fique-se perto) disse

Então damanaka (de dam= domare) com espanto como de pin- galaka (avermelhado; pingala= avermelhado; suf. ka) ~~o~~ ^o pro- ximidade ido, e de//longe certamente pelo rei com honra introduzido. E elle dos ~~o~~ outro (ashta) membros prostração prostrando entrado (é). O rei disse: de longe visto és. Damanaka diz: nenhum dos pés de mim emprego é (não tenho que fazer) assim mesmo ganhado tempo (oportunamente) sem vontade por um servi- dør approximação a fazer por isto vim.

E tambem:

De dente com esfregante, oh rei,

De orelha com esfregante ou tambem

Palha uso é dos senhores,

Quanto mais d'eloquencia e força doado com homem

Se mesmo longo (muito tempo) desprezado de mim de intelligencia per- da suspeita-se isto mesmo não (é); porque

Joia rola aos pés, vidro (katcha; de katch= brilhar) so- bre cabeça fixa-se

Como certamente seja assim certamente seja vidro vidro joia

E outro: De perseguido mesmo porque constante de intelligencia per-

Para baixo feito mesmo do fogo (tanu= ^{joia} tenuis ^{da não é d prudencia} o suspentar

-nabão= nepas) Não para baixo as chamas vão nunca certamente ^{corpus (tenu)}

Oh rei, em todo o caso com discriminação por um senhør a sèr (a procedèr);

Porque:

Sem discriminação quando rei igual para todos comporta-se
Então de esforço de capazes energia paralisa-se.

E que?

Tridispostos os homens, oh rei! summos; infimos; medios

Empregue assim certamente estes a tridispostos afazères

Porque:

No lugar certamente arranção-se os creados e os ornamentos

Não porque da testa joia (diadema) no pé quero assim liga-se

E que? De ouro (kanaka) no ornato de incrustação digna

Quando joia no estanho (trapu; talvez de trap = envergonhar-

Não ella lamenta, ^{é engastada por causa cor palida)} nem também não é bonita

É do engastador ~~o~~ exprobração

Vè:"

Intelligente / devotado este, aqui ambas ~~as~~ cousas aquelle ~~o~~

Assim dos creados distincção sabendo de creados enche-se rei ^{estúpido,}

Assim porque:

Cavallo arma livro (isto é de leis) alaude palavra e homem

De homens diferença ganhando são ~~os~~ inconvenientes e ^{e mulher} ~~as~~ convenientes

E outro:

Que com devotado incapaz que com capaz contrario?

E capaz e devotado a mim oh rei não desprezar tu dignes

Porque: ^{Pelo} desprezo do rei ^{fica} de intelligencia ~~o~~ denudado

Então d' ~~este~~ pela preeminencia não fica na proximidade ^{servidor} sabia

Em reino de ~~o~~ **sabios** privado é nunca politica virtuosa ^{gente}

Cahida esta politica totalmente necessariamente se assenta (se abai

^{xã)}
djagat; ~~o~~ ^{o mundo} djagat; nâtha
nâtha= rei; de nâth= ^{reina} nome de divinda ^{de}

e da cidade principal d'este culto, a sudoeste de Calcutta)

E outro:

Gente (djana= gens) os súbditos (djana=; pada= pes; gente de pé) sempre louvão do rei (nri; ανηρ; nero; pa= protectòr) louvada

Do rei desprezado quem porem este por todos é desprezado

E que:

De menino mesmo a tornar o conveniente dicto pelos sensatos

Do sol na ausencia que não de luz brilho?

O leão dizia amigo damanaka que isto? De nosso primeiro ministro filho tu algum tempo por alguma razão por uma má ^{palavra} não ~~chegas~~ chegaste. Agora como o ~~de~~zejado (segundo teu dezejo) falla. ~~Dam~~ Damanaka diz: magestade, pergunto alguma cousa di-
gas; (agua dezejante oh mestre ~~bebida~~ não bebendo porque confun-
di isso (és? O leão respondendo ~~diz~~ bemdicto que o segredo a ~~dizer~~
algum de ~~confiança~~ confiança digno é. Ouve digo o como. Bosque
este por não commum este assistido d'ahi por nós a deixar, assim
que ouvido por ti tambem não commum ruido grande. Do som por ~~natureza~~
natureza d'este animado por força mesmo mui grande a ser. Damanaka
disse: magestade é agora isto de grande ~~mêdo~~ mêdo causa o som por
nós tambem ~~ouvido~~ ouvido o que ~~porem~~ porem este nunca ministro que primeiro ~~do~~
~~pays~~ pays o deixar e a ~~guera~~ guera aconselha E outra ~~mente~~ ments
tade, dos ~~creados~~ creados a utilidade a conhecer certamente; ~~porque~~

Porque:

De **affim** de mulheres de creados da classe da intelligencia, e

~~do~~ do caracter ~~de~~ de si mesmo

(~~accident~~ da

Da **infelicidade**) de toque ~~da~~ da pedra na pedra o homem conhe-

ce a essencia

o leão com medo disse: (āha = aít) Caro, a mim grande pavor
 affige. Damanaka así dís (a si mesmo); aliás (arya = aliud-
 tu que ao reino a felicidade deipando a nos conversas? Mami
 festivamente dij; ingessade tanto que eu viva tanto medo não
 a fazer (nada ter). Eue porem (contado) Karátaka (graha no-
 madam shakal) e os outros sejam ganhos. Torpe do acci-
 dente (ñ-pad; ad-pes) de remedio no tempo é difficil a
 tomar (dur = dvo - labha = dar; mñ de lapudaxw) de honras
 reuniões (samavāya; sam = cum; samt al. - ava = em bal-
 xo - aya, gure de y = vie). Então os dous Karátaka e Dama-
 naka pelo rei tudo (presentes de toda a especie) honrados
 do medo, prometendo (prati = ʔgoo - dñā = f.v.w) (dor. Kara-
 taka indo a Damanaka disse. Ohamigo, que de possível
 remedio (prati = ʔgoo - kāra; de Kar = creco; a veidoow) esta
 de medo causa ou de não possível remedio conhecendo de
 medo apeniguamento (upa = vno - sam = quietar - a = suf.
 xaprv = canso); prometendo como esta grande graça tomada?
 Torpe não ajudando (upa = vno - kar = creco - Kurvāna pati-
 m. de Kar) não de algum dadia tome e especialmente
 (viceshata; suf. adv. de vicesha = dñ-cesha de, cish = topus,
 de rei
 ve ʔʔ!
 Cujó na graça fortuna senta e a victoria (vidyaya, vincere)
 no poder



o leão com medo disse: (āha= ait) caro, a mim grande pavor afflige. Damanaka a si ido (a si mesmo): aliás (anya= alius- ^{suf. adv. modal =}tha tu que do reino a felicidade deixando a nos conversas? Mani festamente diz: magestade tanto que eu viva tanto medo não a fazer (não a ter). Que porem (comtudo) Karataka (gralha no me d'um schakal) e os outros sejam ganhos. Porque do accidente (ā -pad; ad - pes) de remedio no tempo ^{oh} difficil a tomar (dur= δυσ - labha = λαβ; raiz de λαβανω) de homens reunião (samavāya; sam = cum; sumt al. - ava= em baixo - aya; guna de y = ire). Então os dous Karataka e Damanaka pelo rei tudo (presentes de toda a especie) honrados Do medo ^{remedio} promettendo (prati = προσ - djnā = γνω) idos. Karataka indo a Damanaka disse. Oh amigo, que de possível remedio (prati= προσ -kāra; de kar= creo; αντιδοσις) esta de medo causa ou de não possível remedio conhecendo de medo apaziguamento (upa = υπο - çam = quietar - a = suf. ^{subst. part.} χαμνω= canso) promettendo como esta grande graça tomada? Porque não ajudando (upa= υπο -kar= creo -kurvāna part. m. de kar) não de alguém dadiva tome e especialmente (viçeshatas; suf. adv. de viçesha= dis -çesha de çish= topar) de rei

vè//:

Cujo na graça fortuna senta e a victoria (vidjaya; ?vincere) no poder

e a morte (mrtyic; r. mar= morior) habita na colera, todo brilhante certamente este.

Porque assim

Menino mesmo não a desprezar homem o rei

Grande ~~divida~~ divindade esta de homem na figura está
Damanaka rindo disse: amigo silencioso sè, conhecida ^(Cistaba) ^{tistathi} por mim
do medo a causa (kārana= factòr; de kar= crea; fazer; perfazer) do touro (balivarda; ?bala ou vala= valor) ^{χραϊνω=} os touros (vrischabha; o mesmo vrischa; de vrisch= chover e ^g capaz de gerar) por nos ^g **tambem** para comer, quanto mais do leão? Karataka diz: se isto assim então do mestre (svāmi; de) ^{sva=} suus o **tremòr** (trāsa; de tras; grego λρησ; lat. tremo ^(σ) ali porque não afastado (apa= ab-ni correspondente a ^{tre(s)} Damanaka dizia se ^{ali} ~~então~~ isto diz-se ~~em~~, então como este de grande graça ganhar fosse?

E outro:

Sem cuidado (nir= sem ~~de~~ apekshā; de apa= ab -īksh = olhar conf. aksha= oculus) não a fazer o mestre pelos ^{criados,} (para tornal-os necessarios) uma vez (jamais
Sem cuidado o ^{fazendo} mestre, creado seria como ~~o~~ Dadhi (= leite coalhado; talvez ^{de} dhā= componere) ^{karna} {orelha; de karn= fu- rar)

Karataka diz: como isto? Damanaka conta:

É de Arbuda (cem milhões) çikhara (= picos) (nome actual do monte Abu) de ^{nome} ~~nome~~ na montanha Mahā (= magnus; ^{força} μεγασ; mihil al. antigo) vikrārna= (vi= dis -**kram**= andar

de nome lead

De este da montanha em caverna leitad (lat. caryna; part. mid-
de cl; grego kai-mai) da juba (kegara = cecidaries) a extremi-
dade este rato (mushaka, lat. mus) corta. Este lead da juba
a extremidade roida compescendo (budh; p. p. nas Buddha; grego
nos, rusia) irado. ~~este~~ ^{no curaco} ~~de grego~~ dentro ido ~~este~~ rato na pender
do pensava: que a dissipar ali? Seja ~~curamente~~ ^{curamente} ouve-se:

Pequeno inimigo siga por ~~este~~ a fora nad ~~decimamente~~
monde - se

Este a tomar a oppor ~~ll~~ ^{ll} semelhante d'elle ~~solido~~ ^{solido} (aimika)

Atin meditando (ā-lo-tōhayāmi = ad-luces) ^{de senā = ueritā;}
tendo ido Dadhikarna de nome gato na ^{por este} ~~em~~ aldea (grāma
cānāna; mūto migas) ^{em sua caverna de oculto}
te carne manjar dando ~~um~~ a custo ^{teu} ~~comprido~~ ^{sustentado}
D'este por medo o rato fōra nad sahe. Por isto este lead
nad cortada (kchāta; xcrw) a juba tendo (nad sendo a ju-
ba corada) - bem dorme. Do rato o som quando quando ou-
ve entad entad especialmente de comida com o dano gato
conforta (sam = cum - verdh = crecere). É uma vez o rato (mū-
scha ou mushaka de musch = roubar; como tbeq rato de
raptor; ~~este~~ ^{este} de mal é do al. ~~rattē~~ = ratasana) por
fome vexado fōra sabido pelo gato (bidala) alcançado e
morto (vi-ā-pāditā = dis-ad-ire-factū). Sem intervallo este
lead quando uma vez d'este rato o som do binago nad ouvi ~~este~~
de utilidade por nad existēcia d'este gato a comida de dar
novo cuidado ~~torron~~. Entad ~~este~~ de comida de dar por ~~su-~~
sencia (fatta) ~~este~~ ^{este} invalid ~~este~~ dadhikarna morto (are-
ambargo - adbh = sedere)

de nome leão

De este da montanha em caverna deitado (𑀘𑀓𑀭𑀮 çayāna; part. med. de çī; grego κει -μῶι) da juba (keçara= chesaries) a extremidade certo rato (mūshaka; lat. mus) corta. Este leão da juba a extremidade roida conhecendo (budh; p. pas Buddha; grego μῦθ; μῦθῶι) irado. Este ^{no buraco} dentro ido rato não prendendo pensava: que a dispòr ali? Seja certamente ouve-se:

Pequeno inimigo seja porem ~~###~~, á força não certamente

Este a tomar a oppòr // semelhante d'elle soldado (sainika; ^{prende-se}

Assim meditando (ā loschayāmi= ad-luceo) ^t de senā = exercito) por este ^{aldèa (grāma)} tendo ido Dadhikarna de nome gato na sua caverna de excellente carne ^(mānsa; russo, miāso) manjar dando ^{com} a custo ^{tendo conduzido} sustentado.

D'este por medo o rato fóra não sahe. Por isto este leão não cortada (kchata; χιτενω) a juba tendo (não sendo a juba cortada) bem dorme. Do rato o som quando quando ouve então então especialmente de comida com o dar o gato conforta (sam= cum -vardh= crescere). E uma vez o rato (mūscha ou muschaka de musch= roubar; como talvez rato de raptor; ~~senão~~ se não é do al. ratte x ratasana) por fome vexado fóra sahindo pelo gato (bidāla) alcançado e morto (vi-ā-pādita= dis -ad -ire -factus). Sem intervallo este leão quando uma vez d'este rato o som do buraco não ouviu ^{então} de utilidade por não existencia d'este gato a comida de dar pouco cuidadoso tornou. E então este de comida de dar por ausencia (falta) ~~entfim~~ invalido ~~###~~ dadhicarna morto (ava ⁼ embaixo -sad= sedere)

foi: Por isto eu digo sem cuidado não a fazer assim pri-
 meiro (et coetera) Então dumanaka e Karataka de sandji-
 vaka na proximidade isto ali Karataka de arvore frum-
 ing. tree) na inferioridade (tala) orgulhosamente duma-
 ka dumanaka dij: eh touro sete a ti pilorei pingalaka ha flong-
 ta (arania; de arani; dual; taluy de air; ^{uho} agas-suw; lat. ar-
 grey. ager e harmonia, or aryas; al. ehre; por causa do pedregal
 de madeira fracionado para ter fogo) da guarda encarefe-
 da, do exercito senhor Karataka ordena. Com preta o che-
 ga não de (aliás) de aqui da floresta longe vae. Nidi
 a ti adueridade fructificara (resistara). Então do pairoricos
 não concedendo sandjivaka com medo chegando a Karataka
 prostrado e assim dicto

Intelligencia certamente da força mais grave

Mato eva ~~adala~~ gung
 Mens al. eben ~~balid~~ garya vi
 cuja em não existencia dos elephantes (gravior)



Kara = mad. de kar = p-
 kara; ? xag = mad; tambe
 hastin = mad. de hasta = mad. tendo;
 pers. hast; pal. e ind. hanat; no
 slavo rubra; donde dolo = dolo =
 longo - rubra; abj de rubra = longissima
 Assim não quere o tamboi (dindima) esta conuido
 De elephante de elephante (hastin; ibra = elephante zele
 como tam-boi) mas = al = ar. arab = ibra) pelo conuido
 textis res rotumbante
 Sandjivaka dij do exercito senhor, que a flyer por xirir? (kuan)

foi. Por isto eu digo sem cuidado não a fazer assim pri-
meiro (et coetera). Então damanaka e Karataka de sandji-
vaka na proximidade idos ali karataka de arvore (taru;
ing. tree) na inferioridade (tala) orgulhosamente andado.
Damanaka diz: eh touro este a ti pelo rei pingalaka da flores-
ta (aranja; de arani; dual; talvez de ar; ^{= unir} ἀραρισχω; lat. ars;
greg. ἀρετη e harmonia, os aryas; al. ehre; por causa dos pedaços
de madeira friccionados para ter fogo) da guarda encarrega-
do, do exercito senhòr Karataka ordena. Com pressa che-
ga não se (aliás) de aqui da floresta longe vae. Aliás
a ti adversidade fructificará (resultará). Então do paiz os usos
não conhecendo sandjivaka com medo chegando a Karataka
prostrado e assim dicto

Intelligencia certamente da força mais grave

Mati	eva	balād	gariyō
• Mens	al. eben	valore	gariyasi
Cuja em não existencia dos elephantes			gravior

(karin= mão tendo; de
 - ^{karā= mão; de kar= fa}
 - ^{zer?}; χειρ= mão; também
 hastin; de hasta= mão-tendo)
 pers. dast; ? al. e ing. hand; no
 slavo ruka; d'onde Dolgo= ^{δολιχος=}
 longo -ruki; adj de ruka= longimanus)
 esta condição:

Assim recòa quazi o tambor (dindima, como tam-tam;
 De elephante de elephante (hastin; ^{como tam-bòr} ibha= elephante= ele-
 phas= el= art. arab-ibha) pelo conductòr
 batido ~~retumbante~~ retumbante

Sandjivaka diz: ^{oh} do exercito senhòr, ^(kuan) que a fazer por mim?

Karataka dij: se aqui na floresta (kyama) de morada de age
 e, entao da magistade dos pei ao loto (ao pé da majestade
 bello, como o loto indo pro ^{inacal} ferd). Sandjivaka
 dij: q' isso de nad mede palavra promete (m); von. Entao
 proprio dextro (^{laxbriac} ~~207~~, 2 = 2.05) braco (bahu; kend. tãnu; von.
 dattu). Por Karataka dito: bastante ^{fradium} com (de) esta duvida;
 porque

Evras nad desvraia vento (~~vento~~ prabhã ndjam
 pra = pro - bandj por brandj = frango; brecken; break; 300
 vupre por ~~o~~ F - 300 vupre; ing. wreck; al. wrack)

Molle (mrida; gr. meidexos; lat. mollis por molli; al.
 mudo; e ing.) em baxo abunçadas por toda a parte

As elevadas so avrorer profija (pra - baidhato? a
 bat. em Plautu ba
 ture, e dahi batere)

~~Grande~~ Grande em grande do'fay forca (vixemna
 de vi = dis - kraniz gredior)

Entao or duas Sandjivaka ^{nao} muito longe collocando de Sa
 galaxia (Pingala ou pinga; de pingere; suff. la e ka) m
 visinhanca im. Entao pelo ~~loto~~ rei com honra; oitador
 curvando (se) ~~et~~ assentados (adventaram - se). Ori disse:
 visto elle? Dumanaka dij: magistade, visto, que prorem o
 que pela magistade conhecido isto assim certamente de
 grande forca este, a magistade a ver deseja; (por) isto
 ornando - te elle entre. De ~~don~~ ^{unio} certamente nao ha tenor

Karataka diz: se aqui na floresta (Kānana) de morada dezejo é, então da mejestade dos pés ao loto (aos pés da majestade bellos como o **loto** indo prosternação farás. Sandjivaka diz: ~~isso~~ de não medo palavra promette (tu); vou. Então proprio dextro (~~de~~ ^{dakschiha} δεξιός) braço (bāhu; zend. bāzu; ~~πηρ~~ dá (tu). Por Karataka dicto: bastante com (de) ^{brachium} esta duvida porque

Ervas não desarraiza vento (~~pra~~ prabhandjana pra= pro - bandj por brandj= frango; brechen; break; ~~δρη~~ ~~vuμι~~ por ~~F~~ -ρηγνυμι; ing. wreck; al. wrack)

Molles (mridu; gr. μελιχος; lat. mollis por moldis; al. mild.e ing.) em baixo abaixadas por toda a parte

As elevadas só arvores profliga (pra- bādhatē; ? a- ^{bate, em Plauto ba} ^{tuere, e d'ahi baterē} ~~Grande e G~~ Grande em grande só faz força (vikrama) de vi= dis - kram= gredior)

Então os dous Sandjivakā ^{em} não muito longe collocando de Pin galaka (Pingala ou pinga; de pingere; suff. la e ka) na visinhança idos. Então pelo ~~leão~~ rei com honra olhados curvando (se) ~~assentados~~ (assentaram-se). O rei disse: visto elle? Damanaka diz: magestade, visto; que porem o que pela magestade conhecido isto assim certamente de grande força este; a magestade a ver dezeja; (por) isso ornando-te elle entre. De som ^{único} ~~só~~ certamente não ha ^{temer}

O final da palavra ficou fora da área digitalizada.

Castorin ditto:



De som ~~o~~ unico mal ha temer nas conhecendo
 do som a causa reconhecendo alcoriteira em honra
 O rei disse: como isto? Damanaka conta
 Ha da sancta terra no meio Bratmapura (Bramanes-dita
 de) coprominada cidade. D'este districto no corre o ghantakarna
 (o ghant^{ghanta}) = campainha, tambem ~~o~~ chapinha) de nome
 rakshasa (de rakshas = demonio; ~~o~~ raksh = guardar)
 morar: assim de gente a falla sempre ouve-se. Uma vez uma
 campainha tendo fustado fugindo ~~o~~ ~~o~~ certo (algun) ladrao
 por tigre morto e comido. D'este da maõ cahida campainha por
 macacos alcaraçada. E estes macacos (vānara = ou - homem, ou
 de vana: floresta e sup. ra = matario) esta campainha fallar
 fazem. Entao d'esta cidade pela gente aquelle homem comido
 visto. E cada momento da campainha o som ouve-se. Immediata-
 mente ~~ghantakarna~~ Ghantakarna irado homens come e a cam-
 painha fallar faz: assim dizendo os homens todos da cidade fu-
 gidos. Entao por alcoriteira (Kutiani, kut = tocar) delibera-
 do, macacos (markata) a campainha fallar fazem assim
 como reconhecendo o rei ~~o~~ advertido. Magistade se des-
 pera de dinheiro se faz entao eu este ~~o~~ Ghantakarna ac-
 bo (Don cabo d'elle). Entao pelo rei dinheiro dado. E pela alcoriteira
 de circulo adorados, de gente banquete ~~o~~ primeiro tendo d'um
 presentar respeito ~~o~~ ~~o~~ ^{tenho} ~~o~~ ^{mal} ~~o~~ ^o ella mesma de macacos

E assim dicto:

De som ~~o~~ único não ha temer não conhecendo
Do som a causa reconhecendo ^{do som a causa} alcoviteira em honra
O rei disse: como isso? Damanaka conta ida
Ha da sancta serra no meio Brahmapura (Bramane - cida_
de) cognominada cidade. D'este districto no cume ~~o~~ ghantākar_
na (o ghantā) = ^{campainha}; ~~tambem~~ chapinha) de nome
rākschasa (de ~~rakshas~~ = demonio; ~~aver~~ raksch = guardar)
morar: assim da gente a falla sempre ouve-se. Uma vez ^{uma}
campainha tendo furtado fugindo ~~com algum~~ certo (algum) ladrão
por tigre morto e comido. D'este da mão cahida campainha por
macacos alcançada. E estes macacos (vānara = ou - homem, ou
de vana = floresta e suf. ra = mateiro) esta campainha fallar
fazem. Então d'esta cidade pela gente aquelle homem comido (é)
visto. E cada momento da campanhia o som ouve-se. Immediata_
mente ~~Ghant~~ Ghantākarna irado homens come e a cam_
panhia fallar faz: assim dizendo os homens todos da cidade fu_
gidos. Então por alcoviteira (kuttanī; kutt = to cut) delibera_
do, macacos (markata) a campainha fallar fazem ^{assim}
comsigo reconhecendo o rei ~~o~~ advertido. Magestade se des_
peza de dinheiro se faz então eu este ~~o~~ Ghant Gantākarna aca_
bo (dou cabo d'elle). Então pelo rei dinheiro dado. E pela alcoviteira
de circulo adoração, de gente banquete ~~primeiro~~ primeiro tendo d'um
preceptòr respeito ^{tendo mostrado} ~~mostrando~~ ella mesma de macacos

queridos fructos tomando na floresta entrando os fructos espalhados. Então a campainha abandonando os macacos aos fructos forão presos. A alcoviteira a campainha tendo tomado approximada de todo o mundo venerada foi. Por isto ^{eu} digo por palavra só não a temer. Então Sandjivaka Sandjivaka, conduzindo-o vista fazer feito. Depois ahi certamente a outro inclinada communhão longo (longo tempo) habita. E uma vez a este leão irmão Stabd^ah^akarna (rigidas orelhas de nome leão ^{esse} chegado. D'este a hospitalidade tendo feito introduzindo Pingalaka (fulvus; talvez de pingo) d'este para comida gado a matar andado. Lá logo Sandjivaka diz: ^(deus deua) magestade, hoje de matada caça carne onde? Isto seja conhecido é ou não é. Pelos dous ^{carne} como tanta comida? O rei disse x o leão rindo disse: damanaka e Karataka saibão. Sandjivaka diz x Comido ^{prodigado} prodigado e desprezado quotidianamente esta a regra. Sandjivaka diz: Como da magestade dos pés sem inspecção ^{assim} faz-se? O rei disse: e que? Sandjivaka diz: não isto ~~direito~~ direito e assim dicto:

Não sem annunciar faça do amo ~~alguma~~ ^x alguma coisa

Algum negocio, da desgraça defeza com ^{ele mesmo} excepção do

E outro: Pote A pote (Kamandalú) parecido ^{mundo do dono} ministro pouco prodigio ^{agarrado} muito ^{agarrante} muito ^(graka)

Oh rei que momento doudo pobre que cauri
(Oh rei doudo quem não faz caso d'um momento ou
E outro:
Este ministro sempre o melhor que com cauri mesmo aumenta,

Passimo de entressourante vida, se que não vai, de rei
e que:

Pelas outras nas de família virtudes a honra vai honra,
de riqueza privado por sua mulher mesmo aborrendo,
que de novo (tanto mais) pelo outro

Exito em reino principal damno (dúschana, Darmum, etc.)
Oha:

Extravagante de sepra, inatência e assim aquisições
Furtas, longe está de thesouro destruição chama-se

Porque:
Rápida renda não considerando ^{seu desejo} gastando gastante a

Em mendicidade vai certamente elle não a Uai, ravana
(deus da riqueza) - imitante

Stiff (stiff ng. ul. stiff = rijidos) diz: oung, cando
longos (antigos) dependentes estes dom Damana e Karata

ka, e da paz e da guerra de ministerios encarregados. De
negocios encarregados nas de fazenda de ministerios encarregados

regar. Exito de encarregados no assumpto que é ^{isto conto} ~~isto conto~~

Um Brahmane, um ~~lobo~~ Kschatriya, um affim não por
emprego recomenda-se.
Brahmane prompto mesmo d'outra no peço mesmo não enu-
ga.



Thesouro de enthesourante vida, sòpro vida não, de rei
E que:

Pelas outras não de familia virtudes a honra vae homem,
De riqueza privado por sua mulher mesmo abandonado ^{que de novo (tanto mais) pelos outros}
E isto em reino principal damno. (düschana; damnum; δυς)

Olha:

Extravagante despeza; ~~em~~ inatensão e assim ^{injusto} acquisição

Furtar, longe estada, de thesouro ^{illegal} destruição chama-se
Porque:

Rapida renda não considerando ~~gastando~~ ^{seu dezejo} gastante a

Em mendicidade vae certamente elle rico a Vaicravana
(deus da riqueza) semelhante

Stā ^{bhā} ~~stā~~ karna (stiff ing. al. steif= rigidus) diz: ouve, irmão

longos (antigos) dependentes estes dous Damanaka e Karata
ka, e da paz e da guerra de ministerios encarregados. De
negocios encarregado não de fazenda de ministerio a encar
regar. E outro de encarregados no assumpto o que é ^{ditto} dicto
isto conto

Um Brahmane, um ~~em~~ Kschatriya, um affim não por
emprego recommenda-se.

Brahmane prompto mesmo dinheiro no perigo mesmo não entre
ga.

D. 1164 m. num. 40

Empregado Kōkōryū no thesouro e sobre mostra certamente.
 São o thesouro de vossa affim pisanço de tua affimidade por calisa.
 Na falta mesmo sem temer empregado longo servitio,
 Por isto o senhor desprezando obra incontratavel.
 Inutilidade em emprego estando sua falta não pensa;
 O serviço banderia fazendo tudo certamente rocha.
 Com deprezo gozou ministro elle mesmo faz-se rei, oh rei
 de conhecimento faz-se por elle sempre por familiaridade de certamente
 No interior corrompido atento, tudo inutil fazer certamente
 Sakuni (um passaro) e Sakutōra (Sakuta = ~~causar~~ causaryen,
 duas exemplar nisto, oh rei,
 Sempre pelo esforço indomavel deji (e) ric. tom (cada) cada
 Do bom esta palavra: riqueza dos pensamentos (superior) mente
 Do percebido (adquirido) dinheiro roubo, de thesouro (dravya; de
 dru = corer; talve; d'ahi d'gomo = ? dinheiro corrente) sua (pari
 varta = perverso), e complacencia (parudhaya), indifference
 (upekshā, de upa-iksha = ~~olhar~~ olhar sobre-ver, ~~olhar~~ look;
 sobre olhar) de intelligencia principal; sensualidade: de ~~olhar~~ olhar
 tu de defeito.

Empregado de dinheiro de tomar meio do reis perpetua superior
 sentimento e sem activ do negocio inversa ^{tenor}.
 Não comprimidos varietas (vam = vense, epew) ^{que} frequente
 mente deixo submissão, da terra senhor,
 Nam abcesso; assim ordinariamente sad os empregados.

Empregado Kschtriya no thesouro o sobre mostra certamente.

Todo o thesouro **devora** affim pisando de sua afinidade por causa.

Na falta mesmo sem tèmor empregado longo servidòr;

Por isso o senhòr desprezando obra incontrastavel.

~~o~~ Auxiliadòr em emprego estando sua falta não pensa;

O serviço bandeira fazendo ~~o~~ tudo certamente rouba.

Com segredos gózos ministro elle mesmo faz-se rei, oh rei

Desconhecimento faz-se por elle sempre por familiaridade certamente

No interiòr corrompido attentò^{de} tudo inútil factòr certamente

~~S~~ Çakuni (um passaro) e Çakatāra (çakata= ~~carruagem~~ carruagem) dous exemplos nisto, oh rei.

Sempre **pele** esforço indomável seja (é) rico todo (cada) certa

Dos bons esta palavra: riqueza dos pensamentos (perversòra) ^{desfazedora} _{mente}

Do percebido (adquirido) dinheiro roubo, do thesouro (drav a; de ^{desfazedora}

dru= correr; talvez d'ahi δροπος=? dinheiro corrente) troca (pari

varta= perversio), e complacencia (anurodhana), indifferença ^(tambem sob)

(upekshā; de upa-iksha= ~~sob~~ sobre - ver; over -look;

sobrolhar) de intelligencia privação; sensualidade: de ^{minis} _{minis} ^{tro} defeito

D'empregado de dinheiro do tomar meio dos reis **perpetua** superin

Assentimento e dom assim dos negocios ^{tenciã.} _{imersão.}

Não ^{não} comprimidos vomitão (vam= vomere; εμεω) ~~o~~ frequente

mente dentro substancia, da terra senhor.

Maus acessos; assim ordinariamente são os empregados/.

Frequentemente de empregado prohibido de requiera rio do
 terra) dos señores:
 (magi = mago)

Uma vez que comprinido de nadar vestid (nãna; nãna;
 nãna = vestid) solta (mutch = saltar, mungir?) muitas
 aguas?

Isto tudo como a occasia tendo conpedido a agir. Pongalaka
 de novo disse: e por em assim que estes dom inberinãna
 não de nãna da palavra feitores (executores) do.

Abubakar na dy; isto inteiramente inconveniente
 porque:

De ordem quebra fazentes e rei não terer filhos mesmo.

Differença que por de rei e de rei pintado?

E especialmente:

De ladrões, d'empregados, d'inimigos, do rei de validos

Um rei e da propria cobicia os subditos proteja pra como
 Inmós, intreiramente nossa palavra seja feita. Conida haja
 por qui feita ja. Este de em cometor Sandjivaka (em -ruia)
 das finanças no ministerio empregue-se. Assim feito sendo, entã
 Pongalaka e Sandjivaka torn parentes e seros abandonando em
 grande affeição o tempo passa-se. Entã do, creas, tam
 bem da comida de dom a negligencia sendo Damanaka e Karataka
 junctamente seculares deliberaudo, entã disse Damanaka que
 lá a fazer? De alma (nós mesmos) feito este damno; e de si que
 no feito em damno de lamentação abominencia tambem comido



Frequentemente de empregado proibição de riqueza rio da
terra dos senhores: ^(mahī= magna)

Uma vez que comprimido de nadar vestido (snāna; nare;
vastram= vestis) solta (mutch= soltar; mungir?) muitas
aguas?

Isto tudo como a occasião tendo conhecido ^(é) a agir. Pingalaka
de novo disse: é porem assim que estes dous inteiramente
não de mim da palavra feitores (executores) são.
Stabdhakarna diz: isto inteiramente inconveniente

Porque:

De ordem quebra fazentes ^o rei não tolere filhos mesmo.

Diferença que pois de rei e de rei pintado?

E especialmente:

De ladrões, d'empregados, d'inimigos, do rei de valido,
Um rei e da propria cobiça os subditos protêja pae como
Irmão, inteiramente nossa palavra seja feita. Comida haja
por nós feita já. Este de erva comedôr Sandjivaka (con-viva)
das finanças no ministerio empregue-se. Assim feito sendo, então
Pingalaka e Sandjivaka todos parentes e servos abandonados em
grande ~~afeição~~ ^{afeição} o tempo passa-se. Então dos creados tam
bem da comida de dom a negligencia vendo Damanaka e Karataka
junctamente ~~pensavão~~ ^{pensavão} deliberavão; então disse Damanaka que
lá a fazer? De alma (nós mesmo) feito este damno; e de si mes
mo feito em damno de lamentação abstinencia tambem convenient^{te}.

E assim dicto:

Svarnalekha (ouro - imagem) eu tendo tocado e tendo ligada
 Querendo tomar perola mercadòr, a si mesma alcoviteira,
 Karataka diz: como isto? Damanāka conta
 Ha de cidade ouro cidade (Kāntchana pura) de nome em cidade
 Virā (vir) vikrama (força) de nome rei. D'este pelo juiz (dharma) (lei) adhi (ad) karana (factor) um barbeiro (rāpita)
 da execução no chão conduzido. Kandarpaketu (do deus
 do amòr (kam = amar - darpa = ⁱⁿsolencia - ketu = ban-
 deira) de nome por mendigante (pari = περι; vradj = mi-
 grari) com mercadòr (sādhu = bom homem): não este a
 matar tendo dicto do vestido na borda agarrado. Do rei
 os homens disserão: porque não este a matar? Elle disse
 ouça-se: svarnalekha eu tendo tocado primeiro (αη)
 recita. Elles disserão: como isto? O mendigante conta: eu de
 Sinhaladivīpa (Ceylão) de nome de ilha do rei Djīmūta ke-
 tu (nuvem - bandeira) filho Kandarpaketu (kandarpa-
 amor; ^{ketu} = bandeira. E uma vez de prazèr no jardim estan-
 te por mim de banco de mercante da boca ouvido que lá do
 no meio no quatorze de apareciante Kalpa (arvore do ^{mar}paraiso
 de Indra) arvore no chão de perola de raios com cadèa de ouro
 em palanquim (pariāka ou palianka) estando de todos or-
 natos ornada Lakschmī (belleza) como harpa alaúde ^{fazem}
 do fallar moça ^{do navio}uma certa vè-se. Então eu a este tendo

mercadòr tomando ^o navio subindo lá ido. Sem intervallo lá tendo ido
 metade emergida ella por mim olhada (é). Então d'esta de encanto
 por qualidades attrahido por mim d'ella apoz salto ^(jampa= jump) feito. D'isto
 immediatamente d'ouro a cidade (patanum; d'onde Serin-
 ga= corno -patam ab. de patanam) alcançando de ouro
 (su= bom; varna= còr) no palacio, assim no palac^{an}o quim sen-
 tada com fadas conversante ella por mim olhada (é). Por
 ella eu de longe tendo visto companheira mandando com hon-
 ra eu saudado e por esta companheira por mim inter-
 rogada contado (é). Ella de Kandarpakeli de nome dos
 vidyādharas (sciencia - tenentes) do rei filha Ratana=
 perola) mandjarī de nome. E feito Gⁿ Gandarva (tal-
 vez ~~o~~ o centauro dos gregos - casamento (casamento ^{somen}
 te por accordo mutuo) com ella regozijando-me l eu -
 fui. Então uma vez em segredo por ella dicto: senhòr, a
 teu dezejo tudo isto a gozar, esta pintada Svānalekā
 de nome fada nunca a tocar. Depois com sobrevinda
 curiosidade esta Svānalekā por mim ao peito tocada
 E por esta pintada embora eu assim tendo feito do pé de **loto** batido as-
 sim de Guzezat na região cahido. De lá mal afflicto eu vaga-
 bundo a terra vagando ^{a esta} nesta cidade vindo. ~~lá~~ E lá avançado nõ
 dia ^{de} vaqueiro na casa dormido estando via: da tarde (pra= pro-
 doscha= treva= adiante= treva de amigos de symposio (~~o~~ o ^{otov}
 com -bebida= ^(noic: de πivo= beber))chegado este vaqueiro sua mulher com

D. 1864 m. n. 40

alcoiteira fallenteira. Estas este vaqueiro tendo batido num
 pilar tanto ligado dormido. Estas á meia noite esta d'este big
 beiro a esposa alcoiteira de novo a esta vaqueira disse: deti
 da disjunção do fogo queimado aquelle moribundo (murmura
 de mar = morior) esta magnanimo (aquelle magnanimo
 mo = amante esta moribundo. Bruto eu lei ~~ca~~ a mim
 mesma tendo ligada estou (bitimi = sexto). Tu lá temo
 ido regoripindo - o depressa volta. Assim feito este vaqueiro
 acordado disse: agora, agora amado como had andas? Entas
 quando ella mais di entas por o qualhe d' minha palavra
 resposta mesma nad dah? Assim tendo dicto vando - se
 por este vaqueiro o nariy (nāikā, dim. de nāsi) cotā
 da (tchinna = part. pas. de tchid = scuido). E chegada es
 ta vaqueira a alcoiteira ~~disse~~ rogava: que noticia? por
 alcoiteira ^{el} disse: a bocca (faca) mesmo noticia conta. Sem
 intervallo esta vaqueira assim ligada si mesma estada (p
 se) depl. e aquella alcoiteira o ~~estado~~ nariy tendo ^{na} ~~comi~~
 a propria casa estrada ~~estada~~. Entas madrugada por
 este barbero de navalha estis ~~pedida~~ pedida ~~si~~ ~~navalha~~
 uma deca. Depois este barbero irado a navalha (kacher
 ester. Zupov: cwtar, kara) de longe na casa ~~occor~~ ~~o~~ ~~gosa~~
 feto grito de dor ~~em~~ ofensa de mim por este o nariy ~~este~~
 h, assim tendo dicto de ~~justica~~ justica ao guarda chegada. E ~~este~~
 vaqueira por este vaqueiro rogada disse: eh! nam
 quem a mim ~~nam~~ honesta de desfiguram ~~capu~~
 E Assim bem de mim ~~da~~ ~~pr~~ ~~de~~ ~~o~~ ~~do~~ ~~mundo~~ ~~quar~~
 (o ~~part~~) comhecom

alcoviteira fallante via. Então esta vaqueira tendo batido num pilar tendo ligado dormido. Então á meia noite esta d'este barbeiro a esposa alcoviteira de novo a esta vaqueira disse: de tida disjunção do fogo queimado aquelle moribundo (mumurs^{hu} de mar = morior) está magnanimo (aquelle magnani^h mo= amante está moribundo. Por isto eu lá ~~eu~~ a mim mesma tendo ligada estou (tistami= sisto). Tu lá tendo ido regozijando-o depressa volta. Assim feito este vaqueiro acordado disse: agora ao teu amado como não andas? Então quando ella nada diz então por orgulho á minha palavra resposta mesmo não dás? Assim tendo dicto irando-se, por este vaqueiro o nariz (nāsikā; dim. de nāsā) corta_{da} (tchinna = part. pas. de tchid= scindo). E chegada esta vaqueira a alcoviteira ~~ro~~ rogava: que noticia? ^{pela} alcoviteira^(é) dicto: a bocca (cara) mesmo noticia conta. Sem intervallo esta vaqueira assim ligada si mesma estada ^{(por} se) depé e aquella alcoviteira o cortado nariz tendo tomado ^{põe} a propria casa entrando estada. Então madrugada por este barbeiro de navalha estôjo ~~pedido~~ pedida só **navalha** **uma deu**. Depois este barbeiro irado a navalha (kschur= cortar; }vov; curtus, kurz) de longe na casa atirou e ~~grite~~ feito grito de dor; sem offensa de mim por este o nariz cortado, assim tendo dicto **de** justiça ao guarda **chegada**. E esta vaqueira por este vaqueiro rogada disse: eh! ^{mau,} quem a mim muito honesta a desfigurar capaz? E tambem de mim ~~do~~ proceder os oito do mundo guardas (os peritos) conhecem

 *Amle*

Aditya = fogo de deusa Aditi = in-dividual = solha = tchandra,
 de Chand = candeo = brilho, anila = vermelho; an = in; un, origem do a Pri
 vattas - il = ~~verme~~ dormir - e fogo = anala, mas sei d'onde vem -
 Cei = ~~deca~~ dyau = Z, e'is; jupiter, Jovis, terra = hami, Bosis; golo
 fui; fio - ego = āpas = água; achal. axp - coração, e yama (deus da mor
 te; de yam = reprimir; cortar)

E dia e noite, e ambos *abhake* (ambo; *abhak*) *crepusculos fland*
ovocisio; *synthete* de dia e de noite) e lei conhecem de *hominat*
 o proceder

Vê de mim o rosto, então quando este vaqueiro *tochal* = *pra-dipa*
pro-dip = lucere (tomando quando vê certos mts floridos) *Kachata*;
 de *Kachana* = mator; *xxcuvu*) o rosto quando d'ell' *qz* p'os *Cahedo*. E qm
 aquelle *scita* (ente *attentado*) mercante, d'ente a historia tambem
 api; *grejo* *zore*; *preposica*) *ouri*; elle de sua casa *salindo* *dua* *Pratida*
ca; *dundera*; *quodocim*; *quiff*; *twelve*) *anno* de *pos* de *ha*
laya (de *ahi* *Malabār* = terra lingua *malayalim*; *Dravidica* (em
lanc. Dravida) *ou* terra a *ista* *cidade* *chegado*. É *la'* de *contar*
 na *caza* *dormido*. (*supta*; *reputas*; *de* *svap*; *utras*; *sonnar*; *por* *dip*
svapna; *schlaf*; *sleep*) *Então* *pela* *abertura* *de* *caza* *na* *porta* *(duira)*
ouga; *fores*; *thor*; *door*) *de* *estabelecido* *de* *madeira* (*Kachcha*; *tatwey*
 de *Kach* = *friccionar*; *para* *ter* *fogo*) *trabalhado* *no* *tochal* (*apista*
Demach *demonus*) *na* *cabeca* *joia* *na* *suspensa* e' *apista*
isso *tendo* *cujo* *de* *possuio* *base* *isto* *por* *este* *mercador* *na* *noite*
levantando *de* *de* *qua* *na* *meio* *joia* *esta* *maravilhosa* *para*
ver; *noite* *joia* *nao* *grata*. *Com* *efforo* *ar* *arrenda* *esta* *joia*. *Então*
por *este* *tochal* *com* *seus* *movimentos* *os* *bracos* *prendo* *de* *pena* *gato*

D'onde

Āditya= filho da deusa Adyti= in-disivel= sol lua= tchandra; de tchand= candee= brilho, anila= vento; an= in; un, origem do a pri_vativo - il= ~~dormir~~ dormir - e fogo= anala; não sei d'onde vem -

Ceu= ~~de~~ dyau= Ζεύς; juspiter; jovis, terra = ἧμι; φησι; φω fui; fio ~~de~~ āpas=agua; ach al. αἶχ - coração, e yama (deus na mor-te; de yam= refrer; cortar)

E dia e noite, e ambos // (ubhe (ambo; πμφω) crepusculos (sandhya συνθεσις; synthese do dia e da noite) e lei conhecem de homem= o proceder

Vè de mim o rosto; então quando este vaqueiro tocha (= pra - dipa_ pro - dip= lucere) tomando quando vê então não ferido (kschata; de kshan= matar; χρινω) o rosto olhando d'ella ^{dos} pés cahido. E quem aquelle senta (está assentado) mercante, **d'este a historia** tambem ahi; ^{ad}grego ενι; preposição) ouvi: elle de sua casa sahindo **doze** (dvāda_ ça; δωδεκα; duodecim; zwölf, twelve) ^(varsha= chuva) annos depois de Ma_ laya (de ahi Malabār= terra ^{em} língua malayalim; dravadica (em sansc. dravida) da terra a esta cidade chegado. ~~de~~ E lá de cortezan na casa dormido. (supta; sopitus; de svap; υνωσ; somnus; por sop swapra; schlif; sleep) Então pela alcoviteira da casa na porta (dvāra_ **θυρα**; fores; thor; door) de estabelecido de **madeira** (kāshtha ; talvez de kash = friccionar, para tirar **fogo**) trabalhado **vetāla** (^{espírito} ~~de~~ demoneos) na cabeça joia uma suspensa é **Isto** tendo visto de possuir ^{por} dezesoso por este mercadør na noite levantando-se de quanto preço joia esta maravilhosa para ver, nesta joia mão posta. E com esforço arrancada esta joia. Então por este vetālā ^{por} com fios **movidos com** braços preno de pena grito

fez depois levantando-se pela alcoviteira dicto: filho de Malaya da terra chegaste por isto todas joias dá aliás por este não ^{largado} serás tal certamente este servidør. Então por elle todas as joias concedidas. E agora este mesmo privado de todas as joias com nosco encontrado. Isto tudo tendo ouvido do rei pelos homens justiça (regra) feita. Do barbeiro a mulher raspada e vaqueira expulsada e a alcoviteira batida; de mercante os bens restituídos. Por isto eu digo Svarna= ouro -lekha= linha= simulação eu tendo tocado etc. Por isto por nós mesmos feito este damno lá lamentação não *conveniente*. Momento considerando: amigo, espera; como a amizade d'estes dous é causada assim de amizade ~~fendadura~~ fendadura a fazer:

Não reaes (cousas) reaes fazem vèr os espertos

N'um plano as baixas e altas como pintores homens

E outro: E em sobrevindas **difficuldades** cuja intelligencia não perde-se

Este prosterna difficeis (cousas), a vaqueira amantes dous

Karataka pergunta: como isto? Damana ^{Como} dous

Há na em Dvāra (porta) vatī (tendo) cidade de ^{ligadura} ka conta

mulher deshonesto (bāndhākī). Ella da aldeia ~~soni~~ / de bastão chefe e d'este como vaqueiro

diverte-se ^{filho juncto}

E assim dicto: nem o fogo contenta-se de madeiras nem de rios o oceano nem a morte de todos os entes nem de homens as de bellos olhos. E outro:

nem por dms nem por houna nem por si cecunde
servio nem por espaa nem por preento: entata
o caso no: naves as multheres.

Umay do basto de chepe com fetho elle divertiu de ^{esta} ~~esta~~
basto o chepe tambem chegou ^{este} tendo ^{na} ~~na~~ vista ^o ~~o~~
~~44~~ ^{seu} ~~seu~~ fetho no cellero tendo mettido do basto com o

chepe tambem divertiu-se ^{primeiramente} d'ella
o esposo o vaqueiro chegou a ^{este} ~~este~~ vinda pela
vaqueira dicto: do basto chepe, tus basto ^{tendo} ~~tendo~~
morrando de pressa vae. ^{sempre} ~~sempre~~ elle

feito pelo vaqueiro chegando a ^{esta} ~~esta~~ ^{intencio} ~~intencio~~
de: porque causa aqui de basto o chepe vindo? ^{Estado} ~~Estado~~
aquelle por qualquer causa sobre seu fetho irado.
Elle aponta de ^{seu} ~~seu~~ ^{tam} ~~tam~~ ^{em} ~~em~~ ^{esta} ~~esta~~ ^{agui} ~~agui~~ ^{chgan} ~~chgan~~

do ^{aproveito} ~~aproveito~~ ^{com} ~~com ^{no} ~~no~~ ^{cellero} ~~cellero~~ ^{mettido} ~~mettido~~ ^e ~~e~~ ^{salvado} ~~salvado~~
E este pelo pai busante na casa ^{nao} ~~nao~~ ^{visto} ~~visto~~
Por isto aquelle irado vae. Entas ella de aquelle o fetho do cellero
fazendo deizer ^o ~~o~~ ^{foz} ~~foz ^{ver} ~~ver~~~~~~



Cassim dicto:
Comida dupla das multheres, infelligencia deffim quadrupla
deffupla voluntarieade, e ^{comida} ~~comida~~ ^o ~~o~~ ^{cuplar} ~~cuplar~~
Por isto eu digo nas difficultades sobrevindas et coetera. ^{Rasat} ~~Rasat~~

Nem por dar, nem por honra nem por sinceridade ^{nem}
serviço nem espada nem por preceito: em todo
o caso indomáveis as mulheres.
Uma vez do bastão de chefe com ^o filho ella divertiu-se ^{então} do .
bastão o chefe também chegou. ^a este tendo ^{visto} ~~o~~
~~seu filho~~ no celleiro tendo mettido do bastão com o
chefe também diverte-se. Immediatamente d'ella
o esposo vaqueiro chegou. A este vindo pela
vaqueira dicto: .: do bastão do chefe, tu o bastão tomando
collera mostrando depressa vae. Assim por elle
feito pelo vaqueiro chegando a ^{esposa} ~~esposa~~ interroga-
da: porque causa aqui do bastão o chefe vindo? Esta diz
aquelle por qualquer causa sobre seu filho irado.
Elle a pontão de ser ^{tam} mortos ^{tam} ~~tam~~ também aqui chegan
do entrado. Por mim no celleiro mettido ^e ~~e~~ salvado
D'este pelo pae busante na casa não visto
Por isto aquelle irado vae. Então ella de aquelle o filho do celleiro
fazendo descer ~~o~~ fez ver

E assim dicto:

Comida dupla das mulheres, intelligencia d'ellas quadrupla
sextupla voluntariedade, e ^{amor} ~~amor~~ ^{libidinez} octupla
Por isso eu digo nas difficuldades sobrevindas et còetera. Karata_{ka}

dz: se certamente. Porém d'estes dois a grande de ^{zonia} ~~castro~~ ^{afel}
cab como ~~ca~~ a ~~peca~~ romper ~~cauz~~? Damanaka diz: ~~castro~~
cau pela cogitor.

E assim dicto:

~~ca~~ ^{Por} astucia pois que possivel nat uto possivel por for
cau

Gratha de ouro por cabed negra ^{serpente} ~~serpente~~ matava.

¶ Karatoka pergunta como uto? Damanaka conta:

Em certa arvore de grathas ~~ca~~ par habitava?

E d'estas duas ~~ca~~ filhos ~~ca~~ ^{na arvore} ~~ca~~ ^{em} ~~ca~~ ^{baraco} habi

larante negra serpente comedor ^{este} ~~ca~~ ^{de} ~~ca~~ ^{prante}

a gratha d'esse: ~~ca~~ ^{de} ~~ca~~ ^{arvore} ~~ca~~ ^{cerpente}
de nh por causa d'este ^{negra} ~~ca~~ ^{progenie} ~~ca~~ ^{na d'era}

Porque:

Abespos, perfido amigo, e ~~ca~~ ^{ca} ~~ca~~ ^{replicia} dando

E com serpente em casa morada; morte certamente

na d'ha duvida
A gratha (macha) diz, cara nad a temer, tempo, tempo por ~~ca~~
d' ~~ca~~ ^{agende} ~~ca~~ ^{offensa} ~~ca~~ ^{seffior}. A gratha (finea) como?

Em aquelle valeroso ~~ca~~ ^{lombator} ~~ca~~ ^{cauz}. A gratha (macha)
dozia. ~~ca~~ ^{com} ~~ca~~ ^{esta} ~~ca~~ ^{duvida} ~~ca~~ ^{porque}: ~~ca~~ ^{segom} ~~ca~~ ^{intel}

igencia d'este valor ~~ca~~ ^{de} ~~ca~~ ^{intellejante} ~~ca~~ ^{por} ~~ca~~ ^{de} ~~ca~~ ^{valor}, ~~ca~~ ^{de} ~~ca~~ ^o ~~ca~~ ^{lead} ~~ca~~ ^{feroz} ~~ca~~ ^{por} ~~ca~~ ^{le} ~~ca~~ ^{resimha} ~~ca~~ ^{describado} ~~ca~~ ^{na}

gratha (finea) diz como uto? A gratha (macha) conta: ha

(seja)
diz: se certamente. Porém d'estes dous a grande de ^{genio} ~~caracter~~ afecção como a ~~fender~~ romper capaz? Damanaka diz: astucia a excogitar.

E assim dicto:

Por
~~astucia~~ **pois que possivel** não isto possível por forças

Gralha de ouro por cadèa negra ^{serpente} ~~serpet~~ matava.

Karataka pergunta como isto? Damanaka conta:

Em certa arvore de gralhas paz habitavão

E d'estas duas ^{os} filhos ~~da arvore~~ ^{da arvore} ~~porem~~ buraco habitante negra serpente comedor. ^{Então} ~~Então~~ de novo prehe

a gralha disse: senhor, deixe ^{se} esta arvore. aqui certamente de nós por causa d'esta ^{negra} serpente progenie não será
Porque:

Má esposa, perfido amigo, e **creado** replica dando

E com serpente em casa morada: morte certamente não ha duvida

A gralha (macha) diz: cara não a temer; tempo, tempo por d'este a grande offensa soffrida. A gralha (fêmea) como com aquelle valoroso tu a combater capaz? A gralha (macha) dizia. Bastante com esta duvida porque: de quem intelligencia d'este valòr **de inintelligente porem** d'on de valòr, vè: o leão feroz por lebresinha derribado. A gralha (fêmea) diz como isso? A gralha (macha) conta: ha

de Munda de nome e montanha indomavel de
nome lade elle sempre de gado mutua, fazendo
assim. ~~Assim~~

Então por todos os animaes, e o leão
e o discursado; que por de todo gado destruído
faz-se? nós certamente de te por comida in-
tuamente um gado offerecemos. Terá leão dicto, assim
seja, desde então um em gado dando sentido
jancto. Então uma vez de um vestio lebratino
a vez chego. Ella ~~perde~~ a

de medo por causa modesto de fog,
de vida por esperança, quando o morte irei
porque para com o leão corço serci!
Pristo lentamente lentamente vou. Então
o leão pela fome apertado em choleira a
ella disse?

Porque tu ~~de~~ com demora e hegi? Ella disse
nao puto de mim a culpa. Pato no caminho
por ~~o~~ leão outro com fora presa, de novo
de puto ~~ingam~~ esta tendo foto as lombo
inferno aqui e aqui.

de Mandara de nome na montanha indomavel de
nome leão e elle sempre de gado matança fazendo
assim ~~sentou~~ ^{sentou}

Então por todos os animaes reunidos o leão
é discursado: que pois de todo gado destruição
faz-se? Nós certamente de ti por comida dia-
riamente um gado offerecemos. Por leão dicto: assim
seja. Desde então um um gado dando sentaram
junctos. Então uma vez de uma velha lebresinha
a vez chegou. Ella pensava

De medo por causa modesto se faz.
De vida por esperança, quando à morte irei
Porque para com o leão cortez serei!
Por isto: lentamente lentamente vou. Então
o leão pela fome apertado em cholera a
ella disse:

Porque tu do com demora chegas? Ella disse
Não isto de mim a culpa. Bati no caminho
por leão outro com força presa de novo
de votar **juramento** tendo feita ao Senhor
informar aqui cheguei

O leão com colera disse ~~com pressa~~ com pressa tendo ido
 a mim fazê ver (mostra-me, este velhaco - (dur -atma
 δυο - αἴμας) d'onde e senta (aste = ἀστία
 Então a lebrêsinha a elle tomando a profunda ^{ἵστασι}
 dada. Aqui tendo chegado: ~~vê~~ ^{fonte?} ~~Senhor~~, assim
 tendo dicto nesta de fonte agua d'elle mesmo
 contrafeito (prati = Προς - brinba = imagem)
 mostrava. Então elle de cholera inchado
 por orgulho sobre este a si mesmo atiran
 do-se pereceu (pantchatram = ~~quinque~~ ^{cada} de =
 os cinco elementos -ido.

Por isto isto eu digo: intelligencia &c
 A gralha (femea) disse ouvido por mim tudo; co
 mo a fazer ~~dize~~ dize. A gralha dizia: lá
 no proximo lago terei de rei filho sempre che
 gando banha-se. Por este do corpo depor
 a cadeia com o bico tendo apanhado
 levando si n'este buraco ^{porém}
 E uma vez para nadar na agua ^{entrado} do
 rei o filho pela gralha (fêmea) isto feito. E de ouro
 a cadea buscantes pelos homens (creados do rei)
 no buraco olhado a negra serpente visto
 e matado (feito vi = dis - a = ad - pad = pes)
 Por isto eu digo: por astucia que possivel &c
 Karataka diz: se assim então vae, favora
 veis os teus caminhos sejam. Então damañā
 ka de Pingalaka ^à proximidade tendo
 ido curvando-se disse: magestade, urgen
 te pensando ~~vim~~ vim.

Porque: na desvestura, de desvio no ir e de negocio
 do tempo nos lapsos bella palavra diga não inter
 rogado mesmo bom homem

E outro de gozo vaso ~~o~~ o rei, não o rei negocios ^{vaso}
 Do rei do negocio por desastre conselheiro com pela
 do mancha-se ((

do ministro tal passo (proceder);
 Escobar (preferencia) de alma sacrificosa matou
 da cabeça (o) cortou
 tal passo do mesmo a posição de outro crime
 Sengalaka graciosamente disse: e tu que hias
 de repente indifferente

Samanaka diz: aquelle agora Sanyarakha
 para contigo inconvenientemente procedendo
 e assim de nos na presença do Imperador
 e assim de nos na presença do Imperador

triplice figura com medo maranhão
 Sanyarakha de novo Dite Magestade de todos mi
 mentes e mistas tanto feito de estado de Negocio no officio apud
 e proto. E isto grande eiro pompa
 de mais levantado ministro e rei
 ficando de nos pes resiste forma
 Ella de mulher por natureza incapaz do peso
 de estas duas um abandono



Entre os ministros o primeiro poremment (39)
 (2) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (3) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (4) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (5) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (6) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (7) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (8) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (9) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (10) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (11) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (12) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (13) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (14) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (15) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (16) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (17) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (18) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (19) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)
 (20) um ouvidor ministro o primeiro poremment (39)

Dos ministros tal passo (proceder):
Escolha (preferencia) da alma sacrificio ou mesmo
da cabeça (o) cortar
Não porem do mestre á posição de obter no crime
Pingalaka graciosamente disse: e tu que dizer <sup>dezejeante indiffe-
rença</sup> _{dezejas?}

Damanaka diz: aquelle agora Sandjivaka
para contigo inconvenientemente procedendo;
e assim de nós na presença do mestre do poder
triplice injuria tendo feito o reino mesmo cobiça

Isto tendo ^{ouvido} Pingalaka com medo maravilhosamente taciturna-
mente estado Damanaka, de novo disse: magestade de todos mi-
nistros demissão tendo feito de todos os negocios no officio aquel-
le posto. E isto grande erro porque:
Demais levantado ministro e rei
Fixando-se nos pés reside fortuna
Ella de mulher por natureza incapaz do peso
Destes dous um abandona

E outro:
(se) um o rei faz ministro no reino preeminente (se)
Alise por infatuação entra o orgulho e elle de loucura
por preguiça ~~prova-se~~ e de deprocedido passo faz no
coração de independencia dezejo
De independencia pelo dezejo <sup>do rei assassinado me-
então elle</sup> dita

E outro: d'amarga comida e de dente vacillante
E de ministro corrompido de raiz ~~curar~~ bom
E outro: quem faz de ministro dependente a fortuna daquelle
vicio sendo

Este cego como de mundo protectòr (rei) decae sem conductores
E principalmente:

Sempre continuamente in-tratavel ^{rico} cada certamente dos
bons isto palavra: riqueza dos contentamentos deformadores
E elle <sup>em todos os negocios segundo sua vontade
procede</sup>
Isto a quem mundo, oh senhor, é isto conhe-
ço

É este em todos os negreiros e em vossa presença, por isso não ordeno
mesmo. É isto conhecido
e não se acham no mundo que não ama bellera, se outro não enuncia
dora com respeito que não quem
assim, assim mesmo que Sandivaka de mim grande officiar

Alta:
Fazendo mesmo aggrivos que amigo certamente elle
Nas por um mal affligido mesmo corpo de quem não caro

Contra
Nas cara, (contas) mesmo fazendo quem amigo, amigo de
tamente este De quem adã (dagda) 30 pat. de dah = dae
da e) manca (mandre, de man; man; maneo) pra essen-
na mesmo de quem (kashe = casta) do fogo dashouza?

Damanaka di: magistade, isto certamente a falta.

Boque
Ninguém certamente excessivamente o olho direito o rei
de, mesmo, mesmo estrangeiro, isto esta pela forma honra.
Se gente

Olve, magistade
De não agradável mesmo, saudavel digesto tem traron
to, fallador e onvidor ~~que~~ ha regerido se formos
(que n'ordem e obediencia) expellim esta adrente
E por de não os servidores (os antigos) expellim esta adrente
do (agarrando) adrente feito (pato). É isto inconveniente feito
me de raiz dos servidores, com offensa não adventicio pre-
fere, nas ~~de~~ ^{este} mais habil nome do reino quebra
fazer intelligente?

É isso diz que maravilhado pois por mim aquelle, de não
temor palavra tendo the doo, condiso e levado; por isso como
Coospira? Damanaka di: magistade
Magistade e natuza regae apreciada mesmo sempre
De manca de lenir pelo mais de cada cauda como abraça



E este em todos os negocios de sua vontade procede. Por isso ahi ordem mestre. E isso conheço

Não este homem no mundo que não ama belleza, de outrem moça encanta_ dora com dezejo não olha quem

O leão deliberando disse: ~~amigo~~ meu caro se mesmo assim, assim mesmo por Sandivaka de mim grande afeição Olha:

Fazendo mesmo aggravos que amigo certamente elle

Não por um mal affligido mesmo corpo de quem não caro

E outro

• Não caras (contas) mesmo fazendo quem amigo, amigo cer_ tamente este

~~De~~ De queimada (dagdha p pas. de dah= $\delta\alpha/\omega$ $\delta\alpha\varsigma$) mansão (mandira; de man; $\mu\epsilon\nu\omega$; maneo) na essen_ cia mesmo de quem (kasya = ^{maison}casas) do fogo deshonra?

Damanaka diz: magestade, isto certamente a falta.

Porque:

Em quem certamente excessivamente o olho deita o rei ^{filho}, ministro, mesmo estrangeiro, ~~esta~~ esta pela fortuna honra_ se gente

ouve, magestade

↳ De não agradável mesmo, saudavel digestão bem trazem_ te, fallador e ouvidor ~~d'onde~~ ^{onde} ha* regozijar-se fortunas (que dá ordens e obedece)

E por ti de raiz os servidores (os antigos) expellindo este adventi_ cio (āgantunaka) adiante feito (posto). E isto inconveniente feito

vê De raiz dos servidores com offensa não adventicios pre_ fere, não ~~d'~~ d'este mais habil outro é do reino quebra_ fazente intelligente?

O leão diz que maravilhoso pois por mim aquelle, de não temor palavra tendo lhe dado, conduzido e elevado; por isso como conspira? Damanaka diz: magestade

Má gente a natureza legal acariciada mesmo sempre

De unção de lenir pelos meios de ~~cão~~ cauda como abaixada #

Contro

Unghia e fraccionada, por causa encolada,
 doctah doce amos depois do cas cauda a restarq segue

Contro

Crescimento ou honra do mans ou amor donde?
 Prodigem de ambrosia na rega mesmo nas cousas
 salubres de nenens arvores

Por isso eu digo

Não interrogas mesmo o dem diga a aquelle
 cujo não desejo a desdida esta certamente dos bon
 a rega, contraria julga do mans. ^{esta aquelle}
 Este amigo infelicidade ^{esta aquelle} ~~esta aquelle~~ que

immaculada esta mulher que obediente, este intel
 ligente quem pelos bons e honrado esta belga que não
 se ensoberbece este flm que da avides e libertade
 este amigo quem não facticio, este homem quem
 não el dominado pelos ventidos

Se de sandibaku pelo vicio ferido mesmo o ^{se por} ~~se por~~ ^{na} ~~na~~
 volta, estas do creado não falta

E assim

Rei ao amor ligado nas ~~contas~~ ^{contas} o a fazer não
 o bem, como o desejo sua vontade procede, e briso ele
 quanto como

Porisso de orgullo inchado aquelle cae de coudas em pro
 fundura sobre o creado as fátas ^{Amor}, não na
 propria

E outro

Ungida e friccionada, por cauda enrolada,

Soltada doze annos depois do cão cauda a natureza segue

E outro

Crescimento ou honra dos maus no amor d'onde?

Produzem de ambrosia na rega mesmo não cousas ~~de~~
salubres de veneno arvores

Por isso eu digo

Não interrogado mesmo o bem diga a aquelle ~~de~~
cujo não dezeja a destruição esta certamente dos bons
a regra, contraria julgada dos maus.

Este amigo infelicidades afasta quem, ^{esta acção} ~~este feito~~ que
immaculada esta mulher que obediente, este intel_
ligente quem pelos bons é honrado esta belleza que não
se ensoberbece este feliz que da avidez é libertado
este amigo quem não facticio, este homem quem
não é dominado pelos sentidos

Se de Sandivaka pelo vicio ferido mesmo o ^{senhòr} ~~este~~ não
volta, então do creado não ^(ha) falta

E assim

Rei ao amor ligado não ~~de~~ conta o a fazer nem
o bem, como o dezejo sua vontade procede, ~~de~~ ebrio ele_
phante como

Por isso de orgulho inchado aquelle cae de cuidados em pro_
fundeza então sobre o creado as faltas lança, não na
propria

herpa
cas de xentio sobre a palavra de ostion casto gae



pensa.

Não de λ outro sobre a palavra os outros castigue

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade intelectual de Pedro d'Alcântara, normalmente relegada nos livros de história e em muitas das biografias do monarca, começa a ganhar visibilidade graças a pesquisas recentes. D. Pedro II, último imperador do Brasil, esteve no poder por quase meio século e desenvolvia, paralelamente, atividades de ordem literária. Convenientemente, a posição de estadista permitiu também que D. Pedro II se lançasse em projetos relacionados à promoção da cultura e educação do império: criou e coordenou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundou Escolas Normais, Liceus de Artes e Ofícios, museus e bibliotecas, monitorava concursos para contratação de professores, além de manter bolsas de estudos com recursos próprios para jovens talentos.

Órfão de mãe e abandonado pelo pai ainda na tenra idade, D. Pedro II encontrou nos livros e na rotina de estudos uma espécie de porto seguro, um alento capaz de abrandar os momentos mais difíceis e decisivos de sua vida (BARMAN, 2010). Seus biógrafos são unânimes em afirmar que ele, desde muito cedo, demonstrava grande inclinação para o estudo de línguas, apresentando proficiência em francês, inglês, espanhol e conhecimento de algumas línguas clássicas ainda na infância. Transitou em meio aos grandes intelectuais do século XIX, correspondendo-se com Henry Wadsworth Longfellow, Alessandro Manzoni, Alexandre Herculano, De Gubernatis, Ernest Renan, James Cooler Fletcher, Louis Agassiz, Victor Hugo, entre outros. Enveredou pelos caminhos da poesia, sendo duramente rebatido por literatos e até mesmo por críticos de seu governo. Aos primeiros, respondia com modéstias, reconhecendo não ser poeta e justificando que os versos constituíam-se apenas em exercícios de cunho intelectual. Não tinha anseios de vê-los publicados. Aos demais, alegava que tal exercício era realizado quando não tinha nada mais por fazer, ou seja, a posição e responsabilidades de estadista eram tratadas com prioridade (CARVALHO, 2007).

De maneira despretensiosa, traduziu os escritores que mais admirava, estreitando os laços de amizade entre eles. Aliás, se uma presumida carreira literária estivesse destinada ao fracasso devido aos julgamentos impiedosos que sua produção pudesse receber, parece que a prática tradutória o eximiria desse tipo de avaliação. Estaria ele (re) produzindo a partir do discurso de outrem. Quem sabe essa tenha sido a sua lógica. Enquanto a poesia estava restrita ao seu universo particular, a

tradução ganharia o mundo. Antes mesmo de o monarca itinerante cruzar o Atlântico, suas traduções já eram compartilhadas com pessoas de renome da literatura mundial, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. E o imperador levantou opiniões favoráveis ao seu trabalho de tradução. Longfellow e Whittier, o italiano Manzoni, o francês Liégard, o português Castilhos; alguns representantes da política e da realeza europeia, como a princesa Teresa, da Baviera, receberam traduções e teceram comentários elogiosos ao imperador do Brasil pelo trabalho.

Com base no suporte metodológico da Crítica Genética, foi possível, primeiramente, realizar a transcrição diplomática dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II, um dos objetivos deste trabalho. A publicação aqui pela primeira vez da edição genética da tradução do *Hitopadeça* oportunizará a outros pesquisadores o acesso ao material sem necessariamente recorrer aos originais, o que pode contribuir com a sua conservação junto aos arquivos históricos. A mesma corrente metodológica permitiu então detectar as ocorrências contidas nos manuscritos de D. Pedro II, acompanhando, avaliando, definindo e descrevendo o seu processo de criação durante a tradução, além de estabelecer a sua postura mais sobressaliente enquanto tradutor. Para cumprir essa finalidade, os métodos de análise da Crítica Genética encontraram no suporte teórico dos Estudos Descritivos da Tradução, dos Estudos Culturais e da Antropologia a sua ancoragem, continuando assim uma combinação teórico-metodológica bem sucedida e lançada inicialmente por Romanelli (2013).

Em uma análise mais geral, a materialidade presente nos manuscritos sugere um tradutor preocupado em manter-se fiel ao original, além de indicar constantes pesquisas etimológicas e lexicais no decorrer do seu trabalho. A propensão à literalidade na prática tradutória de Pedro II, neste caso, pode ter sido decisiva graças à edição utilizada em sua tradução para o português. A análise contrastiva realizada com a publicação do indiano Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado, conforme modelo de análise descritiva proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985), revelou que parte do trabalho do monarca foi realizado a partir da edição de Max Müller, orientalista alemão que D. Pedro II conheceu durante uma de suas viagens ao exterior. A tradução de Müller foi elaborada para funcionar como um manual de aprendizado de sânscrito e tinha um público-alvo específico, os funcionários do governo britânico que serviriam nas colônias da Índia. O método desenvolvido por Müller preservava propositalmente na tradução a estrutura sintática do original em sânscrito, o que ocorre também em D.

Pedro II. A segunda etapa da tradução, realizada no exílio, se deu a partir da edição do orientalista inglês Peter Peterson, discípulo de Max Müller. É provável que a não continuidade da tradução com a obra de Müller tenha ocorrido por conta do exílio da família imperial, já que D. Pedro II, deposto, não pôde levar seus pertences no dia do golpe republicano. Importante lembrar que tal preocupação estava ligada diretamente a um objetivo bem específico, o estudo de línguas a partir da tradução, conforme inúmeras menções em seu diário pessoal. A tradução de Müller, nesse sentido, parecia ideal para se atingir essa finalidade, pois era uma obra antes técnica do que propriamente literária.

As pesquisas relacionadas ao intelectual (e tradutor) Pedro d'Alcântara poderiam revelar somente um perfil parecido com o dos demais tradutores brasileiros do século XIX, os quais encontravam em projetos de tradução uma fonte de prazer ou apenas uma maneira de interagir e se aproximar de amigos através dela, como sugere Wyler (2003). A tradução foi, de fato, a forma de ingresso e de reconhecimento na seleta república mundial das letras, conforme observou Romanelli (2011). No entanto, ao afinar o olhar para os textos traduzidos pelo monarca, por exemplo, é possível afirmar que as escolhas não foram meramente aleatórias. O interesse, neste caso, provavelmente tinha um objetivo maior e a tradução não era apenas uma forma de distração, já que além dos clássicos da literatura mundial, outras obras receberam a devida atenção de D. Pedro II. Textos de caráter polêmico, alguns representantes de culturas e literaturas consideradas periféricas, obras de tradição religiosa/filosófica não-cristã e com forte apelo político estavam entre as suas preferências. O gosto pelo Orientalismo levou o monarca a obras como as *Mil e uma noites* e o livro do *Hitopadeça*, ambos de suma importância dentro de seus polissistemas culturais e que ganharam maior visibilidade no Ocidente a partir da prática da tradução. Foi, a propósito, seu interesse pelas línguas semíticas e orientais que o aproximou do alemão Christian Friedrich Seybold, contratado como mestre orientalista de D. Pedro II. Pouco se sabe sobre quem teria sido Christian Friedrich Seybold. O orientalista alemão, com uma carreira acadêmica consolidada em Tübingen e marcada por muitas publicações, esteve no Brasil do Segundo Império para atuar como mestre orientalista do monarca Pedro II e o acompanhou durante o exílio que se seguiu com o fim do império no país. Por este motivo, é possível encontrar nas principais obras que versam sobre a vida de D. Pedro II algumas referências ao seu último professor de línguas orientais. Os dados biográficos sobre Seybold, no entanto, são fragmentários e insuficientes.

A ideia de dedicar uma seção ao orientalista Seybold nasceu justamente de minha inquietação frente ao descompasso que há entre as fontes pesquisadas: as biografias do monarca e o diário pessoal de D. Pedro. A primeira, marcada pela carência de elementos biográficos sobre o último tutor do monarca. A segunda fonte, contrariamente, com inúmeras notas envolvendo o nome do professor, revelando assim que a participação do orientalista na vida de Pedro II foi intensa, o que impulsionou a investigação. O encontro com o texto de Richard Hartmann (1922), entre outros, durante as atividades de estágio doutoral realizadas na *Universiteit Antwerpen*, possibilitou também a concretização dessa etapa do presente trabalho, descortinando alguns aspectos da vida de Seybold até então desconhecidos.

Dessa forma, foi possível avaliar as informações prestadas pelo alemão e confrontá-la com as demais fontes pesquisadas. Para citar um exemplo, Hartmann (1922) indica que Seybold teria se lançado no estudo das línguas americanas por sugestão de D. Pedro II. O testemunho disso está na edição de três obras antigas sobre a língua guarani, devidamente mencionadas anteriormente. O biógrafo Pedro Calmon (1975a, p. 475), por sua vez, defende a participação de D. Pedro II no processo de edição do material em questão. Para ele, esses trabalhos foram realizados “de mão comum com o imperador”. De fato, o diário de D. Pedro II mostra que o monarca estava acompanhando de perto a produção das obras. De acordo com suas anotações, entre o trabalho de tradução e as leituras que costumeiramente fazia durante as suas aulas com o professor Seybold, D. Pedro II examinava também as provas impressas do volume. Acompanhou a edição do material de janeiro a outubro de 1890, época em que um dos livros foi publicado. Registrava ele no dia 23 de janeiro de 1890: “[...] ainda continuei [a ler] a edição da arte do Guarani de Paulo Restivo que está publicando com o Seibold” (ALCÂNTARA, 1999, p. 846). Em 25 de setembro de 1890, Pedro II julgava positivamente o paratexto do livro: “Prefácio muito bem escrito por ele [Seybold] à edição do manuscrito sobre a língua guarani de Restivo que está publicando” (1999, p. 1009). No dia seguinte, 26 de setembro, a anotação revela que o monarca costumava opinar sobre a edição, porém não há como comprovar que as contribuições tenham sido acatadas: “[...] acabei de ler a dedicatória em latim e que há de acompanhar a edição da Arte da língua guarani de Restivo. Fiz-lhe apenas algumas reflexões” (1999, p. 1009). Em 14 de outubro, Pedro II parece não medir esforços para divulgar o livro: “vou dar a Nioac Brevis linguae Guarani gramatica hispaniae etc. editada pelo

Seibold para que se escreva sobre ela no Gaulois” (1999, p. 1019). Finalmente, em 17 de outubro, a obra estava sendo lançada no *Congresso de Americanistas*, em Paris: “Seibold apresentou exemplares de sua edição de gramática Guarani de Restivo” (1999, p. 1019). Os três níveis de informação – novos textos, biografias e diários –, complementares, permitem vislumbrar não só os elementos constitutivos da carreira acadêmica de Seybold. Da mesma forma, oportunizam reconstruir, de maneira indireta, um dos aspectos do perfil de D. Pedro II enquanto tradutor de línguas orientais, que considerava ter a língua guarani ascendência asiática (ALCÂNTARA, 1999).

Ao propor trazer novos dados sobre a vida de Christian Friedrich Seybold neste trabalho, pretendo abrir caminho para futuras pesquisas, mostrando que há muitas lacunas a serem preenchidas e que possivelmente trarão contribuições importantes no âmbito da historiografia brasileira. Tenho ciência de que o objeto de pesquisa das biografias consultadas foi o último imperador do Brasil e, por extensão, o contexto político no qual estava imerso e desempenhava papel central. Se as pesquisas sobre o *intelectual* D. Pedro ainda são incipientes, parece mais que justificável que os mestres e colaboradores das diversas áreas de interesse de estudo do monarca tenham permanecido, de certa maneira, no ostracismo. Dessa forma, ao deslocar momentaneamente o foco do personagem principal para uma figura coadjuvante, objetivei apenas complementar informações, retificar possíveis equívocos e promover discussões acerca da participação desses agentes, especialmente Christian Seybold, na constituição do perfil intelectual do cidadão Pedro d’Alcântara.

Volto a reafirmar que a escolha de D. Pedro II em traduzir determinados textos orientais também não teria sido casual e o objetivo estava intimamente ligado à formação identitária do império do Brasil, como as análises científicas de sua atividade tradutória têm apontado. Se o historiador Varnhagen sugeria o parentesco entre o guarani e o egípcio, D. Pedro II apostava em outras coordenadas do mapa. O “Orientalismo Crioulo” em D. Pedro II, misto de campanha intelectual à moda alemã diluída na marcante herança colonial ibérica, buscava dar vulto à língua do autóctone brasileiro a partir do idioma clássico indiano, o sânscrito. A tradução teria sido “a ponte necessária”,⁵⁶ nesse movimento contra-hegemônico delineado por Pedro II. O método da linguística comparada europeia era empregado na tradução do monarca

⁵⁶ Expressão cunhada por José Paulo Paes em seu livro *Tradução a ponte necessária* (1990).

para assegurar a originalidade e a autonomia do seu império tropical frente aos seus pares do Velho Mundo, tanto linguística quanto cultural e literariamente.

A Crítica Genética ofereceu as ferramentas para que o pesquisador pudesse fazer uma pequena “intromissão” no laboratório de criação de D. Pedro II, esse espaço em que ele utilizava a tradução para testar seu conhecimento de línguas e, ao mesmo tempo, aprender mais sobre sânscrito e cultura indiana. O estudo sistemático dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II, provas documentais desse processo de criação ao mesmo tempo complexo, instável e singular, pôs em evidência o texto em progressão para compreender os circuitos e conexões que foram se estabelecendo durante a gênese artística da obra em questão. O aparente emaranhado vai descortinando, a cada rasura e hesitação, um universo flutuante e profuso, um movimento por vezes cíclico, algumas vezes descontínuo, de inúmeras retomadas e reconsiderações. É, portanto, um trabalho subjetivo, mas balizado por normas específicas e que se retroalimenta e se transmuta a cada informação recebida, o que pode determinar novas coordenadas e rumos imprevisíveis ao projeto em curso. Essa explosão criativa que emerge dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II aponta não só para o uso de dicionários, mas igualmente para uma série de livros, pesquisas, contatos e leituras de natureza variada, muitas delas atestadas pelos diálogos intertextuais e até mesmo intratextuais presentes no material. Dito isso, parece conveniente afirmar que a prática tradutória, vista sob o prisma dos estudos genéticos e não enquanto um produto devidamente editado e ingenuamente tido como acabado, se configura também como um ato de escritura.

Pôde-se perceber que o processo criativo de Pedro II foi acompanhado por períodos de trabalho árduo e intenso, de confronto com o texto e tomada de decisões, mas sobretudo de muita dedicação e disciplina. Durante a jornada de trabalho, o tradutor se obrigou a ter distanciamentos do texto, seja pelo conturbado período de transição do regime político do país, seja pelas viagens do seu professor de sânscrito, ou ainda ocasionados pela morte da imperatriz. Todos esses acontecimentos, obviamente, imprimiram suas marcas na tradução e são apenas alguns exemplos de que o tradutor, conforme sustenta Romanelli (2013), está cercado por um mundo que se nutre por *inputs* os mais diversos e que influenciam diretamente o método de trabalho e até mesmo a estética do seu objeto de estudo. Em D. Pedro II, a tradução ainda tinha o peso de um ousado projeto político de construir uma

identidade para a jovem nação. Solidificar as bases da “cidade letrada” (RAMA, 1998) e obter junto ao círculo intelectual internacional a legitimação e o reconhecimento do país enquanto uma nação moderna e culturalmente independente eram objetivos perseguidos incessantemente pelo monarca.

Finalmente, acredito que o tratamento dispensado aos manuscritos de tradução de Pedro d’Alcântara, a partir da abordagem genética, indica a urgente necessidade de uma revisão da corrente interpretação que parte da historiografia alimenta sobre o intelectual D. Pedro II. As análises desses materiais vêm a demonstrar que a atividade intelectual/tradutória praticada pelo imperador não consistia em uma ocupação inútil de um estadista enfadado com as rédeas e obrigações de seu império. Obviamente, muito ainda se tem a pesquisar sobre essa faceta pouco explorada do monarca devido à vastidão de registros manuscritos que estão espalhados pelos arquivos de museus (Museu Imperial, IHGB, Biblioteca Nacional, por exemplo). Espero também que haja uma sensibilidade por parte dos detentores dos direitos de propriedade dos arquivos privados para que as pesquisas não sejam abandonadas por questões estritamente burocráticas e outras dificuldades de acesso. Um marco importante nesse âmbito de pesquisas tem se consolidado com as atividades dos membros do NUPROC, no qual essa tese se insere. Os resultados aqui obtidos, no entanto, não se encerram nesta investigação. Restam ainda muitos caminhos possíveis a serem explorados em trabalhos subsequentes. Um deles, por exemplo, estaria na questão da conversão religiosa no Brasil. Seguindo as sugestões e os estudos de Stallaert (1998; 2012; 2013) poderíamos nos perguntar de fato que papel um texto de declarada tradição não-cristã, como é o caso do *Hitopadeça*, poderia exercer em um polissistema literário ascendente, como o do império do Brasil, cuja religião oficial era o Catolicismo? Enfim, as possibilidades que se apresentam são múltiplas e poderão preencher lacunas precisas tanto no âmbito da historiografia brasileira quanto da história da tradução no Brasil, área esta que também precisa ser mais bem explorada e sedimentada em projetos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Estudos da Tradução e Crítica Genética

AIXELÁ, Javier Franco. **La traducción condicionada de los nombres propios**: inglés-español. Salamanca: Ediciones Almar, 2000.

BAKER, Mona (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London-New York: Routledge, 1998.

BELLEMIN-NOËL, Jean. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética. São Paulo, APML, n. 4, 1993, pp.127-161.

BEN-ARI, Nitsa. An open system of systems: Itamar Even-Zohar and the polysystem theory. In: BARTRINA, Francesca; MILLÁN, Carmen. **The Routledge Handbook of Translation Studies**. New York: Routledge, 2013, pp. 144-150.

_____. Taking up the challenge of a non-prescriptive approach to translation: Gideon Toury and descriptive translation studies. In: BARTRINA, Francesca; MILLÁN, Carmen. **The Routledge Handbook of Translation Studies**. New York: Routledge, 2013, pp. 151-159.

BENJAMIN, Walter. **A Tarefa do Tradutor**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel et al. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A genética dos textos**. Tradução: Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BORATTI, Vijayakumar M. Rethinking Orientalism: Administrators, Missionaries and the Lingāyaths. In: PUTTEN, Jan van der; RICCI, Ronit. **Translation in Asia**: theories, practices, histories. Manchester, New York: St. Jerome Publishing, 2011, pp. 88-103.

CARBONELL y CORTÉS, Ovidi. **Traducir al Outro**: traducción, exotismo, poscolonialismo. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha, 1997.

CLARAMONTE, Maria Carmen África Vidal. **Contra el exotismo**. In: PARRILA, Gonzalo Fernández; GARCÍA, Manuel C. Feria. **Orientalismo, exotismo y traducción**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha, 2000. pp. 243-247.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Translators through History**. Revised Edition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory. **Poetics Today**. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. Vol. 11. Number 1. Spring, 1990.

FAIQ, Said (ed.). The cultural salad in/of translation. In: _____. **Cultures in Dialogue**: a translational perspective. Antwerp/Apeldoorn: Garant, 2010, pp. 13-22.

FERNANDES, Lincoln Paulo. **Brazilian practices of translating names in Children's Fantasy Literature**: a corpus-based study. 2004. 228 f. Tese (Doutorado em Letras: Língua Inglesa e Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Letras: Inglês, UFSC, Florianópolis.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução: Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

_____. **Contemporary Translation Theories**. 2nd Revised edition. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

GRÉSILLON Almuth. **Elementos de Crítica Genética**: Ler os Manuscritos Modernos. Supervisão da tradução Reulliard. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

_____. Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética. **Revista de Estudos Avançados**. vol. 5 n.º 11. São Paulo. Jan./Apr. 1991.

HAY, Louis. Le texte n'existe pas: Reflexions sur la critique génétique. **Poétique**. N. 62, 1985.

HERMANS, Theo. **Translation in Systems: Descriptive and System-oriented Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

_____. **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. London: Croom Helm, 1985.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: _____. **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Approaches to Translation Studies 7. Amsterdam: Rodopi, 1988, pp. 66-80.

LAMBERT, José; GORP, Hendrik van. On describing Translations. In: HERMANS Theo (ed.). **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. London & Sidney: Croom Helm, 1985, pp. 42-53.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame**. London: Routledge, 1992.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. Dossiê para uma edição genética de Sagarana. In: **II Congresso Nacional de Linguística e Filologia** (1998). Disponível em < http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf35.html> Acesso em 08 dez. 2013.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and applications**. New York: Routledge, 2001.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da Tradução no Brasil: Reflexões sobre Teses e Dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **Revista DELTA**. 19, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/03.pdf>> Acesso em 20 dez. 2014.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. **Da crítica genética a tradução literária: uma interdisciplinaridade**. Vinhedo: Horizonte, 2011.

_____. Crítica genética, tradução literária e performatividade: *quando escrever é fazer*. **Item**. 2011. Disponível em: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=577823>> Acesso em 01 mar. 2014.

PINO, Cláudia Amigo. **A ficção da escrita**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PYM, Anthony. **Exploring Translation Theories**. New York: Routledge, 2010.

ROMANELLI, Sergio. **A gênese de um processo tradutório**. Florianópolis: Horizonte, 2013.

SALAMA-CARR, Myriam. French tradition. In: BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London and New York: Routledge, 1998, pp. 409-417.

SALLES, Cecilia Almeida. **Crítica Genética: uma (nova) introdução. Fundamentos dos Estudos Genéticos sobre o Processo de Criação Artística**. São Paulo: EDUC, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, Werner. (org.). **Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngüe, alemão-português**. V. 1. Tradução: POLL. M.v.M/UFSC Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

STEINER, George. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Tradução: Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Philadelphia: John Benjamins North America, 1995.

_____. A Rationale for Descriptive Translation Studies. In: HERMANS, Theo. **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. London: Croom Helm, 1985, pp. 16-41.

_____. **In Search of a Theory of Translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin. **Translation and Power**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2002.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquerda e Valéria Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002.

WILLEMART, Philippe. Prefácio. In: PINO, Claudia Amigo (Org.). **Criação em debate**. São Paulo: Humanitas, 2007, pp. 09-12.

_____. **Universo da Criação literária**. São Paulo. Editora USP, 1993.

D. Pedro II e História do Brasil

ALCÂNTARA, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Organização: Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

_____. **Poésies Hebraico-Provençales du Rituel Israélite-Comtadin**. Traduites et transcrites par S. M. Dom Pedro II D'Alcantara, Empereur du Brésil. Seguin Frères. Avignon: Emprimeurs-Editeurs, 1891.

_____. **Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II**. Petrópolis: Typographia do "Correio Imperial", 1889.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: **História da vida privada no Brasil: Império**. 10ª reimpressão. Organização: Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 11-94.

BARMAN, Roderick J. **O imperador cidadão e a construção do Brasil**. Tradução: Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: UNESP, 2010.

BESOUCHET, Lúcia. **Pedro II e o século XIX**. 2ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. Renan y el Emperador Pedro II. La “cuestión religiosa” en el Brasil. **Revista de Cultura Brasileira**. N. 50. Madrid: Artes gráficas Benzal, 1979, pp. 3-22.

CALMON, Pedro. **História de D. Pedro II**. Tomo segundo: Cultura e política – Paz e Guerra: 1853-1870. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975a.

_____. **História de D. Pedro II**. Tomo terceiro: No País e no Estrangeiro: 1870-1887. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975b.

CAMARA, Giselle Marques. **Então esse é que é o Imperador? Ele não se parece nada com reis**: Algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo. Rio de Janeiro. 2005. 106 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

CARNEIRO. Maria Luiza Tucci. **Brasil Judaico**: Mosaico de Nacionalidades. Série Brasil Judaico – Vol. 2. São Paulo: Maayanot, 2013.

CARVALHO, José Murilo. **D. Pedro II: Ser ou não Ser**. Coordenação Elio Gaspari e Lilia M. Schwarcz - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DAROS, Romeu Porto. **O imperador tradutor de Dante: o processo criativo na tradução de Dom Pedro II do Episódio de “Paolo e Francesca” da Divina Comédia**. 2012. 235 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.

FAINGOLD, Reuven. Judeus nos Tempos da Guerra do Paraguai: Brasil, 1864/1870. In: CARNEIRO, Maria Lúcia Tucci (org.). **Recordação dos primórdios da Imigração Judaica em S. Paulo**. São Paulo: Maayanot, 2013, pp. 19-29.

_____. D. Pedro II, manuscritos hebraicos e os orientalistas de São Petersburgo. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, mar. 2008. ISSN: 1982-3053. Disponível em < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1599>> Acesso em 26 nov. 2013.

_____. O Brasil na Terra Santa em 1876: D. Pedro II e sua comitiva na imprensa local. In: **Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro**. N. 42, Maio 2010, pp. 19-22. Disponível em < http://www.ahjb.org.br/pdf/Boletim%20AHJB_42.pdf> Acesso em 04 out. 2013.

_____. **D. Pedro II na Terra Santa**: Diário de Viagem: 1876. São Paulo, Sêfer, 1999.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo; MARTINS, Thaís Cardoso. O Habitus e o Hábito de D. Pedro II: novos olhares sobre os diários do imperador. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho 2011, pp. 1-15.

FREITAS, Sebastião Costa Teixeira de. **A vida dos grandes brasileiros**: D. Pedro II. Supervisão: Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Três, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Novo mundo nos trópicos**. Tradução: Olívio Montenegro e Luiz de Miranda Correa. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1963.

GARCIA, Rodolpho. D. Pedro II e as línguas americanas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 98, Vol. 152, 1925, pp. 126-131.

GOLDFELD, Monique Sochaczewski. **O Brasil, o Império Otomano e a sociedade internacional**: contrastes e conexões (1850-1919). 2013. 235 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) –

Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, Argeu. **D. Pedro II nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1961.

HARAMATI, Shlomo. D. Pedro falava fluentemente hebraico. Tradução: Ephraim Knaan; Moshé Waldmann. **Coisas Judaicas**. 29/11/2008. Disponível em < <http://www.coisasjudaicas.com/2008/11/d-pedro-ii-falava-fluentemente-hebraico.html>> Acesso em 04 out. 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.^a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

IGLÉSIAS, Francisco et al. **História geral da civilização brasileira: O Brasil Monárquico**. Organização: Boris Fausto. 7^a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2001.

LOEWENSTAMM, Kurt. **O Hebraísta no Trono do Brasil: Imperador D. Pedro II**. São Paulo: Centauro, 2002.

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil: uma interpretação**. São Paulo: SENAC, 2008.

LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II**. Ascensão: 1825-1870. Belo Horizonte; São Paulo: USP, 1977a.

_____. **História de Dom Pedro II: Fastígio: 1870-1880**. Belo Horizonte; São Paulo: USP, 1977b.

_____. **História de Dom Pedro II: Declínio: 1880-1891**. Belo Horizonte; São Paulo: USP, 1977c.

MAFRA, Adriano; SCHRULL, Munique Helena. O Canto do Siciliano por D. Pedro II: análise do processo criativo. In: **Congresso Internacional da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética**. X Edição. 2012. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/a>>

pcg/edicao10/Adriano.Mafra.MunIQUE.Helena.pdf>. Acesso em 10 mar. 2013.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e autoimagem do Segundo Reinado. In **História da vida privada no Brasil: Império**. 10ª reimpressão. Organização: Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Schwarcz, 2010, pp. 181-232.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Caminhos das civilizações: História Integrada Geral e Brasil**. São Paulo: Atual, 2000.

MOSSÉ, Benjamin. **Vida de Dom Pedro II**. Coleção grandes homens. São Paulo: Cultura Brasileira S/A, 1889.

NEVES, Lúcia M. Bastos P. Estado e política na independência. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs). **O Brasil Imperial: vol. I – 1808-1831**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 95-136.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 23ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRIORE, Mary del. **O príncipe maldito: traição e loucura na família imperial**. São Paulo: Objetiva, 2006.

PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2010.

RAEDERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil: o Conde Gobineau no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **D. Pedro II e os sábios Franceses**. Rio de Janeiro: Atlântica, 1944.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROMANELLI, Sergio. Entre línguas e culturas: as traduções de D. Pedro II. **Mutatis Mutandis**, Vol.4, nº 2. pp. 191-204, 2011. Disponível em < <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/viewFile/9989/9872>> Acesso em 12 maio 2012.

SCHMIDT, Rosana Andreatta Carvalho; ROMANELLI, Sergio. Pedro II e a tradução do italiano “Il cinque maggio”. In: SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Rosane de; ROMANELLI, Sergio (Orgs). **Dom Pedro II: um tradutor imperial.** Tubarão: Copiart, 2013, pp. 203-239.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espelho de projeções: os franceses no Brasil de D. João. **Revista USP.** São Paulo, n.79, pp. 54-69, setembro/novembro 2008. Disponível em < <http://www.usp.br/revistausp/79/06-lilia.pdf>> Acesso em 30 set. 2013.

_____. **As Barbas do Imperador:** D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Rosane. **A gênese de um processo tradutório:** As Mil e uma noites de D. Pedro II. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.

SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Rosane de; ROMANELLI, Sergio (Orgs). **Dom Pedro II: um tradutor Imperial.** 1.^a ed. Tubarão: Copiart, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império.** 2.^a edição. Rio de Janeiro: Graphia, 2004.

TEIXEIRA, Múcio. **O Imperador Visto de Perto.** Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida provada na América portuguesa.**

Organização: Fernando A. Novais e Laura de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 221-274.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História**. Coleção Grandes cientistas sociais. Organização: Nilo Odália. São Paulo: Ática, 1979.

Orientalismo

CHACON, Vamireh. Gilberto Freyre e o Oriente. In: FREYRE, Gilberto. **China tropical**: e outros escritos sobre a influência do oriente na cultura luso-brasileira. Organização e bibliografia: Edson Nery da Fonseca. 2ª edição. São Paulo: Global, 2011, pp. 11-24.

ENKVIST, Inger. Edward Said, Juan Goytisolo y la comprobación de los datos. **La ilustración liberal**: Revista española y americana. N. 43. 2010. Disponível em < <http://www.ilustracionliberal.com/43/edward-said-juan-goytisolo-y-la-comprobacion-de-los-datos-ingener-inkvist.html>> Acesso em 28 ago. 2014.

ESPINOZA, María. El espejo roto de occidente: conceptos orientalistas en la literatura latino-americana. **Hispanet jornal**. N. 2, Dez. 2009, pp. 1-14.

FREYRE, Gilberto. **China tropical**: e outros escritos sobre a influência do oriente na cultura luso-brasileira. Organização e bibliografia: Edson Nery da Fonseca. 2ª edição. São Paulo: Global, 2011.

GOYTISOLO, Juan. Presentación. In: SAID, Edward W. **Orientalismo**. Madrid: Libertarias, 1990, pp. 09-11.

IRWIN, Robert. **For lust of knowing**: the Orientalists and their enemies. London: Penguin Books, 2007.

LEWIS, Bernard. The question of Orientalism. **New York Review of books**. Volume 29, number 11. June 24, 1982. Disponível em < <http://www.nybooks.com/articles/archives/1982/jun/24/the-question-of-orientalism/?pagination=false>> Acesso em 25 set. 2013.

MACEDO, José Rivair. Mouros e Cristãos: A ritualização da conquista no velho e no novo mundo. **Bulletin du centre d'études médiévales**

d'Auxerre: BUCEMA. N. 2, 2008. Disponível em <<http://cem.revues.org/8632>> Acesso em 09 out. 2014.

MACIEL, Maria Esther. Ocidente/Oriente: Uma conversa com Haroldo de Campos. **Zunái:** revista de poesia e debates. 2002. Disponível em <http://www.revistazunai.com/entrevistas/haroldo_de_campos.htm> Acesso em 20 dez. 2013.

MACKENZIE, John M. **Orientalism:** history, theory and the arts. New York: Manchester University Press, 1995.

MCGETCHIN, Douglas T. **Indology, Indomania, and Orientalism:** ancient India's rebirth in modern Germany. New Jersey: Fairleigh Dicknson University Press, 2009.

OLIVEIRA, Arilson Silva de. Edward Said e o orientalismo alemão. **Ciências & Letras:** Revista da Faculdade Porto-Alegrense. pp. 207-226. N. 52. Jul/dez. 2012. ISSN: 1808-043X. Disponível em <<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/view/124/153>> Acesso em 18 set. 2013.

_____. **A Indologia dos Mlecchas. A Índia entre orientalismos opostos:** a indofobia franco-britânica e a indomania transeuropeia alemã. 2011. 443 f. Tese (Doutorado em História) – Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. O legado árabe no Brasil. **Ibérica:** Revista interdisciplinar de estudos ibéricos e ibero-americanos. Ano V, N°16, Juiz de Fora, maio – agosto/2011, pp. 4-21.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Schwarcz, 2010.

SCHWAB, Raymond. **The Oriental Renaissance:** Europe's rediscovery of India and the East (1680-1880). Translated by Gene Patterson-King and Victor Reinking. New York: Columbia Press, 1984.

VICENTE, Filipa Lowndes. **Outros orientalismos:** a Índia entre Florença e Bombaim 1860-1900. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

ZEKMI, Silvia Nagy. Buscando el Este en el Oeste: Las prácticas orientalistas en la literatura latino-americana. **Palimpszeszt**. 2010. Disponível em<http://magyar-irodalom.elte.hu/palimpszeszt/23_szam/13.html> Acesso em 14 jul. 2014.

Obras de consulta geral

ABREU, Guilherme Vasconcellos. Introdução ao leitor português. In: DALGADO, Sebastião Rodolpho. **Hitopadexa ou instrução útil**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1897, pp. 15-22.

BÍBLIA, A. T. **Juízes**. Português. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 35^a Edição revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1994.

BORBA, Lilian do Rocio. **Língua e mestiçagem**: Uma leitura das reflexões lingüísticas de Gilberto Freyre. 2006. 140 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira 2**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo, Estação da Liberdade, 2002.

DALGADO, Sebastião Rodolpho. **Portuguese vocables in Asiatic Languages**. Translation by Anthony Xavier Soares. New Delhi: Asian Educational Services, 1936.

_____. **Glossário luso-asiático II (M-Z)**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Lisboa, 1921.

_____. **Glossário luso-asiático I (A-L)**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Lisboa, 1919.

_____. **Diccionario Portuguez-komkani.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1905.

_____. **Dialecto Indo-Português de Ceylão.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1900.

_____. **Hitopadexa ou instrucção útil.** Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1897.

DIBE, Fück. Index Islamicus. **Islam.** N. 12, 1922, pp. 202-206.

DIEZ, Christian Friedrich. **Introduction to the Grammar of the Romance Languages.** Translated by C. B. Cayley. London, Edinburgh: Williams and Norgate, 1863.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio Século XXI:** o minidicionário da língua portuguesa. Coordenação e edição: Margarida dos Anjos; Marina Baird Ferreira. 4ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FLAUBERT, Gustave. **Dictionnaire des idées recues.** Paris: Éditions du Boucher, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

HABA, Juan Piqueras. Cartografía islâmica de Sharq Al-Andalus. Siglos X-XII. Al-Idrīsī y los precursores. **Cua. De Geogr.** N. 86. Valência, 2009, pp. 137-164. Disponível em <<http://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/31376/137-163.pdf?sequence=1>> Acesso em 10 maio 2012.

HASKAR, Aditya Narayan Dhairyasheel. **Hitopadeśa.** New Delhi: Penguin books, 1998.

HARTMANN, Richard. Kleine Mitteilungen und Anzeigen. Christian Friedrich Seybold. **Der Islam.** Journal of the History and Culture of the Middle East. V. 12. Issue 3-4. Berlin: De Gruyter, 1922, pp. 202-206.

HOLANDA, Aurélio Buarque; RONÁI, Paulo. **Mar de histórias:** das Origens à Idade Média. Vol 1. 2ª edição. Nova Fronteira, 1978.

HOUTSMA, Martijn Theodoor.; WENSINCK, Arent Jan.; et al. **First Encyclopaedia of Islam, 1913-1936**. Leiden: Brill, 1936.

JAROUCHE, Mamede Mustafá. O desafio do tempo na tradução das Mil e uma noites. In: **Ciclo “Desafios da tradução literária” ABL**. 2011. pp. 73-88. Disponível em < <http://www.academia.org.br/abl/media/Revista%20Brasileira%2069%20%20CICLOS.pdf>> Acesso em 10 maio 2014.

JOHNSON, Francis. **Hitopadeśa**: the Sanskrit text with a grammatical analysis. London: Wm. H. Allen and Co./ Hertford: Stephen Austin, 1847.

KAY, Charles de. The Arabian Nights. The Story of Sul and Schumul, Oddly in a Christian Setting. **The New York Times**. Section The New York Times Saturday Review Of Books and Art, Page BR5. August 8, 1903.

LANCEREAU, Edouárd. **Hitopadésa ou l’instruction utile**: recueil d’apologues et contes. Paris: Chez Jannet Librairie, 1855.

LOUNDÓ, Dilip. O (s) contexto (s) indiano (s) da latinidade em Goa. **Via Atlântica**. n. 19, São Paulo, 2011, pp. 15-30. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50764/54868>> Acesso em 18 dez. 2013.

_____. A língua portuguesa na Ásia. **Jornal João do Rio**. Dez. 2003/Jan. 2004. Edição 04. Disponível em <<http://www.joadorio.com/Arquivo/2004/12,01/goa.htm>> Acesso em 11 dez. 2013.

MACDONELL, Arthur Anthony. **India’s past**: a survey of her Literatures, Religions, Languages and Antiquities. New Delhi: Nice Printing Press, 1994.

_____. **A history of Sanskrit Literature**. New York, D. Appleton and Company, 1900.

MAFRA, Adriano. **Nas asas do corvo**: análise descritiva de quatro traduções do poema *The Raven* de Edgar Allan Poe. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.

MONTEIRO, Francisco. Monsenhor Rodolfo Dalgado (1855-1922). **SuperGoa**. Maio, 2003. Disponível em <http://www.supergoa.com/pt/read/news_cronica.asp?c_news=286> Acesso em 02 jan. 2014.

MURCHO, D; BRANQUINHO, J.; GOMES, N. **Enciclopédia de termos lógicos-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MÜLLER, Friedrich Max. **Handbooks for the study of Sanskrit: The Hitopadeśa**. Book 1. London: Longmans, Green and Co., 1884.

_____. **Selected essays on language, mythology and religion**. Vol. I. London: Longmans, Green, and Co., 1881.

_____. **Handbooks for the study of Sanskrit: The Hitopadeśa**. Books 2, 3, 4. London: Longman, Green, Longman, Roberts & Green, 1865.

NALLINO, Carlo Alfonso. Necrologie: Christian Friedrich Seybold. **Revista Degli Studi Orientali**. N. 9, 1921-1923, pp. 234-5.

NAME, Leonardo. **Por uma Geografia Pop**: personagens geográficos e contraposição de espaços no cinema. 2008. 293 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PAES, José Paulo. **Tradução a ponte necessária**. Aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PETERSON, Peter. **Hitopadesa by Narayana**. Bombay: Government Central Book Depôt, 1887.

RAMA, Ángel. **La Ciudad Letrada**. Montevideo: Arca, 1998.

ROMANELLI, Sergio. Análise descritiva das traduções brasileiras do conto *The Black Cat* de Edgar Allan Poe. **Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guairacá** (ISSN: 1808-9305). 2009. Disponível em <http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/viewFile/40/011_Vol1_VOOS2009_CL2> Acesso em 01 jul. 2010.

ROMANELLI, Sergio; STALLAERT, Christiane. **Mediações transatlânticas na elaboração de uma identidade letrada no Brasil do Segundo Império**. 2014 (no prelo).

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2.a ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SEYBOLD, Christian Friedrich. **Fleischers Briefe an Hassler aus den Jahren 1823 bis 1870**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1914.

_____. **Historia patriarcharum Alexandrinorum**. Beryti: E. Typographeo Catholico, 1904.

_____. **Geschichte Von Sul Und Schumul: Unbekannte Erzählung Aus Tausend Und Einer Nacht**. Leipzig: M. Spirgatis, 1902.

_____. *La España Musulmana. Notas geográficas*. In: **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 40. Madrid, 1902, pp. 553-4.

_____. **Die Drusenschrift: Kitāb Alnoqāt Waldawāir “Das Buch der Punkte und Kreise”**. Leipzig: M. Spirgatis, 1902.

_____. **Glossarium latino-arabicum ex unico qui exstat codice Leidensi undecimo saeculo in Hispania conscripto**. Berlin: E. Felber, 1900.

Die arabische Sprache in den romanischen Ländern. In: GRÖBER, Gustave. **Grundriß der romanischen Philologie**. Strassburg: Karl J. Trübner, 1897.

_____. **Lexicon Hispano-Guaranicum “Vocabulario de la lengua Guaraní”**. Stuttgart: G. Kohlhammer, 1893.

_____. Relaciones sobre Pedro Teixeira 1610. In: KUHN, Ernst Wilhelm Adalbert. **Festgruss an Rudolf von Roth zum Doktor-Jubiläum**. Stuttgart: G. Kohlhammer, 1893, pp. 31-4.

_____. **Arte de la lengua Guaraní**. Stuttgart: G. Kohlhammer, 1892.

_____. **Brevis Linguae Guaraní Grammatica Hispanicae** “Breve noticia de la lengua Guaraní”. Stuttgart: G. Kohlhammer, 1890.

_____. **Ibn al-Anbārī’s Asrâr al-‘Arabiya**. Leiden: Brill, 1886.

STALLAERT, Christiane. Translation and conversion as interconnected “modes”: a multidisciplinary approach to the study of Ethnicity and Nationalism in Iberian Cultures. In: RESINA, Joan Ramon. **Iberian Modalities: a relational approach to the study of culture in the Iberian Peninsula**. Liverpool: Liverpool University Press, 2013, pp. 109-125.

_____. Imaginando Japão nas/das Américas e a comunidade japonesa no Brasil: três momentos históricos da tradução antropológica de Oriente desde Ocidente. In: Anais do **XXII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura, Cultura Japonesa / IX Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil**. Curitiba, PR: UFPR, 2012a, pp. 16-67.

_____. Traducción y conversión como modos de creación de identidades contra-hegemónicas. El caso de las culturas ibéricas. **Mutatis Mutandis**. Vol. 5, n. 2. 2012b, pp. 271-283.

_____. **Etnogénesis y etnicidad en España: una aproximación histórico-antropológica al casticismo**. Barcelona: Proyecto A, 1998.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN ESS, Josef. Christian Friedrich Seybold, Professor für Orientalistik. 1859-1921. In: **Lebensbilder aus Schwaben u. Franken**. 14. Stuttgart, 1980, pp. 416-432.

VIEIRA, Ana Thereza Basilio. O conceito de natureza em Plínio o velho. **Anais de Filosofia Clássica**. Vol. IV n. 8, 2010. ISSN 1982-5323. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/2010/Vieira.pdf>> Acesso em 02 dez. 2014.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidário das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usarão e que hoje regularmente se ignorão**. Tomo segundo. Lisboa: Typographia Regia Silviana, 1799.

WERKMEISTER, Walter. The near and middle East Collection of the University Library of Tübingen. In: **Bulletin** (*British Society for Middle Eastern Studies*). Vol. 9, No. 1, 1982, pp. 82-7.

WILKINS, Charles. **Fables and proverbs from the Sanskrit being the Hitopadesa**. London: George Routledge and sons, Lidm./ New York: E. P. Dutton and Co., 1885.

WINTERNITZ, Maurice. **A history of Indian Literature**. Vol. 3. New Delhi: Motilal Banarsidass Pub, 2008.

_____. **A history of Indian Literature**. Vol.1. New Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Private Limited, 2003.

WYLER, Lia. **Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Manuscritos tradutórios de D. Pedro II

ALCÂNTARA, Pedro de. Tradução do sânscrito do livro do *Hitopadeśa*, de Narayana. Manuscrito digitalizado. Arquivo da Casa Imperial do Brasil. Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D01/D02]; Maço 041 – Doc. 1064 Cat B [D02]. MIMP/Ibram/MinC.

_____. Tradução do sânscrito do livro do *Hitopadeśa*, de Narayana. Transcrição diplomática por Adriano Mafra. 88 p. F01 a 45, 2014.

_____. Tradução do árabe do livro das *Mil e Uma Noites*. Manuscrito digitalizado. Arquivo da Casa Imperial do Brasil. Maço 041 - Doc 1064 Cat B [D01 P03] – MIMP/Ibram/MinC.

_____. Tradução do árabe do livro das *Mil e uma noites*. Transcrição diplomática (parcial) por Adriano Mafra. Maço 041 - Doc 1064 Cat B [D01 P03], 2014.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Guilherme Vasconcellos. **Investigações sobre o caracter da civilização árya-hindu.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

ALBIR, Amparo Hurtado (ed.). **Estudis sobre la traducció.** Castellón: Publicacions de la Universitat Jaume I, D. L., 1994.

APP, Urs. **The birth of Orientalism.** Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 2010.

BALLARD, Michel. **Le nom propre em traduction.** Paris: Ophrys, 2001.

BARNES, Robert. Translating the Sacred. In: MALMKJAER, Kirsten; WINDLE, Kevin. **The Oxford Handbook of Translation Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2011, pp. 37-56.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua.** São Paulo, Martins Fontes, 2004.

BARTRINA, Francesca; MILLÁN, Carmen. **The Routledge Handbook of Translation Studies.** New York: Routledge, 2013.

BASSNET, Susan. **Estudos da Tradução:** fundamentos de uma disciplina. Tradução: Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

_____. **Translation Studies.** London: Routledge, 2002.

BEHN, Wolfgang. **Concise biographical companion to index islamicus: an international who's who in Islamic studies from its beginnings down to the Twentieth Century.** Bio-bibliographical supplement to index islamicus, 1665-1980. Vol. III (N-Z). Leiden: Brill, 2004.

BORTOLOTTI, Marcelo. A razão nos trópicos. **Revista Veja.** Ed. 2162. 28 abr 2010. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/280410/razao-tropicos-p-118.shtml>> Acesso em 12 out. 2010.

BOYDEN, Michael. Beyond “Eurocentrism”? The challenge of linguistic justice theory to translation studies. In: DOORSLAER, Luc van; FLYNN, Peter. **Eurocentrism in Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013, pp. 61-76.

BRADFORD, Lisa. **Traducción como cultura**. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

BURKE, Peter; R. Po-chia Hsia (Orgs). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução: Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte/ Ed. Itatiaia; São Paulo/Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Schwarcz, 2005.

_____. **A construção da ordem: a elite política imperial; teatro de sombras**. Rio de Janeiro: UFRJ/Relume Dumará, 1996.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. **Orientalismo na Imprensa Brasileira: a representação de árabes e muçulmanos nos jornais *Folha* e *O Estado de S. Paulo* antes e depois de 11 de setembro de 2001**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura e Cultura Árabe) – Pós-graduação em Língua e Literatura e Cultura Árabe, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DAER, Andrea. **A oralidade perdida: ensaios de história das práticas letradas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DOBLAS, Paco. Blas Infante y el andalucismo histórico: pensamiento y práxis. **Pensamiento crítico**. 2005. Disponível em <<http://www.pensamientocritico.org/pacdob0305.htm>> Acesso em 01 jun. 2014.

DORÉ, Andréa. Dante e o oriente: as “invasões bárbaras” e o cânone ocidental. **História: questões & debates**. Curitiba, n. 48-9, pp. 225-244, 2008. Disponível em <<http://www.ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/a/.../10293>> Acesso em 23 set. 2013.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007

FAINGOLD, Reuven. Pioneirismo musical judaico no Brasil Império. **Curiosidades do Mundo Judaico**. 09/05/2012. Disponível em <<http://judaismohumanista.ning.com/group/curiosidadesdomundojudaico/forum/topics/pioneirismo-musical-judaico-no-brasil-imperio-por-prof-reuven-fai>> Acesso 02 out 2013.

FLYNN, Peter; DOORSLAER, Luc van. On constructing continental views on Translation Studies. In: DOORSLAER, Luc van; FLYNN, Peter. **Eurocentrism in Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013, pp. 1-8.

FRANCAVILLA, Roberto. A construção do imaginário e o polissistema cultural: traduzir e divulgar literaturas africanas. In: DUARTE, João Ferreira. **A tradução nas encruzilhadas da cultura**. Lisboa: Edições Colibri, 2001, pp. 77-84.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 12ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

GALLEGOS ROSILLO, J. A.; BENS BUSCH, Hannelore. **Traducción y Cultura: el papel de la cultura en la comprensión del texto original**. Málaga: Libros ENCASA, 2004.

GENTZLER, Edwin. Macro- and micro-turns in translation studies. In: DOORSLAER, Luc van; FLYNN, Peter. **Eurocentrism in Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013, pp. 9-28.

_____. **Translation and identity in the Americas: new directions in Translation Theory**. New York: Routledge, 2008.

GRÉSILLON Almuth. **La mise en œuvre : Itinéraires génétiques.** Paris: CNRS Editions, 2008.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (Orgs). **Literatura e tradução:** textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

GULMINI, Lilian Cristina. **O Yogasūtra, de Patañjali:** tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos. 2002. 464 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores:** questões de Crítica Genética. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HERBRECHTER, Stefan. **Critical Studies:** Cultural Studies, Interdisciplinarity and Translation. Amsterdam/New York: Rodopi, 2002.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios:** 1875-1914. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A era do capital:** 1848-1875. Tradução: Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A era das revoluções:** 1789-1848. Tradução: Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Capítulos sobre História do Império.** Organização: Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Visão do Paraíso:** os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Publifolha, 2000.

HOOF, Henri Van. **Histoire de la traduction en occident.** Paris: Duculot, 1991.

HORNBY, Mary Snell; JETTMAROVÁ, Zuzana; KAINDL, Klaus. **Translation as Intercultural Communication:** selected papers from the East Congress – Prague 1995. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HUNG, Eva. **Translation and Cultural Change:** studies in history, norms and image-projection. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

INDEN, Ronald B. **Imagining India.** London: C. Hurst & Co, 2000.

JOHNSON, W. J. Making Sanskrit or Making Strange? How should we translate Classical Hindu Texts? In: LONG, Lynne. **Translation and Religion:** Holy Untranslatable? New York: Multilingual Matters, 2005. pp. 65-74.

KATAN, David. **Translating Cultures:** an introduction for translators, interpreters and mediators. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

KRUGER, Haidee. **Postcolonial Polysystems:** The production and reception of translated children's literature in South Africa. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

KUMAR, Gajendra. **Indian English Novel:** text and context. New Delhi: Sarup & Sons, 2002.

LACERDA, Margarida Correa de. Influência das literaturas indianas no ocidente especialmente na Idade Média. **Revista da organização de estudos culturais em contextos internacionais.** N.º 54, 1994. Disponível em < <http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/Internet-Corres2/CM54-05.htm>> Acesso em 05 abr. 2012.

LEAL, Alice. **Funcionalismo alemão e tradução literária:** a intenção do autor no processo de tradução literária. 2006. Disponível em < www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_501.pdf> Acesso em 12 out. 2011.

_____. **Funcionalismo alemão e tradução literária:** o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. 2006.

Disponível em <www.scientiadtraduccionis.ufsc.br/funcionalismo.pdf>
Acesso em 31 out. 2011.

LEFEVERE, André. **Translation, History, Culture: a source book.** London and New York: Routledge, 1992.

L'ENCICLOPEDIA ITALIANA. **Christian Friedrich Seybold.** Disponível em <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ricerca/seibold/>>
Acesso em 06 abr. 2014.

LONG, Lynne. **Translation and Religion: Holy Untranslatable?** New York: Multilingual Matters, 2005. (800.3 44536)

MAFRA, Adriano. Análise descritiva da tradução do Hitopadesa por D. Pedro II e Sebastião Dalgado. **Mutatis Mutandis**, 7(1), 26-42, 2014. Disponível em <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/18876/16824>> Acesso em 15 dez. 2014.

MALMKJAER, Kirsten; WINDLE, Kevin. **The Oxford Handbook of Translation Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2011.

MIZRAHI, Rachel. **Imigrantes Judeus do Oriente Médio:** São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MORELL, Antonio Gallego. **Diez ensayos sobre Literatura española.** Madrid: Revista de Occidente S. A., 1972.

MOYA, Jose C. (Ed.). **The Oxford Handbook of Latin American History.** Oxford, New York: Oxford University Press, 2011.

MUFTI, Aamir R. Orientalism and the Institution of World Literatures. **Critical Inquiry**, Vol. 36, No. 3 (Spring 2010), pp. 458-493.

MUNDAY, Jeremy. **The Routledge Companion to Translation Studies.** New York: Routledge, 2009.

NERCOLINI, Marildo; BORGES, Ana Isabel. Tradução cultural: transcrição de si e do outro. **Terceira Margem:** Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura. Ano VIII, n. 9, 2003. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonlin>>

e/numero09/NUM09_2003.pdf> Acesso em 02 dez. 2013.

NIRANJANA, Tejaswini. **Siting Translation:** History, Post-Structuralism, and the colonial context. California: University of California Press, 1992.

NOGUEIRA, Maria das Graças de Castro. **Teorias textuais nas estratégias tradutórias das Memórias Póstumas de Brás Cubas.** 2011. 190 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Letras.

OLIVA, Osmar Pereira. Orientalismo e Romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de “A Semana”. In: **I Seminário Machado de Assis:** Novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte, 2008, Rio de Janeiro: Editora da UERJ/UFF/EFRJ, 2008, pp. 1-12.

PARRILA, Gonzalo Fernández; GARCÍA, Manuel C. Feria. **Orientalismo, exotismo y traducción.** Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha, 2000.

PRADO, Célia Luiza Andrade. Muito além do canibalismo: a teoria de tradução de Haroldo de Campos. In: **Anais do X Encontro Nacional de Tradutores & IV Encontro Internacional de Tradutores.** 2009, pp. 769-775. Disponível em < <http://www.ichs.ufop.br/anaisdoentrad/images/stories/PDFs/62Prado.pdf>> Acesso em 12 jan. 2014.

PYM, Anthony. **Method in Translation History.** Manchester: St. Jerome Publishing, 1998.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial:** fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RICCARDI, Alessandra. **Translation Studies:** perspectives on an Emerging Discipline. New York: Cambridge University Press, 2003.

ROMANELLI, Sergio. **De poeta a poeta:** a única tradução possível? O caso Dickinson/Virgillito. Uma análise descritiva. 2003. 154 f.

Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. The banana Emperor: D. Pedro II in Brazilian caricatures, 1842-89. **American Ethnologist**, Journal of the American Ethnological society. Vol. 40, No. 2, pp. 310–323, ISSN 0094-0496. 2013. Disponível em < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/amet.12023/abstract>> Acesso em 15 mar. 2013.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. **A Gênese de Incidentes em Antares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SILVA, Innocencio Francisco. **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1894.

SIMMS, Karl. **Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects**. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 1997.

SOUZA, Teotónio R. de. Some contrasting visions of Luso-tropicalism in India. **Lusophonie**. 1997, pp. 377-387. Disponível em <www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/souza97.rtf> Acesso em 20 dez. 2013.

TEIGNMOUTH, John Shore. **Memoirs of the life, writings, and correspondence of Sir William Jones**. London: John Hatchard, 1806.

TELLES, Renata. Latino-americanismo e Orientalismo: Roberto Schwarz, Silviano Santiago e Edward Said. **Terra Roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários**. Volume 4 (2004) – 71-87. ISSN 1678-2054. Disponível em < http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol4/vol4_laor.pdf> Acesso em 13 mar. 2014.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. Introdução. In: ANARYAN. **Contos clássicos indianos: as origens da ficção oriental**. Lisboa: Acontecimento, 2003, [s.p].

VALDEÓN, Roberto A. On fictional turns, fictionalizing twists and the invention of the Americas. In: DOORSLAER, Luc van; FLYNN, Peter. **Eurocentrism in Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013, pp. 95-112.

VAZ, J. Clement. **Profiles of Eminent Goans: Past and Present.** New Delhi: Concept Publishing Company, 1997.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: a history of Translation.** 2nd edition. Abingdon/Oxon: Routledge, 2008.

VIERHAUS, Rudolf. **Deutsche Biographische Enzyklopädie.** München: Walter de Gruyter, 2008.

WAKABAYASHI, Judy. Secular Translation: Asia Perspectives. In: MALMKJAER, Kirsten; WINDLE, Kevin. **The Oxford Handbook of Translation Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 23-36.

WILLEMART, Philippe. Do manuscrito ao pensamento pela rasura. **Manuscritica.** n. 7, 1998. pp. 21-35. Disponível em <<http://revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/880>> Acesso em 01 mar. 2014.

WOKOECK, Ursula. **German Orientalism: the study of the Middle East and Islam from 1800 to 1945.** New York: Routledge, 2009.

YEE, Raquel da Silva. **Odorico Mendes, o manuscrito da *Ilíada* e diversas facetas da atividade tradutória.** 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.